

## AVISO AO LEITOR:

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (\*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do Padre Rohrbacher.

PADRE ROHRBACHER

---

VIDAS  
DOS  
SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR  
JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO  
PROF. A. DELLA NINA  
(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME VI

EDITORA DAS AMÉRICAS

Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988  
Caixa Postal 4468  
SAO PAULO

**NIHIL OBSTAT**

Padre Antônio Charbel. S. D. B.

**IMPRIMATUR**

São Paulo, 10 de julho de 1959

† **PAULO ROLIM LOUREIRO**

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

---

---

Propriedade literária e artística da  
**EDITORA DAS AMÉRICAS**

Vidas dos Santos



*A*bril

170 R



1.º DIA DE ABRIL

SÃO HUGO

*Bispo de Grenoble*

Nasceu em 1053, em Château-Neuf, Delfinado, diocese de Valença. Seu pai, chamado Odilon, bravo oficial, retirou-se na velhice para a grande Cartuxa, onde viveu ainda dezoito anos e morreu centenário, após ter recebido os últimos sacramentos das mãos de seu filho, nessa época, bispo. A mãe desejava igualmente retirar-se para um mosteiro de religiosas. Mas como houvesse muito poucos na província, praticou a regra monástica em sua própria casa, segundo os conselhos do santo filho, que a assistiu também na hora derradeira. Êle amava os estudos e freqüentou escolas longínquas. Extrema modéstia o preservava de todo perigo. Era cônego de Valence, quando Hugo, bispo de Die e legado do papa São Gregório VII para tôdas as Gálias, reconhecendo-lhe os méritos, o levou consigo, e dêle se serviu útilmente na reforma do clero.

Em 1080, como o legado estivesse reunido em um grande concílio de Avinhão, os deputados da igreja de Grenoble vieram pedir-lhe um bispo. Sabendo que Hugo de Valença era da confiança do legado, elegeram-no unânimemente bispo. Mas Hugo recusou, considerando-se indigno e incapaz de tão grande cargo. O legado dissipou-lhe os temores, dizendo-lhe que em ocasiões semelhantes ninguém devia desconfiar da própria virtude, mas devia confiar em Deus. Vencido por tais encorajamentos e pelos do concílio, aceitou, por fim, a eleição. Todavia, não quis receber a sagração das mãos do arcebispo de Viena, acusado de simonia e acompanhou o legado a Roma, para ser sagrado pelas mãos do papa. Durante o tempo em que esperava pelo dia da sagração episcopal, o espírito das trevas o tentou a proferir blasfêmias contra Deus, tentação que lhe durou a vida tôda, com mais ou menos violência. Abriu o coração ao legado, que o aconselhou a se dirigir ao papa pessoalmente. São Gregório VII, que possuía grande experiência nesses assuntos, lembrou-lhe que o Senhor repreende e castiga aquêles a quem ama e flagela os filhos a quem dedica afeição. Quanto mais, pois lhe flagelava o coração, mais se tornava evidente seu amor paternal. Além do mais, o diabo já pressentia algumas perdas que iria experimentar e que vantagens tiraria disso o povo de Deus. Era por isso que empregava todos os esforços de sua velha malícia para demovê-lo do propósito de aceitar o santo ministério, coisa que Deus permitia, para confusão e pena do tentador e para glória do servidor fiel. Essas exortações do santo papa o encorajaram de tal forma, que a mesma tentação que quase o havia levado ao desespero, tornou-se para êle motivo de confiança.

Alguns dias após, recebeu a sagração episcopal do santo Pontífice, que lhe testemunhou durante todo o tempo, uma afeição tão particular, que ninguém duvidava de que já conhecesse quais as graças especiais que Deus comunicaria ao novo bispo. A condessa Matilde, tida na Igreja católica como a profetisa Débora entre o povo de Israel, forneceu tudo quanto era necessário para a sagração, e acrescentou ainda algumas obras de Santo Ambrósio e de Santo Agostinho. Ela o honrou durante toda a sua vida como a um verdadeiro servidor de Deus, cujos conselhos e orações reclamava.

Chegando a Grenoble, São Hugo encontrou um povo indócil e ignorante, um clero simoniaco, sacerdotes escandalosos, leigos usurários e usurpadores dos bens da Igreja. Era um vasto campo para seu zelo. Trabalhou com coragem no sentido de acabar com tais escândalos. Mas, o fruto não correspondia aos seus esforços. Deixou, então, o bispado, após dois anos e retirou-se para o mosteiro de la Chaise-Dieu, onde tomou o hábito de monge. Lá ficou apenas um ano, pois o papa Gregório VII, sabendo de sua retirada, lhe ordenou voltasse à sua igreja e não preferisse o repouso à salvação das almas das quais estava incumbido. Hugo obedeceu. Mas conservou para o resto da vida, no episcopado, o amor e a prática da vida religiosa.

Não fazia ainda três anos que havia voltado, quando teve um sonho misterioso. Parecia-lhe que Deus construía uma habitação em um deserto de sua diocese e que sete estrêlas lhe indicavam o caminho. Pelo mesmo tempo, viu chegarem à sua presença sete homens que procuravam um lugar apropriado para a vida solitária. Eram São Bruno e seus companheiros.

São Hugo reconheceu nêles as sete estrêlas e os conduziu à solidão da Cartuxa, a mesma que havia visto em sonho. Foi em 1084. Construíram lá o mosteiro, que existe ainda no primeiro fervor.

O santo bispo de Grenoble não tinha consôlo maior do que ir freqüentemente à Cartuxa, edificar-se com a vida santa que levavam aquêles piedosos solitários. Mas êstes se edificavam ainda mais com a humildade dêle em confessar tristeza por não poder praticar as mesmas austeridades. Êsse santo bispo vivia com êles, como se fôsse o último dêles. Seu fervor fazia-o esquecer sua dignidade e se entregando aos serviços mais humildes, em favor daquele que habitava a mesma cela. É necessário explicar que nessa época, no comêço, os cartuxos costumavam habitar dois a mesma cela. Seu companheiro se queixou a São Bruno, visto que Hugo queria servir-lhe de criado. Mas o santo bispo não dava ouvidos senão à humildade e sentia-se honrado com poder servir os servidores de Deus.

São Bruno tomava às vêzes a liberdade de o enviar à sua igreja. "Vai às tuas ovelhas, dizia-lhe, que elas têm necessidade de ti. Dá-lhes o que debes dar-lhes." O santo bispo obedecia a Bruno como a um superior e após ter passado algum tempo com seu povo, retornava à solidão. Queria vender todos os cavalos e fazer, em seguida, a visita a tôda a diocese, a pé. Mas São Bruno nada lhe disse, com receio de que, com isso, parecesse estar condenando os demais bispos, e que êle mesmo estivesse procurando vanglória. Hugo não fêz o que pretendia, mas sua humildade fê-lo rejeitar tudo quanto acreditava não ser pertinente à sua dignidade. A modéstia exterior respondia às virtudes que escondia no coração, das

quais era fiel guardiã. Esse santo bispo guardava os olhos com tanta discreção, que após cinquenta anos de episcopado, não conhecia senão uma mulher, de rosto. Embora tivesse falado a uma infinidade de outras mulheres, jamais se detivera a olhar alguma delas. Para não dar a mínima oportunidade à malícia da maledicência, não confessava as mulheres a não ser de dia e em lugar em que pudesse ser visto, porque sua caridade pelos pecadores lhe atraía grande número de penitentes. Ele os escutava com grande paciência, e as lágrimas que derramava, ouvindo-os, inspiravam salutar arrependimento.

Apesar dos males quase que contínuos do estômago, e da cabeça, que o afligiram durante quarenta anos, não cessou de pregar a palavra de Deus ao povo. Mas não procurava, em absoluto, dizer o que podia causar-lhe aplausos dos ouvintes. Propunha-se apenas instruí-los e comovê-los, o que conseguia com êxito, pois, após o sermão, grande número de pecadores o procuravam para confessar-se. Alguns chegavam a confessar publicamente os pecados. Depois de São Bruno, São Hugo foi como que o pai dos cartuxos. Estabeleceu uma ordem, proibindo às mulheres passarem pelos terrenos desses religiosos, a fim de que elas não lhes perturbassem a solidão. Isso foi em julho de 1084.

Quanto mais o bispo de Grenoble se mostrava santo, mais defendia a Igreja romana. Em 1106, o imperador Henrique V procurou, com violências, arrancar ao papa Pascoal II um privilégio injusto. Os bispos da província de Vienne, movidos pelo santo colega de Grenoble, excomungaram-no publicamente, em um concílio. Essa atitude era tanto mais corajosa, dado que Vienne, por causa do reino de Borgonha,

pertencia a Henrique e seus embaixadores se encontravam no concílio com cartas favoráveis do papa.

Em 1124, ocupou o trono da santa sé Honório II. São Hugo lhe enviou emissários para lhe rogarem a permissão de abandonar o bispado de Grenoble. Êsse desejo, que tinha desde o comêço do episcopado, durou-lhe tôda a vida. Mas, aumentou-lhe com o decorrer dos anos e da enfermidade. O santo ancião considerava-se um servidor inútil, que ocupava o lugar do bispo, recebendo as honras e rendas a êle inerentes, mas sem ter o mérito, nem desempenhar-lhes as funções. O papa Honório nem considerou seu pedido e mandou de volta os emissários com cartas de consolação, nas quais o encorajava a perseverar. São Hugo não desanimou. Foi a Roma e rogou insistentemente ao papa que lhe permitisse terminar sua vida em paz e que desse um pastor melhor à igreja de Grenoble. Mas o papa continuou convencido de que pela autoridade, pelo bom exemplo, seria mais útil ao rebanho do que um outro. Concedeu-lhe, então, tudo quanto pediu, consolou-o da melhor maneira possível e o enviou de volta.

São Hugo justificou bem o julgamento do papa. Vimos com que coragem o bispo de Grenoble exco-mungara seu próprio soberano, o imperador Henrique V, quando êste aprisionou o papa Pascoal II, para arrancar-lhe as investiduras. Os anos não enfraqueceram o vigor episcopal. Após a eleição do papa Inocência II e antes que seus nuncios chegassem à França para condenarem o cisma do Antipapa, o santo bispo de Grenoble se dirigiu a Puy en Velai, com outros bispos, não obstante as doenças de sua idade avançada — tinha setenta e oito anos. — Sabia com certeza que Pedro de Léon não fôra eleito papa

por seu mérito, mas pelo prestígio da família e pela violência. Foi por isso que não considerou os bons serviços que Pedro e seu pai lhe haviam prestado em outros tempos. Mas, não tendo em vista senão a justiça e o bem da Igreja, excomungou-o nesse concílio, com os demais bispos, como cismático. E essa excomunhão foi de grande pêsso, dada a autoridade de São Hugo.

A excomunhão do Antipapa Anacleto foi a última atitude memorável do santo bispo de Grenoble. As doenças aumentaram de dia para dia e o obrigaram a permanecer na cama durante muito tempo, antes de morrer. Perdeu por completo a memória de tôdas as coisas temporais que havia feito ou visto no mundo. Mas, por um prodígio bem grande, não esqueceu nada do que se relacionava com o serviço de Deus e recitava todos os dias de cor os salmos com os clérigos. Os monges de Calais, mosteiro que havia fundado, foram até êle, para servi-lo durante a enfermidade. E julgaram-se muito bem pagos dos serviços prestados, com o exemplo edificante recebido. Quando Hugo percebia que a doença lhe havia arrancado algumas palavras de impaciência, se acusava chorando e ordenava aos que o serviam lhe impusessem disciplina. Mas, como pensavam não deverem obedecer-lhe, desfazia-se em lágrimas e recitava repetidas vêzes o *confiteor*, para pedir perdão a Deus. Hugo fêz com que os cartuxos escrevessem ao papa Inocêncio II a respeito do triste estado em que se encontrava. Obteve, então, licença para nomear seu substituto, no bispado de Grenoble, um santo religioso da Cartuxa, chamado também Hugo. Após o que, não desejou mais nada na terra e não tardou em ir unir-se

ao Criador. Morreu no dia 1.º de abril de 1132, com mais de citenta anos.

O papa Inocência II, sabendo da vida edificante e da santa morte de Hugo, colocou-o entre os santos e deu ordens a Guigues, prior da Cartuxa, de escrever-lhe a vida. Foi o que ordenou pela seguinte carta, que podemos considerar como o decreto de sua canonização:

“Inocência, bispo, servidor dos servidores de Deus, saúda seu queridíssimo filho Guigues, prior da Cartuxa e lhe dá a bênção apostólica. Para corresponder aos benefícios de Deus, rendemos graças, de início, à sua majestade, ao sabermos da santa vida do bem-aventurado Hugo e dos milagres que se operaram por sua intercessão. Em seguida, após haver consultado os arcebispos, bispos e cardeais e outras pessoas que estão conosco, ordenamos que fôsse honrado como santo e que seja comemorado o dia de sua morte. Mas, como tendes exato conhecimento de sua vida e dos milagres, ordenamo-vos, pela autoridade de São Pedro e pela nossa, que escrevais o que sabeis, para que o clero os leia ao povo e êste se edifique e mereça obter a remissão de pecados pela intercessão do santo bispo. Rezamos por vós e damos nossa bênção aos queridos filhos cartuxos. Pisa, 22 de abril”.

Com efeito, Guigues escreveu a vida de São Hugo e a dedicou ao papa Inocência II. Ninguém era mais instruído do que êsse piedoso escritor, porque vivera longo tempo com São Hugo e era seu amigo particular.

\* \* \*

## SÃO VALERICO (\*)

### *Abade e Confessor*

Valerico nasceu em Auvergne. Filho de pais pobres, era pastor. Na calma dos campos, enquanto, sossegado, o rebanho pastava, o jovem dedicava-se ao estudo das primeiras letras.

Um dia, acompanhando um dos tios ao mosteiro de Issoire, mostrou desejos de ali permanecer. E o abade, percebendo no jovem uma vocação tãda ela vinda do céu, conseguiu autorização para tê-lo ao pé de si.

Pouco tempo depois, Valerico recebia o hábito monástico. Paciente, recolhido, amante da mortificação, prudente e doce, de angélica piedade, o santo não tardou a ser modêlo dos religiosos.

Cheio do desejo de caminhar para a perfeição e de se ver afastado dos parentes que constantemente o procuravam, Valerico deixou Issoire e foi viver em Auxerre, sendo admitido no mosteiro de São Germano.

Logo conseguiu grande renome, e, um dia, procurado por um rico homem, Bobon, pagão, converteu-o.

Bobon deixou o mundo, para, todo inteiro, dar-se a Deus. E em 595, com o consentimento do superior,

ambos, Valerico e Bobon, deixando a comunidade, partiram para Luxeuil, desejosos de se integrarem na regra de Columbano.

Conforme aquela regra, principiaram a trabalhar a terra. Ora, naquela época em que Valerico chegara em Luxeuil, grande número de insetos punha a perder as hortas da região, e o santo, todo paciência, dedicava-se com ardor para livrar o seu cultivado daqueles daninhos sêres. Deus, diante de tanto afã e de tanta humildade, recompensou-o: a horta que trabalhava ficou livre da invasão. E os irmãos, diante daquilo, passaram a olhá-lo com certa veneração, cientes de que o novo admitido era favorecido por Deus.

Eis que o rei Thierry se propôs expulsar Columbano de seus domínios. Valerico, todo no desejo de seguir o santo fundador, viu-se impossibilitado de o fazer, diante duma ordem do rei, e, Valdoleno, um dos religiosos de Luxeuil, obtendo permissão de pregar o Evangelho longe dali, vendo a tristeza do santo, pediu permissão para levá-lo consigo.

Ambos, então, partindo, percorreram várias províncias. E por onde passavam, iam deixando, com a ajuda de Deus, grande número de convertidos.

Com a autorização do rei Clotário, fixaram-se em Neustrie. Mais tarde, chegaram em Amiens. Nem bem chegado haviam e ouviram dizer que o senhor dum lugar denominado Gamaches condenara um homem à morte. O santo não esperou novos rumores. Correndo, procurou chegar em tempo de suspender a sentença. Era tarde, porém, porque o condenado já expirara, fazia algumas horas. Hirto, o cadáver, na fôrça, mansamente regirava, pendido da corda naquela triste postura impressionante dos enforcados.

Valerico a chorar, tomou-o nos braços, desceu-o, pousou-o no chão com imensa doçura e, sempre a chorar, pôs-se a orar com grande fervor, os olhos banhados de lágrimas volvidos para o céu.

Subitamente, diante do silêncio dos circunstantes, e da estupefação que ia em todos, o morto tornou à vida.

Sigobardo, o duro e ímpio senhor daquelas terras, comparecendo, não se deixou comover. E, avançando, todo cólera, para o ressuscitado, agarrou-o e entregou-o ao verdugo, para que de novo o suspendesse.

Valerico, humildemente, mas com determinação, opôs-se:

— Tu já executaste a sentença, disse, e se êste homem agora vive, deve-o a um milagre da misericórdia divina. Não o terás, não o tirarás de minhas mãos, a não ser que a mim me mates também. Se não me ouvires, toma tento, porque Deus criador não abandona aquêles que o invocam.

Sigobardo, hesitando, recuou. E, manso, acabou por conceder ao servo a vida e a liberdade.

Para perpetuar tal milagre, em Amiens, pouco depois, erigiu-se uma capela.

Valerico e Valdoleno ficaram hospedados, provisoriamente, na casa duma piedosa mulher chamada Bertila, enquanto não acertassem com um lugar onde pudessem definitivamente se estabelecer.

Berchond, bispo de Amiens, sabendo que ambos os missionários estavam à procura dum retiro para aplicar-se à contemplação, chamou-os e indicou-lhes um sítio deveras bem situado. Era em Leuconay, e ali, não demorou muito, atraídos pela santidade de

Valerico, discípulos, vindos de tôdas as partes, principiaram a aparecer.

Pouco depois, coalhava-se de celas aquelas terras. E uma igreja logo erguia a tôrre humilde para os céus: nascia a abadia de Leuconay, aquela que, anos mais tarde (981), chamar-se-ia de São Valerico, estabelecida sob a regra de São Columbano.

Corria, então, o ano de 613, e os milagres que se sucederam, maior renome conferiram ao santo abade.

Um homem, chamava-se Blitmond (1), todo fraqueza, mal podendo suster-se de pé, procurou o novo abade, e foi curado. Passou, então, a viver ao lado de Valerico aquêlê que, morto o santo, sucedê-lo-ia no govêrno da nova fundação.

São Valerico dedicou-se, principalmente, a combater os grosseiros erros, as tôlas superstições das populações circunvizinhas. Tôdas as virtudes cristãs moravam na grande alma do santo abade. Casto, devoto, amigo da mortificação, caridoso, terno com a pobreza, o aspecto físico casava-se perfeitamente com o caráter de doçura e de indulgência. No rosto, gracioso, embora pálido, a serenidade brilhava amavelmente. Dir-se-ia que escondia a grande energia de vontade que nêle era constante e o levava fielmente a cumprir todos os deveres que o cargo exigia.

Seis anos depois da fundação de Leuconay, um domingo, passeando com os irmãos num outeiro onde costumava retirar-se para orar mais sossegadamente, disse-lhes:

— É aqui que desejo ser enterrado, quando ao Senhor aprouver levar-me para si.

---

(1) 3 de janeiro.

Os irmãos entreolharam-se. E, naquelas mentes, o dito do santo soou como uma predição: o bom abade sabia que, pròximamente, estaria vivendo outra vida que não esta.

Com efeito, no dia primeiro de abril, pouco depois daquele domingo, São Valerico falecia. Era em 619, e os irmãos enterraram-no naquele desejado lugar, onde hoje se eleva a capela de São Valerico, no cabo Horne.

Em 627, Blitmond, em Leuconay, estabeleceria um vasto mosteiro.

\* \* \*

BEM-AVENTURADOS TOMÉ DE  
TOLENTINO, TIAGO DE PÁDUA,  
PEDRO DE SIENNE E DEMÉTRIO  
DE GEÓRGIA (\*)

*Mártires*

Tomé era de Tolentino, na Itália, e, na Armênia, trabalhara com muito sucesso, bem como na Europa. Irmão menor, pregara na China, principalmente em Pequim. De Pequim, o arcebispo enviara-o à Índia, onde, depois dum apostolado de trinta anos, morreria pela fé.

Com Tomé encontravam-se dois religiosos, Tiago de Pádua e Pedro de Sienne, também da ordem dos irmãos menores, aos quais, depois, uniu-se um irmão converso, Demétrio de Geórgia.

Em Tana, numa festa, com exceção de Pedro, que estava ausente, os três irmãos foram interrogados pelo câdi, que os induzia a renegar a fé. Em vão. Condenados ao fogo, declararam que tudo arrostariam, mas não haveriam de, com a ajuda de Deus, renegar a Jesus Cristo.

Quando o fogo estava no auge, a crepitar sinistramente, Tomé quis ser o primeiro a passar pelo suplício.

— Não, disse um dos infiéis. Tu és velho e, sem dúvida, hás de ter algum preservativo contra o fogo. O mais jovem preceder-te-á.

Tiago de Pádua, então, adiantou-se, oferecendo-se às chamas. E, louvando a Deus, entrou pelo fogaréu, e não sofreu qualquer dano.

O cádi pensou num sortilégio. E, gritando para que se atirasse mais lenha à fogueira, ordenou que despojassem o religioso das roupas e o untassem com óleo.

Tiago de Pádua, mais uma vez, nada sofreu. Irritado, o perverso cádi fêz com que os matassem imediatamente. E Tomé de Tolentino foi decapitado, Tiago de Pádua teve a cabeça esmagada e Demétrio o coração varado pela espada.

Quanto a Pedro de Sienne, prêso no dia seguinte, teve a mesma sorte dos companheiros. Era no ano de 1322, os quatro irmãos menores foram piedosamente sepultados pelos cristãos do lugar, e muitos milagres tiveram ocasião, à beira da tumba.



No mesmo dia, em Sardes, São Militão, bispo e confessor (século II). Animado do Espírito de Deus, consultado pelos fiéis de seu tempo sôbre a autoridade da Escritura Santa, fêz uma viagem à Palestina para ver quais eram os verdadeiros livros do Antigo Testamento e em que ordem deveria classificá-los. Ao imperador Marco Aurélio compôs uma *Apologia* em favor dos cristãos. São Jerônimo qualificou-o de ótimo orador e excelente prosador.

Festa de São Venâncio, bispo e mártir, provavelmente desaparecido em 257.

Na diccese de Amiens, São Berchond, bispo e confessor, cuja história se mescla com a de São Valerico. Elevado à Sé de Amiens em 611, assistiu ao concílio de Paris em 614, falecendo em 640.

Em Constantinopla, São Macário, confessor, que sob o imperador Leão, batalhou em favor das santas imagens. Nascido em Constantinopla, chamou-se, no século, Cristóvão. Professando na abadia de Pelecete, adotou o nome com o qual se tornou conhecido. Abade, recebeu o sacerdócio das mãos de Tarásio. Sob Leão, o Armênio, que fazia guerra às santas imagens, foi perseguido e enviado ao exílio. Miguel, o Gago (821) fê-lo retornar, e Teófilo (829) relegou-o a uma ilha da Propontídia, Asusia, onde faleceu em 830, depois de ter obrado vários milagres, o que também aconteceu depois da morte.

Em Cluny, o bem-aventurado Lanson, confessor, do qual se diz ter sido o religioso mais perfeito de seu século e o observador mais zeloso da regra de São Bento. Faleceu em 1100.

Em Fulda, São Venant ou Venâncio, mártir, morto em época desconhecida, em Rímini, onde foi bispo.

Na Itália, São Prudêncio, bispo e mártir. Elevado a Sé de Atino pelo papa Caio, governou a diocese por mais de vinte e cinco anos. Morto pelos pagãos, quando acometia o ídolo de Juno (300), foi sepultado na igreja de São Pedro, três dias depois do suplício.

Na diocese de Troyes, São Leucônio, bispo. Assistiu ao concílio de Sens em 657, falecendo em 666.

Em Viena, Dauphiné, São Dedolindo, bispo, quando do papa Sérgio I e do rei Thierry (século VII).

Em Auvergne, Santa Marcela, virgem (século X). Nascida em Chauriat, próximo de Billom, em Auvergne, foi pastora. Prêsa, um dia, de grande febre, dormiu à sombra dum rochedo, tendo antes rogado à Virgem para que a curasse. Quando despertou, pegou do fuso que deixara numa fenda da rocha. Imediatamente, dali, jorrou água, a qual tinha a virtude de curar a febre. Tocada, consagrou-se a Deus.

Na Escócia, São Gilberto, bispo e confessor. Nascido na nobre família dos Moray, foi bispo de Caithness, falecendo em 1245, depois de vinte anos de episcopado, em que construiu sua catedral, dotando-a dum cabido.

No mesmo dia, em Roma, Santa Teodora, irmã do mui célebre mártir Santo Hermes; sofreu o martírio durante o reinado de Adriano e quando Aureliano era juiz. Foi enterrada perto do irmão, na via Salária, não longe da cidade.

No Egito, os santos mártires Vítor e Estêvão.

Na Armênia, os santos Quinciano e Irineu, mártires.

★ ★ ★

## 2.º DIA DE ABRIL

### SÃO FRANCISCO DE PAULA

São Francisco de Paula nasceu pelo ano de 1416, em Paula, pequena cidade da Calábria. Seus pais, sem serem ricos, encontravam em sua indústria meios de subsistência honesta. Sentiam-se contentes com a situação, por princípio de religião e não se propunham em tôdas as suas atitudes outra coisa que o cumprimento da vontade divina. Viveram vários anos sem filho nenhum. Dirigiram-se a Deus, por intercessão de São Francisco de Assis, para que o Altíssimo lhes concedesse um filho. Ao mesmo tempo, comprometeram-se, por um voto, caso fôsem ouvidos, a consagrar o filho ao serviço do Senhor. Seu desejo ardente foi satisfeito: tiveram um filho, pelo nascimento do qual se consideraram pagos por suas orações. Chamaram-no Francisco, no batismo. Tiveram os pais todo o cuidado em inspirar-lhe bem cedo grandes sentimentos de piedade. E tinham o consôlo de vê-lo em seus caminhos e ir até mais longe do que devia, em vista da idade. Com efeito, deixou transparecer, desde a infância, muito amor pela oração, pelo retiro e pela mortificação.

Atingindo a idade de treze anos, o pai, que se chamava Martotil, colocou-o sob os cuidados dos Franciscanos da pequena cidade de São Marcos. Com

esses religiosos aprendeu os princípios das ciências e lançou os fundamentos da vida austera que, desde então, passou a levar. Absteve-se do uso de roupas brancas e não comia carne. Embora não houvesse feito profissão da regra de São Francisco, não deixava de cumpri-la em todos os pontos. Chegava até a acrescentar novas mortificações e dava a todos os religiosos o mais rigoroso exemplo de penitência. Um ano se passou.

O santo pediu aos pais que o acompanhassem nas peregrinações que tencionava fazer a Assis, Roma e Nossa Senhora dos Anjos. De volta a Paula, retirou-se com o consentimento deles para um lugar solitário, bem afastado da cidade natal. Mas, achando que não se encontrava em paz, nem suficientemente separado do bulício do mundo, foi para o lado do mar e cavou uma caverna em um rochedo. Lá se instalou. Tinha, então, apenas quinze anos. Deitava-se sôbre a rocha e se alimentava de ervas que colhia nos bosques vizinhos ou do que as almas caridosas lhe traziam, de vez em quando.

Duas pessoas piedosas se juntaram ao santo ermitão, que não tinha ainda vinte anos, abraçando o mesmo gênero de vida. Os habitantes das vizinhanças construíram uma cela para cada um e uma capela, onde se reuniam, para cantar os louvores de Deus. Um sacerdote da paróquia rezava para eles a missa. O número dos discípulos de Francisco aumentava consideravelmente. Por isso, empreendeu êle, em 1454, com a permissão do arcebispo de Cosenza, a construção de uma igreja e de um mosteiro, no que foi ajudado por pessoas que vinham de tôdas as partes.

Cada qual se oferecia para trazer os materiais. Houve até pessoas nobres que quiseram trabalhar na obra. Francisco fez diversos milagres, nessa ocasião. Um deles foi a cura de uma doença que tinha sido julgada incurável mediante o recurso das forças da natureza. A pessoa, em quem o milagre se operou, atestou o fato, sob juramento, no processo de canonização do servo de Deus.

Terminada a construção do mosteiro, o santo nêle alojou os discípulos. De início, applicou-se a estabelecer a regularidade entre êles, e a submetê-los a práticas uniformes. Para êle, não diminuiu as orações e as austeridades. Já não dormia sôbre o rochedo, mas a verdade é que não tinha senão uma tábua para deitar-se, quando não dormia no chão mesmo. Uma pedra ou um tronco de árvore lhe servia de travesseiro. Apenas na velhice foi que consentiu em dormir sôbre uma esteira. Dormia apenas o necessário e não concedia ao corpo mais descanso do que o estritamente necessário para fazê-lo voltar ao ponto de poder reencetar os exercícios com novo fervor. Tomava apenas uma refeição por dia, à tarde. Comumente, comia pão e tomava água. Algumas vêzes passava dois dias sem comer, sobretudo nas vésperas das grandes festas.

Francisco queria que a caridade, a penitência e a humildade fôsem a base de sua regra. Obrigou os discípulos a observar quaresma perpétua e a não fazer uso da carne, dos ovos, do leite, do queijo, da manteiga e das coisas que os antigos cânones interdítavam durante a quaresma. A observação dessa rigorosa abstinência pareceu-lhe tão essencial à ordem, que fez dela um quarto voto. Tinha por objetivo, com isso, reparar, ao menos por uma espécie de compensa-

ção, os abusos aos quais se entregava a maioria dos cristãos durante a quaresma. Lamentava continuamente o relaxamento que se introduzira com relação ao jejum e o afrouxamento que a tibieza forçava a Igreja a tolerar. Esperava que o exemplo de sua ordem fôsse uma lição muda, e talvez, mais eficaz do que todos os sermões. Tomou a caridade como lema da ordem. Essa virtude devia ser a alma da comunidade religiosa e o caráter distintivo que deveria unir os membros entre si, que deveria uni-los aos fiéis, por amor à salvação dêstes. Entre as virtudes que refulgiam em Francisco, notava-se de modo especial a humildade. Embora fôsse distinguido por papas e por reis, tinha-se na conta do último dos mortais e colocava-se abaixo de tôdas as criaturas. Chegou até a desejar viver escondido e desconhecido de todos os homens. Sua humildade era tão sólida, que não sabia que a possuía. Quem o ouvisse, teria a impressão de que era um miserável pecador que meditava no Cristo crucificado e que, embora estivesse cheio do espírito de Deus, não via em si senão um abismo de baixeza, um nada. Foi ainda movido por essa virtude que desejou que seus discípulos fôssem chamados de Mínimos, como que para acentuar que eram os últimos na casa do Senhor. O superior de cada casa deveria tomar o título de corregedor e deveria lembrar-se de que era o servidor de todos os outros, de acôrdo com as palavras de Jesus Cristo: "O maior entre vós que se torne o menor".

O arcebispo de Cosenza aprovou a nova ordem em 1471. O papa Sixto IV confirmou-a por uma bula datada de 23 de maio de 1474, e fêz de Francisco o superior geral. O santo contava ainda com pequeno número de clérigos e apenas um sacerdote, entre

os discípulos. O sacerdote, Baltasar de Spino, era doutor em direito; tornou-se, mais tarde, confessor do papa Inocência VIII.

Pelo ano de 1576, o santo fundou duas novas casas, uma em Paterno, no gôlfo de Tarento, outra em Spezza, na diocese de Cosenza. Três anos depois, passou para a Sicília, onde foi recebido como o anjo do Senhor. Operou nessa ilha várias curas milagrosas e fundou um mosteiro, o qual foi o primeiro de uma série de vários outros. Voltando à Calábria no ano seguinte, lançou os alicerces de um novo mosteiro, em Corogliano, na diocese de Rosano.

Alguns conselhos dados pelo santo a Fernando, rei de Nápoles, e a dois filhos dêste, Afonso, duque da Calábria, e João, cardeal de Aragão, valeram-lhe uma perseguição da parte dêsses príncipes. Frederico, príncipe de Tarento, terceiro filho do rei, não fazia de Francisco a mesma idéia que o pai e os irmãos. Respeitava-o e o amava. Fernando procurava, com ansiedade, uma oportunidade para se vingar do santo. Para melhor esconder os motivos que o levavam a agir, alegou que Francisco construíra mosteiros em seu reino, sem que êle, Fernando, houvesse dado o consentimento. Sabendo que Francisco se encontrava em um convento de Paterno, encarregou um capitão de galés de ir buscá-lo e trazê-lo para as prisões de Nápoles. O oficial partiu imediatamente para executar as ordens do rei. Mas, diante do santo, sentiu-se tocado, por vê-lo tão humilde e disposto a segui-lo, que não ousou fazer nada contra êle. Retornou a Nápoles e defendeu-o tão ardorosamente diante do rei, que êste decidiu deixá-lo em liberdade.

A eminente santidade de Francisco fôra ainda revelada aos olhos dos homens pelo dom da profecia.

Predisse a tomada de Constantinopla pelos turcos, vários anos antes que isso acontecesse. Predisse também que os infiéis se apossariam de Otranto, que era como que a chave do reino de Nápoles. Mas, prometeu aos cristãos, sobretudo ao piedoso João, conde de Arena, um dos generais de Fernando, a mudança de situação no ano seguinte. De fato, Otranto foi tomada e os turcos expulsos da Itália.

Os prodígios que Deus operava continuamente por meio de seu servo, provocaram admiração por tôda parte. O papa Paulo II, querendo certificar-se da veracidade dos fatos, encarregou um dos camareiros, no ano de 1469, de se dirigir ao arcebispo de Cosenza, para ter conhecimento exato de tudo quanto se espalhava a êsse respeito. O prelado respondeu ao enviado do papa que conhecia de modo particular o santo; que era homem de extraordinária virtude, e que Deus parecia tê-lo feito depositário do poder divino. "Não vos resta, acrescentou, senão vê-lo e interrogá-lo, para juntardes nova força ao vosso testemunho". O camareiro seguiu os conselhos do arcebispo e fêz uma visita a Francisco. Carlos Pyrrho, cônego de Cosenza, a quem o santo havia curado de uma doença dez anos antes, o acompanhou.

Quando chegaram, o santo estava trabalhando com os operários no fundamento da igreja. Mas, apenas os viu, abandonou os trabalhos e foi-lhes ao encontro. O camareiro quis beijar-lhe a mão, como é costume na Itália, com respeito a sacerdotes e religiosos, mas o santo não o permitiu. "Sou eu, disse ao camareiro do papa, ajoelhando-se diante dêle, sou eu que devo beijar-vos as mãos, mãos que estão consagradas há trinta anos pela oblação do santo sacrifício". O camareiro ficou estupefato com tais

palavras. E como o santo nunca o havia visto, nem conhecido, compreendeu que Deus lhe havia revelado há quanto tempo era sacerdote. Sem revelar-lhe o objetivo da viagem disse-lhe que gostaria de conversar com êle, no convento. Francisco conduziu-o a um aposento. O enviado do papa, que tinha espírito vivaz e que possuía talento para tornar plausível tudo quanto dizia, fêz com que a conversa incidisse no novo instituto. Acusou-o de introduzir um rigor indiscreto e novidades condenáveis. Falou também das ilusões às quais nos expõem as graças extraordinárias e terminou por exortar o santo a voltar ao caminho normal, no qual tantos grandes homens haviam caminhado com êxito. O santo retomou modestamente as objeções que lhe haviam feito e as refutou com muita segurança. Mas, vendo que o camareiro do papa não se convencera, tomou nas mãos carvões ardentes e, na presença do enviado, despojou o fogo da virtude de queimar, dizendo que "*Deus obedece aos que o servem com sinceridade de coração*". Essas palavras foram mais tarde insertas na bula de sua canonização. O camareiro, batido com êsse prodígio, tomou-se de profunda veneração por Francisco e deu ao Papa informações fiéis do que havia visto.

Eis outro milagre. A irmã do santo perdera o filho, e foi procurá-lo, desfeita em lágrimas, na esperança de que êle a pudesse consolar. Terminado o ofício dos defuntos, mandou o santo que lhe levassem à cela o corpo do morto e se pôs a orar. Qual não foi o espanto da mãe, quando algum tempo depois viu o filho aparecer pleno de vida! O moço ressuscitado entrou mais tarde para a ordem dos Mínimos, na qual se distinguiu pela prática de tôdas as virtudes, e seguiu mais tarde o tio em França.

Foi Luís XI que o levou para lá. De início, pediu-lhe por enviados e por cartas, que fôsse para lá, prometendo-lhe as maiores vantagens, para êle e para a ordem. Como o santo não fôsse, Luís XI dirigiu-se ao rei de Nápoles. Francisco respondeu que não lhe parecia razoável fazer uma viagem de quatrocentas léguas por um homem que não pedia outra coisa que a saúde corporal e, com objetivos meramente humanos. Luís XI se dirigiu ao papa Sixto IV, que enviou dois breves ao servo de Deus, com ordens de partir para a França quanto antes.



Medalha de Luís XI, por F. Laurana.

Francisco partiu. Passou por Nápoles e por Roma, onde foi tratado de maneira mais honrosa. A Provença, devastada por uma peste, experimentou os efeitos do poder que Deus lhe concedera, o de curar as doenças. O rei ficou tão satisfeito, quando soube que chegara aos seus Estados, que fêz presente de uma bôlsa de dez mil escudos, ao primeiro que lhe deu a notícia. O delfim, filho do rei, e os senhores mais distintos da côrte receberam ordens de ir recebê-lo, em Amboise, e de trazê-lo ao castelo de Plessis-

les-Tours. O rei se apresentou diante do santo com a côrte e atirou-se-lhe aos pés, conjurando-o a pedir a Deus que lhe prolongasse a vida. O santo lhe respondeu o que uma pessoa ajuizada devia responder a tal pedido: fê-lo entender que a vida dos reis tem seus limites como a dos demais homens; que as determinações de Deus são imutáveis, e que não havia outro partido a seguir que o de submeter-se com resignação à vontade do céu e preparar-se para morrer santamente. Luís o hospedou no palácio e deu-lhe um intérprete. Manteve com êle várias conferências, em particular e na presença dos senhores da côrte. Francisco se exprimia com tanta sabedoria, embora sem nenhuma formação nas letras, que, com relação a Filipe de Comines, o qual o ouviu várias vêzes, todos estavam persuadidos de que o Espírito Santo lhe falava pela bôca. Enfim, suas exortações, aliadas a preces fervorosas, obtiveram para o rei a graça de compreender a si mesmo. Revestiu-se de sentimentos cristãos e morreu nos braços do servo de Deus, no dia 13 de agôsto de 1483, após ter-lhe recomendado os três filhos.

Carlos VIII, filho e sucessor de Luís XI, honrou o santo de maneira mais acentuada ainda do que o pai. Em todos os casos de consciência, consultava-o, não deixando de tomar-lhe o conselho, mesmo quando se tratava de assuntos de Estado. Durante o tempo em que Francisco permaneceu em Plessis, não houve um dia em que não tivesse ido visitá-lo, para receber dêle ensinamentos. Mandou construir um convento para o santo, no parque de Plessis, no lugar chamado Montils, e outro em Amboise, no mesmo lugar em que

fôra recebê-lo, quando ainda era apenas delfim. Durante o tempo em que estêve em Roma, onde foi proclamado imperador de Constantinopla pelo papa Alexandre VI, fundou no monte Pincio um mosteiro da mesma ordem, pela nação francesa. Foi também durante o reinado de Carlos VIII que o santo fundou o convento de Nigeon, perto de Paris. Dois doutôres que se opunham a essa construção, apenas tiveram oportunidade de conhecer Francisco, mudaram de idéia. Incluíram-se até no número dos discípulos do santo e abraçaram a instituição em 1505.

A regra proposta por Francisco não era, no princípio, perfeita. Diversas circunstâncias motivaram mudanças indispensáveis. Quando estava pronta para ser apresentada ao pontífice, Alexandre VI, êste a aprovou, o que foi confirmado posteriormente por Júlio II.

Em 1498, Carlos VIII faleceu, sendo sucedido por Luís XII. Francisco de Paula pediu-lhe permissão para voltar à Itália, no que foi atendido. Mas o rei, pouco depois, cancelou a permissão. Quis o monarca enriquecer o que os predecessores haviam feito pelo santo; cumulou-o de honras e benefícios, bem como aos discípulos e as famílias dêstes.

Advertido por mensagem divina da proximidade da morte, preparou-se para ela com fervor renovado. Encerrou-se na própria cela e lá ficou durante os três últimos meses de vida, e não quis ter mais comunicação com os homens. Durante todo êsse tempo não se ocupou de outra coisa que da eternidade. No domingo de Ramos, foi atacado de febre. Na

quinta-feira santa, reuniu os religiosos na sacristia, que servia de capítulo, para lhes recomendar o amor a Deus, a caridade entre si e a fidelidade à regra. Depois de confessar-se, recebeu a santa eucaristia, na postura em que nesse dia os membros de sua ordem a recebem, isto é, descalços e com uma corda ao pescoço. No dia seguinte, 2 de abril de 1508, faleceu. Tinha, então, 91 anos. Foi canonizado por Leão X, em 1519.

\* \* \*

## SANTA MARIA EGIPCÍACA (\*)

### *Penitente*

Maria, cognominada a Pecadora, penitenciou-se da vida pecaminosa que levou pouco tempo antes da morte.

A São Zósimo, que veremos mais adiante, no dia 4 dêste mesmo mês, resumiu-lhe a sua vida.

“Nasci no Egito, contou-lhe ela. Quando atingi os doze anos, deixei a casa de meus pais, que ainda viviam. Fugi da afeição que me dedicavam e fui para Alexandria. Não posso pensar, sem tremer, nos primeiros passos que me levaram ao pecado e às horríveis desordens que se seguiram. É suficiente confessar que, durante dezessete anos, vivi públicamente na prostituição, não procurando senão o prazer como recompensa de meus crimes, não ambicionando outra satisfação que não a de ver os amantes ao redor de mim.

“Um dia, vi uma turba de egípcios e de líbios aproximar-se. Perguntei a um deles: “Para onde vão êsses homens, e com tanta pressa?” Respondeu-me aquêle ao qual interrogara: “Êsses homens vão para Jerusalém, vão assistir à solenidade da Exaltação da Santa Cruz, que deve realizar-se dentro de alguns dias”. “Aceitar-me-ão êles como

companhia, se lhes pedir para ir junto?" Respondeu-me: "Ninguém poderia impedir-te de embarcar com êles, uma vez que tenhas com que pagar tua viagem". "Eu não tenho dinheiro, tornei, mas vou embarcar num dos barcos. Os passageiros talvez consintam em me prover de alimentos. Ademais, para à cupidez, terão meu corpo".

Maria Egipciaca fêz uma pausa, e continuou:

"Eu te confesso, meu pai, que meu desejo era satisfazer a paixão e perder aquêles homens com os meus artifícios.

"Aquêle a quem disse tais palavras, riu, virou-me as costas e se foi. Quanto a mim, precipitei-me para juntar-me a um grupo de jovens. E minhas palavras contribuíram para levá-los à alegria. Segui-os até uma das embarcações, e logo começamos a navegar. E muito me admiro de que o mar não me tenha engolido em suas ondas, para precipitar-me no fundo dos infernos.

"Chegamos, então, a Jerusalém, continuava Maria a Zósimo. Durante os dias que precederam a solenidade, multipliquei meus crimes e minhas libertinagens, pervertendo não só os jovens que me aceitaram em seu barco, como muitos outros ainda.

"No dia da Exaltação da Santa Cruz, vi, desde manhã, as multidões correrem à igreja para venerar o adorável madeiro, e ao povo me misturei. Quando cheguei e pisei a soleira da porta do templo, foi-me impossível avançar: uma fôrça secreta pregava-me ao solo. Por mais que fizesse, por mais esforço que despendesse, nada consegui. E tôda gente, airoosamente, entrava alegremente. Só a mim estava a entrada interdita. Pus-me, então, a refletir. E, de

repente, brilhou-me uma luz no cérebro e me fêz ver que eram tôdas as minhas vergonhosas ações que me vedavam a entrada da igreja, do templo de Deus. E comecei a chorar e a bater no peito. Entãc, vi uma imagem da gloriosa Virgem Maria, e a ela assim me dirigi: "Gloriosa Virgem que deste ao mundo um Deus feito homem, eu sou indigna de olhar para a tua imagem. Tu sempre fôste puríssima e castíssima, enquanto eu sou uma imensa cloaca de impurezas. Todavia, como o Deus por ti engendrado foi feito homem para chamar os pecadores à penitência, socorre-me, ajuda-me na minha desgraça. Permite que possa entrar na igreja para contemplar a salutar árvore da redenção. Eu te prometo que jamais enodoarei meu corpo com os prazeres sensuais. Assim que vir a cruz de teu Filho, renunciarei ao mundo, a todos os prazeres, e seguirei o caminho da salvação que tu me mostrares".

"Quando terminei esta oração, senti-me cheia de confiança na misericórdia da Mãe de Deus. Pude, então, deixar o lugar em que estacara, entrar na igreja sem qualquer dificuldade e contemplar a Cruz santa. Tive, ali, o profundo sentimento de que Deus está sempre prestes a receber as almas penitentes. Prosternei-me por terra, e depois, voltando para perto da imagem da Virgem, disse: "Mãe clementíssima, que não rejeitaste a oração de uma indigna pecadora, glória seja rendida a Deus que, por tua intercessão, recebe os pecadores arrependidos. É tempo de cumprir a promessa que fiz. Conduze-me, pois, ao lugar que devo ir, ensina-me o que devo fazer".

"Ouvi, então, uma voz que me dizia: "Se passares o Jordão, encontrarás repouso".



Vida de Maria Egípcíaca. Segundo um vitral da Catedral de Bourges.

“Considerando estas palavras como uma linha de conduta que me era traçada, chorei copiosamente, e lançando um olhar para a santa imagem, roguei à rainha do mundo, que não me abandonasse jamais. E, à tôda pressa, comprei três pães, e tomei o caminho que me levaria ao Jordão.

“Caminhei todo o dia na direção do rio, e, à tardinha, cheguei à igreja de São João Batista, onde me confessei: recebi o corpo e o sangue do Salvador, e depois comi metade de um dos pães que levava. Aquela noite, dormi à margem do rio.

“No dia seguinte, depois de me ter recomendado à santa Virgem, atravessei o Jordão e me atirei para o deserto, para bem longe da vista dos homens, em busca de expiação, pelas penitências, das desordens da vida passada”.

Aqui, Zósimo, que a escutava silenciosamente, perguntou:

“— Há quanto tempo estás neste deserto?”

“— Se a memória não me trai, faz quarenta e sete anos que deixei a cidade santa”.

“— E de que te alimentaste, durante todo êste tempo?”

“— Quando os pães, que comigo trouxera, acabaram-se, por dezessete anos vivi de ervas e de raízes selvagens. As vestes que me cobriam, transformaram-se em farrapos, e eu sofri muito, tanto no verão como no inverno. Deus, porém, até agora, em seu poder, sustem-me e conserva o corpo miserável. As tentações não me faltaram, e durante os dezessete primeiros anos, tive que lutar contra as ambições desordenadas, como se diante de mim estivessem animais ferozes. Violentos desejos de comer coisas delicadas, peixes que abundam no Egito, assalta-

vam-me e sonhava com vinhos, de que gostava imensamente. E à lembrança de lascivas canções, era induzida a cantá-las ainda. E eu chorava e batia no peito. Procurava lembrar-me das promessas que fizera, ao entrar no deserto, e reevocava a imagem de Maria, diante da qual havia orado, e lhe pedia que me livrasse das tentações.

“Quando os impuros desejos me acometiam, prostrava-me por terra, e alagava de lágrimas o chão. De uma feita, assim passei tôda uma noite, de bôrco, prêsa ao solo, até que a luz celeste veio iluminar-me. Depois de dezessete anos de luta, a santa Virgem, minha protetora, sustentou-me por trinta anos e me concedeu uma paz profunda, que até hoje me acompanha.

“Quando me lembro de quantos males Deus me livrou, o que me ampara é a esperança de salvar a alma. Nutro-me e revisto da palavra de Deus, porque o homem não vive só de pão, mas de tôda a palavra que sai da bôca de Deus”.

Zósimo, aqui, ouvindo-a citar a Escritura santa, perguntou-lhe:

“— Aprendeste os salmos, lêste as Escrituras?”

“— Creia-me, respondeu Maria, desde que atravessei o Jordão, és o primeiro ser humano que me é dado contemplar. Não vi sêr algum animado, qualquer animal, mesmo feroz. Jamais aprendi a ler, jamais ouvi quem quer que fôsse a cantar: Deus, cuja palavra é viva e eficaz, é o que ensina tôda a ciência ao homem”.

“Como Zósimo se inclinasse para ela, como para receber-lhe a bênção, disse-lhe ela:

“— Eu te conjuro pelo Senhor nosso Deus: a ninguém reveles o que ouviste, enquanto eu viver. Vai em paz! Nós nos reveremos o ano que vem”.

E acrescentou:

“— Fica na tua solidão, mas na quinta-feira santa, toma contigo o corpo e o sangue de Jesus Cristo, e vem à margem do rio. Desde o dia que comunguei na igreja do santo Precursor, antes de atravessar o Jordão, jamais recebi o divino alimento, e um grande desejo de recebê-lo me consome. Eu te conjuro, não desdenhes do meu rôgo”.

E terminou:

“— Reza por mim!”

Quando São Zósimo a deixou, demandando o mosteiro, foi banhado em lágrimas.

No ano seguinte, foi procurá-la, conforme ficara combinado, levando a santa Hóstia dentro de um pequenino cálice, bem como alguns figos, tâmaras, e um tanto de lentilhas cozidas em água.

Quando chegou à margem do rio Jordão, era, então, sexta-feira, não viu ninguém. Esperou, e Maria não aparecia. Temeroso de que lhe tivesse acontecido alguma coisa, pôs-se a pensar de que maneira poderia passar a corrente. Eis senão quando, a Egipciaca surgiu. E, fazendo o sinal da cruz sôbre as águas, calmamente atravessou o Jordão a pé enxuto.

À vista daquele prodígio, Zósimo prosternou-se diante dela. E ela, levantando-o, dizia:

“— Não, não, que tu és padre e trazes contigo os divinos mistérios”.

Depois de ter recebido o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, Maria ergueu os olhos para o céu e proferiu as palavras do velho Simeão:

“— Deixa agora, Senhor, ir em paz tua servidora, segundo a promessa que lhe fizeste, porque meus olhos tiveram a felicidade de ver a tua salvação”.

Rogando a Zósimo que viesse vê-la no ano seguinte, do que o Santo lhe levava somente tomou três lentilhazinhas e levou-as à bôca. E, agradecendo a bondade que com ela tivera, disse, antes de se despedir:

“— Rezemos um pelo outro, pela Igreja, pelo império e por todos os pecadores”.

Um ano depois, como ficara combinado, Zósimo foi procurá-la novamente. Atravessou o rio e dirigiu-se ao lugar que a penitente ilustrara por tantos anos de luta. E como não vislumbresse, nem aqui nem ali qualquer sinal de vida, pôs-se a chorar. Ergueu os olhos banhados para o céu e orou:

“— Senhor, faze com que, eu te suplico, encontre o precioso tesouro que escondeste neste deserto. Que eu veja o anjo que o mundo não é digno de possuir”.

Avançou uns passos e logo deu com o cadáver da penitente. Aproximou-se, e ternamente, abai-xando-se, beijou-lhe os pés. Cantou-lhe salmos e recitou as orações que aos defuntos se recitam. E, interiormente, perguntando-se se devia enterrá-la, e onde, viu, escrito na areia: “Abade Zósimo, enterra aqui o corpo da pobre Maria. Restitue à terra o que nada mais é do que pó, e ora por mim. Eu morri na noite mesma de sexta-feira santa, depois de ter recebido o divino alimento da santa eucaristia”.

Zósimo, maravilhado, ficou sabendo, então, o nome da santa penitente. Morrera há um ano e o

corpo estava perfeitamente intato. Fôra êle, então, o escolhido para enterrá-la?

Olhou ao redor: com que poderia cavar a terra, abrir uma cova? Então, um prodígio ocorreu. Um grande leão de basta juba apareceu. Fixou os coruscantes olhos no santo, e depois, com grande habilidade, com as garras das mãos, pôs-se a cavar a terra.

Aberta uma cova suficientemente grande para conter o corpo da santa penitente, São Zósimo, respeitosamente, tomou do corpo de Maria Egipciaca e depositou-o na tumba. E a fera, mal o Santo se levantara, principiou a cobrir o buraco que abrira.

Terminado, tão silenciosa e misteriosamente como viera, assim se foi a vasta fera, desaparecendo nas brenhas.

No mosteiro, de volta, para onde levara o manto da santa, como preciosíssima relíquia, a todos tudo contou o bom e santo abade.

A morte de Maria ocorreu em 422. Convertera-se em 373 e vivera por quarenta e oito anos na áspera solidão do êrmo.

\* \* \*

## SANTA EBBA (\*)

### *Abadêssa, Virgem e Mártir*

Ebba, a Jovem, para distingui-la de Ebba (1), como esta foi também abadêssa de Coldingham, quando, então, da irrupção dinamarquesa na Inglaterra.

Os dinamarqueses, desde o século VIII, castigaram incessantemente as costas inglêsas. Queimavam igrejas, destruíam mosteiros, trucidavam monges, levavam cativos os celtas que encontravam, exercendo tôda a sorte de crueldades e violências, muito especialmente quando se tratavam de homens e mulheres que se haviam consagrado a Deus.

Um dia, em abril de 870, assaltaram o convento de Coldingham, naquela época, o mais importante da Escócia.

Ebba, num átimo, reunindo as religiosas, dizendo-lhes do perigo que se avizinhava, exortou-as a lutarem denodadamente pela castidade. E, armando-se de uma navalha, sem hesitação, cortou o nariz e decepou o lábio superior.

---

(1) 25 de agosto.

Tôdas, heròicamente, imitaram o terrível gesto da santa abadêssa, de modo que, descobrindo-as os bárbaros invasores, ao dar com as ensanguentadas e deformadas mulheres, recuaram e abandonaram o convento.

A meio caminho, porém, enraivecidos, tornaram e atearam fogo ao mosteiro, assim matando todos os seus ocupantes.

\* \* \*

## SÃO LONGIS E SANTA INESFREDA (\*)

Longis, originário da Suíça, era filho de pais ricos e pagãos. Moço, procurou convencê-los do erro em que viviam, mas em vão. Instado pelos pais a abraçar o supersticioso culto, Longis resolveu fugir.

Pôs-se, então, à procura de quem pudesse instruí-lo na fé do verdadeiro Deus.

Na França, foi batizado, depois ordenado padre, e o bispo de Mans, Hadoin, forneceu-lhe meios de construir um pequeno mosteiro na aldeia de Boisse-lière.

Começou, assim, Longis a instruir as populações do lugar e das circunvizinhanças.

Um dia, uma jovem, Inesfreda, que se consagrara secretamente a Deus, foi procurá-lo. E, em lágrimas, contou-lhe que os pais queriam, em breve, casá-la, e que não sabia o que devia fazer. Como se conservar fiel ao voto que fizera?

Longis encorajou-a, e como a jovem, que deixara a casa paterna, não tinha onde ficar, alojou-a no mosteiro, ao mesmo tempo que lhe conferia o véu das virgens.

O pretendente à mão de Inesfreda, sabedor do ocorrido, enfurecido, correu procurar o rei Clotário, e a êle denunciou o santo homem, como sedutor da noiva. Clotário acreditou na infâmia, mas, antes de

pronunciar a sentença condenatória, desejou ouvir os dois acusados.

Longis e Inesfreda foram, assim, intimados a comparecer ao palácio.

Era em pleno inverno, e o santo, fatigadíssimo, transido de frio, mal podia caminhar através da neve e do frígido vento que soprava, cortante.

A jovem, penalizada, obrigou-o a uma parada, e saiu, à procura de fogo, nos arredores. Procurando e procurando, acabou chegando ao palácio de Clotário. Ali, ao padeiro, pediu-lhe alguns carvões acesos.

O padeiro, para brincar, disse-lhe:

— Eis os carvões. Leva-os no teu manto, já que não tens onde os levar.

Inesfreda, confiantemente, estendeu-lhe o manto, e o homem ali despejou as brasas, sem que nada sucedesse à fazenda, que nem sequer chamuscada ficou, nem suja.

Quando a jovem e santa virgem deixou a padaria do castelo do rei Clotário, o padeiro, impressionadíssimo, agora nada jocoso, pelo contrário, compenetradíssimo, correu referir ao rei o que lhe sucedera diante dos olhos.

Longis, mais recuperado, com Inesfreda, chegou ao palácio, e ambos, muito bem acolhidos pelo monarca, receberam ordens de, em paz, tornar ao mosteiro.

Inesfreda viveu até o ano de 638, falecendo em Vair, quando Clóvis II governava o reino dos francos, e Longis, em 653, no dia 29 de março, com idade bastante avançada.

\* \* \*

## SANTA MUSA (\*)

### *Virgem de Roma*

(Século VI)

Desta Santa, fala São Gregório, o Grande, nos *Diálogos*:

“Uma noite, a santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, apareceu-lhe, mostrando-lhe muitas jovens vestidas de branco. Musa desejou unir-se a elas, mas não ousava fazê-lo.

“— Se tu o desejas realmente, disse-lhe a Santa Virgem, deixa de agir como criança: põe de lado o riso e as brincadeiras, e dentro de trinta dias serás admitida nesta sociedade”.

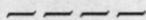
“A partir daquele momento, produziu-se em Musa completa mudança. Renunciou a tôdas as frivolidades. Os pais notaram a metamorfose e quiseram saber a razão. Musa referiu-lhes a visão que tivera, falando-lhes da ordem e da promessa da santa Virgem, que lhe indicara o dia em que seria admitida no serviço da Mãe de Deus.

“Vinte e cinco dias depois Musa foi tomada pela febre, e, ao trigésimo dia, co no a hora se aproxi-

masse, viu surgir a santa Virgem com um grupo de jovens. Disse, então, no transporte de sua alegria:

“ — Mãe, eis que me vou!”

“E expirou”.



No mesmo dia, em Lião, na França, São Nicéio, bispo daquela cidade, ilustre pela santidade e milagres que operou. Confessor, era filho do senador Florêncio e de Artêmia. Aos trinta anos, foi ordenado padre por Agrícola, bispo de Chalon-sur-Saône. À recomendação de São Paulo: “aquêlê que furtava, não furtê mais, mas antes ocupe-se, trabalhando com suas mãos em qualquer coisa honesta, a fim de ter o que dar ao que está em necessidade” (1), instruía e alertava a mocidade, procurando inculcar-lhe o gôsto pelo trabalho, para que se desgostasse da ociosidade perniciosa. Sucessor do tio Sacerdos, bispo de Lião, foi pastor muito amigo da concórdia e da paz, tendo governado aquela Igreja por vinte anos. Falecido a 2 de abril de 573, o lugar onde foi sepultado tornou-se notável pelos milagres. Gregório de Tours refere o seguinte: tendo um cego pedido para ser levado à beira do esquife, apenas se aproximara do corpo do santo bispo, abriram-se-lhe os olhos.

Em Langres, Santo Urbano, bispo e confessor, nascido numa aldeola chamada Colmiers-le-Bas, perto de Grancey-le-Chateau. Sucessor de Honorato, destacou-se pelos trabalhos apostólicos, que levaram ao clero o espírito de religião e ao povo a

---

(1) Ephes. 4, 28.

devoção. Operando milagres, que Deus lhe concedera tal dom, e expulsando o demônio dos possessos, tinha poder sobre os elementos. Invocado nos maus tempos, contra as tempestades e o granizo, é protetor das vinhas, zelador das colheitas. Falecido em 450, Santo Urbano foi o sexto bispo de Langres.

Em Como, Santo Abúndio, bispo e confessor, originário da Tessalônica, Mesopotâmia, ao qual o papa São Leão, o Grande, incumbiu de importante missão junto ao imperador Teodósio, o Jovem: conhecer a fé do novo bispo de Constantinopla, Anatólio, que Teodósio e Pulquéria queriam ver eleito pelo papa, ocasião em que pronunciou o anátema contra os erros de Eutíquio e Nestório. Falecido em 469, Santo Abúndio foi enterrado na igreja dos Santos Apóstolos, que foi colocada sob sua invocação. Principal padroeiro de Como, os habitantes desta cidade honram-no sobremodo.

Em Alexandria, São Policarpo, mártir, decapitado sob o imperador Maximiano, depois de ter passado por vários tormentos (303).

Em Amilly-en-Brie, Santa Flodoberta, virgem (século VIII).

Entrè os gregos, São Tito, o Taumaturgo, confessor. Foi monge em Constantinopla na época em que se desenvolvia a perseguição iconoclasta. Tantos foram os milagres que fez que o apelidaram de Taumaturgo. Crê-se que foi contemporâneo de Teodoto e Nicolau Studita.

No mesmo dia, em Cesaréia, na Palestina, festa de Santo Afiano, mártir, o qual, durante a perseguição de Galério Maximiano, após ter repreendido o presidente Urbano por êste sacrificar aos ídolos,

foi cruelmente dilacerado; em seguida, por requinte de crueldade, enrolaram-lhe os pés em um pano imerso no óleo, ao qual atearam fogo. Finalmente, foi atirado ao mar. Dêsse modo, passando do fogo para a água, dirigiu-se para o lugar do refrigério.

No mesmo lugar, Santa Teodósia, virgem, da cidade de Tiro, que durante a mesma perseguição saudou públicamente os confessores, quando êstes se encontravam de pé, no tribunal, pedindo-lhes que dela se lembrassem quando estivessem no reino dos céus. Foi, então, prêsa pelos soldados e conduzida ao presidente Urbano por ordem do qual lhe dilaceraram as costas e os seios. Depois foi jogada no mar.

\* \* \*

### 3.º DIA DE ABRIL

#### SÃO RICARDO

##### *Bispo de Chichester, na Inglaterra*

Segundo filho de Ricardo e de Alice de Wic, nasceu a quatro milhas de Worcester. Desde a infância demonstrou inclinação para a virtude. Contrariamente aos interesses dessa idade, não gostava dos brinquedos e folguedos. Todo o tempo o dedicava aos exercícios de piedade ou aos estudos das ciências. O maior prazer que poderia ter era obrigar os outros a isso.

Seu irmão mais velho, saído da tutela, viu-se em situação embaraçosa, apesar de dono de terras. Tocado com as dificuldades do irmão, passou a trabalhar para êle, conduzindo a charrua, os cavalos, ou fazendo serviços semelhantes. Reconhecido, o irmão lhe deixou todos os bens por herança. Amigos de Ricardo propuseram-se fazê-lo casar-se com uma jovem nobre, que era a beneficiária de grande herança. Pensavam com isso fazer dêle um grande senhor. Ao saber disso, o irmão ficou arrependido de haver-lhe dado as terras que possuía. Ricardo, porém, lhe disse: "Caríssimo irmão, não fiques preocupado. Como foste generoso comigo, sê-lo-ei também contigo. Devolvo-te as terras com os do-

cumentos. Cedo-te inclusive a jovem, se é que isso lhe agrada, se ela e os amigos com isso concordarem, pois nunca lhe dei um beijo sequer". E, em seguida abandonou as terras, a jovem e os amigos, dirigindo-se para Paris, onde foi continuar os estudos que havia começado. Viveu em Grança com dois amigos escolhidos, de maneira verdadeiramente austera. Pão e água eram os alimentos que tomava comumente, exceto aos domingos e na ocasião das principais festas, quando, então, comia um pouco de carne e de peixe, em consideração aos que o vinham visitar. Voltando para a Inglaterra, recebeu, em Oxford, o grau de bacharel em artes. Foi, em seguida, a Bolonha, na Itália, para lá estudar direito canônico. Distinguiu-se tanto nesse ramo, que foi encarregado de lecioná-lo públicamente. O que fôra anteriormente seu professor, entusiasmou-se tanto com essas lições, que lhe ofereceu a própria filha com todos os bens. Ricardo, que tinha pensamentos bem diferentes, agradeceu-lhe humildemente tal gesto e apresentou o pretexto de uma viagem qualquer, prometendo fazer-lhe a vontade, quando retornasse. Voltou para Oxford, onde o mérito que tinha e a vida santa que levava atraíram sobre êle a estima e veneração de tôda a universidade, que o escolheu por unanimidade para chanceler.

Santo Edmundo, que o conhecia havia muito tempo, convidou-o a ir para sua diocese, o que conseguiu depois de repetidos convites. Fê-lo chanceler da igreja de Cantuária e confiou-lhe o cuidado dos assuntos mais importantes da diocese. Ricardo respondeu plenamente ao juízo que o arcebispo dêle fazia. Vivia em grande simplicidade e consagrava às obras de caridade tôda a sua renda. Como mestre e

amigo, era de um desprendimento a tôda prova e não recebia nenhum presente.

Ao morrer Santo Edmundo, em 1240, Ricardo aproveitou a oportunidade para ir estudar teologia em Orleans, com os padres Pregadores. Lá recebeu o presbiterato e exerceu o santo ministério em uma paróquia bem pequena, quando, então, foi lembrado pelo novo arcebispo de Cantuária, Bonifácio, tio da rainha Eleonora, o qual o obrigou, apesar da relutância do santo, a retomar as funções de chanceler. No ano de 1244, o bispado de Chichester ficou vacante. O rei Henrique II nomeou para lá uma pessoa que foi considerada de pouca capacidade, pelo arcebispo Bonifácio e seus sufragantes. Para tal lugar, escolheram Ricardo. O rei sentiu-se ofendido com essa atitude e retirou a renda do bispo de Chichester. São Ricardo, aconselhado pelos que o haviam eleito, procurou o rei, mas nada obteve. Após ter sofrido fadigas, dirigiu-se à Sé Apostólica, para junto de Deus, último refúgio neste mundo. Em Roma encontrou os enviados do rei, preparados para atacá-lo. O papa Inocência IV o acolheu com benevolência e, depois de ter pesado as razões apresentadas de ambas as partes, confirmou-lhe a eleição e o consagrou bispo. Voltando à Inglaterra, com cartas do Papa, São Ricardo ficou ainda dois anos sem poder obter do rei a restituição dos bens da igreja. O príncipe só lhos devolveu quando o Papa, avisado pelo santo bispo, o ameaçou com as penas eclesiásticas, caso não voltasse atrás, dentro de um tempo proposto.

Livre de qualquer outra preocupação, São Ricardo dedicou ao govêrno de sua diocese tôda a atenção. Visitava os doentes, enterrava os mortos,

procurava os pobres e lhes aliviava a miséria. Um dia, seu assistente lhe chamou a atenção para o fato de as esmolas excederem as rendas. Ao que respondeu que não tinha outra coisa a vender, senão a louça e um cavalo. Um incêndio lhe causou perdas enormes. Nem por isso diminuiu as esmolas. "Talvez Deus nos tenha enviado êste contratempo para evitar que nos apeguemos aos bens mundanos", dizia. A piedade era nêle tão sólida quanto terna. Dizia-se que se encontrava continuamente em contemplação das coisas celestes. Pregava com tal dedicação e conseguia tantos frutos, que isso só era possível num homem dotado de elevado grau de espírito de oração. Suportava com paciência as injúrias e respondia a elas com benefícios. O zelo em manter a disciplina era inquebrantável, sobretudo quando se tratava de punir os relapsos. O rei, o arcebispo de Cantuária e muitos outros prelados em vão procuraram interceder por um sacerdote que havia cometido uma falta contra a santidade do estado de religioso. Pediam apenas um abrandamento da pena que lhe fôra imposta. Nem isso conseguiram. Todavia, tal rigor não se estendia aos penitentes: Ricardo os tratava com caridade e os recebia com ternura inacreditável.

Tendo recebido do papa Inocêncio IV a incumbência de pregar uma cruzada à Terra Santa, que fôsse em socôrro de São Luís, rei de França, o qual lá ainda se encontrava, começou pela própria igreja. Prosseguiu pregando nas cidades marítimas, foi a Cantuária, a Dover, embora há dezoito dias estivesse doente. Não obstante, não desistia do trabalho. Pregava diàriamente, confessava, crismava e dava as ordens, a ponto de ficar completamente esgotado. Chegado a Dover, alojou-se no hospício da cidade.

O chefe do hospital pediu-lhe que dedicasse uma igreja, que haviam construído no cemitério, a Santo Edmundo de Cantuária. O bispo Ricardo satisfez-lhe o desejo. Pregando, na ocasião, disse: "Desde que sou bispo, sempre desejei ardentemente dedicar ao menos uma igreja ao meu santo mestre, antes de morrer. Dou graças a Deus por não me haver frustrado êsse desejo. Sei que minha morte se aproxima. Por isso me recomendo às vossas orações".

No dia seguinte, quando estava assistindo à missa, sentiu-se desfalecer. Levaram-no para o leito. Disse, então, que não mais se reergueria com forças, que comesçassem a preparar os funerais. Com efeito, três dias após, morreu. Isto foi numa segunda-feira, 3 de abril de 1253. Faleceu com cêrca de 56 anos de idade e 9 de episcopado, contado êste do dia em que foi eleito. Seu corpo foi levado para Chichester e enterrado na catedral, diante do altar que êle mesmo dedicara a Santo Edmundo. E lá operou inúmeros milagres. Por isso, foi canonizado nove anos depois, pelo papa Urbano IV; a Igreja o honra no dia em que morreu.

\* \* \*

## SANTAS ÁGAPE, CIÔNIA E IRENE (\*)

### *Mártires*

Diocleciano havia publicado, de pouco, um edito que vedava a tôda pessoa, sob pena de morte, de ter consigo, ou em sua casa, as santas Escrituras.

Ágape, Ciônia e Irene, três irmãs, cristãs, filhas de pais pagãos, ignorantes do edito, foram pilhadas com Livros santos, que piedosamente conservavam. Prêsas, juntaram-se a elas mais três outras, Cássia, Filipa e Eutíquia, e um homem, chamado Agatão, com os quais descobriram-se exemplares daqueles Livros.

Era em Tessalônica e corria o ano de 304. Dulcetius era governador e Artêmio secretário. Foi Cassandro, um oficial, que, remetendo ao governador os sete presos, dizia, na leitura da peça que preparara, lida no tribunal:

“A Dulcetius, governador da Macedônia, o oficial Cassandro saúda-vos. Envio a vossa Alteza seis mulheres cristãs, e um homem, que se negou a comer do que aos deuses se oferece”.

O governador virou-se para as mulheres, considerou-as longa e silenciosamente, e depois exclamou:

— Insensatas! Que loucura é essa de não querer obedecer as ordens dos divinos imperadores e césares?

E para Agatão:

— Por que não quiseste tomar daquilo que se ofereceu aos deuses, como todos os súditos do império o fazem?

Agatão:

— Porque sou cristão.

Dulcetius:

— Persistes na resolução?

Agatão:

— Certamente.

O governador olhou-o demoradamente, depois do que dirigiu-se a Ágape:

— Quais são teus sentimentos?

Ágape:

— Eu creio em Deus vivo, e por uma ação que não seja boa não quero perder todo o mérito de minha vida passada.

Dulcetius para Ciônia:

— E tu, Ciônia, que dizes tu?

Ciônia:

— Eu creio em Deus vivo, eis porque não obedeci as tuas ordens.

Dulcetius a Irene:

— Por que não obedeceste aos piedosos mandamentos de nossos imperadores e césares?

Irene:

— Porque temo ofender a Deus.

Dulcetius a Cássia:

— E tu, que me dizes?

Cássia:

— Quero salvar minha alma.

Dulcetius:

— Não queres ter parte nas oferendas sagradas?

Cássia:

— De modo algum.

Dulcetius a Filipa:

— E tu, Filipa, que dizes?

Filipa:

— A mesma coisa.

Dulcetius:

— Que queres dizer?

Filipa:

— Que prefiro morrer do que comer das tuas oferendas.

Dulcetius:

— E tu, Eutíquia, que tens a dizer?

Eutíquia:

— A mesma coisa: que prefiro morrer do que fazer o que tu ordenas.

Dulcetius:

— És casada?

Eutíquia:

— Meu marido faleceu sete meses depois que nos casamos.

Dulcetius:

— Como ficaste grávida?

Eutíquia:

— Pelo marido que Deus me deu.

Dulcetius:

— Exorto-te, Eutíquia, para que deixes tuas loucas idéias e sejas razoável. Vamos, vais obedecer o edito imperial?

Eutíquia, com resolução e impavidez:

— Não. Eu sou cristã e sirvo a Deus Todo-Poderoso.

Dulcetius:

— Como Eutíquia está grávida, será conservada na prisão.

Houve um momento de silêncio, ao cabo do qual o governador tornou ao interrogatório, dirigindo-se a Ágape. Perguntou-lhe:

— Qual é a tua resolução? Queres agir como nós, que somos obedientes e devotados aos imperadores?

Ágape:

— Não é conveniente obedecer a Satanás: o que dizes não me levará a mudar de determinação, porque ela é inquebrantável.

Dulcetius:

— E tu, Ciônia, qual é a tua última resposta?

— Nada, respondeu Ciônia, me fará mudar.

Dulcetius:

— Não tinhas em tua casa alguns livros, pergaminhos ou escritos outros relativos à religião desses cristãos ímpios?

Ciônia:

— Não os tenho, uma vez que os que hoje reinam a tudo levaram.

Dulcetius:

— Quem, então, pôs-te na cabeça tais disposições?

Ciônia:

— Deus Todo-Poderoso.

Dulcetius:

— E quem te levou a essa loucura?

Ciônia:

— Já o disse: Deus Todo-Poderoso e seu Filho único, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dulcetius:

— Mas todos vós deveis submeter-vos aos nossos poderosíssimos imperadores e césaes. Já que por uma longa, muito longa obstinação, desprezais as justas recomendações, os numerosos editos, as ameaças, pois que, pressionados por nossos agentes, desdenhais das ordens e guardais o nome ímpio de cristãos, não obedecendo aos oficiais que vos solici-tavam a renúncia, por escrito, de Jesus Cristo, recebereis o castigo que mereceis.

E o governador, solene, leu, após ter escrito:

— Condeno Ágape e Ciônia a serem queimadas vivas, por terem, por malícia e com obstinação, agido contra os divinos editos de nossos senhores os imperadores e césaes, e por professarem agora a perversa e falsa religião dos cristãos, que a todos os homens piedosos causa horror. Quanto aos quatro outros, serão presos, segundo nosso alvedrio.

-----

Depois que as duas santas foram executadas, Irene, sòzinha, compareceu diante do bárbaro governador da Macedônia. Disse-lhe êle:

— Tu podes obter o perdão e escapar ao castigo se adorares nossos deuses. Então? Que dizes? Queres obedecer às ordens dos imperadores? Estás disposta a sacrificar e comer da carne das vítimas?

Irene respondeu-lhe:

— Nunca, porque o fogo eterno está reservado aos que renegarem Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Dulcetius:

— Mas quem te impeliu a esconder por tanto tempo aquêles livros e papéis que possuías?

Irene:

— Deus mesmo, Todo-Poderoso, foi quem nos ordenou, para que o amássemos até a morte: sofreremos tôda espécie de males, mas não nos livraremos dêsses escritos.

O governador:

— Quem, pois, sabia que tais escritos estavam em tua casa?

Irene:

— Ninguém. Só Deus Todo-Poderoso, do qual nada fica escondido. Escondíamos mesmo aos de casa, para que não nos denunciassem.

O governador:

— O ano passado, quando foi publicado o primeiro edito de nossos imperadores, onde estavas tu escondida?

Irene:

— Lá, onde Deus quis, nas montanhas.

O governador:

— Quem te alimentava?

Irene:

— Deus, que a todos sustenta.

O governador:

— Teu pai conhecia teus desígnios?

Irene:

— Não. Não tinha a menor idéia.

O governador:

— Algum vizinho sabia?

Irene:

— Pergunta-o a êles.

O governador, agastado:

— Quando voltaste das montanhas, como disseste que lá foste, lias os livros em presença de alguém?

Irene:

— Os livros estavam escondidos em casa e não ousávamos tomá-los. Vivíamos em grande tristeza por não podermos lê-los nem de noite nem de dia, como soía acontecer antigamente.

O governador:

— Tuas irmãs já sofreram o suplício ao qual foram condenadas. Quanto a ti, já incorreste no castigo da morte, antes de fugires, por teres escondido aquêles escritos. Não quero, porém, que morras tão já. Vou ordenar que te exponham nua num lupanar. Daqui do palácio te levarão um pão todos os dias, e os guardas terão ordens de não te deixar fugir, sob pena de morte.

— — — —

Irene foi protegida por Deus, porque ninguém ousou aproximar-se dela. Dulcetius, então, ordenou que a trouxessem de novo a interrogatório. Perguntou-lhe, assim que a santa virgem chegou:

— Ainda persistes na temeridade?

Irene respondeu-lhe:

— Não digas temeridade, dize: persistes no culto do verdadeiro Deus?

Dulcetius:

— Muito bem! Vais ser castigada pelo tom de insolência e pela obstinação.

Afastou-se, lavrou a sentença, voltou e leu-a:

— Como Irene não quis obedecer as ordens dos imperadores, persistindo em se apegar à religião dos cristãos, eu ordeno que seja imediatamente queimada viva, como o foram as irmãs.

— — — —

As Atas terminam assim, falando de Irene, que foi queimada viva no mesmo lugar em que as irmãs, gloriosamente, receberam a palma do martírio. Quanto aos demais, Filipa, Cássia, Eutíquia e Agatão, silenciam.

\* \* \*

## SANTA BURGONDOFARA (\*)

### *Abadêssa e Virgem*

Burgondofara, ou Fara, simplesmente, nasceu nas circunvizinhanças de Meaux, num lugar chamado Pipimisticum, e era filha do conde Chagneric e de Leodegonda. Irmã de Chagnoaldo, também santo, que foi monge de Luxeuil, e de Faron, santo igualmente, e bispo de Meaux, Burgondofara era ainda menina quando, exilado, Columbano, passando por Pipimisticum, deu-lhe a bênção e votou-a ao Senhor.

Moça, os pais quiseram casá-la. Doente repentina e misteriosamente, eis que Eustásio, sucessor de Columbano, passou pelo lugar em que a jovem vivia. E, sabendo do que lhe ocorria, prometeu a Chagneric se a consagrasse a Deus, que haveria de curá-la.

Feita a promessa, Eustásio curou-a, mas o pai, voltando atrás na palavra dada, tratou de dar andamento ao noivado da filha.

Burgondofara, então, de comum acôrdo com uma fiel servente, deixou a casa dos pais, fugiu, e foi asilar-se numa igreja que estava dedicada aos santos Apóstolos.

O pai, cheio de furor, reuniu alguns escravos, e mandou-os à procura das fugitivas. Descobertas,

quiseram matá-las. E Burgondofara, avançando, disse-lhes:

— A morte não me espanta, tirai a prova aqui na igreja mesmo. Serei feliz se puder dar a vida por Aquêlê que por nós nos deu a sua.

Quando Eustásio inteirou-se do sucedido, re-preendeu severamente a Chagneric, e dêle conseguiu obter, para a santa virgem, o consentimento para fundar um mosteiro — depois o que se chamou Faremoutiers.

Terminado o mosteiro, o bispo de Meaux consagrô a igreja, colocando-a sob a invocação da santíssima Virgem e de São Pedro, a Burgondofara conferindo a bênção abacial.

Muitas jovens, num instante, povoaram a nova casa, que, sob a regra de Columbano, passou, tempos depois, a viver debaixo da de São Bento.

Santa Burgondofara viveu quarenta anos naquela sua fundação, falecendo em 657.

Os funerais da doce abadêssa foram solenes e concorridíssimos. Landry, bispo de Paris, a um apêlo de Faron, irmão da santa virgem, compareceu, acompanhado do clero e de inúmeros diocesanos.

Conforme a vontade da defunta, enterraram-lhe o corpo diante do altar de Santa Maria, numa tumba de pedra, antecipadamente preparada por Burgondofara mesma.

Quarenta anos depois, a pedido das religiosas, o abade Maieul, que governava Santa Cruz de Meaux, com a autorização do bispo, desenterrou o

corpo de Santa Burgondofara, que, num relicário, ficou exposto à veneração pública.

O culto que se rendeu a santa abadêssa, desde que faleceu, continua vivo até hoje.

Santa Fara ou Burgondofara é, principalmente, invocada contra males dos olhos.

\* \* \*

## SÃO NICETAS (\*)

### *Abade e Confessor*

Nicetas nasceu em Cesaréia, Bitínia. Com oito dias de vida perdeu a mãe, e o pai, chamava-se Filareto, deixou o filho aos cuidados da avó.

Nicetas cresceu amando a solidão. Doce, amável e sossegado, instruiu-o um venerável santo velho, que, tendo no discípulo vislumbrado promissoras disposições para a vida religiosa, encaminhou-o a um mosteiro que recentemente se fundara no monte Olimpo, por São Nicéforo, o de *Medicion*.

Nicetas progrediu no caminho da santidade a passos largos. E Tarásio, em 790, conferia-lhe o sacerdócio.

Nicéforo, pouco depois, confiava a Nicetas a conduta espiritual de seus religiosos, bem como a um outro virtuoso monge, Atanásio, que seria, desde então, amicíssimo do santo.

Mortos Nicéforo e Atanásio, Nicetas foi escolhido como o novo abade. Modelo perfeito de tôdas as virtudes, humílimo, de uma simplicidade fora do comum, Deus premiou-o com o dom dos milagres e o domínio sôbre os demônios.

São Nicetas sofreu sob Leão, o Armênio, que vinha renovar a heresia iconoclasta.

Reunindo um falso concílio na igreja de Santa Sofia, encontrou tenaz resistência por parte dos bis-

pos católicos. Procurando convencer os governantes de mosteiros, aos quais chamou ao palácio, também nada conseguiu. Passou, então, da persuasão à violência.

Nicetas foi um dos que mais se opôs ao tirano. Prêso, foi atirado ao mais infecto calabouço. Insultado, ultrajado, o bom do santo abade, generosamente, a tudo suportou com imensa coragem.

Da masmorra, São Nicetas, pouco depois, era transferido para um castelo afastado, no campo, onde experimentou tôda a sorte de privações. Mais tarde, sob a guarda de um oficial, Zacarias, que o tratava com doçura, Nicetas viveu, mas por pouco, com certas regalias: Leão, o Armênio, tendo conhecimento daquela benevolência, resolveu, impacientado, exilar o santo numa longínqua ilha, onde o paciente confessor viveu quatro ou cinco amarguíssimos anos.

Foi nesta altura que Deus lhe conferiu o dom dos milagres.

No Natal de 820, findava, massacrado, o imperador Leão. A paz retornou à Igreja e Nicetas voltou do degrêdo, fixando-se perto de Constantinopla. Vivendo retirado, todo dado às mais severas austeridades, faleceu calma e docemente, quatro anos depois do duro Armênio — a 3 de abril de 824.

Todos, em Constantinopla, choraram-lhe a morte. E Teófilo I, arcebispo de Éfeso, e José, arcebispo de Tessalônica, assistiram-lhe aos funerais.

Conduzido o corpo para *Medicion*, São Nicetas foi enterrado na tumba de Nicéforo, que êle mesmo, há tempos, ordenara se construísse.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADO GANDOLFO DE BINASCO (\*)

### *Confessor*

O bem-aventurado Gandolfo nasceu, segundo se crê, em Binasco, na Lombardia, quando ainda São Francisco de Assis revolucionava o mundo de então.

Na ordem franciscana, onde entrou, Gandolfo sobressaiu-se pela humildade, o amor à oração e o zêlo incomensurável que votava à salvação das almas.

Professando no convento de Palermo, deixou-o, com autorização dos superiores, e foi viver a vida que ardentemente desejava, na solidão. E a solidão, encontrou-a êle em Polizzi, na Sicília.

Embora amasse o êrmo, deixava-o, de tempos em tempos, tal o zêlo, para pregar às populações. Conseguiu, assim, converter numerosíssimas almas para o Senhor.

Conta-se dêle que, um dia, pregando em Polizzi, não conseguia fazer-se ouvir distintamente, por mais que elevasse a voz, tal a balbúrdia que imenso bando de andorinhas fazia, a voejar sôbre a vasta praça em que se achava, rodeado de grande massa, ansiosa por ouvi-lo. Então, erguendo os olhos para

as irrequietas avezinhas azucrinantes, dirigiu-lhes a palavra, pedindo-lhes que se calassem até que terminasse a prédica.

O silêncio foi instantâneo. E enquanto o bem-aventurado fazia a sua prédica, limitaram-se as graciosas aves a voltejar no azul do céu, como se fôsem mudas.

Morto em paz, no ano de 1260, o bem-aventurado Gandolfo de Binasco foi enterrado na principal igreja de Polizzi.

Leão XIII, em 1881, confirmou-lhe o culto.

-----

No mesmo dia, na Nicomédia, Bitínia, São Donato, mártir, em 308.

Em Mísia, Santo Agathemère, mártir (época desconhecida).

Em Clermont, Auvergne, Santo Úrbico, bispo, do qual São Gregório de Tours escreveu que, quando foi escolhido para suceder Austremoine, era casado. A espôsa, conforme às regras eclesiásticas, deixou-o. Contudo, de quando em quando, tinha ela permissão para ver o ex-marido. Caindo Úrbico, de uma feita, em tentação, sofreu cruéis remorsos, que o levaram a uma dura penitência para o resto da vida. Governando santamente o rebanho, faleceu em 312, sendo enterrado na cripta de Chantoin.

No Oriente, São José, o Hinógrafo, confessor, assim cognominado em virtude de vários hinos que compôs em honra de santos, nasceu em Siracusa, na Sicília, em 813. Como São Nicetas, sofreu sob o

imperador iconoclasta, Leão, o Armênio. Faleceu em 886.

Na Baviera, o bem-aventurado Thienton, abade e mártir. Depois de ter santamente governado a abadia de Wissenbrun, na Baviera, foi morto pela fé com seis dos seus religiosos. Os hunos ou húngaros, inimigos de Jesus Cristo, invadindo as terras do império com tremendo exército, assassinaram com requintes de crueldade os ministros de Deus.

No Curdistão, os bem-aventurados Conrado da Saxônia e Estêvão da Hungria, mártires. Dois religiosos da ordem dos irmãos menores, enviados ao Curdistão, promoveram ardentes pregações pela fé católica em Ivéria (1). Em contínuas discussões com os cismáticos do rito grego, por êstes foram mortos, em 1282.

Em Taormina, na Sicília, São Pancrácio bispo, o qual, sofrendo o martírio, selou com sangue o Evangelho de Jesus Cristo, que havia pregado nessa cidade, para onde o apóstolo São Pedro o enviara.

Em Tomi, na Cítia, os santos mártires Evágrio e Benigno.

Em Tiro, Santo Vulpiano, mártir, que foi cosido em um saco com uma víbora e um cão e depois atirado ao mar, durante a perseguição de Maximiano Galério.

\* \* \*

---

(1) Atualmente Geórgia.

## 4.º DIA DE ABRIL

### SANTO ISIDORO

#### *Arcebispo de Sevilha*

Santo Isidoro era irmão de São Leandro, que o precedera como arcebispo de Sevilha; de São Fulgêncio, bispo de Astigila; de Santa Florentina, abadessa. Seu pai, chamado Severiano, era duque de Cartagena. Isidoro foi educado desde a infância por Leandro, o irmão mais velho. E ajudou-o muito na conversão dos visigodos da Espanha. Leandro morreu em 27 de fevereiro de 596. Isidoro sucedeu-lhe na sé de Sevilha, que ocupou perto de quarenta anos. Morreu em 636. Foi a alma de todos os concílios que se realizaram no seu tempo, na Espanha, e foi mesmo presidente de diversos dêles.

Quando previu a proximidade da morte, redobrou as esmolas. E, de tal forma, que, durante seis meses, mais ou menos, se via uma multidão de pobres, desde a manhã até a noite. Sentindo que o mal progredia, mandou chamar dois bispos, para receberem dêle a penitência pública. Fêz-se transportar da cela para a basílica do mártir São Vicente, seguido de grande multidão de clérigos, religiosos e de povo, que lançavam gritos capazes de partir os corações.

Chegado à basílica e colocado no meio do côro, diante do altar, mandou que as mulheres se retirassem, a fim de que somente homens estivessem presentes, quando recebesse a penitência. Então um dos bispos lhe colocou o cilício, outro a cinza. Depois, êle, erguendo as mãos para o céu, rezou em voz alta a oração pela qual pedia perdão pelos pecados. Após o que, recebeu da mão dos bispos o corpo e o sangue de Nosso Senhor. Recomendou-se às orações de todos os assistentes, pediu-lhes perdão da maneira mais humilde possível, perdoou as dívidas aos devedores, recomendou a todos a caridade recíproca e mandou que fôsse distribuído aos pobres o que ainda lhe restava de dinheiro. Por fim, a seu pedido, todos os presentes lhe deram um beijo, como eterno testemunho do perdão que lhe concediam. Era sábado santo. De volta para o quarto, lá morreu, em paz, quatro dias depois, numa quinta-feira, 4 de abril, dia em que a Igreja lhe celebra a memória. Foi Redempto, um de seus discípulos, que assim nos descreveu os últimos momentos do santo.

São Bráulio, bispo de Saragoça, disse em um panegírico: "Creio que Deus no-lo enviou para reerguer a Espanha decaída, restabelecer os monumentos dos antigos e impedir que envelheçamos na rudeza." Êsse elogio diz muito, mas é justificado pelas obras. O que Boécio e Cassiodoro haviam feito na Itália, Santo Isidoro fêz na Espanha. Resumiu todos os conhecimentos humanos de maneira clara e sucinta, de modo a servir de iniciação aos novos povos do Ocidente em tudo quanto a Antiguidade havia deixado de bom e de útil.

A principal obra dêsse gênero é *As Origens ou Etimologias*, escrita a pedido do amigo Bráulio, que

o dividiu em vinte livros, não tendo podido Santo Isidoro dar-lhe o último toque. É uma verdadeira enciclopédia que enfeixa, em resumo, tudo quanto se sabia no século sétimo.

À grande obra de Santo Isidoro devemos acrescentar três opúsculos: *Diferença e propriedades das palavras*, um como que dicionário de sinônimos; *A Natureza das coisas*, tratado de astronomia e de cosmografia, dedicado ao rei Sisebut, que o havia encomendado; *A Crônica*, ou o escôrço de história universal, desde o comêço do mundo até o ano de 626 da era cristã; a *História dos reis godos, vândalos e suevos*; o *Catálogo dos escritores eclesiásticos*, como seqüência aos de São Jerônimo e de Grenade de Marselha; o livro sôbre *A vida e a morte dos santos do Velho e do Novo Testamento*; diversos tratados de moral, nos quais reina a piedade; comentários à Escritura santa; três livros de sentenças, recolhidas aos escritos dos antigos doutôres, e sobretudo de São Gregório o Grande; dois livros contra os judeus, dedicados a sua irmã Santa Florentina; a regra para os monges do mosteiro de Honori, que êle havia fundado; os dois livros de ofícios eclesiásticos, dirigidos a seu irmão São Fulgêncio, que, para ter uma obra escrita por Isidoro, lhe pedira desenvolvesse a origem dos diversos ofícios e as diversas cerimônias da Igreja.

★ ★ ★

## SÃO PLATÃO

### *Monge grego do século oitavo*

São Platão, natural de Constantinopla, de família nobre e riquíssima, após ter distribuído os bens entre os pobres, retirou-se para o mosteiro do monte Olimpo, na Bitínia, onde sucedera em 770, ao abade Teoctista. Doze anos depois, negócios inadiáveis o obrigaram a ir a Constantinopla, onde estava tão esquecido, que nem os próprios sobrinhos sabiam se êle ainda estava no mundo. Mas a virtude que possuía o fêz conhecido e as exortações produziram frutos. Conseguiu reunir as famílias divididas, aboliu os juramentos, obteve fartas esmolas e operou grande número de conversões. Tôda sua família renunciou ao mundo. Fundaram um mosteiro perto de Constantinopla, que denominaram Sacudião. Platão foi-lhe o primeiro dirigente, no ano de 782. Como abade dêsse mosteiro, assistiu ao segundo concílio de Nicéia. No ano de 794, atacado de uma doença que acreditava mortal, pediu nomeassem um sucessor. Seu sobrinho Teodoro, foi, então, escolhido para o cargo.

Aconteceu que o imperador Constantino VI repudiou a esposa legítima e, contra a vontade do patriarca Tarésio, desposou uma jovem chamada Teodota, da família de São Platão. O santo, refa-

zendo-se da doença, declarou-se contra o casamento. O imperador, irritado, ameaçou-o com o exílio, com flagelamento e com mutilação dos membros. Monges a êle se dirigiram e cartas lhe foram escritas, com o fito de fazê-lo desistir das invectivas. Inútil, porém. O imperador mandou que o trouxessem à sua presença. Diante do monarca, o santo continuou firme, condenando-lhe a união ilícita. Foi, então, prêso em uma cela estreitíssima, por ordem do imperador, que mandou também alguns bispos ir lá convencê-lo a aprovar, apenas por palavras, o casamento. Dessa forma, conseguiria a liberdade. Reprovado pelos monges e por leigos, pelos parentes e por desconhecidos, o santo continuou firme e sofreu a perseguição durante um ano inteiro.

Teodoro, seu sobrinho, não foi menos inquebrantável. Os principais cargos estavam nas mãos dos parentes. Nicéforo, seu primo, era prefeito de Constantinopla; de nada adiantaram os pedidos dêste. Teodoro foi até mais longe do que o tio; proibiu os monges de se comunicarem com o imperador em assuntos que diziam respeito à religião. Foi chicoteado, juntamente com os monges, retirado com êles do mosteiro e levado, de pés e mãos amarrados, à Tessalônia, para lá viver exilado. De lá escreveu a São Platão a respeito do que acontecera, da separação entre êles, e a viagem, em todos os pormenores. Escreveu também ao Papa. Dêste recebeu uma resposta cheia de elogios pela prudência e firmeza demonstradas.

Comovidos com o exemplo de São Platão e de São Teodoro, os monges e os bispos do Quersoneso, do Bósforo, da costa e das ilhas vizinhas, declararam, por seu turno, ao imperador a excomunhão; e não

deixaram intimidar-se pelas ameaças, nem dobrar-se pelos presentes. Perseguidos que eram, tornaram-se ardorosos condenadores do casamento escandaloso do imperador. Dessa forma, conseguiram que muitos, que haviam imitado o exemplo do monarca, voltassem atrás.

São Platão, com os dois sobrinhos, São Teodoro e José, arcebispo da Tessalônia, sofreu, pelo mesmo motivo, durante o reinado do imperador Nicéforo, que os condenou por intermédio dos bispos de côrte e os enviou para o exílio. Os três confessores encontraram apoio unicamente no papa São Leão III, ao qual escreveram tudo quanto havia acontecido. Êste, respondendo-lhes, conseguiu mantê-los inabaláveis. Com o imperador Miguel I, a paz foi restabelecida e confirmada pelo Papa.

Voltando do exílio, São Platão se encerrou na cela, para levar vida reclusa. Mas, com a idade de 79 anos, foi obrigado a mudar de regime, porque não tinha já forças para atender, sozinho, sem o auxílio de outra pessoa, às necessidades do corpo. Ficava ora deitado, ora sentado, recitando os salmos, rezando mentalmente, falando aos frades para os instruir, exortar e consolar; não podia ajoelhar-se, nem ler por si mesmo. O que mais o afligia era não poder assistir ao ofício divino, nem trabalhar. Agradecia a Deus o alívio que lhe causavam à enfermidade, a alimentação ou o banho, do qual usava por obediência. Estava, porém, contristado, por ter de amenizar a austeridade da vida. Durante a quaresma de 813, ficou doente. E embora fôsse época de retiro, vários monges de fora não deixaram de visitá-lo. O patriarca Nicéforo também compareceu com todo o seu clero. Recomendou-se às orações do santo, abraçou-o ter-

namente e apagou tôda impressão que pudesse restar da separação existente anteriormente entre êles. O enfêrmo perdoou a todos os que o haviam perseguido e rezou por êles. Quando o abade Teodoro lhe perguntou se não queria dispor de nada, segurou-lhe o hábito e lhe disse com voz apagadíssima: "Não tenho mais nada, já dei tudo". Com o peito oprimido, movia ainda os lábios e cantava um cântico da ressurreição, quando expirou no sábadô, véspera do domingo de Ramos, no dia 19 de março do ano de 813.

Acredita-se que a semana santa e a da Páscoa tenham feito com que a solenidade dos funerais fôsse realizada no dia 4 de abril, dia em que a Igreja lhe celebra a memória. O patriarca realizou essa cerimônia com grande profusão de luzes e quantidade enorme de perfumes. E foi, pelo que parece, nessa ocasião que São Teodoro Studita pronunciou a oração fúnebre de São Platão, seu tio e pai espiritual, que é, aliás, a única vida que temos dêsse santo. Apenas o colocaram na sepultura, multidão enorme se comprimiu ao redor, não desejando perdê-lo de vista.

\* \* \*

## SANTOS AGÁTOPO E TEODULO (\*)

### *Mártires*

Agátopo e Teodulo pertenciam à Igreja de Tessalônica. O primeiro, já bem idoso, era diácono, e o segundo, moço ainda, leitor.

Presos, quando se desenrolava a perseguição levada a efeito por Diocleciano, no século VI, foram encaminhados à presença do governador, que se chamava Faustino.

Faustino, caviloso, resolveu interrogá-los separadamente, e ordenou que, em primeiro lugar, fizessem entrar o jovem leitor.

A Teodulo, Faustino principiou a falar com doçura, tudo fazendo para que o moço membro da Igreja de Tessalônica renegasse a fé. Nada obtendo, entregou-o aos soldados, e deu ordens para que lhe trouxessem o velho Agátopo.

Ao diácono, assim que com êle se viu a sós, disse que Teodulo, estudando-se, caíra em si e resolvera sacrificar aos ídolos.

Agátopo, com um largo sorriso, onde a incredulidade era manifesta, exclamou:

— É falso!

Faustino, vendo frustrado o plano que debuxara, impacientou-se, exasperou-se, e, sem mais, enviou os dois cristãos ao cárcere, onde, pouco depois, a ambos, um grande número de fiéis apareceu a visitá-los, a consultá-los.

Faustino, então, resolveu executá-los sem tardança, temeroso de que muitos dos habitantes do lugar, num futuro muito próximo, se recusassem a sacrificar aos deuses, suggestionados pelos que procuravam os dois valorosos confessores do Senhor Jesus Cristo.

Assim, Agátoto e Teodulo, amarrados de pés e mãos, com pesadas pedras atadas ao pescoço, foram, numa barca, atirados ao mar.

Diz-se que as cordas se romperam, as pedras soltaram-se, e os cadáveres do diácono e do leitor, pelas ondas, foram docemente levados à praia, e que piedosas almas, recolhendo-os, sepultaram-nos religiosamente.

\* \* \*

## SÃO TEONAS DO EGITO (\*)

### *Confessor*

Teonas, ao que se sabe, levava vida de solitário numa pequenina ermida perto de Oxyrinchus, na Tebaida.

Durante trinta anos, permaneceu no mais absoluto silêncio, para, não falando aos homens, melhor se entreter com o Criador.

Aos que o procuravam, buscando lenitivo para os males, que Deus ao fiel confessor concedera o dom dos milagres, limitava-se, duma janelinha, a lhes dar a bênção, curando-os, segundo a vontade do Senhor.

Um dia, foi obrigado, por amor de Deus, a falar com os que o solicitavam diariamente. Ladrões, acreditando que Teonas, na ermidazinha, possuía grande fortuna, resolveram assaltá-lo e matá-lo.

O facinoroso grupo, assim que se propunha entrar, ficou instantaneamente imobilizado. Era, dir-se-ia, uma estatuária.

No dia seguinte, quando os moradores do lugar apareceram para, como de costume, receber a bênção do santo homem, deram com os ladrões como que petrificados. Exacerbados, com grande alarido, propuseram queimá-los a todos, vivos.

São Teonas, então, da janelinha, que a tudo vira e ouvira, gritou, quebrando o silêncio de trinta longos anos.

— Não! Deverão partir sem que se lhes faça qualquer mal, caso contrário o Senhor de mim arrebatará a graça de curar vossos males!

Todos, então, sofreram o feio ímpeto, e os ladrões, que voltaram a normalidade, deixaram, assustados, o lugar, indo, depois, nos mosteiros da vizinhança, fazer penitência.

São Teonas faleceu em 395.

★ ★ ★

## SÃO ZÓSIMO (\*)

### *Abade e Confessor*

Zósimo, desde muito moço, passou a professar num dos mosteiros da Palestina, onde viveu por cinquenta e três anos, adquirindo formidável experiência na arte de dirigir as almas.

Orgulhoso, por uns tempos, daquela perfeição, caiu em si, e Deus, bondoso, fêz-lhe ver que, para livrar-se de tal perigo, devia deixar o mosteiro e demandar outro, mais afastado.

Zósimo procurou um dos mais longínquos da região, lá para as bandas extremas do rio Jordão.

Os componentes desta nova comunidade, aos quais se ligou, não mantinham relações com outros homens. Levavam vida absolutamente apartada do mundo, com o qual jamais mantinham qualquer comércio.

Dedicando-se aos trabalhos manuais, que eram acompanhados pela oração e o canto de salmos, praticavam, uma vez por ano, a começar do primeiro domingo da quaresma, a solidão. Atravessavam o Jordão e iam embrenhar-se nas asperezas do deserto,

onde se deixavam ficar até o domingo de Ramos. Voltavam, então, naquele festivo e santo dia, ao mosteiro, e ali, juntos celebravam as festas da paixão e da ressurreição do Senhor Jesus Salvador nosso.

Em 430, numa daquelas avançadas pelo deserto, Zósimo, já abade, mais se aprofundou na solidão, procurando viver mais afastado ainda do que comumente.

Viu, então, depois de longo andejar estafante, desenhar-se, a certa distância, uma como forma humana estendida no chão, mas tão estranha, que, fazendo o sinal da cruz, acautelou-se e diminuiu a marcha, julgando tratar-se dalgum espectro.

Quando chegou, deu com um ser vestido de farapos, tostado do sol, acobreado, de compridos cabelos brancos a escorregar, ressequidos e quebradiços, pelas magras espáduas tôda ossos.

Zósimo entreparou. E um grande desejo de lhe dirigir a palavra, de saber quem assim, naquelas funduras, se dava a tamanha penitência jamais vista, dominou-o todo.

O estranho sêr, ao dar com o santo abade, fugiu. E Zósimo certificou-se, então, que se tratava duma mulher.

— Por que me foges? gritou-lhe, servidora de Deus? Não deixes de falar a um ancião, qual eu sou, por amor daquele que te fêz ater-se a tão rigorosa penitência!

A mulher, depois de correr uns poucos metros, procurando ganhar a espessura duma floresta logo mais adiante, voltou-se e respondeu:

— Abade Zósimo, perdoa-me, sou uma mulher pecadora, a quem o pudor não permite aproximar de ti sem estar coberta. Se queres falar-me, joga-me o teu manto para que me componha.

Zósimo, admiradíssimo por cuvir o próprio nome pronunciado por lábios de quem jamais, em tôda a vida, vira, finalmente despojou-se da capa que lhe pendia dos ombros e atirou-a à mulher.

Ela, vestida a capa, aproximou-se, a chorar:

— Pai Zósimo, disse-lhe entre fundos soluços sentidos, que queres tu desta pecadora?

— Quero tua bênção, respondeu o abade.

— Antes, dá-me a tua, já que és sacerdote e te achegas dos santos altares seguidamente.

Zósimo estava cada vez mais admirado. Disse:

— Sim, sou sacerdote, mas tu, em méritos, diante de Deus, ultrapassas-me de muito, uma vez que Êle permitiu que tu soubesses quem sou eu, e eu, quanto a ti, permaneço na mais completa ignorância. Por Deus, consola-me com a tua bênção.

Ela, depois dum certo silêncio, exclamou:

— Bendito seja o Senhor do céu e da terra, o qual tem um grande cuidado com a salvação das almas.

— Amém, respondeu Zósimo com unção.

Viu, então, que a castigada mulher jazia em êxtase. E tão esquisitamente se pusera, que o santo abade perguntou-se se não estaria, verdadeiramente, diante dum espectro.

— Que temes? perguntou-lhe ela, findo o arrebatamento, como que lhe adivinhando o pensamento. Não sou espírito, sou uma simples mulher, feita de terra e de cinzas.

Zósimo sentiu, então, o insopitável desejo de lhe conhecer a história. E a mulher, satisfazendo-lhe a curiosidade contou-lha (Maria Egipciaca, 2 de abril).

São Zósimo morreu três anos depois da penitente, em 425, bastante avançado em anos.

\* \* \*

## SÃO BENEDITO (\*)

### *Confessor*

Benedito, apelidado o Mouro, o Prêto, de São Filadelfo ou de *San Fratello*, nasceu na Sicília, de pais deveras piedosos. Natural da aldeia de São Filadelfo (1), na arquidiocese de Messina, era filho de escravos.

Nos hagiógrafos, Benedito aparece como São Bento, o Mouro, para ficar bem distinto do grande Patriarca dos monges do Ocidente, São Bento de Núrcia, o decantado fundador da Ordem dos Beneditinos.

Os portugueses, que nos transmitiram a devoção ao milagroso santo prêto, para diferenciá-los, ao nosso muito cultuado santo chamaram Benedito, como também o fizeram os italianos, denominando-o *Benedetto*.

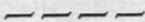
Os franceses, a São Bento, chamam-no *Benoit*, simplesmente, sem outro atributo qualquer, e ao filho

---

(1) Hoje de **San Fratello**, denominação que lhe ficou, como tudo indica, do santo, conhecido pelo nome comum aplicado aos religiosos leigos, **fratello**, ou **irmão**.

de *San Fratello, Bencit le More ou le Noir* — Bento, o Mouro ou o Negro.

Na liturgia atual, lê-se: *Benedictus de São Fieladelfo*.



Foi do apelido de Mouro, que a Benedito atribuíram os hagiógrafos a côr escura da epiderme? Frei Diogo do Rosário, falando da côr do santo, afirma: “Não foi filho de ilustres pais, mas de prêtos mui tostados”. Depois: “A mãe foi uma preta escrava”.

Os pais, Cristóvão McNassero e Diana Lercan, levados a Sicília, eram africanos de nação e escravos de condição, casados religiosamente, e, graças ao filho, à sua santidade e fama, tiveram os nomes a varar os anos, a enfrentar os séculos, chegando até nossos dias.

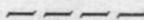
Seria São Benedito prêto mesmo? Ou mulato?

A palavra *mouro* pode deixar entrever a condição de escravo, mas os mouros, embora fôssem queimados pelo rude sol africano, não eram tão escuros. Ensina-nos a geografia que as populações do continente negro pertencem a duas raças — a caucasóide e a negróide. A caucasóide sempre ocupou o Egito e o Norte do continente, onde, então, desenvolveram-se brilhantes civilizações. Entrando pelo Saara, depois da Era Cristã, dali expulsou o negro, primitivo possuidor do vasto deserto. A história do povoamento da África é ainda pouco conhecida. Os mais antigos habitantes teriam sido homens de pequena estatura, os pigmeus. A estes, teriam sucedido negros, camitas e semitas. Os negros, possivelmente vindos

do leste, ocuparam o sul do continente, e, mais tarde, a zona sudanesa. Os camitas fixaram-se na África do norte e do nordeste. À invasão camita, sucedeu a semita, população branca, como também aquela o era. Os camitas foram, pois, os primeiros. São camitas puros, os felás do Egito, altos e magros. São também camitas os mouros.

Prêto ou não, pouco importa a côr do nosso santo, uma vez que à Igreja não interessa a côr do indivíduo, mas a alma. A côr não passa dum acidente, simplesmente, que à alma não afeta. Tanto é pura a alma dum branco como a dum negro.

São Benedito era escuro — assim, através dos tempos, vem-nos transmitindo a iconografia.



Diz D. Francisco de Paula e Silva na sua *Vida de São Benedito*:

“Nosso santo que, com Santo Elesbão, Santa Ifigênia e mais poucos outros, são os únicos *negros de côr* que figuram no hagiolôgio cristão, veio a êste mundo pelo ano de 1526. É pelo menos essa a data que figura nas Atas de sua beatificação, o mais autêntico documento que possuímos de sua vida. Governava a Santa Igreja de Deus, na Santa Sé de Roma, o papa Clemente VII.

“O mundo cristão passava por uma dessas fases de decadência que parecem anunciar-lhe a ruína completa. Mas a seiva do cristianismo é divina. E, quando o elemento humano que ela trabalha e fecunda, vai desfalecer, um vigor novo o agita, remodela e aperfeiçoa. A Santa Igreja, essa Nau divina,

a vogar no mar revôlto das paixões, no momento mesmo em que parece soçobrar, abre as velas pandas aos ventos das tempestades e singra por sôbre as vagas dos escarcéus com a segurança impávida do divino Pilôto, que segura o leme.

“Dois anos depois do nascimento do nosso Santo, a horda selvagem dos quarenta mil homens do Condestável de Bourbon tomava Roma e punha a cidade a saque! . . . A Europa estava dividida nas guerras de religião; o protestantismo progredindo assustadoramente como chama em seara sêca; e, no próprio seio do catolicismo, muitos pontos de disciplina andavam afrouxados ou completamente esquecidos.

“Deus, porém, não abandona a sua Igreja. Empenhou a palavra, dizendo “que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela, e que ficaria com ela até a consumação dos séculos”. E até hoje ainda não foi desmentida essa promessa; e nem o será jamais.

“Nesse mesmo século, Deus preparava, no Concílio de Trento, a reforma radical da Santa Igreja, e na Ordem nascente dos Jesuítas formava os terríveis batalhadores que haviam de dar golpes terríveis na heresia protestante! Ao mesmo tempo, fazia abrolhar, por tôda a parte, uma multidão de santos no meio de sua Igreja, como atestados vivos da santidade que nela sempre vive, embora por vêzes só em estado latente. São Tomás de Vila Nova, São Pedro de Alcântara, Santo Estanislau Kostka, São Luís de Gonzaga, Santa Teresa de Jesus, São João da Cruz, e tantos outros, como o preclaríssimo negro, que é o nosso santo. Todos concorreram com o exemplo das heróicas virtudes e portentosíssimos milagres, a restabelecer a fé e a religião por tôda a parte.

“É êsse um fato consolador para nós e bem capaz de alevantar nossa confiança abatida no meio dêste século de descrença e de apostasia religiosa. Deus prepara, no silêncio, os seus santos, os quais, como no tempo de São Benedito, hão de, um dia, aparecer, para reconduzirem a Deus as almas desviadas, e, ao clarão de suas virtudes, mostrar-lhes o caminho, ao mesmo tempo que serão como um protesto vivo, a bradar contra nossa indiferença e esquecimento da santa lei de Deus.

“O dia e o mês do nascimento de nosso santo, não nos foi conservado pela história”.

“Considerandc-se a condição dos pais, tal devia ter sido a sua vida, vindo a êsse mundo. E assim seria se seus pais não tivessem vivido na continência, até que o senhor, ao qual pertenciam, fêz-lhe a promessa de libertar o primogênito. Só então, o céu propício deu-lhes um filho, que recebeu no batismo o nome de Benedito, que quer dizer: abençoado ou bento.

“Abençoado, porque era dado, como uma bênção de Deus, às orações dos pobres escravos, que se reviam sobrevivendo no filho; livre, pela graça do sacramento da servidão do pecado, e não tendo a condição rude de escravo, graças à liberdade do piedoso senhor.

“Abençoado, ainda, porque, no correr dos séculos, seus devotos, reconhecidos, haviam de lhe bendizer o nome e os favores”.

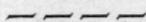
E D. Francisco de Paula, afirmando que São Benedito nasceu fôrro, continua, mais adiante:

“Nada nos legou a história sôbre a infância de nosso santo. Parece que Deus, que o destinava a

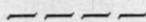
tão grande santidade nos mais obscuros e humildes empregos, quis que a sua infância passasse despercebida, e não fôsse mais do que a vulgar e comum infância dos outros meninos de sua condição.

“De sua educação, sabemos que foi formado com grande cuidado de Deus. Os pais, embora escravos, distinguiram-se por uma fé viva, um grande amor na piedade e no amor a Nossa Senhora, e uma caridade ardente. Não possuindo outros bens da fortuna a legar ao filho, quiseram pelo menos legar-lhe êsse da piedade, como a mais rica herança a lhe deixar.

“Benedito não aprendeu a ler nem escrever, o que, aliás, naquele tempo, era comum entre os de condição social mais alta que a do nosso santo. Mas aprendeu, desde muito criança, a rezar”.



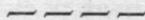
O menino Benedito foi pastor dos rebanhos que ao pai estavam confiados. Na paz do campo, quando tinha folga, ocupava-se com as coisas de Deus. E mais o fazia, quando, vítima dos maus tratos dos companheiros, procurava a solidão, com os animais. Ardentemente, então, a Jesus, que lhe era a fonte de tôda a consolação, dirigia-se longamente, orando sem cessar.



“O hábito do trabalho, continua D. Francisco de Paula e Silva, que os pais de nosso santo lhe incutiram desde criança, não deixou de produzir bem cedo seu efeito benéfico.

“Vendo a penúria dos pais, cujo trabalho mal chegava para a subsistência, e vendo que já podia ganhar a vida por si sem lhes ser pesado, deu-se ao trabalho com ardor e, à força de economias, chegou a possuir a soma suficiente para comprar uma junta de bois. Fêz-se, então, lavrador. Durante três anos, lavrou a terra e dela tirou o necessário para a própria subsistência. Inteiramente disposto a fazer a vontade de Deus, na condição em que o céu o fizera nascer, vivera contente com a sua sorte, e não pensava em mudar de estado. A piedade levava-o a santificar tôdas as ocupações.

“Enquanto os braços robustos trabalhavam para ganhar o sustento corporal, a alma alimentava-se com a meditação das verdades santas que a religião nos ensina. E assim viveu êle até os vinte e um anos”.



“A vocação para um estado mais perfeito é um chamado particular de Deus, continua o autor de *São Benedito*, o qual se está obrigado a seguir sob pena de pôr em risco a salvação eterna.

“Disso temos um exemplo no santo Evangelho. Jesus acabava de pregar à multidão silenciosa, que o escutava devotamente. Um moço, rico, inteligente, bom, chegou-se a êle e perguntou:

“— Que devo fazer para entrar no reino dos céus?”

“— Para entrar no reino dos céus, respondeu-lhe Jesus, debes guardar os mandamentos”.

“— Desde criança que os observo pontualmente. Que mais devo fazer?”

“— Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá o dinheiro aos pobres; depois vem e segue-me”.

“O Evangelho diz que o moço, ao ouvir estas palavras, ficou triste e retirou-se, porque, sendo muito rico, não queria deixar a fortuna. Êste não conseguiu a vocação, não quis ouvir o chamamento do Divino Mestre.

“Assim não foi com o nosso santo. Dizem seus historiadores que havia, perto de sua aldeia de *San Fratello*, um santo eremita chamado irmão Jerônimo Lanza. Um dia, passando pela roça onde Benedito trabalhava, viu outros roceiros que caçoavam do santo, ridicularizando-o porque era *negro*.

“Encarando o prêto, viu-lhe o semblante sereno: aquêle corpo negro escondia uma alma cândida. Re-preendeu os que o molestavam e lhes disse que dentro em breve haviam de ouvir falar daquêle *prêto* que tratavam com desprezo.

“Um outro dia, tendo encontrado de novo o nosso santo na sua casa de palha, disse-lhe:

“— Que está a fazer aqui, Benedito? Vende teus bois, e vem para meu eremitério”.

— — — —

Era, então, em 1547, e Benedito não hesitou um só instante. Estava com vinte e um anos, e logo Deus lhe conferiu o poder de fazer milagres. Uma

mulher, a que o câncer corroía, terrível e inexoravelmente, um dos seios, com um simples sinal da cruz sobre a chaga, curou-a instantaneamente.

Benedito e Lanza estavam então em Mancusa, e o milagre atraiu multidões para aquêlê êrmo. Fôra-se o sossêgo para o recolhimento, para a meditação. Onde as longas folgas para as penitências, para as orações?

Para fugir do povo que acorria a Mancusa, Benedito e Lanza foram obrigados, embora a contragosto, porque estavam agradados do lugar, a deixar aquela região.

Depois de terem parado, por quatro vêzes, aqui e ali, fixaram-se perto de Palermo, no Monte Peregrino, lugar agreste e maravilhoso ao mesmo tempo, que Santa Rosália havia ilustrado. Ali, Benedito, Jerônimo Lanza e outros piedosos irmãos que a êles se juntaram, ficaram por pouco tempo, como ermitães, sob a orientação de Lanza.

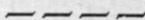
Quando Lanza faleceu, todos, de comum acôrdo, escolheram Benedito como superior. Eis, então, que o papa Pio IV, cancelando uma autorização outorgada por Júlio III, em 1550, ordenava que todos os eremitas se recolhessem aos conventos regulares das respectivas Ordens.

Benedito e os companheiros, filhos que eram, verdadeiros, da obediência, separaram-se, e o nosso santo, que já havia optado pelos capuchinhos, um dia, orando a Maria, no santuário de Palermo, inspirado, fêz-se para os irmãos menores da Observância.

Benedito, ali, foi recebido como simples irmão leigo. Era no convento de Santa Maria de Jesus, e o

doce prêto humilde edificou a todos os religiosos com a grande piedade e as extraordinárias virtudes.

Passando, pouco depois, para Sant'Ana de Giuliana, ali viveu êle por três anos, findos os quais, tornou a Santa Maria de Jesus, onde viveu até a morte.



Voltemos ao *São Benedito*, em que D. Francisco de Paula tão gostosamente escreveu sôbre o *Mouro*:

Santa Maria "foi o teatro de suas virtudes e de seus milagres, o lugar de sua morte e de seu descanso, e onde, ainda hoje, conserva-se seu santo corpo preservado da corrupção.

"Apenas chegado ao convento de Santa Maria, o superior encarregou-o do ofício de cozinheiro. Bem escolhido! A um prêto, dirá o mundo com seus preconceitos, fica bem o trato com as panelas, cujo fundo lhe retrata a côr.

"Se fôsse permitido emprestar ao superior do nosso santo intenção torcida e menos carinhosa, dir-se-ia que foi a côr do santo que lhe granjeou o ofício tão vil e tão baixo no convento. Mas, não; no serviço de Deus, nada é baixo e vil, e tanto se santifica o humilde leigo que passa a vida entre as panelas, e a atmosfera quente de uma cozinha, como o lente e o pregador eloqüente, que passam a vida entre livros raros e a atmosfera entusiástica dos alunos e dos ouvintes.

"O que é certo, é que foi traça misteriosa e misericordiosa da Providência, determinando ao superior de Benedito mandá-lo para cozinheiro, pois, com isso,

Deus mostrava a carinhosa proteção para com aqueles bons religiosos do convento, e ia fazer ressaltar a virtude admirável de nosso santo.

“Andava nosso santo assíduo no seu humilde emprêgo, muito contente de preparar a alimentação daqueles que se aplicavam no ministério da salvação das almas. E, temperando as panelas, não esquecia de condimentá-las com as suas orações, pedindo a Deus que, assim como êle preparava o alimento corporal para os irmãos, Êle lhe desse em abundância o alimento espiritual da graça, que tinha de repartir com as almas.

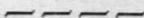
“Mas os dias se sucedem e não se parecem. O convento de Santa Maria achou-se, um dia, a sêco de provisão. A neve caía a flocos sem descontinuar. Impossível sair para esmolar. Era preciso, no entanto, dar de comer à comunidade. Nosso santo não se desalentou, lembrando do que disse o Divino Mestre: “Que a mão que veste os lírios e alimenta os passarinhos, não há de deixar seus filhos sem sustento”. Esperava, confiante.

“À noite, tomou consigo o irmão que o ajudava na cozinha. Encheram d'água as maiores panelas e vasos que havia. Depois, o santo negro chamava, como um novo Eliseu, a fecundidade de Deus sôbre a oblação de sua súplica amorosa e confiante oração. De manhã, Benedito e o companheiro vieram à cozinha. As panelas e vasos, preparados de véspera, estavam cheios de peixes ainda palpitantes e em grande quantidade, que bastaram para as necessidades de todo o convento.

“Um dia de Natal, o santo pretinho deixou-se tanto absorver pelo mistério da festa, e prolongou essa

oração por tal tempo, que se esqueceu da cozinha. O jantar, de que devia fazer parte, como conviva, o arcebispo de Nápoles, que viera pontificar no convento, estava todo por se preparar. A hora da refeição chegou. Vão para a mesa, e a mesa acha-se servida convenientemente, sem que nada falte!

“Maravilhas destas eram comuns em Santa Maria. E todos sabiam que o autor era o pretinho, a quem estava confiada a cozinha. Deus mostrava-se, assim, admirável em seu Santo, favorecendo a penúria dos religiosos e fazendo brilhar a santidade de Benedito”.



Em 1578, Benedito foi nomeado guardião do convento de Santa Maria de Jesus. Humilde, todo devotado à cozinha, procurou fugir do cargo, a todos fazendo ver que não convinha a um simples irmão leigo ser levado a tal pôsto, diante de tantos religiosos revestidos de caráter sacerdotal.

Afinal, invocando-se o preceito da santa obediência, as resistências, uma a uma, caíram por terra, e Benedito cedeu.

A conduta do milagroso pretinho justificou, plenamente, a escolha dos superiores.

Diz-nos frei Diogo do Rosário, referindo-se ao cargo de São Benedito:

“Foi coisa maravilhosa ver o cuidado, o amor e a humildade com que acudia às obrigações de seu ofício; quão pontual era em agasalhar os hóspedes, solicitar o remédio dos enfermos, e como acudia a tôdas as necessidades temporais e espirituais do convento.

“Como êste bendito e santo prêto se visse pôsto no candeeiro da prelazia, considerando que havia de ser o alvo e o espelho em que os seus súditos se vissem, nem por ser guardião faltou a um só ponto dos antigos exercícios da humildade e desprêzo de si mesmo. Assim, era mui continuo na cozinha e na horta; era o primeiro que tomava a vassoura para varrer o convento e servir aos demais religiosos”.

Um dia, Benedito foi obrigado a repreender um noviço, por uma falta grave. Repreendeu-o, mas o pobre era inocente. Quando a verdade veio à tona, o santo mortificadíssimo, em lágrimas, procurou o noviço, e, caindo de joelhos diante dêle, humildemente, de mãos postas, pediu-lhe perdão.

Aquilo, longe de lhe diminuir a autoridade, foi para todos motivo de edificação e de admiração.

Doutra feita, e isto para mostrar quão imensa era a sua confiança em Deus, que tudo provê, Benedito recomendou ao irmão porteiro que, sob qualquer pretexto, jamais recusasse esmolas aos mendigos, aos pobrezinhos que vinham bater, na sua necessidade extrema, à porta de Santa Maria.

Ora, um dia, o irmão porteiro fazia a distribuição de pão aos pobres. Quando deu por si, no grande cêsto pousado aos pés restava unicamente o número exato para os da comunidade. Então, embora entristecido, despediu de mãos vazias vários pobres. Sabe-dor do que sucedera, Benedito correu falar com o irmão porteiro. Perguntou-lhe:

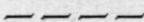
— Por que aquêles pobrezinhos vão assim sem nada?

Respondeu o porteiro:

— Pai guardião, eu contei os pães e vi que o que restava era certinho para os religiosos.

— Pouco importa, tornou São Benedito, dá a esmola aos pobres que a Providência de Deus não nos faltará.

O irmão porteiro obedeceu. Na hora da refeição, contou o que ficara de pães, e constatou que havia mais que antes da distribuição que fizera à porta do convento.



São Benedito amava os pobres, entranhadamente. Amava-os, porque, entranhadamente, amava a Deus. E foi por isso, pela caridade, que tão alto subiu na perfeição.

Ignorante, não sabendo ler nem escrever, era, no entanto, mestre de teologia.

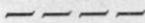
São Benedito costumava, depois das matinas, reunir os noviços, que no santo viam um guia infalível, e lhes explicava as lições da santa Escritura. Era de ver, então, com que facilidade, simplicidade e desenvoltura se desincumbia das aulas.

Mestres em teologia, muito amiudadamente, compenetrados, vinham consultá-lo. E frei Diogo conta que um ótimo teólogo dominicano, escrupulosíssimo, vivia cheio de dúvidas sobre determinadas questões. E, tendo já procurado vários e insignes teólogos, não viu dissipadas as nuvens que ensombreciam aquelas questões. Resolveu, então, um dia, entrevistar-se com São Benedito. Procurou-o, expôs-lhe as dúvidas. E o doce pretinho humilde, com uma breve e muito simples exposição, esclareceu o domi-

nicano, que deixou Santa Maria mais às voltas com a perplexidade do que com os pontos que vira, tão rapidamente, destrinchados.

Donde tanta ciência num ilustrado? Donde, senão de Deus?

Deus conferiu também ao cultuadíssimo São Benedito o dom da penetração dos espíritos e dos corações. E por mais de uma vez, aos noviços, descobriu-lhes as tentações, que êstes, temerosos, não lhe ousavam revelar.



Terminado o tempo de guardião, o santo tornou, e com satisfação, à cozinha de outrora. Estava felicíssimo. Ia ao encontro daquilo que amava: da vida obscura, apagada e escondida. Aquilo era, em verdade, o objeto dos seus desejos.

“Mas que cozinha singular a sua! diz-nos ainda D. Francisco. Ali se viam os mais nobres e ricos senhores, bispos e sacerdotes ao lado dos pobres e dos enfermos, que todos vinham pedir ao santo prezinho uma bênção, uma prece, um conselho, um milagre, uma esmola...”

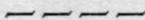
E era um prêto, um ignorante, um sem letras! Dizem as crônicas da Ordem:

“Benedito foi um mestre admirável, e assombrou os mais ilustrados com sua ciência, êle que nem sequer sabia ler!... Maravilhas de Deus, que escolhe os humildes, os pequeninos para confundir o orgulho e a soberba dos grandes e dos sábios segundo a carne!”

Tão grande santidade não podia ficar oculta no tranqüilo seio dum convento quieto, por isso que as mais ilustres personalidades do tempo ali iam ter. E

a todos, pacientemente, Benedito recebia, atendia, falava, aconselhava, incansável, embora ardesse pelo recolhimento, pela oração.

Depois dum dia tão cheio, cansado de corpo, mas com a alma leve e a cantar, matava o anseio que o consumia: passava quase que a noite inteira na contemplação. Recebia, então, não a ruidosa visita dos terrestres, mas a doce, silenciosa e sorridente visita da Mãe de Deus, que vinha em companhia dos anjos. E a Rainha dos céus, ali, consolava-o e instruía.



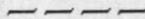
Com São Benedito, Deus não poupou graças. Cumulou-o pròdigamente. Os milagres que obrou, curando enfermos — cegos, surdos, aleijados — doentes, enfim, de tôdas as doenças, foram inúmeros. E os aflitos, os desconsolados, os desnorteados, com o santo, encontravam a calma, a consolação, o rumo perdido.

Duma feita, levaram ao santo cozinheiro de Santa Maria, uma criancinha morta. São Benedito enterneceu-se. Com infinitos de doçura, tomou-a nos braços. E fazendo sôbre o corpinho morto e enrijecido o sinal da cruz, depois de ter, fervorosamente, rezado o Padre Nosso e a Ave Maria, trouxe-lhe a vida.

Aclamado, São Benedito ficava abatido, êle que, assim o julgava, merecia o desprezo e a confusão. E a humildade do santo prêto, alarmada, levava-o a fugir, a esconder-se, para evitar as manifestações.

As manifestações, na vida do Santo, foram muitas. Quando ia em meio o seu terceiro ano de guarda, teve que ir participar do Capítulo da Ordem, então reunido em Girgenti. A viagem que fez foi um verdadeiro triunfo. Multidões acotovelavam-se para vê-lo passar, e o aclamavam e louvavam ruidosa, jubilosamente. Quando se acercava da cidade, foi a apoteose. O povo, que de há muito ouvia referências e referências sôbre as suas altas virtudes e o esplendor dos seus milagres, delirou. E a ovação foi tremenda.

Que fez, desde então, o nosso santo? Para evitar os aglomerados, os aplausos, dos quais se julgava muitíssimo indigno, deu de, desconfortavelmente, viajar a noite. E assim fez, desde aquela época, enquanto foi guarda de Santa Maria de Jesus.



Era em 1589, no mês de fevereiro. São Benedito, com sessenta e três anos de idade, com o corpo castigado pelos jejuns constantes, pelas macerações e pelas vigílias, adoecia.

Ouçamos, mais uma vez, a D. Francisco de Paula e Silva:

“Nosso santo percebeu que o fim se aproximava e exultou de alegria. A um religioso que o assistia na enfermidade, predisse o dia e a hora da morte.

“A êsse mesmo religioso, que na ante-véspera de seu passamento dizia não haver de faltar trabalho aos religiosos pelo concurso de gente que havia de afluir ao convento, nosso santo respondeu:

“— Nenhum terão. Não virá ninguém ao convento”.

“E assim aconteceu. Andavam os moradores de Palermo em festa, nesse dia, e ninguém veio ao convento.

“Exortou os irmãos à penitência, dizendo-lhes que na hora da morte se sentia muito o tempo desperdiçado no pecado, ou perdido sem proveito na salvação da alma. Foi muitas vêzes visitado pelos Anjos e Santos do Céu, que já vinham consolar na terra aquêles que seria em breve, dêles, companheiro na bem-aventurança.

“Numa dessas visitas extramundiais, que ficavam invisíveis para o irmão enfermeiro, notando êste a atitude do santo, seu rosto iluminado e resplandecente, de bôca meio aberta e de olhos fixos e parados, julgou que a alma de Benedito já se despedia, e deu-se pressa em encomendá-lo. O bem-aventurado desenganou-o, e advertiu que lhe daria aviso quando chegasse a hora.

“Confortou-se com os últimos Sacramentos, os quais recebeu com grandes sentimentos de piedade, como sempre o fazia. No dia 4 de abril, avisou o irmão enfermeiro, como lhe prometera, que era chegada a hora. Assentou-se na cama, com os olhos no céu, o rosto refulgente e iluminado, como vendo alguma coisa que os nossos olhos mortais ainda não podem ver, e que, no dizer dos biógrafos, era a visita que lhe faziam Santa Úrsula, de que era muito devoto, e muitos outros bem-aventurados que vinham para acompanhar a bendita alma para o céu. Disse em voz alta:

“— Senhor, em vossas mãos entrego meu espírito”.

“Reclinou-se de novo na cama, e, suavemente, como uma criança que adormece, entregou a bela alma nas mãos do Criador”.

— — — —

O corpo de São Benedito foi sepultado na tumba dos religiosos de Santa Maria. E os fiéis, em grandes bandos infindos, recolhidos, chorando baixinho, compareceram à última morada do doce prêto de Santa Maria de Jesus, para o último adeus.

Muitas curas, então dadas como impossíveis, foram observadas. E muitos mortos ressuscitaram.

Da Sicília, os milagres, transportados pela voz do povo, levou-lhe a fama de santo por tôda a Europa. E, em 1610, chegava à América, soprada de Portugal e da Espanha.

— — — —

Dentre o número infindo de milagres operados depois da morte do santo, citaremos dois.

Vivia em Leiria, Portugal, um homem muito devoto, Antônio de Azevedo, que tinha um filho chamado Manuel, que adoecera. E a enfermidade, progredindo e progredindo, deixou o pobrezinho em tal estado que os médicos, descoroçoados, depois de terem lançado mão de todos os recursos da ciência, deram-no como desenganado.

Manuel, pouco depois, falecia. E o pai, inconformado, ainda que na atarantação, lembrou-se de

São Benedito, o santo prêto que, no altar da igreja do convento de São Francisco, fazia milagres após milagres.

Saiu, então, a correr, abandonando o cadáverzinho do filho, entrou na igreja e, desesperado, ajoelhando-se diante da imagem do santo, ofereceu-lhe o filho, uma missa e a mortalha — que já a preparavam para o pequenino Manuel — se a êle fôsse restituída a vida.

Mais aliviado, Antônio de Azevedo deixou a igreja de São Francisco de Leiria. E, ao chegar em casa, encontrou o filho vivo, e tão saudável, que pôde, poucos dias depois, deixar a casa e, com o pai, cumprir a piedosa promessa.



A irmã Madalena da Ressurreição, filha dos condes de Castanheira, vivia entristecida e desconsolada por estar completamente surda e, pois, não poder, com as religiosas do convento em que professava, rezar o santo ofício no côro.

Ora, um franciscano, parente da irmã Madalena, um dia, foi visitá-la. E, ao par da surdez e do desconsôlo da religiosa, dias mais tarde enviava-lhe uma carta, dentro da qual uma relíquia de São Benedito. Habitado a ouvir referências sôbre os prodígios do santo, tinha certeza de que o poderoso pretinho havia de dar remédio à surdez da boa parenta piedosa.

A irmã Madalena recebeu a carta. E, como estava na hora de subir ao côro, para o costumeiro ofício, guardou a missiva dentro do hábito, para lê-la depois, com mais vagar.

Estando, então, tôda ocupada a louvar o Senhor, com muita unção e muita piedade, apareceu-lhe São Benedito. E, dizendo-lhe do conteúdo da carta, prometeu curá-la.

. Grande foi a alegria da irmã Madalena, quando, tendo-se recolhido à noite para o repouso, no dia seguinte, ao acordar, sentiu que os ouvidos, leves, estavam completamente abertos. Ouvia a religiosa com absoluta nitidez, e assim foi até o dia em que, santa e calmamente, a Deus entregou a boa alma a cantar hosanas.

— — — —

São Benedito, cujo corpo ainda hoje se encontra intato e espalha suave e fragrante odor, teve o culto aprovado por decreto da Santa Sé Apostólica em 1743, que lhe autorizou a missa e a festa.

Pio VII, em 1807, depois de novos, constantes e refulgentes milagres, levou ao catálogo dos santos o nosso grande e sempre invocado São Benedito de São Filadelfo, aquêle que em si trazia tal ardor na alma, queimando-se por Jesus Cristo, que muita vêzes se desfazia em lágrimas sem fim e soluços sem conta, despedaçado.

— — — —

No mesmo dia, em Poitiers, o bem-aventurado Pedro II, bispo e confessor, Arcebispo de Poitiers em 1087, substituiu o irmão Isemberto II na sé daquela cidade, eleito por causa da santidade. Faleceu em 1115.

No Cairo, os bem-aventurados Nicolau de Montecorvino e Francisco, da província da Terra do

Lavrador, mártires. Um soldado húngaro, chamado Tomás, que era muçulmano, caiu nas graças do sultão, tal a bravura e a belicosidade. Convertido por Nicolau, propôs-se, diante do sultão, renegar a Maomé, com a condição de que o irmão que o convertera fôsse dar-lhe apoio. Em caminho, encontraram Francisco, que, sabendo da resolução do convertido, acompanhou-os. Presos, os dois religiosos, dois dias depois foram mortos (1358).

Em Barcelona, São Vitor e Santo Aécio, bispos (época incerta).

Em Jerusalém, Santo Efrém, bispo e mártir. Décimo-terceiro bispo de Jerusalém, nos tempos do imperador Adriano, naquela cidade foi supliciado, fazendo jus à coroa dos mártires (século II).

Entre os gregos, São Georges, ermitão e confessor, que viveu nos desertos montes do promontório de Santo Anjo, Monte Maleon, Peloponeso, e que se impôs a mortificação dum perpétuo silêncio (século VI).

Na Cornualha, o bem-aventurado Guier, ermitão e confessor, no século IX. O rei Alfredo curou-se de pertinaz doença por sua intercessão.

Em Clairvaux, a bem-aventurada Aleta. Espôsa de Tecelino, e mãe de numerosos filhos, dos quais São Bernardo foi o mais célebre, faleceu em 1105, ou, como querem alguns autores, em 1110, sendo o corpo, em 1250, levado para Clairvaux.

Na Sicília, o bem-aventurado Guilherme, confessor, originário de Noto, da família dos Cufitelli, que deixou o mundo para tomar o hábito dos terciários de São Francisco. Observando a regra por

setenta anos, dizem dêle que, ao falecer, era então em 1404, os sinos das igrejas, por si mesmos, repicaram sonora e longamente. Paulo III beatificou-o em 1538. Em 1570, os seus compatriotas, preservados, pela intercessão do bem-aventurado, da peste que assolava as regiões vizinhas, escolheram-no como padroeiro.

Em Milão, morte de Santo Ambrósio, bispo e confessor. A festa principal dêste santo é adiada para 7 de dezembro, dia em que foi ordenado.

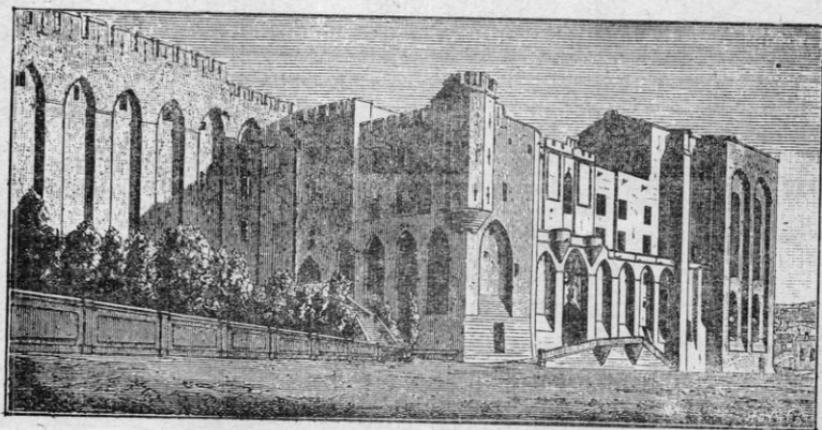
\* \* \*

## 5.º DIA DE ABRIL

### SÃO VICENTE FÉRRER

Quem não conhece São Vicente Férrer, sobretudo na Bretanha, onde terminou a vida? Nos séculos quatorze e quinze, renovou as pregações e os milagres dos apóstolos. Converteu milhares de infiéis, de heréticos, cismáticos, pecadores, na Espanha, em França e na Inglaterra, bem como na Alemanha e na Itália. Isto porque evangelizou todos êsses países, falando, como os apóstolos, diversas línguas. Mas, detenhamo-nos no que podemos imitar. Estudemos, por exemplo, como êle estudou. "Quereis estudar, dizia, de uma maneira que vos seja útil? Que a devoção vos acompanhe em todos os vossos estudos e que vosso fito seja alcançar a santificação e não a simples habilidade. Consultai mais a Deus que aos livros, e pedi-lhe com humildade a graça de compreender o que lerdes. O estudo fatiga o espírito e seca o coração. Ide, de quando em quando, reanimar tanto um como outro aos pés de Jesus Cristo. Alguns momentos de repouso em suas chagas sacrossantas, vos dão vigor renovado e novas luzes. Interrompei vosso trabalho com jaculatórias. Que a oração, enfim, preceda e termine vosso estudo. A ciência é um dom do Pai das luzes; não a olheis, pois, como obra de vosso espírito e de vossos talentos".

Natural de Valência, Espanha, nascido em 1357, entrou para a Ordem de São Domingos, em 1374. Morreu em Vannes, na Bretanha, em 1419, esgotado pelas austeridades e pelo trabalho. Renovou a fé e a piedade em grande parte da terra, com os milagres e as pregações. Contribuiu poderosamente para a extinção de um cisma, que há quarenta anos dividia a Igreja. Foi honorificado por reis e pelos povos. Que pensaria de si mesmo? Escutemo-lo: “Tôda a minha vida, disse, não é mais do que mau cheiro; meu corpo



O castelo dos papas, em Avinhão.

e minha alma estão infectos. Tudo em mim exala odor de corrupção, causada por abominações dos meus pecados e injustiças. E, o que é ainda pior, eu mesmo sinto essa exalação crescer dentro de mim, todos os dias, e tornar-se cada vez mais insuportável”.

Se os santos pensam dessa forma a respeito de si mesmos, que deveremos pensar de nós mesmos?

Vejamos como decorreram os dois últimos anos de sua vida. De Nantes, o apóstolo se dirigiu a

Vannes, em 1417, para lá saudar o duque da Bretanha, João V, que residia ordinariamente nessa cidade. Quando correu a notícia de sua chegada, o bispo Amauri de La Motte, o capítulo, o clero, o povo, e principalmente o duque, a duquesa, todos os príncipes e os senhores da côrte lhe foram ao encontro, na capela de São Lourenço, situada a um quarto de légua da cidade. Primeiro, Vicente foi à catedral. Depois, recusando modestamente o alojamento no castelo que o duque lhe cedera, preferiu a casa de um simples particular chamado Robin. No dia seguinte, que era o quarto domingo da quaresma, cantou a missa, como fazia ordinariamente, e pregou na praça de Lices, sôbre um estrado, já que a catedral era pequena demais para conter a multidão que queria vê-lo e ouvi-lo. Continuou a celebrar a missa solene e a pregar todos os dias, no mesmo lugar, até a quarta-feira da Páscoa, quando, então, se despediu do duque, do bispo, do capítulo, do povo, para se dirigir para o resto da Bretanha, onde iria pregar. Diversas pessoas de alta linhagem se uniram ao santo homem, quando partiu de Vannes e não o abandonaram durante tôda a viagem. Percorreu êle tôda a província com zêlo que não deixava oportunidade para sentir as doenças de que sofria. Quando subia ao púlpito, parecia tão fraco e tão debilitado, que não se podia crer pudesse falar; apenas começava o sermão, animava-se e pregava com tanto ardor, com tanta ciência, e com tanta clareza, como no tempo em que possuía tôdas as forças. Foi assim que evangelizou Guérande, Aurai, Redom, Guemené, Rostrenen, Pontivi, Crosic, Hennebon, Carhais, Guemperlé, onde se hos-

pedou na casa dos religiosos da sua ordem, Concarneau, Pont-l'Abbé, Quimper, Saint-Paul de Léon e Morlaix, onde foi recebido na casa dos dominicanos, seus confrades. Durante quinze anos permaneceu nessa cidade e ia pregar no alto da rua das Fontes, lugar elevado, acima da cidade, onde mais tarde foi erguida uma capela em sua honra. De Morlaix, o santo missionário foi a Lannion, Tréguier, la Roche-Derien, Guingamp, Chatelaudren, Saint-Brieuc, Lamballe, Quintin, Jugon, Saint-Malo, de onde partiu para Dinan. Aqui ficou dez dias entre os dominicanos. Encontrou nessa cidade uma praça adequada para pregação, uma das maiores do reino. De lá anunciou a palavra de Deus a numerosa multidão que de tôdas as partes acorreu. Da mesma forma, evangelizou Dol, Antrain, Bazouges, Fougères e Vitré. Depois, dirigiu-se a Rennes, onde foi recebido pelo bispo, pelo clero, pela nobreza, pelos magistrados e pela burguesia, com todo o respeito. O bispo mandara preparar-lhe um quarto no palácio episcopal. Mas o humilde Vicente não quis outro alojamento que o do convento dos confrades, os religiosos de Bonne Nouvelle. Durante o tempo em que estêve em Rennes, pregou em uma praça bastante espaçosa, chamada cemitério Sant'Ana. De Rennes, retomou o caminho de Vannes, por Montfort, Josselin, la Chèze e Ploermel.

Além dos trabalhos maravilhosos de missionário apostólico, exerceu até as mais insignificantes funções dos catequistas, não julgando pequeno tudo quanto pudesse servir para a glória de Deus e para a salvação das almas. Em determinadas horas, reunia ao seu

redor as crianças e lhes ensinava a fazer o sinal da cruz, a Oração dominical, a Saudação angélica e o Símbolo dos apóstolos. Ensinava-as a amar a Deus, a respeitar os pais e o próximo. Dando-se todo a todos, a exemplo do Apóstolo, acolhia os pobres com tanta consideração como aos ricos, e os homens mais obscuros como os mais nobres. Mostrava-se agradável a todos. As viúvas e os órfãos encontravam nêlo um defensor cheio de zêlo. Não se recusava a nenhum dos serviços que podia prestar aos irmãos. A virtude dos milagres, e o dom de se fazer entender mesmo pelos que não lhe conheciam a língua, o acompanharam à Bretanha como a todos os demais lugares que tiveram a felicidade de vê-lo. Mas, o corpo acabou sucumbindo sob os rigores da penitência e sob os trabalhos do apostolado.

Seus companheiros, vendo aproximar-se o fim de sua vida, procuraram convencê-lo de terminar os dias na Espanha. O grande interêsse que tinham nisso impediu-o de resistir aos pedidos. Todavia, não partiu imediatamente, lembrando-se das palavras que Nosso Senhor lhe dissera em Avinhão, e da ordem que lhe dera de ir às regiões do Oeste, pregar o Evangelho. Por fim, deixou-se vencer e, após ter-se despedido dos habitantes de Vannes, montou sôbre o burro e se pôs a caminho, à meia-noite. Mas depois de algumas léguas com os companheiros, encontrou-se, ao despontar do dia, às portas da cidade. Voltando-se para os irmãos lhes disse: "Reentremos nesta cidade, irmãos, pois o que nos aconteceu demonstra suficientemente que Deus deseja se verifique o fim de minha carreira".

Sua volta causou alegria geral aos habitantes. Em grande massa, acorreram homens, mulheres, crianças, para beijar-lhe as mãos e demonstrar-lhe a satisfação pelo retôrno. Por tôda parte se ouviam os sinos como nos dias das maiores solenidades. Só se ouvia: Bendito seja o que vem em nome do Senhor! Chegado à residência, disse aos habitantes da cidade: "Meus filhos, aprouve a Deus que voltasse para cá; não para pregar, mas para morrer entre vós. Ide, e que Deus vos recompense pela homenagem que quisestes prestar-me, por amor a Êle". Disse ainda outras coisas, que arrancaram lágrimas aos presentes e que mudaram em sensível aflição a alegria sentida por vê-lo de volta.

No dia seguinte, foi atacado de violenta febre, acompanhada de dores agudas em todos os membros, e de um esgotamento geral. Mas, com o espírito esclarecido, como nos melhores dias de saúde, chamou os irmãos e lhes anunciou o dia da morte. Fêz vir o sacerdote ao qual tinha o hábito de confiar os segredos de consciência. Confessou-se, pediu-lhe que lhe concedesse a absolvição geral, de acôrdo com o poder que lhe fôra outorgado pelo Papa Martinho V. Recebeu, em seguida, todos os sacramentos com redobrada devoção e passou três dias inteiros exortando à prática da virtude e à perseverança no bem de todos quantos tinham a felicidade de se aproximar dêle. Quando se espalhou na cidade a notícia de que havia recebido os últimos sacramentos, o bispo, a nobreza, os magistrados vieram vê-lo. Vicente lhes disse: "Senhores da Bretanha, se quiserdes lembrar-vos de tudo quanto vos preguei durante dois anos, conclui-

reis que nada melhor para vossa saúde do que conformar-vos à verdade. Não ignorais a que vícios vossa província estava sujeita, e que, de minha parte, nada poupei para vos reconduzir ao bom caminho. Dai graças a Deus comigo pelo fato de, além de me ter concedido o talento da palavra, haver tornado vossos corações capazes de serem tocados e levados para o bem. Não vos resta outra coisa senão perseverar na prática das virtudes e não esquecer o que vos ensinei. No que me diz respeito, desde que apraz a Deus que encontre aqui o fim de minha vida e dos meus trabalhos, serei chamado ao tribunal de Deus, não cessarei de implorar-lhe a misericórdia por vós, e vos prometo fazê-lo, contanto que não vos afasteis daquilo que vos ensinei. Adeus! Irei para junto do Senhor dentro de dez dias”.

Em seguida, para dedicar mais calmamente o resto da vida à contemplação, pediu que evitassem a aglomeração do povo. As dores foram aumentando. Entretanto, a paciência, mais ainda que as dores. Nas operações cirúrgicas mais duras, não se ouviu outra palavra que o nome de Jesus e o nome de Maria. Como não houvesse ainda casa religiosa da sua ordem em Vannes, as principais autoridades da cidade, querendo prevenir as disputas que pudessem sobrevir com respeito à sua sepultura, vieram perguntar-lhe onde desejava ser enterrado. A resposta foi: “Sou um pobre religioso que não se orgulha de outra coisa que da qualidade de servidor de Deus. Assim, encaro a salvação da minha alma como o único cuidado do qual devo ocupar-me. De resto, preocupo-me muito pouco com o que se relaciona com a sepultura para

meu corpo. Todavia, para que permaneçais em paz após minha morte, como tratei de vo-la oferecer enquanto aqui vivi, peço-vos permitais seja o prior do convento da minha ordem, que é o mais perto daqui, quem decida a respeito de minha sepultura”.

Nove dias depois, pediu que lhe fôsse lida a paixão de Nosso Senhor, segundo os quatro evangelistas. Em seguida ouviu os sete salmos da penitência, os quais repetiu com os demais salmos, até que as fôrças lhe faltaram por completo e a língua se tornou imóvel. Juntou as mãos, ergueu os olhos para o céu e entregou a alma a Deus, numa quarta-feira, dia 5 de abril de 1419, aos 63 anos de idade. A duquesa da Bretanha, filha de França, quis lavar-lhe o corpo, pessoalmente. A água que empregou nesse mister, serviu de remédio para a cura de inúmeros doentes. O duque João, o quinto com êsse nome, preparou homenagens magníficas a São Vicente. Eram tantos os que queriam ver o corpo do santo, que foi necessário guardá-lo durante três dias, para que se pudesse satisfazer a devoção do povo, que desejava vê-lo e tocá-lo. Foi mesmo necessário, por fim, cercá-lo com guardas armados, para que não o reduzissem a pedaços. Foi enterrado na igreja-catedral, ao lado do altar-mor. E Deus continuou a fazer, após a morte de São Vicente, tantos e mais milagres, por sua intercessão, quantos havia operado, por sua intercessão, durante a vida do santo.

Imediatamente após ter morrido, a maioria dos príncipes e prelados, das cidades e universidades que tinham tido a felicidade de conhecê-lo e de possuí-lo,

se dirigiram ao papa Martinho V, para lhe obterem a canonização. João V, duque da Bretanha, foi um dos mais ardorosos solicitadores dessa declaração, que terminou apenas em 1455, com o papa Calisto III. A bula da canonização foi publicada três anos após, pelo papa Pio II. Em 1456, desenterraram-no. Os espanhóis tinham pedido inútilmente que fôsse transportado para Valência. Resolveram, então, em 1599, roubá-lo secretamente, como tescuro que lhes pertencia. Para prevenirem alguma coisa, esconderam a urna que lhe encerrava o corpo. Mas, em 1637, descobriram-na, o que ocasionou uma segunda transladação, que se efetuou em 6 de setembro. Após o que, colocou-se essa urna em cima do altar de uma capela que acabara de ser construída na catedral. E lá ainda se encontra, exposta à veneração dos fiéis.

\* \* \*

## SÃO GERALDO (\*)

### *Abade e Confessor*

Geraldo era natural de Corbie, onde nasceu em 1025. Desde menino, consagraram-no os pais ao Senhor, colocando-o na abadia da cidade em que viera à luz.

Scsegado, afável e humilde, modelo dos monges, com os quais fraternalmente vivia, Geraldo não tardou a ser nomeado despenseiro pelo abade Foulques, o qual fôra companheiro de noviciado de nosso santo.

Em 1050, quando Foulques se preparava para uma viagem a Roma, Geraldo adoeceu sèriamente, ficando impossibilitado de fazer qualquer serviço. Foulques, então, supondo que uma viagem, qual a que ia realizar, seria favorável ao amado despenseiro, levou-o consigo.

Geraldo visitou o túmulo dos santos Apóstolos, correu à cidade eterna e estêve com o papa Leão IX, sendo, então, por aquêle pontífice, ordenado padre, o mesmo acontecendo com o abade Foulques.

De volta a Corbie, investido do cargo de sacristão, o santo manifestou um zêlo sem par pela restauração da igreja da abadia, que fôra prêsa do fogo. Ativo, prático, incansável, a 27 de agosto de 1052 a igreja, tôda acabada, foi consagrada.

A saúde de São Geraldo, regressado que fôra de Roma, tornou a se ressentir. E, não obtendo qualquer melhora, recorreu à intercessão de Santo Adalardo, prometendo-lhe que, uma vez curado, tudo faria para propagar-lhe o culto. Curado, o santo, cumprindo o voto feito, compôs antífonas e responsos para o ofício daquele seu benfeitor. Teve, então, duas visões, em que Santo Adalardo lhe apareceu.

Em 1073, São Geraldo fêz uma peregrinação à Terra Santa, onde visitou inúmeros santuários e pôde satisfazer um antigo desejo muito ardente: orar sôbre a tumba do Salvador.

Quando tornou a Corbie, falecia o irmão Raynier, que governava os monges de São Vicente de Laon. Geraldo foi, assim, escolhido para substituir o defunto.

Um dia, anos depois, um recluso chamado Eboíno, vindo de longe, acompanhado de cinco senhores, apareceu no mosteiro, desejoso de conselhos: queriam todos fundar uma nova comunidade e vinham solicitar ao santo a cooperação, a experiência que conseguira com o correr dos anos.

Geraldo, tomando consigo dois monges de São Vicente, juntou-se aos que o procuraram. Tendo antes feito várias peregrinações, em que, principalmente, veneraram as relíquias de São Dionísio e oraram sôbre o túmulo de São Martinho de Tours, acabaram por chegar a Poitiers, justamente quando Guilherme VIII, conde de Poitou e duque da Aquitânia, ali também aparecia.

Interessado por aquêles peregrinos, interrogou-os. E, encantado com as respostas de Geraldo, ofereceu-lhe terras, a escolher, naquela província.

Um dos senhores que acompanhavam o Santo, concededor da região, escolheu as terras que grandes florestas cobriam, um lugar chamado a Grande Selva, ou Selva Maior, encravadas entre a Garona e a Dordonha.

No dia 28 de outubro do ano de 1079, estavam os piedosos peregrinos de posse daqueles domínios.

A 11 de maio de 1081, depois de vencidas inúmeras dificuldades, os religiosos, desbastado um trecho das matas, lançaram a primeira pedra do mosteiro, que dedicaram a Nossa Senhora e aos apóstolos Simão e Judas. E aqui, conta a tradição que, com um simples pedaço de ferro chato, com uma das extremidades aguda, São Geraldo, tão-somente tocando-o nas árvores, abateu-as em grande número. Este ferro, depois guarnecido dum cabo de ágata, foi guardado, carinhosamente, num relicário de prata, recebendo o nome de *Faca de São Geraldo*.

O angélico aspecto do santo abade, a pureza, o fervor, a doçura, a eloquência das pregações logo atraiu multidões dos arredores todos. A pouco e pouco, civilizando-se, aquêlê povo, àvidamente, procurava o santo para a confissão dos pecados. E tudo foi crescendo, evoluindo, fâcilmente, como se Deus, do alto, sorrisse, agradado daqueles beneditinos da selva. E São Geraldo, sentindo assegurado o futuro da custosa obra, quis colocá-lo sob a imediata jurisdição da Santa Sé. E assim foi.

Grande número de discípulos rodearam, num instante, atraídos pelo renome do bom abade, a São Geraldo.

Perto da morte, o santo aconselhou os irmãos, recomendou-lhes a união, a conservação do espírito de caridade, e, principalmente, zelar pela casa, pela regra, para que se evitassem abusos que corroem a tudo e a todos.

Depois de ter recebido o santo viático, lançou sôbre todos a bênção e faleceu com doçura, muito em paz. Era no dia 5 de abril de 1095, e o corpo, depois de venerado pelos religiosos, foi enterrado na igreja de Nossa Senhora da Grande Selva.

São Geraldo deixou um *Hagiológico* ou *Martirologio*, onde registrou o nome de muitos santos. Assim, sem êle, muitos, hoje, seriam desconhecidos.

O papa Celestino III, a 27 de abril de 1197, canonizava-o.

\* \* \*

## SANTA JULIANA DO MONTE CORNILLON (\*)

### *Virgem*

Juliana, nascida na cidadezinha de Retina, perto de Liège, em 1192, era filha de Henrique e Frescinda.

Órfã aos cinco anos, com a irmã Inês, então com seis, foi levada por parentes ao convento do Monte Cornillon, fundado havia pouco tempo.

Casa bastante pobre, as religiosas, quando não se aplicavam ao ofício divino, ocupavam-se com os doentes. Destarte, as duas irmãs, no convento, ficavam a maior parte do dia confiadas a uma das religiosas, a irmã Sapiência, que às duas dava instruções, prolegômenos da doutrina cristã.

Ambas cresceram nas verdades religiosas, na obediência, na humildade, na mortificação e na penitência.

Juliana, jovem de grandes qualidades, sabia de cor todo o saltério. E, à medida que se fazia moça, mais e mais se sentia atraída pela solidão. Em 1207, quando já ia bem adiantada no latim, porque desejava mergulhar fundo nas verdades da religião, recebeu o hábito.

Tanta solícitude foi premiada por Deus: teve uma visão, e viu a face da lua brilhando intensamente, com uma linha muito escura a lhe cortar em duas partes iguais o disco radiante.

Contou, então, o que vira às irmãs mais virtuosas, e estas amedrontadas, disseram-lhe que daquilo se esquecesse, que seria demasiadamente perigoso aprofundar tal mistério.

Juliana não conseguiu apagar do pensamento a visão que tivera. E, redobrando as orações, a Deus suplicava que lhe revelasse aquêlê enigma. Tantas foram as súplicas, e tão fervorosas, que, um dia, enquanto dormia, ouviu distintamente uma voz que descia do céu, e que lhe dizia:

“A Igreja militante está representada pela lua. A linha escura, que vela uma parte da face, significa que falta uma festa que Deus deseja ver instituída: é a festa do augustíssimo e santíssimo Sacramento do altar. A quinta-feira santa, em verdade, está designada para tal, mas as diversas outras cerimônias dêsse dia impedem a sua solenidade. Faz-se, pois, necessário que se estabeleça outro, que será guardado e observado em tôda a cristandade. Três são as razões. Primeira: porque a fé nos mistérios da religião diminue e diminuirá ainda, se não fôr acudida com remédio que a fortaleça e confirme inteiramente; segunda: para que os homens que amam e procuram a verdade sejam plenamente instruídos, e bebam nesta fonte de vida fôrças para avançar no caminho da virtude; e terceira: para que as irreverências e impiedades diárias que se cometem contra a majestade dêste sacramento sejam reparadas e expiadas por uma adoração profunda e sincera”.

Corria, então, o ano da graça de 1210, e aquela revelação encheu de júbilo a pura alma da irmã Juliana. Foi nesta altura que uma jovem virgem chamada Eva (1) foi consultá-la. Queria viver reclusa e desejava saber se aquêlê estado lhe convinha à alma. Obtendo resposta positiva, deu-se, então, tôda a Deus.

Em 1222, Sapiência, priora do Monte Cornillon, falecia, e Juliana era eleita para sucedê-la.

A santa aceitou o cargo unicamente para, ajudando-a Deus, ser útil a todos. Só então revelou o que ouvira do céu, quando dormia. Com uma irmã, dirigiu-se ao cônego de São Martinho e expôs-lhe a questão.

João de Lausanne, era êste o nome do cônego, referiu o que a santa priora lhe revelara a ilustres personalidades — Tiago Pantaleão, arcediogo de Liège, Hugo de Saint-Cher, Guido, bispo de Cambrai, o chanceler de Paris, os padres João e Geraldo, doutôres da Universidade.

Autorizada por tais nomes, Juliana encarregou um jovem clérigo de compor o ofício da festa.

Ora, surgiram, então, os que reprovaram aquela iniciativa. E Juliana passou por grandes tribulações: foi perseguida, acusada pelo próprio superior, de modo que, exilando-se voluntariamente com algumas irmãs, deixou a casa em que desde há muito professava.

Tal perseguição aumentou consideravelmente a reputação da santa, e, de certa maneira, contribuiu

---

(1) Festejada neste mesmo dia.

para que a Festa de Deus fôsse estabelecida mais depressa. Assim, com um decreto lançado em 1246, instituiu-se a Festa de Deus na diocese de João de Lausanne, a qual foi celebrada pelos cônegos no ano seguinte.

Tantas provas só fizeram minar a saúde de Santa Juliana do Monte Cornillon. Retirada no convento de Salsinas, ali também sentiu a mão dos perseguidores. Doente, deixou aquela casa e foi buscar asilo em Fosses, onde faleceu em 1258. Enterrada na igreja dos religiosos de Villers, Santa Juliana do Monte Cornillon não é somente honrada em Liège e nos países vizinhos: Portugal vota-lhe especial veneração.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADA EVA (\*)

### *Reclusa*

Eva era de Liège. Tendo votado a Deus a virgindade, tomou a resolução de se fazer reclusa.

Aconselhada por Santa Juliana do Monte Cornillon, Eva, depois de retirada do mundo, passou por duras provas, por horríveis tentações, que venceu pela paciência, a esperar em Deus.

Depois da morte de Santa Juliana e do decreto da instituição da Festa de Deus em Liège, a bem-aventurada sentiu-se grandemente feliz por saber que o arcediogo de Liège, Tiago Pantaleão, fôra eleito papa — Urbano IV. Procurou, então, agir no sentido de obter do novo pontífice a confirmação do decreto da instituição.

Quando o novo pontífice se inteirou de que aquela reclusa ainda vivia, rejubilou-se. Felicitando-a pelo zêlo que tivera com a instituição da Festa de Deus, enviou-lhe um breve. Corria o ano de 1262, e a bem-aventurada, que fôra confidente de Santa Juliana, meses depois do recebimento daquele breve, vinha a falecer.

Enterrada na igreja de São Martinho, pouco depois era transferida para repousar sob o altar do Santo Sacramento.

O culto da bem-aventurada Eva foi aprovado em 1902. Em Liège, festejam-na no dia 14 de março. Há os que querem situar sua morte em 1265.

\* \* \*

## SANTA CATARINA TOMÁS (\*)

### *Virgem*

Catarina Tomás, nascida em Valdemuzza, pequena aldeia da ilha Maiorca, em 1533, viu-se, na mais tenra idade, órfã de pai e mãe.

Recollida por um tio materno, passou por rudes provas. Encarregada de pastorear os rebanhos que ao duro homem pertenciam, sòmente naquelas horas de bucólica paz encontrava o sossêgo e a solidão, coisas que sua alma desejava ardentemente. Piedosa, paciente, deveras conformada, aspirando o claustro, sob uma oliveira, para melhor e mais perto estar do Senhor, construiu um pequeno altar, onde se deixava ficar por longos momentos em contemplação.

Um dia, o tio pilhou-a ao altazinho. E, colérico, reprovando-lhe a negligência, do descuido a que relegava os rebanhos, acabou por puni-la fisicamente, com dureza.

Deus premiou-a, pouco depois, com um esclarecido diretor espiritual. Então, guiada por seus conselhos, entrou a gozar duma paz jamais sentida, mesmo em meio aos desmandos do péssimo tio.

Quando completou dezesseis anos, buscou o retiro entre as cõegas regulares de Santo Agostinho

de Palma. E, num átimo, a reputação de santidade que adquiriu espalhou-se pelos arredores.

Catarina, principalmente, praticava o desprezo por si mesma. E tanto caminhou na estreita vereda íngreme que leva à perfeição, à santidade, que as religiosas a desejaram como superiora. A santa virgem, porém, suplicando com instância ao bispo diocesano, dêle conseguiu o almejado: ordem para que as irmãs escolhessem outro em seu lugar.

Tanta perfeição, forçosamente, um dia, deveria deixar a comunidade, desafogando pelos arredores. E filas de pessoas que vinham consultá-la, solicitar-lhe diretrizes, buscar alívio e paz de espírito, não cessaram até pouco antes da morte.

Aspirando sempre e sempre, com ardor, um mundo melhor, satisfê-la o Senhor, a 5 de abril de 1574, levando-a para a eterna bem-aventurança.

Pio XI, em 1930, canonizou-a solenemente.



No mesmo dia, na Irlanda, São Tigernac, bispo e confessor. De descendência real, foi o santo batizado por Conlath, bispo, então, de Kildare. Jovem ainda, aprisionado por piratas, foi levado à Grã-Bretanha, onde um rei daquela ilha, apiedado, resgatou-o, enviando-o ao mosteiro de Rosnat. De volta ao país natal, tempos depois, foi sagrado bispo, passando a governar a Igreja de Clogher. Cego no fim da vida, dado tão-sòmente à contemplação, faleceu em 550.

Na Tessalônica, Santa Teodora, viúva, cognominada a Miroblita, nascida numa das ilhas do mar

Egeu, em 812. Casada, avançou na perfeição. Sendo obrigada a expatriar-se, dadas as incursões bárbaras na ilha, com o espôso e uma filha procurou a Macedônia. Viúva, deu-se ao Senhor, buscando, com a filha, um mosteiro, o de Santo Estêvão, onde faleceu santamente, em 879.

Na Itália, Santo Alberto de Montecorvino, bispo e confessor, sucessor de Beato. Deus concedeu-lhe o dom dos milagres. Faleceu em 1127.

Em Souabe, a bem-aventurada Crescência Hoesin, virgem. Nascida em Kaufbeuren, no dia 20 de outubro de 1682, teve grande renome, tanta a santidade, que se espalhou por tôda a Alemanha, Hungria e outros países. Faleceu em 1744, a 5 de abril. Muitos milagres ilustraram-lhe a vida, milagres que, morta, continuaram, à beira do túmulo.

Na Pérsia, São Claudiano, mártir. De origem persa, educado na religião cristã, tornou-se monge aos trinta anos, sendo martirizado sob Chosroes II (século VII).

Na ilha de Lesbos, o suplício de cinco virgens mártires.

No mesmo dia, São Zeno, mártir, que, esfolado e com o corpo coberto de pez, foi atirado ao fogo.

Na África, martírio de vários santos, os quais, durante a perseguição de Genserico, rei ariano, foram massacrados na igreja, no dia de Páscoa. Um deles, que era leitor, teve a garganta furada com uma flecha, enquanto cantava o *aleluia*, no púlpito.

\* \* \*

## 6.º DIA DE ABRIL

### SÃO CELESTINO

#### *Papa*

Morto São Bonifácio em 4 de setembro de 422, elegeu-se, por unanimidade, Celestino, romano de nascimento, que esteve no trono de São Pedro cerca de dez anos. Essa eleição se realizou no dia 11 do mesmo mês de setembro, num domingo. Santo Agostinho escreveu ao novo papa, para felicitá-lo pela maneira auspiciosa com que se realizara sua eleição e para lhe recomendar um assunto que o afligia muito e que ele terminou segundo seus desejos.

Nessa época, os pelágios procuravam espalhar uma heresia entre os bretões da Inglaterra. Esse povo detestava o erro, mas não se encontrava instruído suficientemente para combatê-lo. Recorreu, então, ao Papa e aos bispos das Gálias. O papa Celestino enviou para lá o diácono Paládio, que o convenceu a enviar socorro àqueles povos. São Celestino mandou como seu legado São Germano, bispo de Auxerre. Ao mesmo tempo, os bispos das Gálias, reunidos em concílio, pediam ao mesmo santo, por

intermédio de um amigo dêste, São Lôbo, bispo de Troyes, que se encarregasse do empreendimento. Era o ano 429.

Para firmar ainda mais a religião na ilha da Grã-Bretanha, o papa São Celestino para lá enviou o diácono Paládio, a quem ordenara bispo dos escoceses, dos quais uma parte havia transmigrado do norte da Irlanda para o norte da Bretanha. E foi êle o primeiro bispo daquela nação, que, até então, tinha sido muito bárbara. São Jerônimo afirma que êles não tinham casamento disciplinado e que comiam carne humana. São Paládio para lá foi enviado em 431, como bispo. Ao morrer, São Celestino nomeou-lhe sucessor São Patrício, ao qual ordenou bispo e enviou para pregar a fé na própria Irlanda, de onde os escoceses eram originários.

Ao mesmo tempo em que o papa enviava legados à Bretanha, para conter a heresia, um primeiro bispo aos escoceses, um apóstolo à Irlanda, nomeava São Cirilo de Alexandria legado no Oriente, para presidir ao concílio geral de Éfeso e para executar a sentença que em Roma havia sido pronunciada contra Nestório, bispo de Constantinopla. E São Cirilo de Alexandria e o concílio geral de Éfeso executaram a sentença do papa.

Pelo ano de 430, Nestório, a pretexto de abolir certas crenças supersticiosas introduzidas entre o povo, pôs-se a ensinar que a santa Virgem não era e não devia ser chamada mãe de Deus. Entre nós, tôdas as crianças do catecismo sabem que em Jesus Cristo há duas naturezas, a divina e a humana, mas uma só pessoa, a pessoa do Filho de Deus feito

homem, que nasceu da Virgem Maria. Ora, Nestório, bispo de Constantinopla, ignorando essa lição do catecismo, dividia Jesus Cristo em duas pessoas, sendo uma somente Deus, outra somente homem, e dizia que a santa Virgem não era mãe senão desta última. Para que essa doutrina fôsse logo aceita, procurou a princípio persuadir os magistrados por artificios e granjear os favores dos cortesãos pelas liberalidades. Em seguida, espalhou clandestinamente nas províncias e nos mosteiros diversos escritos nos quais deixava transparecer seus sentimentos heréticos sob o véu da piedade e do zelo pela glória de Deus. Por fim, conseguiu seduzir um bispo e fazê-lo afirmar públicamente na igreja que era uma impiedade dizer que a santa Virgem era mãe de Deus. A essas palavras, o povo se levantou e se retirou da igreja, completamente horrorizado. Tõda a cidade de Constantinopla se alvoroçou com o pronunciamento de tal blasfêmia. Os velhos solitários que havia quarenta anos não punham os pés fora dos claustros, saíram das profundezas dos retiros, para confessarem públicamente a fé que tinham recebido dos pais e para sustentarem, a custo da própria vida, a maternidade divina da Virgem Santíssima. Vários, com efeito foram maltratados, espancados, atirados às prisões pelos adeptos do herege.

Por fim, como tal impiedade se espalhasse por tõda a terra, os bispos de tõdas as partes do mundo cristão, por ordem do papa São Celestino e sob a presidência de São Cirilo de Alexandria, que era o representante do chefe da Igreja, reuniram-se em Éfeso, na igreja que tinha o nome de Maria. Du-

rante todo o tempo da primeira sessão, que foi da manhã até a noite, o povo de Éfeso, deixando de lado qualquer outra ocupação, esquecendo-se mesmo de beber e de comer, se manteve continuamente às portas da igreja, onde os bispos estavam reunidos, na expectativa da sentença que deveria ser pronunciada. Finalmente, tôdas as portas da igreja se abriram e São Cirilo apareceu à frente de duzentos bispos e anunciou a todo o povo a condenação do ímpio Nestório. No mesmo instante, ouviram-se gritos de alegria encherem o ar. "O inimigo da Virgem está arrasado!" gritava-se de tôda parte. "Viva a grande, a augusta, a gloriosa Mãe de Deus!" O povo não sabia como demonstrar aos bispos a alegria que sentia. Acompanhou-os pelas ruas com tochas. À passagem dêles, perfumes eram queimados; fogos eram acesos por tôda a cidade. Parecia que uma nova vida tinha sido dada a êsse povo, tanto se afligira com a injúria que Nestório fizera a Maria. Nas outras cidades, aconteceu a mesma coisa. Os fiéis se juntaram aos sacerdotes e aos solitários, para cantarem, em procissão, cânticos de ação de graças.

Nesse sentido, encontramos ainda outra instrução importante, que nos pode servir de regra em circunstâncias semelhantes. Quando os erros de Nestório começaram a se espalhar, os povos e os bispos se dirigiram ao papa, dêles se queixando, recorrendo a êle, como ao chefe de tôda a Igreja. Nestório mesmo não deixou de escrever-lhe. O papa São Celestino recebeu tôdas as peças, reuniu um concílio em Roma, pelo comêço do mês de agosto de 430, no qual a doutrina de Nestório foi condenada, e

São Cirilo, encarregado da execução. O Papa lhe escreveu, assim como a João, bispo de Antioquia, Rufo de Tessalônia, Juvenal de Jerusalém, Flávio de Filipos. No mesmo dia, 11 de agosto de 430, dirigiu uma carta ao povo e uma ao clero de Constantinopla, ao qual chama de seus membros; carta cheia de exortações para que permanecessem firmes na fé católica, e de consolação para os que eram perseguidos por Nestório. O papa, nessa carta, declara nulas tôdas as afirmações pronunciadas por Nestório, desde que começou a ensinar os erros. Acrescenta que, não podendo agir em pessoa por causa da distância, incumbiu disso seu santo irmão Cirilo.

No mesmo dia ainda, dirigiu uma carta a Nestório, a qual termina da seguinte forma: "Sabei que se não pregardes, com relação a Cristo nosso Deus, o que a Igreja de Roma, de Alexandria e tôda a Igreja Católica sustenta, o que a santa Igreja de Constantinopla afirmou contra vós; e se dentro de dez dias, a partir da data desta advertência, não condenardes claramente e por escrito essa novidade ímpia, que pretende separar o que a Escritura junta, sereis excluído da comunhão de tôda a Igreja católica. A ata autêntica dêste julgamento, bem como os demais papéis, nós os enviamos, pelo diácono Possidônio, ao nosso santo colega bispo de Alexandria, a fim de que êle aja em nosso lugar, e para que nosso decreto vos seja conhecido de vós e de todos os nossos irmãos, porque todos devem saber o que é feito, quando se trata da causa de todos".

Bossuet, bispo de Meaux, disse a respeito disso: "Há neste assunto duas circunstâncias muito impor-

tantes: uma, que o Papa decidia com autoridade absoluta, porque escreveu a São Cirilo nestes t ermos: *E pois, com a autoridade de nossa S e e agindo em nosso lugar com poder, executareis a sentença com severidade exemplar.   Celestino quem pronuncia,   Cirilo quem executa. E  este executa com poder, porque se trata com a autoridade da S e de Roma. O que êle escreveu a Nestório não é menos forte, uma vez que aprova a f e de São Cirilo. E, conseqüentemente, ordena a Nestório que se conforme com o que ver  ensinar-lhe. A outra circunstância é que todos os bispos da igreja grega estavam dispostos a obedecer. Tão grande poder, exercido na igreja grega e contra um patriarca de Constantinopla, d , sem dúvida, uma grande idéia da autoridade do Papa.  le se mostrava superior a todos os patriarcas. Depunha o de Constantinopla; o de Alexandria tinha a honra de executar a sentença; o de Antioquia, embora amigo de Nestório, nem sequer imaginou resistir. Juvenal, patriarca de Jerusalém, era da mesma opinião. Celestino lhes dava ordens a êles e a todos os outros bispos da igreja grega, e elas deviam ser cumpridas sem discussão”.*

Mas o que merece sobretudo a ateno dos filhos da Igreja é a sentença que pronunciou o concílio ecum nico de Éfeso contra Nestório, em execuo   sentença pronunciada pelo Papa. Eis como fala essa venerável assembleia: “Nestório, entre outras coisas, recusou-se a obedecer à nossa citao e a receber os bispos enviados de nossa parte. Fomos obrigados a entrar no exame de suas impiedades e, convencidos, tanto pelas cartas como por outros escritos e pelos discursos que pronunciou há pouco nesta cidade,

fatos provados por testemunhas, de pensar e de ensinar impiedades, nós, obrigados pelos santos cânones e pela carta de nosso santo Pai e coministro Celestino, bispo da Igreja de Roma, chegamos, por necessidade, após têmos derramado muitas lágrimas, a esta lúgubre sentença: "Nosso Senhor Jesus Cristo, contra quem blasfemou, declarou por êste santíssimo concílio, que se encontra privado de tôda dignidade episcopal e separado de tôda assembléia eclesiástica".

Essa sentença, uma das mais solenes já pronunciadas na Igreja, encerra coisas bem importantes. Nela se vêem os bispos de um concílio ecumênico, no ato mais solene de sua autoridade, como é um concílio, chamarem o Papa de Pai e confessarem-se obrigados pela carta do Papa, não menos do que pelos cânones, nesse ato supremo da autoridade de que estavam revestidos. A expressão do concílio, observa Bossuet, reconhece na carta do papa a fôrça de uma sentença jurídica, que não podia deixar de ser confirmada, justa que era pelo fundo e válida pela forma, como emanada de poder legítimo.

O papa escreveu nesse tempo aos bispos das Gálias, para a defesa de Santo Agostinho, cuja doutrina alguns padres continuavam atacando, após mesmo a morte do santo. À carta de São Celestino, juntaram-se nove artigos relativos à graça, citados como parte da mesma carta, desde o começo do século seguinte. Êsses artigos são precedidos de uma advertência: Que alguns, que se gloriam de serem católicos, e que anatematizam a Pelágio e a Celéstio, não se deixem levar a falar contra nossos mestres, como se êles tivessem excedido os limites necessários, e não façam profissão de não aprovar a que a Santa Sé do

bem-aventurado apóstolo definiu contra os inimigos da graça, pelos ministros dos pontífices. É por isso que se acreditou dever buscar novamente o que os Papas já definiram, com relação à graça, contra os criminosos defensores do livre arbítrio. E acrescenta algumas sentenças dos concílios, que os Papas emitiram, em as aprovando.

Essa carta de São Celestino, com o apêndice, é notável. O papa nela vinga a memória de Santo Agostinho; coloca-o entre os principais doutôres da Igreja; afirma que jamais suposição maldosa apagou-lhe o brilho do renome. Mas não aprova por causa disso, pormenorizadamente, tudo o que pôde dizer sobre a graça. A regra última, a êste respeito, não é o que os doutôres tenham podido escrever sobre essas questões difíceis, mas o que a Sé de Pedro definiu, seja diretamente, por si mesma, seja aprovando as definições dos concílios. Ora, como foi dito no concílio ecumênico de Éfeso, São Pedro vive e julga nos seus sucessores e assim será sempre. As definições, pois, que êle deu a respeito da graça no século dezessete ou dezoito, não são menos abalizadas do que as pronunciadas no século quinto.

No Natal do ano de 431, o papa São Celestino recebeu as cartas de Constantinopla que lhe davam ciência da condenação de Nestório e da eleição de Maximiano, as quais ordenou fôsse lidadas na igreja de São Pedro diante da assembléia do povo. A leitura causou aos assistentes profunda alegria, seguida de aclamações e de orações do imperador Teodósio o Moço. Em 15 de março de 432, o Papa expediu quatro cartas: a primeira aos bispos do concílio de Éfeso, a segunda ao imperador Teodósio,

a terceira a Maximiano, novo bispo de Constantinopla, a quarta ao clero e ao povo da mesma cidade. Nesta última carta, Celestino acentua a seqüência do assunto; os perigos que existiram, a inquietude que sentiu, o zelo de São Cirilo e seus esforços para reconduzir a Nestório, ao qual, todavia, não conseguiu apresentar-se; o socorro que procurou entre os pelagianos. Em seguida o Papa exorta a igreja de Constantinopla a escutar Maximiano, que não lhe pregaria senão a antiga doutrina, que aprendeu da Igreja romana, e a permanecer firme na fé, como tinha permanecido até então. O papa São Celestino morreu no dia 26 de julho de 432. Sucedeu-lhe São Sixto, terceiro com esse nome.

\* \* \*

## CENTO E VINTE MÁRTIRES EM ADIABENE (\*)

*Pérsia de 345*

Sapor, que vivia na Selêucia, ordenou que prendessem cento e vinte cristãos, entre os quais se achavam nove virgens consagradas a Deus. Metidos em infectas masmorras, escuras e úmidas, ali ficaram, por seis meses, até o fim do inverno.

Abandonados, sem ter o que comer, eis que, um dia, uma nobre dama, muito rica, de Arbelle, chamada Yazdandocht (1), passou a alimentar os presos todos, corajosamente.

Finda a estação fria, começou o interrogatório. Instados para que adorassem o sol, os cristãos, sem exceção, recusaram-se a fazê-lo. Preferiam morrer do que adorar uma coisa que fôra criada pelo Deus verdadeiro, do qual eram os servidores.

Condenados à morte, tornaram aos calabouços. E Yazdandocht, na véspera da execução, procurando-os, consolando e exortando, a cada qual lavou-lhe os pés, humilde, solícitamente, e presenteou-os com finas roupas muito alvas, para substituir os sujos molambos mal-cheirosos que envergavam há já bastante tempo. Depois, serviu-lhes um lauto jantar.

---

(1) Ou seja: **Filha de Deus.**

O rei Sapor ordenou que os cento e vinte cristãos fôsem executados de madrugada, rapidamente, para que se evitasse tumultos. Atravessando a cidade celeremente, os presos chegaram ao lugar em que deviam entregar a alma a Deus. Ali, um oficial prometeu salvá-los, caso consentissem em adorar o sol.

— Tu és duplamente cego, responderam-lhe, não nos vendo aqui: os culpados que se levam ao suplicio, vão pálidos e trêmulos, mas nós, nós sorrimos à morte, como a flor à manhã que nasce. Não vestimos roupas de luto, lúgubres, e sim alegres, de festa. Vamos, carrasco, faze com que soframmos quanto o desejares, e tão longamente quanto o quizeres. Confessamos o augusto nome do Criador. Jamais adoraremos o sol. O medo não nos empalidece. Não reconhecemos as ordens de teu mestre, porque seríamos criminosos se as acatássemos. Desejamos a morte, a morte que nos levará à vida imortal que ninguém jamais nos arrebatará.

À sombra da noite, vultos movimentavam-se no lugar da execução: era Yazdandocht e os seus. Transportando os corpos para bem longe da cidade, enterraram-nos em profundas covas, cinco a cinco. E a nobre dama de Arbelle, muito rica, exultante com o pensamento nos heróicos mártires, de Deus esperava obter, um dia, a graça de a êles se unir para sempre na glória.

\* \* \*

## SÃO MARCELINO DE CARTAGO (\*)

### *Mártir*

O cisma donatista, desde o princípio do século IV, começou a dividir a Igreja da África. Nascido de acusações de apostasia, quase sempre caluniosas, foi-se estendendo de modo verdadeiramente insensato.

-----

Agostinho não era mais aquele ardido jovem que se tornara célebre, de Tagaste a Cartago, pelas tropelias. Saído em busca de aventuras, encontrara-se com a Fé, fôra batizado, tornara-se santo e virtuoso. Transformara-se completamente. Despojara-se do homem antigo, velho, e se alimpara das manchas do passado turbulento. A fundo, estudara a sagrada teologia, recebera o sacramento da Ordem. Fôra missionário, fôra sacerdote modelar, apostólico. E fundara conventos, e convertera multidões. Ia, então, destruir heresias.

-----

Bispo de Hipona, Santo Agostinho, um monumento de sabedoria e virtudes cristãs, trabalhou com afinco para recuperar os extraviados de Donato e levá-los à unidade.

Honório, o imperador, que havia conferido liberdade aos dois partidos que se formaram, acabou, cansado com a perpétua revolução que se fazia, com os ataques aos católicos, os incêndios e os massacres, dando plenos poderes a um tribuno, Marcelino, para reunir, em Cartago, uma conferência.

Marcelino era casado. Santo Agostinho, que com êle tivera relações, dá-nos a saber que era homem prudente, ativo e ótimo cristão, de alma sempre desejosa de aprender, e aprender cada vez mais.

A conferência realizou-se em Cartago num dia de junho do ano de 411. Duzentos e oitenta e seis bispos católicos e duzentos e setenta e nove donatistas estavam presentes.

Santo Agostinho, o mais notável prelado presente à conferência, soube, magistralmente, levar à frustração tôdas as donatistas intrigas.

Três dias depois de agitados debates, Marcelino pronunciou a sentença em nome do imperador, na qual interdizia, aos partidários de Donato, a liberdade de reunião, ao mesmo tempo que os obrigava a restituir aos católicos tôdas as igrejas que tinham em seu poder.

Ora, os donatistas, habituados à desobediência e à pilhagem, ao banditismo, fizeram ouvidos de mercador ao decreto, e continuaram as desordens. Perseguido católicos, davam-se à intriga, à calúnia, mesmo ao assassinio.

Santo Agostinho, naquela altura, era o conselheiro de Marcelino. Em tôdas as dificuldades, o tribuno socorria-se do grande Doutor da Igreja. Escrevia-lhe e pedia diretrizes. E Santo Agostinho, respondendo, enviava-lhe verdadeiros tratados.

A situação de Marcelino transformou-se bruscamente. Estava-se em 413, e Heracliano, conde da África, revoltando-se, procurou atacar Roma. Vencido por Marino, que chegou a Cartago, eis que surgiu a pena de morte para todos os rebeldes. E os julgamentos que se faziam, rápidos e sem apelação, encantaram os donatistas, sequiosos que estavam de se desembaraçar de Marcelino.

Ceciliano, figura de algum destaque em Cartago, tivera, com um irmão de Marcelino, grave atrito. Então, usando da influência que tinha, acabou por conseguir de Marino, que recebera grande soma dos donatistas, a ordem de prisão de ambos os irmãos.

Santo Agostinho, imediatamente, procurou intervir, junto de Ceciliano, mas em vão. E Marino antes que surgisse qualquer contratempo, ordenou a execução dos dois presos. Era a 13 de setembro de 413.

— — — —

O nome de São Marcelino foi introduzido no martirologio por Baronius, como mártir, já que sua condenação, iníqua, levou do mundo um grande defensor da fé.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADA CATARINA DE PALLANZA (\*)

### *Virgem*

Catarina nasceu na cidade de Pallanza em 1437. Logo depois que veio ao mundo, os pais, fugindo da peste que assolou a região, transferiram-se para Vale de Osa, onde faleceram, contraída a doença, pouco depois, com todos os filhos, exceção feita à futura bem-aventurada.

Sòzinha, Catarina foi recolhida por Tiago de Osa, que a confiou, mais tarde, a uma nobre dama de Milão. Educada piedosamente, a jovem órfã, aos catorze anos, demonstrou desejos de levar vida religiosa. Obstada pelo tutor, pacientemente ficou a aguardar melhor oportunidade.

Quando completou vinte anos, ao ouvir, um dia, a pregação dum irmão menor sôbre os padecimentos de Nosso Senhor, fêz voto de castidade. Então, dias mais tarde, Jesus, pregado à cruz, apareceu-lhe, dizendo:

— Querida filha Catarina, escolhi um lugar para ti, chamado Santa Maria do Monte, para que tu, ali, leves e acabes uma vida tôda inteira consagrada a meu serviço.

Catarina deixou Milão, em busca de Santa Maria do Monte, que ficava perto de Pallanza. E a peste, que ainda não desaparecera de todo, ofereceu-lhe quefazeres. Contaminada, fêz a promessa de jamais deixar o lugar, se se curasse. Recuperada a saúde, passou a viver numa pequenina cabana, a levar vida de grande mortificação.

Tal foi a reputação de santidade que adquiriu, e de sabedoria, que grande número de pessoas passou a procurá-la. E algumas pias mulheres, desejando permanecer a seu lado, deu ensejo para que mais uma comunidade nascesse.

Logo, gente de maus sentimentos principiou a criticar aquelas santas mulheres, propalando às escancaras, que viviam sem regra nem aprovação pontifical, o que levou Catarina a procurar obter do papa, então Sixto IV, um breve que lhe permitiu emitir votos sob a regra de Santo Agostinho.

Priora, três anos depois, falecia.

Em 1769, Clemente VII aprovou o culto que se lhe rendeu depois da morte, ocorrida a 6 de abril de 1478.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADO NOTKER, O GAGO (\*)

### *Confessor*

Notker nasceu em Heilgove (1), cantão de Zuri-que, Suíça, no ano de 840. Ele mesmo deixou, em suas obras, traços biográficos. “Fraco, gago e cheio de defeitos físicos”, sentiu-se, desde jovem, atraído pela vida monástica.

Colega de Tutilon, que vimos a 28 de março, como aquêle, foi plasmado por dois mestres de grande reputação. Um dêles, Ison, preparou-o para as coisas de Deus, e o outro, Marcelo, iniciou-o nas sete artes liberais.

Professando na abadia de São Gall, Notker ali viveu tôda a sua vida, ensinando na escola do mosteiro os meninos que se destinavam a vida religiosa.

Notker, que era musicista, tornou-se célebre como autor de seqüências, das quais, muitas, passaram à liturgia. Fazendo história, deixou uma *Vida de Carlos Magno*, que é a origem da lenda do grande imperador. Deixou também algumas vidas de santos e um martirólogo.

---

(1) Elk, atualmente.

Monge exemplar, observador perfeito da regra, as crônicas de São Gall rezam assim, referindo-se a êle:

“Notker era pobre de corpo, mas não de espírito. A bôca gaguejava, mas não a alma, porque, voltado sem cessar para as coisas do alto, mostrava nos aborrecimentos a paciência e a doçura em tôdas as coisas. Era rigoroso em tudo aquilo que dizia respeito às obrigações da vida comum. Um pouco tímido e desajeitado, quando era solicitado de repente, sabia fazer frente ao demônio. Na oração, na leitura, no ensino, era infatigável. Era, para tudo dizer, a morada mais perfeita de que se tem exemplo nestes tempos, dos dons do Espírito Santo”.

Honrado em São Gall desde o momento mesmo da morte, que ocorreu em 912, Notker foi beatificado em 1513 pelo papa Leão X.

\* \* \*

## SÃO VINIBALDO (\*)

### *Confessor*

Vinibaldo nasceu em Nogent-sur-Seine, ia em meio o século VI, de pais galo-romanos. Na cléricatura, depois dos estudos, recebeu a ordenação sacerdotal.

Retirando-se a uma abandonada capela, a de São Potenciano, situada mais ou menos a oito léguas de Troyes, onde principiou a fazer milagres, levou vida eremítica.

O bispo de Troyes, que estava com um dos leitores bem doente, chamou, um dia, o santo solitário para curá-lo.

Vinibaldo, a custo, deixou a capela de São Potenciano: adivinhava que jamais àqueles têrmos tornaria.

De fato, o bispo ordenou-lhe que se fixasse em Troyes. E Vinibaldo, lembrando-se do que dissera São Paulo: *Aquêl que resiste à autoridade resiste à ordem que Deus estabeleceu*, não teve outro remédio senão obedecer.

Estabeleceu-se, então, no mosteiro de São Lôbo, onde, anos depois, talvez em 580, morto o abade Alderico, foi o escolhido para sucedê-lo.

Os milagres que fêz, granjearam-lhe enorme reputação de santidade.

São Vinibaldo foi quem livrou da prisão o arcebispo Lôbo, de Sens, que uma calúnia levava Clotário II a trancafiá-lo numa rude cela.

Certa vez, indo o rei a Sens, em meio aos que o recepcionavam, não viu o arcebispo. Inimigos daquele prelado, então, insidiosamente, levaram o rei a acreditar que o arcebispo dissera não ser aquilo dever de um bispo.

O santo, sempre a realizar milagres, faleceu em 620, no mosteiro de São Lôbo, em Troyes, cidade em que seu culto é deveras antigo.

\* \* \*

## SÃO GUILHERME DE ESKILL (\*)

### *Confessor*

Guilherme nasceu em 1125, em Saint-Germain, perto de Crépy-en-Valois. Educado por um tio, que era beneditino e depois foi prior de Santo Arnolfo, aos dezesseis anos Guilherme era cônego secular de Santa Genoveva de Paris.

Diácono, ordenado pelo bispo de Senlis, desde esta época, o santo foi modelo de regularidade e de observância.

Em 1164, tendo sido eleito Guerino prior de Santa Genoveva, declarou que, num mosteiro real, o rei devia nomear, ou pelo menos confirmar os dignatários. Aquela inovação foi recebida com calorosos protestos pelos cônegos. E Guilherme, tendo procurado o papa Alexandre III, que reconheceu o protesto, achando-o fundado, por outro lado culpou-o de ter deixado o mosteiro sem permissão. De volta, Guerino impôs-lhe, como penitência, ser fustigado, bem como, por sete dias, comer por terra, com os cães.

Aquêlê tratamento, assim que chegou aos ouvidos do papa, levou-o a tomar a defesa do culpado, e tudo voltou à normalidade.

Tempos depois, Absalão, bispo de Roschild, na Dinamarca, solicitou cônegos regulares para introduzir a reforma num mosteiro da ilha de Eskill, e Guilherme, seguido de três companheiros, para lá se foi. Embora recebido com frieza, lutando contra a má vontade dos ocupantes do mosteiro, a reforma foi estabelecida. E, em 1175, o mosteiro era transferido para Seeland, com o nome de Abadia de São Tomás do Paracleto. Guilherme, então, foi feito abade.

Depois de ter passado por várias dificuldades, de ter sofrido quatro incêndios, a abadia principiou a florescer. E logo o abade Guilherme passou a ser uma das maiores figuras da Igreja da Dinamarca.

Filipe Augusto, rei da França, sempre contendo com a Inglaterra, resolveu, para conseguir a ajuda da Dinamarca, pedir a mão da princesa Ingeburga, irmã do rei Canuto. E Guilherme foi o escolhido para levar avante aquela pretensão do rei francês.

Tudo concluído, o casamento teve lugar a 14 de agosto de 1193, em Amiens.

No dia seguinte, Filipe Augusto procurou mandar de volta, para a Dinamarca, a espôsa. Ingeburga protestou, e recusou-se a partir. E o rei, sob um falso pretexto de parentesco, pediu a anulação do casamento.

Guilherme, abatido, escreveu a Canuto, pedindo ao rei que nêle não visse um aventureiro, mas um homem bem intencionado e temente a Deus. E, desejoso de restabelecer a paz, tendo escrito a Ingeburga, exortando-a a ter paciência e a confiar em Deus, partiu para Roma ver o papa.

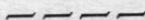
Celestino III, então na cátedra de Pedro, imediatamente, nomeou um legado, que demandou a França. Mal recebido pelo rei, Filipe Augusto, apesar de tudo, teve a sentença de divórcio cassada.

De volta a França, Guilherme foi prêso e despojado das cartas pontificais que trazia. Então, escrevendo ao rei, afirmou-lhe que o papa nada mais desejava do que ver a paz restabelecida e a salvação do rei da França, finalizando por dizer que, se havia culpados no caso, somente um o era: êle.

Depois de algum tempo, devido a intervenção de dois abades, o de Clairvaux e o de Citeaux, o santo foi pôsto em liberdade.

Era em 1196, e de volta à sua abadia, ali ficou até o fim da vida a combater arduamente pela regularidade, vindo a falecer em 1203. Morreu sem ver a reconciliação, que teve lugar em 1213.

Em 1224, Honório III canonizou-o solenemente.



No mesmo dia, em Milão, a paixão de São Pedro, da ordem dos irmãos pregadores, mártir, morto pelos heréticos. A festa celebra-se a 29 de abril.

No Monte de São Patrício, condado de Munster, na Irlanda, São Celso, que precedeu o bem-aventurado Malaquias no episcopado. Nascido numa nobre família irlandêsa, sempre procurou, com ardor, a própria santificação. Praticando diversas austeridades, foi assíduo à oração e à pregação do Evangelho. Disse São Bernarde, na *Vida de São Malaquias*, referindo-se ao santo bispo Celso: "Era uma alma boa e timorata". Faleceu em 1129.

Na Itália, Santo Amando, mártir, fundador da Igreja de São Lourenço de Bérghamo. Morreu em circunstâncias um tanto vagas.

Em Saint-Germer-de-Flay, na diocese de Beauvais, São Gennard, abade. Alto dignatário da Igreja de Ruão entrou como monge na abadia de São Vandrilo de Fontenelle, a qual deixou para ser o terceiro abade de Saint-Germer-de-Flay. Faleceu em 720.

Em Okney, São Bertâmio, bispo e confessor. Morto em 840, deixou comentários da Escritura, obras teológicas e vidas de santos.

Na Sicília, São Filareto, confessor. Nascido em Santo Elias, foi guarda de animais, depois jardineiro, nos humildes encargos santificando-se e edificando aos demais. Muito procurado para conselhos, a todos exortava a palmilhar o caminho da virtude.

Em Troyes, São Prudêncio, bispo e confessor. Nascido na Espanha, da família nada se sabe, exceto que teve um irmão que foi bispo. Bispo de Troyes entre 843 e 845, foi um grande batalhador, visando todo o bem para a diocese. Em 847, ao mosteiro que Anemar fundou, consagrou-o solenemente. Faleceu em 861.

Em Constantinopla, Santo Eutíquio, bispo e confessor, nascido na Frígia em 512. Apaixonando-se por uma explicação filosófica da ressurreição dos corpos, escreveu um livro sobre o assunto — a matéria do corpo será nova, e *informada pela alma, o novo corpo será impalpável, mais sutil que o vento e o ar*. O futuro papa São Gregório, que em Constantinopla representava a Santa Sé, protestou contra aquela filosofia. E Eutíquio, convidado a queimar o

livro que escrevera, humildemente se submeteu. Antes da morte, olhando para os circunstantes, pegou da pele de uma das mãos, e, puxando-a disse: "Eu declaro que ressuscitarei nesta carne!" E morreu. Era domingo, 6 de abril de 582.

Em Roma, festa de São Sixto, primeiro com êsse nome, papa e mártir, que governou a Igreja ao tempo do imperador Adriano e que, durante o governo de Antonino, o Bom, sofreu com alegria a morte temporal, a fim de adquirir a posse de Jesus Cristo.

Na Macedônia, os santos mártires Timóteo e Diógenes.

Em Ascalon, São Platônido e dois outros santos mártires.

\* \* \*

7.º DIA DE ABRIL  
SANTO AFRAATES

*Solitário*

Pelo ano de 370, o imperador Valente, pervertido pelos arianos, perseguiu violentamente os católicos. Os de Antioquia, expulsos das igrejas, reuniam-se ao pé da montanha vizinha, onde havia cavernas nas quais se dizia que São Paulo estivera escondido, antigamente. Lá cantavam os louvores a Deus e escutavam a palavra divina, que era pregada, sob chuvas e neve durante o inverno e sob intenso calor no verão. Todavia, soldados foram enviados para expulsá-los de lá. De sorte que passaram a se reunir no campo de exercícios militares, de onde foram também enxotados. Mas, Valente, que se encontrava em Antioquia, aplicou tormentos e mesmo a morte a muitos dêles, por diferentes suplicios, principalmente atirando-os no rio Oronte.

O palácio de Antioquia ficava às margens dêsse rio, e entre ambos passava a grande estrada, que conduzia ao campo. Um dia, em que o imperador Valente estava olhando do alto da galeria, viu um ancião, vestido com uma capa surrada, andar apressadamente, apesar da idade. Disseram-lhe que aquêlê ancião era o monge Afraates, pelo qual todo

O povo tinha verdadeira veneração. Realmente, abandonara a solidão, para vir em socorro da Igreja, embora fôsse simples leigo; dirigia-se, naquele instante, ao local de reunião dos católicos.

— Aonde vais tu? perguntou-lhe o imperador.

— Vou pedir pela prosperidade de vosso império, respondeu Afraates.

— Mas, tornou Valente, devias ficar no teu retiro e rezar em segrêdo, de acôrdo com a regra monástica.

— Dizeis bem, senhor, respondeu o ancião; devia fazer como dizeis, porém, fi-lo enquanto as ovelhas do Senhor estavam gozando da paz. Agora, entretanto, que se encontram em perigo, é necessário tentar por todos os meios salvá-las. Dizei-me, senhor, se eu fôsse uma jovem fechada dentro da casa de meu pai e visse o fogo começar a devorar a residência, que deveria fazer? Ficar assentada e deixar que tudo se queimasse? Ou sair do meu quarto, correr e trazer água de todos os lados para apagar o fogo? É isto que estou fazendo agora. Vós pusestes fogo na casa de meu pai, e eu estou correndo para extingui-lo.

Assim falou Afraates. O imperador calou-se. Mas um dos eunucos, seu camareiro, dirigiu injúrias ao ancião, do alto da galeria e ameaçou-o de morte. Algum tempo depois, êsse eunuco indo ver se o banho do imperador estava quente bastante, sentiu-se tonto e caiu na caldeira em que a água estava fervendo. Como estava só, lá ficou e pereceu. O imperador mandou outro eunuco chamá-lo. Êste voltou para dizer que não encontrara ninguém em nenhum dos quartos. Vários se puseram a procurá-lo; depois de muita busca, encontraram-no morto. A

notícia se espalhou por tôda a cidade e todos se puseram a louvar o Deus de Afraates. O imperador, espantado, não ousou enviá-lo para o exílio, como havia resolvido, mas não deixou de perseguir os demais católicos.

Santo Afraates era persa de nascimento e descendia de família ilustre. Fazendo-se cristão, abandonou o país e foi para Edessa, onde se fechou em uma pequena casa que encontrou fora da cidade e onde viveu nos exercícios de piedade. De lá passou para Antioquia, então agitada pelos hereges, ou seja, durante o reinado de Constâncio, e se retirou para um mosteiro fora da cidade. Aprendeu um pouco de grego, e, apesar do seu idioma meio bárbaro, explicando-se com dificuldade, não deixou de ser mais persuasivo do que os sofistas mais orgulhosos da retórica que possuíam. Todos corriam a êle, os magistrados, os artistas, os soldados, os ignorantes, os sábios. Uns o escutavam em silêncio, outros lhe faziam perguntas. Não obstante êsse trabalho, jamais quis ter consigo uma pessoa para servi-lo e receber alguma coisa de alguém, a não ser pão, de um de seus amigos; ao que, quando já muito velho, acrescentou alguma verdura. Tomava refeições sòmente após o descambar do sol. Assim era o grande Afraates, que foi em socorro da religião e operou inúmeros milagres.

\* \* \*

## SANTO HEGESIPO (\*)

### *Confessor*

Hegesipo foi quase contemporâneo dos apóstolos. Eusébio diz-nos que era originário da Judéia. Pagão, converteu-se ao cristianismo, distinguindo-se pelos escritos.

São Jerônimo escreveu: “Muito próximo do tempo dos apóstolos, foi-lhes um imitador das virtudes e da vida, bem como da maneira de falar”.

Alarmado com o progresso dos heréticos, procurou assenhorear-se da verdadeira doutrina, sendo Roma o principal teatro de suas atividades. Quando lá chegou, não o sabemos, mas, segundo o próprio testemunho, ali ficou até o pontificado de Aniceto, que foi de 155 a 166. E Eusébio, assim como Jerônimo, estão acordes em afirmar que Santo Hegesipo permaneceu em Roma até quando do papa Eleutério.

Diz a crônica de Alexandria que o santo faleceu sob Cômodo, em 180.

A Hegesipo, Eusébio atribui apenas *Cinco Livros*, que, no dizer de São Jerônimo, encerram uma

história de tudo o que se fêz na Igreja depois da morte de Nosso Senhor até Eleutério. Em estilo simples, é um apanhado das tradições apostólicas.

Os martirologios latinos — Usuard, Adon, Notker, e outros — fixam-lhe a festa no dia 7 de abril. O martirologio romano assim também o faz.

\* \* \*

## SÃO CALIÓPIO (\*)

### *M á r t i r*

Caliópio nasceu poucos meses depois da morte do pai. A mãe, Teoclia, riquíssima, educou-o carinhosamente. Mulher virtuosíssima, fêz com que Caliópio se instruisse nas divinas Escrituras.

Quando foi promulgado o edito de perseguição, por Diocleciano, o jovem filho de Teoclia foi denunciado como cristão. A mãe, cuidadosamente, provendo-o de tudo aquilo que se fazia necessário para uma longa viagem e uma estadia que não sabia quando havia de terminar, embarcou-o, às pressas, para Pompeiópolis, na Cilícia.

Em Pompeiópolis, Máximo, o prefeito, com grandes orgias, honrava os deuses do paganismo. Intimado a participar das bacanais, Caliópio recusou-se enèrgicamente, dizendo:

— Sou cristão, e é com jejuns que festejo o Cristo.

Tais palavras, ditas assim desabusadamente, foram levadas ao conhecimento do prefeito, que, encolerizado, ordenou que prendessem, imediatamente, o insolente recém-chegado.

No tribunal, começaram por lhe averiguar a família e a terra donde viera.

— Nasci na Panfilia, respondeu o jovem, de família senatorial e patricia, mas tenho outro título, o mais nobre de todos: sou cristão.

Máximo aproximou-se mais e disse:

— Responda minha pergunta: teus pais ainda vivem?

— Minha mãe, respondeu Caliópio, ainda vive, mas meu pai já morreu há muito.

Máximo considerou o destemeroso moço por algum tempo, depois propôs:

— Se tu quiseses sacrificar aos deuses, dar-te-ei em casamento minha filha única.

— Se eu pudesse casar, casar-me-ia, respondeu o jovem. Todavia, ainda necessitaria do consentimento e da aprovação de minha mãe. Mas, sabe, eu me dei ac Cristo inteiramente, e neste tribunal supremo estou apresentando um corpo terrestre virgem e sem nódoa.

Máximo, contendo-se, semicerrou os olhos, falou:

— O que tu queres, sem dúvida, é provocar minha cólera, para que te inflija um pronto suplício. Mas não o farei. Vou, sim, torturar, parte por parte, teu corpo todo, e, em seguida, lançar-te às chamas.

Caliópio respondeu rapidamente:

— Êstes tormentos longos e violentos não farão mais do que me conseguir a corça mais rica e preciosa, porque está escrito: "Ninguém será coroado se não combateu generosamente".

O prefeito ordenou que o agarrassem e vergastassem com os azorragues guarnecidos de bolas de chumbo, depois com a chibata de nervos de boi.

Estendido, depois, no cavalete, sôbre um fogo ardentíssimo, que crepitava, Caliópio, confiantemente, invocou um anjo do Senhor. E o anjo, sem que ninguém o visse, apagou o fogo, sendo inútil todos os esforços que se fez para reacendê-lo.

Máximo, então, deu ordens para que o desligassem do instrumento de tortura e o atirassem no mais profundo, úmido e escuro calabouço da cidade.

Quando Teoclia soube do que sucedera ao filho, libertou os duzentos e cinqüenta escravos que possuía, distribuiu aos pobres tudo que tinha em ouro e prata, e à Igreja doou todos os domínios que administrava.

E assim, com a roupa do corpo e algumas moedas, correu visitar o filho.

Na prisão, ao vê-la, disse-lhe Caliópio, todo carregado de cadeias, e tanto, que não pôde levantar-se para abraçá-la:

— Mãe, sê benvinda. Tu vais ser testemunha da paixão do Cristo em mim.

Teoclia, enfitando o filho, ardorosamente, respondeu:

— Serei feliz, porque me será dado consagrar-te ao Senhor como um tesouro de grande preço, como Ana ao Senhor consagrou o filho Samuel.

No dia seguinte, Caliópio, levado novamente à presença de Máximo, manteve-se firme na fé. Disse-lhe:

— Sou cristão e morrerei cristão. Tenho pressa de morrer, e do mesmo suplício do Cristo meu mestre,

Máximo, então, ordenou que o crucificassem. E Teoclia, sabendo-o, correu aos carrascos, dando-lhes cinco peças de prata, para que o crucificassem de cabeça para baixo.

Morto Caliópio, corria o ano de 304, a mãe, rendendo graças ao Senhor, recebeu-o nos braços. E, abraçando-o, assim morreu, sendo ambos recolhidos por cristãos da cidade e sepultados religiosamente.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADO EBERARDO (\*)

### *Confessor*

Eberardo, também denominado Evrardo, era filho de Ebbon e de Hedwige, sobrinha do imperador Henrique II. Aparentado com o papa Leão IX, Eberardo foi educado com requinte, principalmente no que dizia respeito às coisas de Jesus Cristo.

Ebbon não via aquilo com bons olhos. Homem de fácil irascibilidade, um dia, pilhou o filho com um livro de orações e, enfurecido, arrebatando-o bruscamente das mãos do jovem, lançou-o ao fogo.

O livro, porém, assim o quis Deus, não se queimou, em meio às chamas permanecendo perfeitamente intato.

Aquilo apagou a fúria de Ebbon, e desde aquêl dia, jamais se interpôs entre mãe e filho, no que concernia à educação dêste.

Eberardo foi casado com uma princesa alemã, chamada Ita. Vivendo religiosamente, fizeram caridade e obras de piedade.

O bem-aventurado Eberardo, em terras de sua propriedade, edificou uma abadia, cuja igreja colocou sob a invocação de todos os santos.

Conta-se dêle que fêz duas viagens a Roma, e que, numa delas, encontrando no caminho um cego, restituiu-lhe a vista. Ao filho, um dia, muito doente, também quis Deus que o curasse.

Com a espôsa, de comum acôrdo, deixou o século e abraçou a vida religiosa. Eberardo tomou o hábito no mosteiro de Todos os Santos e Ita no convento de Santa Inês.

Seis anos depois, em 1075, faleceu doce e santamente, sendo honrado como bem-aventurado.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADO HERMANO

JOSÉ (\*)

*Premonstratense, Confessor*

Hermano nasceu na cidade de Colônia no ano de 1152. Filho de pais pobres, educado piedosamente, aos sete anos principiou os estudos das primeiras letras. Desde aquela época nasceu na alma do pequeno Hermano a devoção profunda por Nossa Senhora, de quem recebeu inúmeras graças e favores sem conta.

Quando completou doze anos, os pais enviaram-no ao convento de Steinfeldt, da ordem dos premonstratenses. Muito jovem para receber o hábito, de Steinfeldt mandaram-no a um mosteiro de Frise, onde pudesse continuar os estudos.

Hermano, depois da profissão em Steinfeldt, foi sacristão, cargo que lhe caiu bem, uma vez que, ardendo para se dar aos exercícios da penitência e da oração, deixava-lhe tempo assaz suficiente tais práticas.

Uma noite, quando rezava fervorosamente na igreja, viu a santíssima Virgem Maria assentada num trono, tendo ao lado dois anjos. Disse um deles:

— Quem vai ser o espôso desta Virgem?

O outro respondeu:

— Quem melhor do que o irmão que aqui se acha?

Desceram donde estavam, tomaram a Hermano, que tremia, e o levaram aos pés de Maria, que lhe deu a mão, em sinal de indissolúvel união.

Daí veio o nome de José, que o bem-aventurado acrescentou ao Hermano, recebido na pia batismal.

Hermano José recebeu extraordinários favores: êxtases, aparições e o dom de ler no fundo dos corações. Levando a um alto grau o desejo de menos-prêzo por si mesmo, indiferente a tudo aquilo que não dissesse respeito às coisas de Deus, teve sob sua direção vários conventos de religiosas norbertinas e cistercienses.

Em 1241, no convento de Hoven, da ordem de Citeaux, faleceu santamente.

Enterrado no claustro das religiosas de Hoven, pouco depois era transferido para Steinfeldt, ocasião em que muitos milagres tiveram lugar.

Hermano José, que deixou um comentário sobre o *Cântico dos Cânticos* e vários tratados de piedade, é contado entre os célebres contemplativos que ilustraram a religião católica.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADA URSULINA (\*)

### *Virgem*

O nascimento de Ursulina, ocorrido no dia 14 de maio de 1375, em Parma, fôra, antecipadamente, anunciado por um anjo.

Criança verdadeiramente prodigiosa, aos quatro anos pronunciou as primeiras palavras:

— Meu Deus! Meu Pai!

Contava a menina seis anos, quando santas personalidades a indicaram como sendo eleita de Deus para cumprir grandes mistérios. Assim, aos nove anos, deu a conhecer algumas revelações.

Deus, um dia, ordenou-lhe que fôsse procurar o papa Clemente VII, então residindo em Avinhão. Obediente ao mandamento divino, Ursulina, antes de transpor os Alpes, visitou a igreja de Santa Maria Madalena. E ali, depois de ter orado, encontrou um peregrino, que se ofereceu para guiá-la. E assim foi.

Posta no caminho de Avinhão, o guia desapareceu, de repente: era São João.

Ursulina, uma vez com o papa, com êle, por mais de uma hora, conversou sôbre a mensagem de que era portadora. Falava com desembaraço, sem

se engasgar, muito segura de si mesma. E, ao terminar, disse, compenetradamente:

— Olha que se tardares a cumprir o que te disse da parte de Nosso Senhor, teu lugar será o inferno!

O papa, um tanto perturbado, propôs-se recebê-la no dia seguinte.

Clemente VII, sempre que Ursulina se apresentava para nova audiência, era tomado de grande medo, e contemporizava. A jovem, então, um belo dia, deixou Avinhão e se foi para os seus, preparar-se para uma viagem a Roma, que Deus, novamente, incumbira-a de outra missão, junto de Bento IX, qual seja, a de lhe transmitir o que havia feito.

Aconselhado pelos cardeais, Ursulina tornou a Avinhão.

Clemente VII estava profundamente impressionado, mas os cardeais mantinham-se impassíveis.

Um dêles lhe perguntou:

— Já que tu tens com Deus palestras tão íntimas e familiares, dize: quais de nós seremos salvos e quais os que nos danaremos?

Ursulina respondeu:

— Quando tu vês uma árvore em flor, podes dizer quais as flôres que darão fruto e quais as que não?

— Não, respondeu o cardeal.

— Então? Assim acontece com os eleitos e os danados. Sòmente Deus pode discerni-los, e os que por Êle são esclarecidos, porque lhe apraz.

Ursulina acabou por ser acusada de feiticeira. E foi prêsa. Miraculosamente, porém, livrou-se, escapando, por várias vêzes, de diversas armadilhas.

Fêz, então, uma peregrinação à Terra Santa. De volta, expulsaram-na de Parma. De Bolonha, para onde fôra, retirou-se, pouco mais tarde, para Verona.

Vivendo para piedosas meditações, ao pé da mãe, que a acompanhava nas vicissitudes, a 7 de abril de 1410, faleceu suavemente.

Vários milagres ilustraram-lhe a sepultura.

\* \* \*

## SANTO AIBERTO (\*)

### *Confessor*

Aiberto nasceu na aldeia de Espain, perto de Tournai, no ano de 1060, filho de Albádio, homem de armas, e Elvídia, ambos muito piedosos cristãos.

Criado num ambiente de doçura, edificante, em que os bons exemplos primavam pela constância, Aiberto cresceu dócil, todo inclinado para o bem.

Jovem ainda e já se impunha penitências e mortificações, porque as sabia agradáveis a Deus.

À noite, quando percebia que todos, profundamente, no profundo silêncio da aldeia, dormiam, furtivamente levantava-se, e, ajoelhado, de olhos voltados para o céu, fazia longas orações ardentes, que acompanhava com um número infindo de genuflexões, recolhendo-se ao leito somente quando, no nascente, as primeiras côres da manhã surgiam.

Moço, o pai empregou-o na guarda dos rebanhos. Aiberto exultou: podia ouvir missa e assistir ao ofício. E tôdas as manhãs, muito alegre, lá ia êle à igreja, tendo, confiantemente, aos cuidados do Anjo da Guarda deixado as suas sossegadas ovelhas a pastar. Nunca, e por um longo período, o que quer que fôsse de mal sucedeu a qualquer componente dos rebanhos.

Um dia, em casa, ouviu um mendigo a cantar pela rua uma triste, dorida canção religiosa, em que um santo, São Teobaldo de Provins, preferindo a pobreza de Nosso Senhor, deixara de lado imensas riquezas e foi viver recluso numa cidade italiana.

O pobre, esfarrapado, passou a cantar, tristemente, e perdeu-se pelas ruas da aldeia, desapareceu. E Aiberto, com São Teobaldo na mente, ardeu por levar a mesma vida que levara o santo.

Dias depois, um peregrino hospedou-se na casa de Albádio. E o jovem, edificado por tanta piedade, ouvindo-o falar de doces coisas santas, principalmente de um padre João, religioso do mosteiro de Crespino, que vivia no êrmo, determinou que havia de se dedicar ao serviço de Deus. E deixou a casa paterna, foi-se à procura do solitário.

João recebeu-o com grande alegria, e Aiberto ali se deixou ficar, porque encontrara a sua alma gêmea.

Ambos os dois, animados dos mesmos desejos, sequiosos de penitências e de mortificações, passaram a viver na mais perfeita harmonia.

Ao abade de Crespino, Reinier, não demorou muito, chegaram notícias de que um novo e virtuoso solitário andava a edificar as gentes tôdas dos arredores. E, quando resolveu fazer a sua peregrinação a Roma, aos dois cenobitas levou consigo. E os três, descalços, os corpos recobertos de um cilício, cansados das caminhadas, mas de alma leve, lá se foram, o pensamento no papa.

Quando chegaram, souberam que o sumo pontífice estava em Benevento. E o padre João, doente e fatigado, foi bater às portas do mosteiro de Valombrosa, apoiado nos moços braços de Aiberto.

Os três peregrinos, depois de um curto descanso de semanas, agradecendo a boa acolhida, tornaram à França.

Desde então, admitido no mosteiro de Crespino, Aiberto ali passou a professar, não tardando a ser tomado como modelo do perfeito religioso.

Depois de ter sido o humilde despenseiro do mosteiro por vinte e cinco anos, fiel à vida de mortificação dos primeiros tempos na solidão das brenhas, o santo solicitou do abade Lambert, que sucedera a Rainier, permissão para levar vida solitária.

Autorizado a deixar Crespino, Aiberto, a alma cantando louvores ao Senhor, embarafustou-se no deserto, à cata do lugar mais agreste. E, dando com o sítio desejado, ali se fixou.

Desde aquêlê dia, o santo absteve-se, totalmente, de pão. E só bebia água, alimentando-se de raízes.

Todo o tempo era consagrado à oração. E Aiberto, todos os dias, além de recitar, todo inteiro, o saltério, rezava cento e cinqüenta Ave-Marias, fazia cem genuflexões e cinqüenta profundas prostrações por terra.

Tanta devoção devia ser premiada pelo céu. Devia e foi.

Um dia, era então pelo correr da estação fria, as chuvas de inverno caíram tão abundantemente, que Aiberto se viu prêso na cela, sem poder sair ou ser socorrido. E o que mais o amargurava, era não poder ouvir missa. Sem saber o que fazer, resolveu rogar à Virgem Maria, para que lhe solucionasse a questão. Rogou, rogou, e dormiu de cansaço.

Quando acordou, perturbou-se tremendamente: a cela estava cheia de belíssimas mulheres.

Aiberto, passada a surprêsa, gritou:

— Que audácia é essa, a de entrar assim na cela de um recluso?

E, como nada respondessem, e não se apressassem, em deixar o lugar, o santo, armando-se com um longo varapau, pôs-se a brandi-lo ameaçadoramente.

Então, uma delas, a mais linda de tôdas, de uma beleza jamais vista, exclamou:

— Cuidado, meu bom irmão! Tu me invocaste com tanto ardor e me acolhes assim tão mal?

A estas palavras, o santo, deixando cair o varapau, porque reconhecia na bellissima senhora a Mãe de Deus, desabou sôbre os joelhos. E, aos pés de Maria, pedia-lhe perdão sem cessar, trêmulo e confuso.

Nossa Senhora, perdoando-o, consolou-o:

— Tu crês que o Todo-Poderoso pode alimentar-te sem pão? Não deves afligir-te por não poderes assistir à missa: tôda a tua vida e as tuas obras tôdas são como um sacrifício a Deus ofertado.

Ela tomou de uma iguaria jamais vista e pô-la na bôca de Aiberto. E Aiberto, desde aquêlê dia, nunca mais sentiu vontade de comer pão, desejo que o perseguia. E as raízes e os legumes bastavam-lhe plenamente.

O nome daquele santo cenobita não tardou a correr por todos os lugares. E grandes multidões deram de vir receber instruções, ao pé da cela.

Um dia, o bispo de Cambrai conferiu-lhe as ordens, depois o sub-diaconato, e, em seguida, o diaconato. Feito padre, Aiberto, quase sempre, era obrigado a celebrar duas missas, tal o número de peregrinos que ia chegando, dos arredores todos, e de muito longe.

A segunda missa, o santo, invariavelmente, oferecia-a em sufrágio das almas do purgatório, das quais, desde os tempos de menino, jamais se esquecera.

A fama de penitente deixou a França, chegou a Roma, aos ouvidos do papa Incêncio II, que, recomendando-se às orações de Santo Aiberto, cumulou-o de favores espirituais, concedendo indulgências aos que, desta ou daquela forma, auxiliassem o santo solitário.

Inúmeras foram as conversões conseguidas por Aiberto, inúmeras, também, as curas miraculosas, reputadas impossíveis pelos médicos.

Um dia, o irmão do conde de Hainaut, Arnaldo, desenganado pelos facultativos, pediu que o levassem até a cela do santo. Ali chegando, humildemente fez completa confissão dos pecados. Cansado, sentiu repentina sêde atroz, e pediu de beber.

Aiberto nada tinha que não água. Água para o conde? Encheu o copo, benzeu a água, e deu-a a Arnaldo.

O conde saboreou um delicioso vinho. E, enquanto o gabava, foi-se sentindo perfeitamente bem. Curara-se.

Adoecendo ao aproximar-se a Páscoa de 1140, Santo Aiberto faleceu a 7 de abril, sendo enterrado na própria cela pelos abades de Crespino e de Santo Amando. Grande número de miraculosas curas, então, tiveram lugar à beira do túmulo.

O corpo do santo, mais tarde, foi transferido para o mosteiro de Crespino.

— — — —

No mesmo dia, em Douai, o bem-aventurado Cristão, confessor. Padre a serviço da igreja de Santo Albino, em Douai, era caridosíssimo com os pobres. Dêle, conta-se que, quando pouca era a provisão destinada aos indigentes, miraculosamente multiplicava-a muitas vêzes. Ignora-se em que ano veio a falecer. Perto da igreja de Santo Albino, existia um jardim que levava o nome de Cristão: tanto a igreja como o jardim, desapareceram em 1793, destruídos. As grávidas e os febris invocam-no com unção.

Em Florença, a bem-aventurada Teresa Margarida do Sagrado Coração de Jesus, virgem, no século Ana Maria, filha de ilustre família dos Redi. Nascida em Arezzo no dia 15 de julho de 1747, foi educada no convento de Santa Apolônia de Florença. Aos dez anos, transferiu-se para a casa das carmelitas descalças de Santa Teresa, em Florença mesmo, passando a professar com o nome que a tornou conhecida. "Jovem flor do Carmelo, imitando a brancura do lírio", conforme reza a Ata de Beatificação, Teresa Margarida, em odor de santidade, faleceu em 1770, com menos de vinte e três anos de idade. Beatificada por Pio XI a 9 de junho de 1929.

Em Ruão, a morte de São João Batista de la Salle, padre e confessor, homem eminente pela instrução da juventude, sobretudo pelo carinho que dedicava à pobreza. Celebrado a 15 de maio.

Em Vitry, Champagne, São Clotário, confessor, cujo corpo se encontra na abadia de São Tiago. Há ali grande concorrência de fiéis a 7 de abril de cada ano, dia em que se lhe expõem as relíquias.

No Oriente, São Jorge de Mitileno, bispo. Nascido na ilha de Lesbos, foi exilado por Leão, o



O bem-aventurado J. B. de la Salle. Segundo um retrato da época.

Armênio, na Criméia, quando da perseguição causada pelas santas imagens. Morto no degrêdo (816), foi transportado para Mitileno.

Em Luxeuil, São Gilberto ou Gibardo, abade e mártir. Abade de Luxeuil, quando da invasão dos bárbaros da Austrásia, fugiu com os religiosos. Sendo apanhados, foram mortos, por não quererem renegar a fé (888).

Na África, festa dos santos mártires Epifânio, bispo, Donato, Rufino e treze outros.

Em Sinope, província do Ponto, duzentos bem-aventurados mártires.

Em Verona, São Saturnino, bispo e confessor.

Em Nicomédia, São Ciríaco e outros dez mártires.

Em Alexandria, São Pelúcio, sacerdote e mártir.

\* \* \*

## 8.º DIA DE ABRIL

### SÃO DIONÍSIO

#### *Bispo de Corinto*

Êsse santo foi um dos mais ilustres prelados do segundo século, e pode ser que tenha sucedido a São Primo, que era bispo de Corinto, quando São Hegesipo lá foi, no curso de suas viagens. Não contente com cuidar do rebanho e instruir o povo, estendia seu zêlo e caridade às demais províncias, por meio das excelentes cartas que escreveu a grande número de bispos. Eusébio nos dá ciência de sete, às quais dá o título de católicas ou universais, porque eram dirigidas principalmente às igrejas e às nações inteiras, não aos bispos cujos nomes elas tinham inseridos no cabeçalho. O pouco que nos conservou o mesmo autor nos deixa entrever como devemos deplorar a perda de tão preciosos monumentos da antiguidade eclesiástica.

A primeira era escrita aos lacedemônios, para os instruir na fé ortodoxa e para exortá-los à paz e à união. Na segunda, que dirigiu aos atenienses, procura despertar nêles a fé e levá-los a viver sempre dignamente de acôrdo com o Evangelho. A fé dos atenienses enfraquecera-se com a morte de Públio, bispo dêles, que sofrera o martírio durante as perse-

guições dêsse tempo. Mas Quadrato lhe sucedeu e reuniu novamente os membros dessa igreja que o furor das perseguições haviam dispersados. E o ardor primeiro começou a despertar-se nêles. Por isso, nessa carta, na qual faz menção a São Dionísio o Areopagita, convertido por São Paulo e que atesta ter sido o primeiro bispo de Atenas, o santo bispo parece não ter outro objetivo que o de convencê-los a permanecerem para sempre mais firmes nas santas resoluções. A terceira foi escrita aos fiéis de Nicomédia, capital da Bitínia. Nestas defendia com ardor e disposição a regra da fé, ou seja, os principais artigos do símbolo dos apóstolos, contra a heresia de Marcião.

Escrevendo aos Gortinianos e às outras igrejas de Creta, louvava altamente a virtude de Filipe, bispo de Gortínia e atribuía-lhe ao zêlo, bem como ao vigor, a piedade e a generosidade célebres das ovelhas a êle confiadas, ao mesmo tempo em que o advertia a não se deixar surpreender pelas artimanhas dos hereges. Na carta à igreja de Amástris, e a tôdas as igrejas do Ponto, acentua, inicialmente, que fôra levado a escrever por Bacilídio e Evelopisto, provavelmente dois sacerdotes ou dois bispos do país. Em seguida, tendo falado de Palma, bispo dêles, explicava-lhes algumas passagens da Escritura, instruindo-os longamente sôbre o casamento e sôbre a virgindade, e lhes ordenava receber com doçura todos quantos quisessem fazer penitência, seja os que haviam incorrido em heresia, seja os que haviam cometido qualquer outro êrro. O que nos leva a concluir que nessa carta se propusera combater a seita, então nascente, dos montanistas, que conde-

navam as segundas núpcias e negavam à Igreja o poder de absolver o homicida, o adúltero e o idólatra.

Na sexta, escrita para os fiéis de Gnosso, na ilha de Creta, São Dionísio exorta Pinito, que era o bispo de lá, a considerar a fraqueza do comum dos homens e a não impor generalizadamente aos fiéis o jugo da virgindade ou da continência perpétua, como se isso fôsse questão de virtude absolutamente necessária para a salvação. São Pinito, homem de grande eloqüência e um dos maiores do século em que viveu, respondeu a essa carta. Após haver testemunhado muita estima e respeito por São Dionísio e por sua carta, pede-lhe que dê ao povo alimento mais forte e que escreva outras cartas para lhe sugerir máximas diferentes e para exercitá-lo no caminho da perfeição, com receio de que, acostumados a serem alimentados com leite, envelheçam na infância da vida espiritual, sem aspirar à perfeição. Vê-se nessa carta de Pinito, como que em um quadro fiel, a pureza de sua fé, a solicitude pelo progresso do povo, a eloqüência e a luz com que penetrava as coisas santas.

Maravilhosa mudança se pode notar aqui. A ilha de Creta até então não era conhecida por outra razão que a vida mole e voluptuosa dos habitantes. E eis que a virgindade, a continência perpétua lá se tornaram comuns, e de tal modo, que um santo bispo chegou a recluir se fizesse disso uma obrigação a impor-se a todos.

Quanto à carta de São Dionísio à igreja de Roma, Eusébio acreditou que pertencesse mais à história eclesiástica do que as precedentes. Para estas, não faz outra coisa senão indicar sumária-

mente os principais objetos. Com relação àquela, pensou dever relatar alguns trechos, principalmente para mostrar o antigo e louvável costume dos pontífices romanos de socorrerem com a caridade tôdas as igrejas do universo que se encontravam na indigência, bem como atender às necessidades de todos os fiéis, principalmente dos que estavam exilados por causa da fé, ou que, pelo mesmo motivo, estavam condenados aos trabalhos públicos, tais como as carreiras e as minas. A cátedra de São Pedro estava ocupada, então, por Sotero, que substituíra Aniceto, morto, segundo Eusébio, no citavo ano do reinado de Marco Aurélio, depois de ter permanecido na sé apostólica durante onze anos. Após louvar a generosidade dos romanos, que desde a origem do cristianismo praticavam essas obras de misericórdia, São Dionísio acrescenta: "Vosso bem-aventurado bispo, Sotero, não sòmente conservou êsse costume, mas o aumentou, distribuindo esmolos mais fartas aos indigentes das províncias e recebendo e consolando com afabilidade, como um pai, aos filhos, os irmãos dessas mesmas províncias que iam a Roma." Eusébio testemunha, por seu turno, que as liberalidades universais da Igreja romana haviam continuado até seu tempo.

São Dionísio dizia ainda nessa mesma carta ao papa Sotero: "Celebramos hoje o santo dia do domingo e lemos vossa carta. Assim faremos com perseverança, e também com a carta que Clemente nos escreveu. Dessa forma, seremos abundantemente providos dos mais benéficos ensinamentos". É ainda nessa mesma carta que êle dizia aos romanos que Pedro e Paulo, após terem pregado juntos em Corinto, foram também juntos para a Itália e sofreram ao mesmo tempo, em Roma, glorioso martírio.

Acrescentou por fim que certos apóstolos do diabo haviam alterado as outras cartas que escrevera, acrescentando-lhes ou tirando-lhes o que era necessário para as tornarem suspeitas ou mesmo favoráveis aos erros que pregavam. Contra tais pessoas pronuncia esta terrível sentença: "Sêde malditos!" e conclui que não devia parecer estranho que tivessem tentado corromper os santos Evangelhos, já que acreditavam do seu interesse alterar os escritos de uma autoridade menor. Talvez a obrigação de dar satisfações ao Papa tenha levado o santo bispo a tal queixa, pois, ao pontífice deviam ter sido denunciadas essas cartas, por não terem sido lidas senão cópias alteradas pelos hereges.

Além dessas cartas católicas ou universais, escreveu São Dionísio ainda uma particular a uma santa mulher, chamada Crisófora, para lhe dar diversos conselhos salutares. Sabemos que o santo bispo fizera ver em seus escritos em que filósofo cada uma das heresias havia haurido o veneno. Como não é provável que tal tenha sido o objetivo das cartas precedentes, pode ser que tenha publicado ainda outras obras pela defesa da fé católica e para utilidade da Igreja. Não se sabe, porém, em que ano morreu o santo bispo.

\* \* \*

# SANTOS HERODIÃO, ASÍNCRITO E FLEGONTE (\*)

*Referidos por São Paulo*

Êstes santos, refere-os São Paulo, o grande apóstolo, na Epístola aos Romanos:

“Saudai aquêles que são da casa de Aristóbulo. Saudai *Herodião* (1), meu parente. Saudai os que são da casa de Narciso, que estão no Senhor. Saudai Trifena e Trifosa, que trabalham no Senhor. Saudai a nossa muito amada Perside, que trabalhou muito no Senhor. Saudai Rufo, escolhido no Senhor e sua mãe e minha. Saudai *Asíncrito, Flegonte*”, etc. (2).

Herodião, como se viu, era parente do Apóstolo. Originário de Tarso, acompanhou São Paulo até Roma, quando do seu segundo cativeiro. Ordenado padre, depois bispo de Nova Patras, operou numerosas conversões. Enraivecidos por tanta e frutuosa atividade, os judeus levaram-no à morte.

---

(1) O grifo é nosso.

(2) Rom. 16, 11-14.

Quanto aos outros dois, Asíncrito e Flegonte, não se possuem detalhes.

Os gregos, a êstes santos, consagram um ofício completo no dia 8 de abril. Acrescentam, mesmo, outros nomes, como Agabo, que ficou registrado no dia 13 de fevereiro, e Rufo, celebrado a 21 de novembro.

\* \* \*

## SÃO PERPÉTUO (\*)

### *Bispo e Confessor*

Perpétuo nasceu numa família de senadores, riquíssima. Eleito bispo de Tours em 461, foi o sucessor de Eustóquio.

Possuidor de imensa fortuna, usou-a em benefício da Igreja e no socorro da pobreza, para as quais vivia. Os necessitados, os doentes, os mendigos, as viúvas desprotegidas, os órfãos espoliados nêle viam um pai extremosíssimo e sempre vigilante.

O desejo de transmitir aos pobres o que Deus lhe havia dado, levou o santo bispo, bem antes da morte, quinze ou dezesseis anos, a tratar de lhes assegurar a posse. Desde 475, principiou um testamento, no qual ia dispondo de tudo aquilo que possuía em favor dos pobrezinhos e das igrejas.

Estudioso, deixou alguns escritos, que citaremos em parte: uma *Memória* dirigida a Paulino de Perigueux, onde relata diversos milagres de São Martinho; regras para o serviço divino e os jejuns; o testamento, que é considerado como monumento da antiguidade. Vejamos alguns trechos.

-----

“Em nome de Jesus Cristo: Eu, Perpétuo, peccador, padre da Igreja de Tours, não quis partir dêste

mundo sem deixar um testamento, de medo que os pobres fôsem frustrados dos bens, cuja bondade do céu me deu liberalmente e afetosamente, sem nenhum mérito de minha parte, e de medo — o que a Deus não apraza! — que os bens dum padre não passassem a outras famílias que não a minha Igreja.

“Eu dôo e lego a todos os padres, diáconos e clérigos de minha Igreja, a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim seja. Confirmai, Senhor, o bem que vós mesmos a nós fizestes! Que não conheçam jamais os cismas! Que permaneçam firmes na fé! Que aquêle que fielmente seguiu o Evangelho seja cumulado de tôdas as bênçãos do céu por Jesus Cristo. Assim seja”.

— — —

“Eu vos permito a vós, padres, diáconos e clérigos de minha Igreja, que me sepulteis o corpo no lugar que vos aprouver, com o parecer do conde Agilon (1). Eu sei que meu Redentor é vivo e que verei na carne ao meu Salvador. Assim seja. Todavia, se quiserdes conceder-me, embora seja eu indigno, a graça que vos suplico humildemente, enterrai-me aos pés de São Martinho, para ali aguardar o dia do julgamento. Vós fareis o que vos agradar. Deixo-o a vossa escolha.

Primeiramente, pois, eu, Perpétuo, quero e ordeno que todos os homens e mulheres que são servos, na aldeia de Savonnières, e que comprei com meu dinheiro, sejam alforriados e postos em liberdade, bem como os servidores de minha Igreja, com a con-

---

(1) O conde Agilon era, então, o governador da Turena.

dição, porém, de que nessa liberdade sirvam a minha Igreja durante a vida, mas sem nenhum compromisso de servidão quanto aos seus herdeiros”.

— — — —

“Tudo o que me fôr dado no dia de meu falecimento, em qualquer lugar e por qualquer pessoa, seja ela qual fôr, eu o dôo e lego aos que o fizeram. Quero e entendo que ninguém pretenda exigir o que, por êsses presentes, lhes remeto.

“Eu dôo e lego a vós, Eufrônio (2), meu bem-amado irmão e colega no episcopado, meu relicário de prata, que encerra muitas relíquias de santos, isto é, aquêles que eu costume trazer comigo, porque o outro, o que é dourado e que está em meu gabinete, eu o dôo e lego à minha Igreja, com dois cálices de ouro e uma cruz de ouro, que foi feita por Malboino; ademais, dôo e lego à mesma Igreja, todos os meus livros, exceção feita ao livro dos evangelhos que Santo Hilário, bispo de Poitiers, escreveu de próprio punho: êste é vosso, Eufrônio, meu muito amado irmão e colega, a quem o dôo, com o sobredito relicário. Lembrai-vos de mim. Assim seja.

“Eu dôo e lego à igreja de São Dionísio de Amboise, um cálice de prata com as galhetas de prata. Eu dôo a Amalário, cura do dito lugar, uma capa comum, de sêda, um tabernáculo e uma pomba de prata para servir de repositório (3), a menos que minha igreja deseje dar, achando-o melhor, a Ama-

---

(2) Bispo de Autum e muito amigo de São Perpétuo.

(3) Encerrava-se, então, o Santo Sacramento num tabernáculo em forma de pomba.

lário, aquela da qual se serve e reter a minha. Eu permito, quero e entendo que minha igreja faça a escolha.

“Eu dôo e lego à minha irmã Fidia Júlia Perpétua, uma pequenina cruz de ouro, com lavores, na qual estão relíquias de Nosso Senhor. Rogo-lhe, todavia, e muito instantemente, que se por disposição divina, venha a morrer antes de Dadolênia, virgem de minha igreja, a ela a deixe. A ti também te suplico, minha querida Dadolênia, ao morreres, doa-a à igreja que te aprouver, para evitar que caia em poder de alguém que não seja digno. Se, ao contrário, minha querida irmã Fidia Júlia Perpétua, acontecer que Dadolênia venha a falecer primeiro, quero, igualmente, que a does à igreja que a ti te aprouver doar. Lembra-te de mim, minha bem amada irmã. Assim seja.

“Quanto a ti, meu muito querido conde Agilon, em consideração aos bons ofícios que tens rendido à minha Igreja e aos pobres, meus filhos, e para compromissar-te a protegê-los tão eficazmente, como o vens fazendo até aqui, eu te dôo e lego meu cavalo, com o jumento, à tua escolha. Queridíssimo filho meu, lembra-te de mim. Assim seja”.

— — — —

“E tu, meu irmão e muito querido colega, a quem Deus há de conferir, depois de minha morte, o governo desta Igreja, hoje minha e tua, ou antes, não a minha nem a tua, mas de Jesus Cristo, dôo-te tudo aquilo que te aprouver escolher entre os meus móveis, próprios que são para o uso dum bispo, então em meu quarto ou na sacristia, contígua. Se tu não

os desejares, passarão a pertencer aos herdeiros que institui. Não restabeleças jamais na ordem, da qual foram justamente destituídos, o padre cura de Maillé, nem o de Orbigny. Quero, entretanto, que ambos tenham certa pensão, sôbre uma parte das minhas rendas de Preslay, e te deixo a gôzo o resto, com a porção vitalícia que lhes faço, quando morrerem; e, depois de tua morte, eu os dôo e lego à minha Igreja. Mas tu também, meu muito querido irmão e colega, ama, ajuda, provê, com a tua benevolência, os padres, diáconos, clérigos e virgens, que são meus e serão teus. Faze com que vejam que são teus filhos e não teus escravos, que tu és pai e não senhor. Eu te rogo, quero e ordeno.

“A vós, que fazeis parte de mim mesmo, meus bem amados irmãos, minha coroa, minha alegria, meus senhores, meus filhos, pobres de Jesus Cristo, indigentes, mendigos, doentes, órfãos, viúvas, todos, todos vós, digo-o eu, faço-vos e constituo meus herdeiros. Quero que me sucedais em todos os bens que possuo, seja em campos, pastagens, prados, matas, vinhas, casas, jardins, águas e moinhos, seja o que fôr em ouro, prata, vestimentas. Quero que, imediatamente depois de minha morte se faça a conversão dêsses bens, que, uma vez vendidos e convertidos em dinheiro, diligentemente se estabeleça três partes. Duas delas serão distribuídas aos pobres pela mediação do padre Agrário e a do conde de Agilon, e a terceira, será repartida entre as viúvas e as pobres mulheres, ao alvedrio e cuidados da virgem Dado-lênia. Tal é minha vontade, meu rogo e meu desejo.

“Eu, Perpétuo, reli e assinei êste testamento escrito de próprio punho, no ano do pós-consulado de Leão, o Jovem, Augusto (1.º de maio de 475).

“Tu, meu filho Dalmácio (4), guarda-o em tua casa, em depósito, para ser aberto e lido diante do conde Agilon e em presença de meus irmãos, padres, diáconos e clérigos, com um dúplice igualmente escrito de meu próprio punho, do qual já fiz Dadolênia depositária.

“Em nome do Senhor, assim o quero. Abençoai-me, Senhor. Vinde, Jesus Cristo. Eu, Perpétuo, em vossas mãos. Assim seja!”

— — — —

São Perpétuo, que governou a Igreja de Tours por trinta anos, faleceu no dia 30 de dezembro de 490. Há os que opinam que a morte ocorreu a 8 de abril de 491. Enterrado, consoante desejara, aos pés de São Martinho, dêste ilustríssimo bispo, conforme disse Sidônio Apolinário, fielmente procurou imitar as virtudes tôdas.

\* \* \*

---

(4) Provavelmente um notário.

## SÃO REDENTO (\*)

### *Bispo e Confessor*

Dêste santo, que foi homem de raras virtudes e de extraordinária santidade, que, antes de ser feito bispo de Ferentino, na Toscana, professou na ordem de São Bento, diz Gregório, o Grande, nos seus *Diálogos*:

“Nós estávamos muito ligados no mosteiro. A meu pedido, eis o que disse sôbre os males que deviam afligir a Itália. Nos tempos do papa João, meu predecessor, teve esta visão, assaz impressionante.

“Um dia, quando visitava as suas paróquias, segundo o costume, chegou à igreja do bem-aventurado mártir Eutíquio. Era de tarde, e ordenou que, para repousar, dispusessem-lhe o leito perto da tumba do Santo. Ia a noite em meio, e êle, como lhe acontecia freqüentemente, agitado, estava num estado de sonolência. Eutíquio, então, apareceu-lhe e disse:

“— Redento, tu estás acordado?”

“Redento respondeu-lhe:

— Sim”.

Por três vêzes, a visão repetiu aquelas palavras, e disse:

—“ O fim de todo homem se aproxima”.

“O servidor de Deus, então, levantou-se, e pôs-se a gemer e a orar.

“Não demorou muito, terríveis sinais apareceram no céu: eram como que lanças e armas outras, de fogo, que brilhavam do lado do Norte. Pouco tempo depois, a selvagem nação dos lombardos saía, como uma espada que sai da bainha, a ameaçar nossa existência, e as numerosas populações que viviam em nossas terras, como uma abundante messe, foram batidas e destruídas. As cidades viram-se despovoadas, as fortalezas arrasadas, as igrejas queimadas, os mosteiros, de homens e de mulheres, arruinados, as propriedades devastadas e abandonadas.

A terra era tôda ela uma só solidão, como se não mais possuidor algum tivesse. E os animais ferozes, espalhando-se por tôdas as partes, outrora habitadas, a tudo tomaram.

“Não sei o que se passou noutras regiões: naquela em que vivíamos, podia crer-se que o fim do mundo realmente havia chegado”.

Redento, pois, segundo Gregório, o Grande, viveu quando João III se assentava na Santa Sé (559-572).

Faleceu em 586.

\* \* \*

## SÃO GALTÉRIO DE PONTOISE (\*)

### *Abade e Confessor*

Galtério nasceu em Andaiville, na Picardia, tendo recebido, dos pais, primorosa educação. Moço, no ápice da fama, medroso da vaidade que lhe poderia advir, resolveu deixar o século. Antes, porém, quis experimentar-se. E, sem que ninguém o soubesse, revestido de rude cilício, passou a praticar duros jejuns, a impor-se certas horas de absoluto silêncio e retiro.

Côncio da fôrça de que dispunha e da sinceridade da resolução que tivera, foi bater às portas da abadia de Rabais, na diocese de Meaux.

Ali, admitido, Galtério foi modêlo dos religiosos. Humilde, submisso, modesto e paciente, a todos edificou e a todos cativou fãcilmente.

Conta-se dêle que, um dia, tendo sido prêso num escuro cubículo do mosteiro um camponês, por certos malfeitos, Galtério, penalizado, às escondidas, ia levar-lhe o pão que lhe cabia. E tendo vislumbrado no pobre o arrependimento, uma noite, valendo-se da escuridão que a tudo cobria, entrou na prisão, tomou aos ombros o cativo e o ajudou a fugir, antes dêle recebendo a promessa de que vingança alguma havia de tirar dos moradores do mosteiro.

Quando o abade tomou conhecimento de tal infração, severamente castigou o santo.

Pouco mais tarde, uma nova comunidade, fundada perto do castelo de Pontoise, pelo irmão do conde Amiens, Amaury, ia atrair o santo religioso.

Os ocupantes da nova casa, sabedores das virtudes de Galtério, escolheram-no como abade.

O santo relutou. Não queria aceitar o cargo. Julgava-se muito indigno e, pois, a outro deviam eleger. Afinal, depois de muita instância, acabou por aceder.

Diz-se, então, que, tendo recebido a bênção do bispo, o rei Filipe I, erigido em protetor da abadia, foi conferir-lhe a cruz abacial. Galtério, ao invés de colocar a mão debaixo da mão do rei, como era de praxe, pô-la em cima, dizendo:

— É de Deus, e não de Vossa Majestade, que recebo o govêrno desta abadia.

Filipe, e todo o séquito ali presente, admirou-se de tanta independência e menosprêzo por si mesmo.

A abadia, que tomou a regra de São Bento, foi, pelo novo abade, dedicada a São Germano. E tendo assim vivido por uns tempos, passou a ter como padroeiro São Martinho.

Um dia, corria o ano de 1072, desejoso de solidão e tranqüilidade para mais se dedicar ao Senhor, secretamente deixou a abadia e, incógnito, buscou a de Cluny, então governada pelo abade Hugo.

Muito procurado pelos monges, acabaram por descobrir-lhe o paradeiro. E, para maior certeza de que o teriam de volta, conseguiram uma ordem assinada por João de Bayeux, bispo de Ruão.

De novo em Pontoise, o santo construiu uma cela numa gruta um tanto afastada do mosteiro, e ali

passou a viver, sem abandonar o cargo. Anacoreta, logo começou a ser procurado para conselhos. Então, resolveu fugir novamente, em busca da soledade.

Desta vez, Galtério procurou uma ilha situada perto de Tours, mas não obteve o desejado: pouco tempo depois, os moradores de Tours, sabedores da existência dum santo homem na ilha, principiaram a aparecer, como os da gruta perto da abadia, e a lhe solicitar conselhos, bênçãos e orações.

Um dia, um homem, chamava-se Garino, foi vê-lo na ilha. E, tendo-o reconhecido, transmitiu aos monges de Pontoise o paradeiro do fugitivo abade.

Os monges, imediatamente, correram-lhe aos pés. E, chegando ao abade, suplicaram-lhe, de joelhos, que tornasse à comunidade, que sem êle fenecia a pouco e pouco.

Depois de muita insistência da parte dos religiosos, Galtério decidiu acompanhá-los. E, tendo ficado algum tempo entre êles, viu surgir uma oportunidade para ir a Roma, em busca do desejado.

Naquela cidade, visitou o túmulo dos Santos Apóstolos, suplicando-lhes que conseguissem do papa, então Gregório VII, a deposição do fardo que levava — o de abade, que era uma honra que não merecia.

O papa, ouvido Galtério, logo percebeu que naquilo ia imensa humildade e não falta de competência ou de méritos, conforme ardentemente apregoava o doce abade. E, tendo-o exortado a continuar ao lado dos monges de Pontoise, para instruí-los, e assim servir a Igreja, ameaçou anatematizá-lo, caso não reassumisse a direção da abadia, sempre abandonada — que era o que vinha acontecendo desde longa data.

Daí em diante, Galtério não mais desertou, e tratou, com afã, de tudo aquilo que d'ele dependia. E, por tanto zêlo e ardor, viu-se premiado com a predileção da Virgem, que o escolhera para nova missão.

Era em 1092, e a Mãe de Deus, aparecendo-lhe na cela, disse:

— Levanta-te, Galtério, vai a Bertaucourt, para ali construir um novo mosteiro. Escolhi aquêlo lugar para uma comunidade de virgens que se consagrarão ao meu serviço.

Galtério julgou que aquela aparição se tratasse duma ilusão. E deixou de cumprir a ordem dada por Nossa Senhora.

Maria, numa segunda aparição, renovou-lhe o desejo externado anteriormente, e, como prova de que tudo era realidade e não ilusão, conforme julgara o santo, deixou a impressão dos puríssimos dedos nas faces maceradas do santo abade.

Desta vez, Galtério não mais duvidou, e demandou aquela localidade nomeada pela Bem-aventurada Virgem Maria.

Foi assim que surgiu e floresceu a abadia de Nossa Senhora do Prado.

Sete anos depois, São Galtério, calmamente e em paz, falecia, sendo enterrado na igreja abacial de São Martinho, onde, então, um sem-número de milagres teve ocasião.

Conta-se que, poucos dias antes de morrer, no último sermão que proferiu, advertiu a condessa de Beaumont, que à missa escandalizava aos fiéis todos com a audácia dos vestidos que comumente usava, despudoradamente.

A condêssa, rubra, teve a petulância de lhe retrucar, com cínico sorriso, que, no domingo seguinte, à missa compareceria com vestido bem mais extravagante.

São Galtério, a quem Deus, no fim da vida, concedera o dom da profecia, alquebrado, respondeu-lhe:

— Tu, com efeito, virás, mas muito diferentemente.

Poucos dias depois, Galtério, nos últimos instantes, recebeu um enviado da condêssa, que, adoecendo repentina e gravemente, desejava vê-lo.

O santo, frouxamente, respondeu:

— Deus queira que ela me encontre no céu, porque, nesta terra, jamais me verá.

São Galtério morreu a 8 de abril de 1099. E a condêssa Beaumont, no mesmo dia, deixou a terra que tanto lhe agradara.

No domingo, dia marcado insolentemente pela condêssa, o diabo levou-a ao túmulo do santo, e ali a deixou, tantas foram as orações dos fiéis pela salvação daquela alma e em sufrágio da do santo, cuja profecia se cumprira inteiramente.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADO JULIANO DE SANTO AGOSTINHO (\*)

### *Confessor*

Juliano era filho de André Martinet, natural de Tolosa, e de Catarina Gutierrez, nascida em Aguaviva.

Juliano, que veio ao mundo em Medina Coeli, na Castela, filho de pais piedosos, era modesto, quieto, reservado, de bom gênio e obediente. Sempre fugindo da companhia dos meninos da mesma idade, buscava, alegremente, e com freqüência, o silêncio da igreja do lugar, e ali, longa e fervorosamente, orava, esquecido de tudo. A todos, então, surpreendia e edificava com aquela conduta exemplar.

Logo, passou a ajudar missas. E, desejoso de trabalhar, para imitar os pais, empregados na casa dum bom correeiro chamado Antônio Cedillo, colocou-se como aprendiz de alfaiate.

Juliano comungava freqüentemente. E sentia grande atrativo pelas práticas da piedade cristã.

Um dia, resolvido a abraçar a religião, foi procurar o confessor, para aconselhar-se.

Pouco tempo depois, Juliano, todo contrito, recebeu o hábito de São Francisco, nos irmãos descalços, então na província de São José.

Uma surpresa aguardava o bem-aventurado: dando-se fervorosissimamente a espantosas mortificações, os irmãos, julgando advir aquelas práticas mais dum espírito exaltado do que duma alma virtuosa, resolveram arrebatá-lo e mandá-lo embora.

Tristíssimo, Juliano fixou-se em Santorcas, próximo de Toledo, e, empregando-se como alfaiate, sem, contudo, abandonar a idéia de se fazer religioso, ficou esperando em Deus.

Um dia, um padre franciscano, Francisco de Torres, da Observância, encarregado duma missão no lugar em que Juliano se fixara, notou-lhe a piedade, o recato, um quê de doçura, que o levou a tomá-lo consigo, como companheiro e ajudante nos trabalhos apostólicos que estava desenvolvendo.

O jovem alfaiate, exultante, sem titubear, revestiu-se com o hábito de peregrino e seguiu, eufórico, o bom missionário.

Nas caminhadas que faziam, visitando esta, aquela e aqueloutra cidade ou aldeia, acabaram chegando em Medina Coeli. E ali, reconheceram-no. E, rodeando-o, alguns dos antigos companheiros chamaram-no de louco.

— Vós dizeis a verdade, disse-lhe Juliano sorrindo, sou bem louco, mas por amor de Deus.

O padre Francisco, bom psicólogo, grande observador das personalidades, habituado ao estudo dos caracteres, observava o jovem atentamente. Admirando-lhe a corajosa sinceridade da fé, esperou um pouco mais para satisfazer o desejo do companheiro, que, tendo-lhe confiado as amarguras, dêle solicitara a influência para dar-se, por segunda vez, ao noviçado.

Quando se inteirou de que a vocação de Juliano era mesmo inata, colocou-o no convento de Nossa Senhora de Salceda. E o ardor, os jejuns, as extraordinárias austeridades, as penitências que inventava para maiores mortificações, acabaram por voltar-se, novamente, contra o bem-aventurado. Como os religiosos da província de São José, êstes de Salceda também, interpretando-o errôneamente, despojaram-no do hábito e tudo correu como no convento dos irmãos descalços.

E Juliano, submisso, disse humildemente:

— Eu creio que minha vocação é ser religioso, com ou sem hábito. Eu o serei.

E, vestido secularmente, deixou o convento de Nossa Senhora de Salceda e foi estabelecer-se numa montanha que havia nas proximidades, para ali reenectar a vida de contemplação e de penitência.

Todos os dias, os pobres do lugar, de manhã, esperavam que o porteiro do convento, surgindo com o seu grande cêsto, fizesse a distribuição de gêneros. Uma bela manhã, pouco depois de deixar a comunidade, Juliano, em meio aos pobres, enquanto aguardava o aparecimento do irmão porteiro, para, como os demais ali presentes, receber a sua esmola, ia ensinando o catecismo. Recebida a parte que lhe coube, tornou à solidão.

Um dia, tendo recebido a esmola, regressava à montanha, quando encontrou um pobre muito pobre, metade vestido, metade nu. A manhã ia fria, e Juliano, compadecido, desvestindo-se deu seu fato ao pobrezinho.

No dia seguinte, o porteiro, que tudo vira, repreendeu-o. E Juliano, sempre com humildade, respondeu-lhe:

— Que queres? O coitadinho tinha mais necessidade de roupas do que eu.

O irmão porteiro contou o sucedido aos religiosos todos. E êles, enternecidos, acabaram por lhe dar um velho hábito, semelhante ao que usam os oblatos, para que, na manhã seguinte, o solitário melhor se apresentasse.

Juliano sentiu-se extremamente agradecido. E, como retribuição à bondade, à caridade daqueles irmãos que não o haviam compreendido, passou a percorrer as adjacências, a pedir esmolas para o convento.

Os camponeses, que já o conheciam e o veneravam como santo, davam-lhe de tudo, em abundância. E o bem-aventurado, feliz, ao convento levava as esmolas tôdas angariadas. E o porteiro, desejoso de que tomasse, pelo menos a metade do que sempre trazia, via-o, invariavelmente, rejeitá-la, e contentar-se com um único pedaço de pão.

Os religiosos, cada vez mais emocionados, um dia, resolveram readmiti-lo. E abriram, ao bom Juliano, as portas do convento.

Foi um dia imensamente feliz. E o bem-aventurado, depois dum ano de noviciado, era recebido à profissão solene.

Tendo sido, mais uma vez, escolhido pelo padre Francisco para nova missão, Juliano acompanhou-o. E as pregações que fêz, principalmente em Alcalá, converteram infiéis, pecadores de todos os pecados, heréticos, mesmo um grande número de mouros e mulheres da pior vida.

Deus, aqui nesta fase da vida, concedeu-lhe o dom dos milagres. E Juliano, humílimo, dizia que

tudo se realizava pela Virgem Maria ou por êste ou aquêle santo. Êle jamais o faria, nem Deus o permitiria, "porque era o homem mais miserável do mundo". Então, foi-lhe concedido mais: teve poder sôbre os animais, curou multidões, miraculosamente multiplicou alimentos, num átimo venceu incêndios devoradores. E profetizou e leu no fundo dos corações. Era de ver, então, professôres da Universidade de Alcalá, que, compenetradamente, a procurá-lo, consultavam-no sôbre as mais árduas questões.

Sempre e sempre a ansiar pelo Senhor, foi recompensado a 8 de abril de 1606, data em que, santamente, deixando o mundo, foi gozar da glória eterna.

À notícia da morte, misturaram-se pobres, professôres de universidade, a nobreza, o povo todo, enfim, de Alcalá, e muita gente dos mais próximos lugares, para prestar ao bem-aventurado que se ia, as últimas homenagens. E o corpo de Juliano de Santo Agostinho, que por oito dias ficara exposto no convento dos Padres da Observância, não assinalara qualquer corrupção. Enterrado, novos e numerosos milagres foram obrados.

Em 1825, o papa Leão XII, solenemente, beatificava-o.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADA JÚLIA BILLIART (\*)

### *Virgem*

Júlia Billiart nasceu a 12 de julho de 1751, em Cuvilly, na diocese de Beauvais.

Aos sete anos, já conhecia o catecismo tão bem que o ensinava às companheirinhas com as quais brincava.

Aos nove anos, fêz a primeira comunhão, e, completados os quatorze, prometeu viver na castidade.

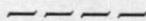
Filha de pais remediados, eis que, a uma revolta da sorte, viram-se todos na mais extrema necessidade. E Júlia, para ajudar em casa, foi obrigada a trabalhar no campo, onde, enquanto mourejava, ia ministrando o catecismo aos que a rodeavam, na labuta. Piedosa, calma e virtuosa, logo passaram a chamá-la “a santa de Cuvilly”.

Aos vinte e dois anos, sobreveio-lhe a paralisia total das pernas. E a jovem, impossibilitada de trabalhar, viu-se obrigada a guardar o leito.

Comungando diàriamente, diàriamente reunia ao redor da cama um grupo de crianças, as quais catequizava ardorosamente, prendendo-as pelo ardor da palavra fácil.

Quando não se dedicava às crianças, a bem-aventurada orava. E o resto do tempo, silenciosamente, passava-o a bordar toalhas para os altares das igrejas.

Paciente, sempre doce e resignada assim viveu ela em Cuvilly, numa época de perseguição, calúnias, sangue e morte: ia a Revolução Francesa a arder e, pouco mais tarde, era ela obrigada a deixar a cidade natal e passar a Amiens.

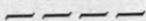


Os jacobinos da Convenção iam-se destruindo uns aos outros, que a Convenção Nacional viveu de eliminações, empregando como instrumento de suplício a infernal invenção do médico Guillotin. E “a Revolução, como Saturno, devorava os próprios filhos”.

Primeiramente, Danton, o agigantado, feio e desmazelado, com o impecável Robespierre esverdinhado, levaram Hebert e os companheiros à *Santa Guilhotina*, à morte, que era o sono eterno. Em seguida, Robespierre mandou ao cadafalso Danton e seu grupo. E Fouquier de Tinville, o acusador público, o que não se dava o trabalho de fazer libelos e sim listas de condenados, mais e mais concorria para o sangue correr pela França.

Chegou, afinal, a vez do sinistro Robespierre ser apeado do poder: as tropas, mandadas pela Convenção, por iniciativa de Tallieu e convencionais outros, apoderaram-se dêle e dos amigos, então no Hotel de Ville, onde se defendiam — e muita gente, exultando, viu-se livre da prisão e da guilhotina.

A viscondessa de Gezaincourt, Francisca Blin de Bourbon, foi uma das primeiras personalidades a abandonar o cárcere e a recuperar a liberdade.



Aprisionada durante o *Terror*, livre, a piedosa e culta Francisca chegou em Amiens, e ali, pouco depois, conheceu Júlia Billiart, a quem ia unir-se estreitamente e com quem, fervorosamente, colaboraria na obra de fundação dum novo instituto. À imobilidade do encarceramento, ia sobrepôr a atividade que recuperara com o livramento.

Júlia, àquela altura, tentava, tendo agrupado em tórno do leito algumas amigas, levar vida de comunidade. Fracassava, porém, e os seus esforços, com a dispersão, a pouco e pouco, das companheiras, tornavam-se baldados.

Sòmente Francisca Blin de Bourbon acabou ficando ao lado da bem-aventurada.

Em 1803, sob os auspícios do bispo de Amiens e debaixo da direção do padre Varin, foram lançados os primeiros fundamentos do instituto das irmãs de Nossa Senhora, cujo principal objetivo era assegurar a salvação das crianças pobres e desprotegidas. E em 1804, um fato prodigioso sucedeu: Júlia, que fazia uma novena ao Coração de Jesus, no dia 1.º de junho, na festa do Sagrado Coração, viu-se curada da paralisia.

No dia 15 de outubro, com Francisca e duas outras amigas, pronunciou os primeiros votos religiosos: e as quatro, de comum acôrdo, estabeleceram que se consagrassem, de corpo e alma à educação

cristã de moças, donde iriam, então, sair as instrutoras da nova casa.

Júlia, nomeada superiora geral, deu-se alegremente ao novo apostolado. O padre Varin, incumbido de lhes dar as primeiras regras, acabava de redigi-las. E tudo, com a ajuda de Deus, correu maravilhosamente.

O bispo de Gand escreveu sobre Júlia Billiard, referindo-se à fé que a animava, que a bem-aventurada salvara mais almas pelo dom de união interior a Deus do que pelas obras exteriores do apostolado. De fato, da pena mesma de Júlia, brotaram estas fervorosas palavras: "Oh! Como é bom o bom Deus!"

Repetindo os versículos do *Magnificat*, Júlia Billiard, santamente, faleceu em 1816, sendo, em 1906, beatificada pelo papa Pio X, agora elevado às honras dos altares.



Em Alexandria, neste mesmo dia, Santo Edésio, mártir, quando do imperador Maximiano Galero. Quando tentava reprimir um ato indigno de um juiz ímpio, repreendendo-o por condenar à prostituição virgens consagradas a Deus, foi prêso por soldados, levado a cruéis suplícios e atirado ao mar pela fé no Senhor Jesus, no ano de 306.

Na Dalmácia, Santo Hermes, bispo, discípulo dos Apóstolos.

Na Itália, o bem-aventurado Clemente de Osimo ou de Santo Elpidio, confessor. Nascido na Marca de Ancona, pertenceu aos ermitães de Santo Agostinho, tendo sido, em 1270, eleito Geral. Tratou da

disciplina regular, compôs constituições especiais que foram aprovadas em Florença (1287), depois em Ratisbonne (1290). Em 1274, abandonou o cargo, que foi transmitido a Francisco de Reggio. Morto êste, foi novamente eleito. Doente e cansado, morreu em Orvieto em 1291.

Em Gênova, o bem-aventurado Martinho de Rimini, confessor. Soldado, foi exilado por ter matado um companheiro, ao qual era deveras afeiçoado. Retirou-se a uma montanha e se entregou às mais rudes penitências. Tendo antes sido alfaiate, aos pobres que o procuravam, remendava-lhes as roupas esburacadas. Faleceu em 1342, quando fazia uma visita ao mosteiro de São Benigno. Enterraram-no perto do campanário da igreja.

Na África, São Januário, martirizado com duas santas mulheres, Máxima e Macária.

Em Cartago, Santa Concessa, mártir.

Em Como, Santo Amâncio, bispo e confessor.

\* \* \*

## 9.º DIA DE ABRIL

### SANTA VALTRUDES

É impossível dizer pormenorizadamente os santos e santas que ilustraram a França durante o sétimo século, bem como os mosteiros que se fundaram, muitos dos quais serviram de início a outras tantas cidades. Assim, duas irmãs Santa Valtrudes e Santa Aldegonda, fundaram dois mosteiros para jovens, os quais foram os começos das cidades de Mons e de Maubeuge. Eram filhas de São Valberto e de Santa Bertila, ambos de ascendência ilustre. Santa Valtrudes casou-se muito jovem com o conde Maldegário. O espôso, a espôsa e quatro filhos, que lhes nasceram, Landric, Aldetruda, Maldeberte e Dentelin são venerados como santos. Êste último morreu muito moço. Maldegário, a conselho da espôsa, Santa Valtrudes, consagrou-se a Deus e tomou o nome de Vicente. Fundou, então, o mosteiro de Soignies. Valtrudes fundou o de Mons e Aldegonda o de Maubeuge.

Santa Valtrudes, após a retirada do marido, ficou ainda dois anos no mundo. Praticou todos os exercícios de piedade, sob a direção do santo abade Guislan, seu diretor. Por fim, livre de todos os estorvos, recebeu em 656, o véu sagrado das mãos de Santo Aubert, bispo de Cambrai e encerrou-se em

uma pequena cela, à qual uma capela fazia vizinhança. Essa cela ficava em um lugar solitário. Várias mulheres piedosas se reuniram à santa. Formou, então, uma comunidade religiosa. Sua reputação, bem como a do mosteiro deram nascimento à cidade de Mons, capital de Hainaut.

Valdetrudes ocupava-se unicamente da santificação de si própria e com êsse objetivo trabalhou sem cessar pela prática da pobreza, da doçura, da paciência e da mortificação. Recebia algumas vezes visitas de Santa Aldegonda, sua irmã, que dirigia o mosteiro de Maubeuge. A virtude e a constância de Valtrudes foram duramente experimentadas. Mas ela triunfou e gozou, depois, da paz e da consolação que Deus faz suceder as grandes tormentas. Morreu no dia 9 de abril de 686. Suas reliquias se encontram na igreja que dela recebeu o nome. É patrona titular da cidade de Mons e de tôda a região de Hainaut.

\* \* \*

## SANTA MARIA, DE CLEOFAS (\*)

Santa Maria era espôsa de Cleofas e irmã de Nossa Senhora.

“Entretanto, estavam de pé junto à cruz de Jesus sua Mãe, a irmã de sua Mãe, Maria, mulher de Cleofas, e Maria Madalena” (1).

Além disso, era mãe de Tiago e de José (2).

Os que pensam que Maria de Cleofas era irmã da Virgem Maria, dão-nas, fortalecendo a hipótese, desposadas com dois irmãos: assim, Cleofas era irmão de São José.

Hegesipo (3) afirma que Simão, irmão de Tiago e segundo bispo de Jerusalém, era primo de Nosso Senhor, porque o pai, Cleofas, era irmão de José, o pai nutrício de Jesus.

Maria de Cleofas não é nomeada entre as santas mulheres que acompanharam a Jesus no decorrer dos trabalhos apostólicos. Todavia, aparece no Calvário, ao lado de Maria, Mãe do Salvador. Estêve presente à sepultura e viu o Senhor ressuscitado.

“Passado o sábadó, ao amanhecer o primeiro dia da semana, foi Maria Madalena e a outra Maria visitar o sepulcro.

---

(1) Jo. 19, 25.

(2) Mt. 27, 56. Mc. 15, 40, 47. Lc. 24, 10.

(3) Eusébio, Hist. Eccles., L. III, c. XI, 4.

“Eis que se deu um grande terremoto. Porque um anjo do Senhor desceu do céu, e, aproximando-se, revolveu a pedra do sepulcro, e sentou-se sôbre ela. O seu aspecto era como um relâmpago; e o seu vestido branco como a neve. E, pelo temor que tiveram dêle, aterraram-se os guardas, e ficaram como mortos.

Mas o anjo, tomando a palavra, disse às mulheres:

“— Vós não temais, porque sei que procurais a Jesus, que foi crucificado; êle já aqui não está; ressuscitou como tinha dito. Vinde e vêde o lugar onde o Senhor estêve depositado. Ide já dizer aos seus discípulos que êle ressuscitou; e eis que vai adiante de vós para a Galiléia; lá o vereis; eis que eu vô-lo disse antes”.

“Sairam logo do sepulcro com mêdo e grande gáudio, e foram correndo dar a nova aos discípulos.

E eis que Jesus lhes saiu ao encontro, dizendo:

“— Deus vos salve”.

Elas se aproximaram, abraçaram os seus pés e prostraram-se diante dêle. Então, disse-lhe Jesus:

“— Não temais; ide, avisai meus irmãos, para que vão à Galiléia, lá me verão”.

Acredita-se que o corpo de Santa Maria de Cleofas se encontra na Itália ou em Constantinopla. Segundo uma outra tradição, afirma-se que seu corpo, bem como o de Santa Salomé, acha-se em Três Marias, pequenina cidade da Provença.

\* \* \*

## SANTA CACILDA DE TOLEDO (\*)

### *Virgem*

Cacilda era filha dum terrível inimigo de Nosso Senhor Jesus Cristo: Adelmão, rei de Toledo.

Adelmão, ao saber que êste ou aquêle súdito era cristão, ordenava aos seus homens que o prendesse e com êle atirassem às masmorras.

Ali, bandos de cristãos permaneciam dias e dias sem qualquer alimento, abandonados à própria sorte.

Cacilda sofria em silêncio, o pensamento nos pobres relegados ao deus-dará.

Um dia, decidiu-se. Havia de alimentá-los, às escondidas, acontecesse o que acontecesse. E passou, ajudada pela escuridão da noite, a levar pão aos prisioneiros.

Não demorou muito, Adelmão veio a saber do que sucedia. E, querendo certificar-se por si mesmo, principiou, disfarçadamente, a vigiar a filha.

Uma noite, levava a santa virgem, sob o manto, vários pães, como de costume, aos sofredores das masmorras. Eis senão quando, o pai, saindo das sombras duma coluna, interceptou-lhe os passos. E perguntando à jovem o que sob o manto levava, ordenou que o abrisse.

Cacilda, obediente, entreabriu, calmamente, o longo manto, e Adelmão, decepcionado, viu, perfumadamente apertado ao colo da filha, um grande e fresco molho de rosas.

O rei, então, deixou-a prosseguir, envergonhado. E assim que a jovem princesa chegou aos pés dos cativos, já as rosas se haviam tornado ao que eram — pães.

Ardendo, catecúmena que era, por receber o batismo, Deus enviou-lhe um mal incurável, revelando-lhe, pouco depois, numa visão, que a saúde recuperaria se fôsse a Burgos e ali se banhasse nas águas do lago de São Vicente.

Instantemente, Cacilda rogou ao pai a permissão para ir àquela cidade. E Adelmão, cedendo aos rogos da filha, concedeu-lha. Cacilda curou-se. E em reconhecimento, perto do lago, a doce princesa ergueu um oratório e uma casinhola, onde, batizada, passou o resto da vida, falecendo santamente em 1007.

Dado os milagres que lhe ilustraram a campa, o culto de Santa Cacilda de Toledo espalhou-se rapidamente por tôda a Espanha. Esta data de 9 de abril é a que lhe celebra a translação das relíquias para a igreja de Burgos.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADO ANTÔNIO PAVONI (\*)

### *Mártir*

Antônio Pavoni nasceu numa nobre família piemontesa, em 1326.

Aos quinze anos, batendo às portas do convento dominicano de Savigliano, pediu para ser admitido entre o número dos religiosos, o que lhe foi concedido.

Dez anos mais tarde, Antônio era ordenado, e, aos trinta e nove anos era nomeado inquisidor geral do Piemonte. Em 1368, viu-se prior do convento, onde, anos atrás, fôra pedir a admissão.

Enviado para empreender a conversão de heréticos, iniciou os trabalhos em Campiglione, auxiliado por dois amigos.

Quando chegou em Bricherasio, região de Turim, teve oportunidade de, belamente, com clareza e concisão, refutar os erros valdenses. (Duma seita herética fundada por Valdo na Provença, França, no século XII).

Ameaçado, nem por isso o bem-aventurado se amedrontou. Pelo contrário, passou a arder pelo martírio, o que, seguidamente, entrou a rogar ao Senhor.

Deus deu-lhe a conhecer os desígnios dos heréticos, fazendo-o conhecedor do dia e da hora da morte.

Na véspera, cheio de alegria, correu ao barbeiro que o servia, e lhe disse, numa euforia sem par:

— Barbeia-me bem, porque vou a um casamento.

O barbeiro olhou-o, incrédulo, e replicou:

— Impossível. Se houvesse casamento eu o saberia com certeza, uma vez que tôdas as novas chegam à barbearia.

Antônio, sempre alegre, insistiu:

— Cria-me, eu te digo a verdade.

No dia seguinte, depois de ter crado tôda a noite, preparou-se para a missa. Dita a missa, deixou a igreja, e, então, sete homens, precipitando-se sôbre êle, crivaram-no de punhaladas, depois do que o fizeram em pedaços.

Enterrado em Savigliano, muitos milagres tiveram oportunidade. E, tempos depois, conta-se, um homem chamado Taparelli, em demanda com um poderoso senhor, perdeu um documento que lhe seria de vital importância para fazer valer os seus direitos. Lembrando-se do bem-aventurado, invocou-o no desespero, e o documento, imediatamente, foi encontrado. Desde aquêle dia, todos os fiéis passaram a invocar Antônio Pavoni para recuperar coisas perdidas.

Em 1856, Pio IX autorizou-lhe o culto.

\* \* \*

## SÃO BADÊMIO (\*)

### *Mártir*

Badêmio nasceu numa rica família de Bethlapat. Tendo distribuído todos os bens de que era possuidor à pobreza, abraçou a vida monástica. Construiu um mosteirozinho afastado da cidade e ali se isolou do mundo, com sete discípulos.

Prêso, em 375, pelas altas virtudes, São Badêmio recusou-se adorar o sol. Com os discípulos, foi atirado ao cárcere, e ali ficou por quatro meses.

Ora, havia na côrte persa, um príncipe de Aria, chamado Nersan, que era cristão. Como também se recusara a adorar a divindade flamante, o rei Sapor ordenou que o aprisionassem.

Nersan foi trancafiado na mesma cela em que Badêmio padecia com os discípulos. E, à vista dos sofrimentos do santo homem, começou a sentir medo daquilo que lhe pudessem fazer. Rico, prêso aos bens perecíveis desta terra, sucumbiu. E renunciou ao culto do Deus verdadeiro, que sempre adorara.

O soberano, com alegria, soube daquela nova. E, ordenando que o trouxessem à sua presença, para prová-lo, exigiu que, se desejasse a liberdade, devia comprá-la.

Disse aos nobres que o rodeavam:

— Se Nersan deseja obter a liberdade, deve, pelas próprias mãos, matar Badêmio.

O santo foi imediatamente trazido à sala em que se reuniam o rei, Nersan e os demais nobres.

De espada à mão, trêmulo, o infame príncipe, hesitava. E Badêmio, olhando-o, disse-lhe:

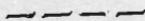
— Infortunado Nersan, a que ponto tu chegaste! Não te foi suficiente renegar a Deus? Para maior crime, deves tirar a vida aos seus servidores? Infeliz! Que farás tu, quando chegares ao tribunal implacável, para Deus todo-poderoso e eterno prestares conta? Por mim, com alegria, corro ao martírio, dou, de coração a Jesus Cristo Nosso Senhor, minha vida. Entretanto, digo-te, gostaria de receber a morte doutras mãos, que não as tuas. Por que hás de ser meu carrasco?

Nersan, premido pelo demônio, avançando para o Santo, desfechando-lhe vários golpes, matou-o logo.

O corpo de São Badêmio, levado para fora da cidade, foi abandonado, mas à noite, piedosos cristãos, recolhendo-o, sepultaram-no caridosamente.

Quanto a Nersan, passou a ser atormentado por tôda a sorte de males, morrendo miseravelmente pela espada.

Depois da morte de Sapor, os discípulos do santo, postos em liberdade, perseveraram na fé até o fim de seus dias.



No mesmo dia, também na Pérsia, os santos Heliodoro, Desan e Marjab, mártires, em 355, quando de Sapor II.

Em Cesaréia da Capadócia, Santo Eupsíquio, mártir, que, por ter abatido o templo da Fortuna, foi martirizado sob Julião, o Apóstata, em 362. Tendo o imperador ordenado aos habitantes da cidade que reedificassem o templo destruído, ao invés de obedecerem, edificaram uma igreja ao verdadeiro Deus, colocando-a sob a proteção do santo que fôra martirizado.

Em Amida, na Mesopotâmia, Santo Acácio, bispo, que, para resgatar cativos, fundiu e vendeu até os vasos sagrados da Igreja, quando dos tempos de Teodósio, o Jovem (408-450).

Em Die, França, São Marcelo, bispo, célebre pelos milagres. Originário de Avinhão, era irmão de Petrônio. Gregório de Tours, fala dêle como dum homem de eminentíssima santidade. Morto em 474, foi enterrado num mosteiro de São Maurício, a duas léguas de Bareuil. Tendo aparecido a um padre, fêz-lhe ver que desejava ser transferido para Die, o que sucedeu.

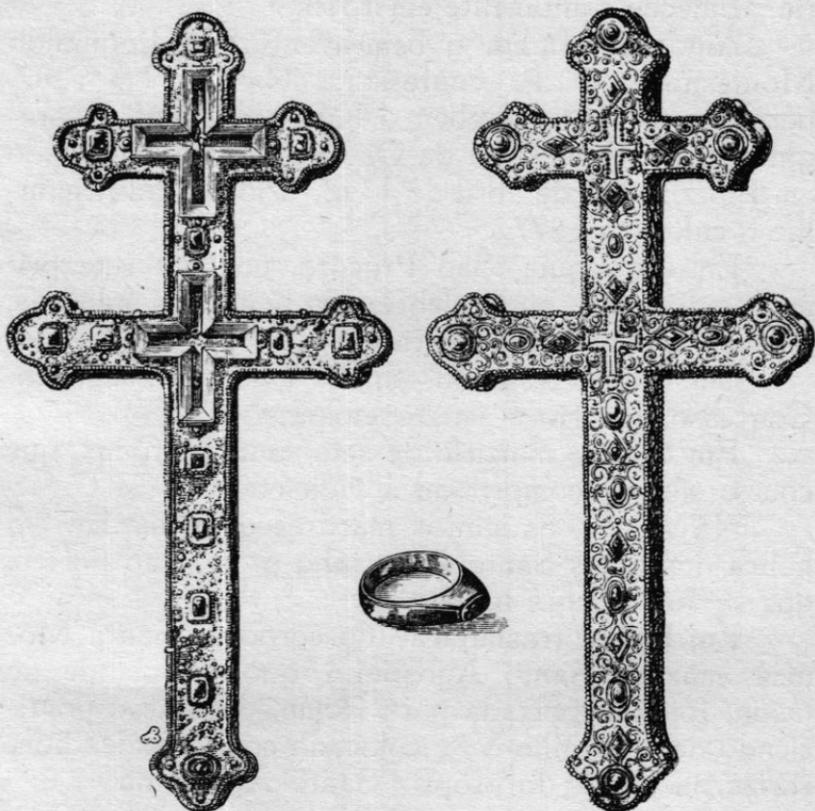
Em Ruão, Santo Hugo, bispo e confessor, filho de Drogon e Adeltrudes, e neto de Pepino de Heristal, sobrinho de Carlos Martelo, e primo co-irmão de Pepino, o Breve. Educado por Ansflada, a avó, que lhe inspirou o desprezo pelo mundo e o amor das virtudes, a tudo renunciou, fazendo-se religioso. Foi eleito bispo de Ruão em 722, tendo falecido em 730.

Em Mons no Hainaut, a bem-aventurada Valtrudes, insigne pela santidade de vida e seus milagres.

Nas dioceses de Limoges e de Versalhes, São Gaucher, confessor, morto dum queda de cavalo, em 1140. Virtuosíssimo, viveu como um ermitão. Procurado, pela santidade, acabou por erigir uma ermi-

dazinha, onde viveu com os discípulos, tendo também construído um mosteiro para mulheres.

Nas ilhas Orcades, São Dotton, abade, originário da Escócia, fundador dum grande mosteiro que mais tarde lhe tomou o nome. Morreu quase centenário, em 502.



Anel e cruz abacial (face e verso) de Santa Vaudru, ou Voltrudes.  
Relíquias conservadas na igreja de Santa Vaudru, em Mons.

Na Inglaterra, São Fridestano, bispo, discípulo de São Grimbaldo. Tendo governado a Igreja de Winchester por vinte anos, um ano antes da morte,

que ocorreu em 933, sagrou Bristano seu sucessor, deixando o cargo.

Na Itália, Santo Ubaldo Adimari, confessor. Filho de nobre família de Florença, nasceu em 1246, tendo sido capitão na facção dos Gibelinos. Convertido por Filipe Beniti, fêz-se servita em Monte Senario. Faleceu santamente em 1315.

Ainda na Itália, o bem-aventurado Reginaldo Montesnarti, O. P., confessor. Nascido em 1292, perto de Orvieto, recebeu o hábito dos irmãos pregadores de Viterbo ou de Orvieto mesmo, falecendo em Piperno a 9 de abril de 1348. Pio IX confirmou-lhe o culto em 1877.

Em Antioquia, São Prócoro, um dos sete primeiros diáconos, que, célebre pela fé e pelos milagres, recebeu a coroa do martírio.

Em Roma, festa dos santos mártires Demétrio, Concesso, Hilário e seus companheiros.

Em Sírmio, martírio de sete santas virgens, que com o sangue compraram a vida eterna.

Na África, os santos mártires de Massilia, em honra dos quais Santo Agostinho pregou no dia em que se lhes celebra a festa.

Em Roma, trasladação do corpo de Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, que, da cidade de Óstia, foi transportada para Roma, durante o pontificado de Martinho V, e colocada com grandes honrarias na igreja do próprio Santo Agostinho.

\* \* \*

## 10.º DIA DE ABRIL

### SANTA MECHTILDE

#### *Virgem e abadessa*

Santa Mechtilde, ou Matilde e Santa Gertrudes nasceram em Islébia, na alta Saxônia. Eram ambas condessas de Hackborn, e parentes próximas do imperador Frederico II. Mechtilde foi educada pelas beneditinas de Rodersdorf, na diocese de Halberstadt. Desde os primeiros anos demonstrou grande inocência de costumes e grande afastamento das vaidades do mundo. Sua obediência encantava a superiora. Viam-na sempre executar tanto com alegria quanto com pontualidade o que lhe estava prescrito fazer. O amor pela mortificação comovia tôdas as pessoas que com ela viviam. Embora fôsse de compleição delicadíssima, não lisonjeava o corpo; não comia carne e não tomava vinho. A humildade a fazia evitar tudo quanto pudesse demonstrar ostentação. Esforçava-se por ocultar as virtudes mais do que as outras pessoas, normalmente, por ocultarem os vícios.

Não quis sair da solidão. Quando atingiu a idade de se consagrar a Deus por votos, fêz profissão no mosteiro de Rodersdorf. Algum tempo depois, foi enviada para Diessem na Baviera, onde se tornou

superiora do mosteiro do mesmo nome. Lá introduziu a prática das mais sublimes virtudes. Persuadida de que não se pode atingir a perfeição monástica sem exata observância de todos os pontos da regra, exortava as irmãs a se conformarem com prontidão e a chegarem antes da hora marcada para cada exercício, e não tarde, ainda que pouca coisa, por negligência.

O mosteiro de Edelstein na Suábia estava nessa época em grande decadência. Querendo reformá-lo espiritualmente, os bispos da região para lá enviaram Mechtilde, a fim de se incumbir dessa boa obra. Mas a santa procurou por todos os meios não aceitar a incumbência. Chegou, mesmo, a recorrer às lágrimas e às orações. Tudo foi inútil e a obediência aos bispos foi inevitável. Chegada à nova comunidade, em pouco tempo restabeleceu o espírito de regularidade perfeita. Ninguém pôde resistir-lhe à fôrça, reunida à doçura e aos exemplos. Austera consigo mesma, era plena de bondade para com as outras. Sabia fazer amarem a regra, em a observando, e manter o justo térmo que consiste em conduzir a fraqueza humana, sem alargar as vias evangélicas. Suas instruções eram sempre acompanhadas dêsse espírito de caridade e de insinuação que tornam a virtude amável. Obrigava as irmãs à mais rigorosa clausura, e as mantinha afastadas de todo comércio com a gente do mundo. Com isso, preservou-as da dissipação, cujo efeito ordinário é o de esfriar ou extinguir o fervor.

Como leito, servia-se apenas de um pouco de palha. O alimento era grosseiro, comendo apenas para sustentar o corpo. Dividia todos os momentos entre a oração, a leitura e o trabalho manual. Observava o silêncio mais rigoroso. O espírito de compun-

ção do qual era fortemente animada, era-lhe para os olhos, fonte perene de lágrimas. Jamais pensou que estivesse dispensada da regra, mesmo na cõrte do imperador, onde foi obrigada a ir, para tratar de assuntos do mosteiro. Quando a doença a forçava a permanecer na cama, a dor mais profunda que sentia era não poder assistir, com as demais irmãs, à oração e ao ofício da noite. Morreu em Diessen, no dia 29 de março, algum tempo depois do comêço de 1300, e antes de sua irmã Gertrudes. Seu nome não foi inserido no Martirológio Romano, mas encontramos-lo em inúmeros calendários no dia 10 de abril, no dia 29 de março ou no dia 30 de maio.

\* \* \*

## SANTO EZEQUIEL (\*)

*Profeta*

*Antigo Testamento*

Ezequiel é o terceiro dos quatro profetas chamados *maiores*. Era filho de Buzi, e pertencia à estirpe sacerdotal. Foi levado cativo para Babilônia, onde profetizou durante vinte e dois anos, ao mesmo tempo que Jeremias profetizava em Jerusalém.

Como se lê no Martirologio Romano, teve a glória de morrer mártir da justiça.

As profecias dêste profeta são muito obscuras. Referindo-se, inicialmente, à sua vocação, descreve Ezequiel, em seguida, a tomada de Jerusalém pelos caldeus. Depois, apresenta aos judeus motivos de consolação, prometendo-lhes que Deus os haveria de tirar do cativeiro, que restabeleceria Jerusalém, o templo e o reino de Israel, figura do reino do Messias.

A vida pública de Ezequiel durou, pois, vinte e dois anos, (592-570 A. C.). Sendo morto por um chefe de seu povo, foi sepultado na tumba de Sem e Arfaxado, perto do Eufrates.

Diz São Gregório, o Grande (1):

---

(1) **Morales**, L. XXVI, c. V.

“Ezequiel teve a honra e a glória de todos os mestres e de todos os doutôres, sendo nas predições o perfeito modelo dos pregadores. Foi, é verdade, terrível, irredutível e duro, mas porque tinha ordem de anunciar castigos extremamente duros a povos endurecidos no mal. Daí chorar amargamente pelo espaço de sete dias, antes de comunicar seus oráculos: belo exemplo para todos os pastôres que, se quiserem falar útilmente, deverão, antes, guardar silêncio, derramar lágrimas abundantes sôbre os males que vêm, observar com exatidão tudo o que se passa, porque “aquêle sabia falar como devia, porque sabia calar com oportunidade”. Quem quiser ser excelente pregador, deve imitar os que pregam sômente verdades capazes de penetrar os corações, levando-os à penitência, os que começam por adquirir perfeito conhecimento das faltas antes de acusar ou recriminar quem quer que seja”.

Os gregos honram a memória do profeta Ezequiel nos dias 21 e 23 de julho, consagrando-lhe um ofício completo. Na Igreja latina, o culto foi introduzido bem cedo. No martirológio de Beda, consta no dia 10 de abril. Alguns calendários trazem-lhe o nome inscrito a 22 de março.

\* \* \*

## SANTOS TERÊNCIO, POMPEU E OUTROS (\*)

### *Mártires*

Era em 250, durante a perseguição do imperador Décio, e Fortunaciano governava a África. Tendo sido publicado o decreto imperial, disse ao povo de Cartago o governador:

— Sacrificai aos deuses ou preparai-vos para o suplício.

Muitos cristãos, intimidados, acabaram por renegar a fé, mas outros, corajosamente, estabeleceram que haviam de enfrentar a morte. Que era a morte, senão a entrada na vida que jamais se acabaria? E, animando-se uns aos outros, diziam:

— Não renegaremos o Senhor, para que, um dia, não nos renegue Ele diante do Pai. Lembremo-nos sempre destas palavras: “Não temais os que matam o corpo e nada podem contra a alma, mas receeis a justiça daquele que pode atirar no inferno a vossa alma e o vosso corpo”.

O governador ficou ao par de que um grupo de cristãos determinara enfrentar o suplício. Ordenou, então, que todos fôssem presos e levados ao tribunal.

Quando o grupo chegou, capitaneado por um homem chamado Terêncio, Fortunaciano considerou

demorada e atentamente a cada qual. E, rompendo o silêncio, disse-lhes num tom adocicado:

— Admiro-me de que obstineis em reconhecer como Deus e como rei um criminoso que os judeus crucificaram.

Terêncio, calmamente, avançou um passo, e respondeu, falando por todos os companheiros:

— O Crucificado é o Filho de Deus bom e clemente. Uniu a divindade à natureza humana e quis por nós sofrer o suplício da cruz.

Fortunaciano, gritou, abruptamente:

— Sacrificai, ou a todos atirarei ao fogo!

— Tuas falsas doutrinas, disse Terêncio, sempre calmamente, não serão capazes de mudar nossa resolução. Não somos tão fracos para abandonar o Criador e adorar deuses estranhos. Faze tu, pois, o que quiseres. Quanto a nós, permaneceremos firmes e constantes no apêgo e na afeição a Jesus Cristo.

Fortunaciano, espumando, furiosíssimo, mandou que os despojassem das vestes e os levassem ao templo dos ídolos. E, uma vez ali, o governador estertorou, apontando:

— Sacrificai a êsse grande deus Hércules, do qual haveis de ver o poder e a glória!

— Tu te enganas, voltou Terêncio a falar. Êsses deuses nada mais são do que barro, pedras, bronze e ferro. Douram-se essas estátuas para enganar os olhos dos homens.

Fortunaciano, então, deu ordens aos soldados para que agarrassem a Terêncio e outros três, Pompeu, Africano e Máximo, e atirassem com êles na mais infecta, úmida e desconfortável prisão. E, ficando com os outros, Zeno, Alexandre, Teodoro e mais alguns, procurou dobrá-los, vergastando-os com

varas, depois com largas correias de couro cru. Em vão. Então, sempre possesso, ordenou que os metessem numa pira ardente ao máximo. E o que aconteceu foi que êles, eufóricos, repetindo o cântico dos três jovens lançados à fornalha, a mandado do rei Nabucodonosor, na Babilônia, que começa:

“Tu és bendito, Senhor Deus de nossos pais,

“digno de ser louvado e exaltado para sempre.

“Bendito é o teu nome santo e glorioso,

“digno de todo o louvor e exaltação para sempre” (1), acabaram, com um simples sinal da cruz, por reduzir a pó os ídolos e a abater o templo, que, em parte, ruiu fragorosamente.

O governador deu ordem imediata para que os decapitassem, e, tendo voltado a se entrevistar com Terêncio e os outros, procurou fazê-los apostatar, inútilmente.

De volta à prisão, à noite, um anjo do céu apareceu aos prisioneiros. Livrou-os dos pesados ferros a que estavam ligados, confortou-os e se foi.

Os guardas, que viram uma grande luz na cela, foram ver de que se tratava. E, encontrando os presos tomados de vivíssima alegria, no dia seguinte, a Fortunaciano, referiram aquêles estado de espírito dos prisioneiros.

O governador, depois de infligir aos cristãos, novas e inomináveis torturas, esperançoso de que renegassem a Jesus Cristo, baldados os esforços, ditou-lhes a sentença: morreriam decapitados, como os companheiros — aquêles que já se haviam ido para a glória eterna.

\* \* \*

---

(1) Dan. 3, 52.

## BEM-AVENTURADO ANTÔNIO NEYROT (\*)

*O. P., Mártir*

Antônio Neyrot nasceu em Rívoli, no Piemonte. Moço, deixou a terra natal e foi apresentar-se ao convento de São Marcos de Florença, então cedido aos irmãos pregadores de Fiesole, a pedido de Santo Antonino.

Neyrot foi o derradeiro a receber o hábito e a professar no priorato de Antonino.

Inconstante, Antônio, muitas vêzes, abandonava-se aos vôos da imaginação. Assim, sentiu desejos de passar à Sicília.

Embora Antonino lhe pedisse que não o fizesse, tendo-o mesmo ameaçado, Antônio conseguiu autorização superior, e partiu. Tempos depois, de volta a Nápoles, foi feito prisioneiro por piratas, a meio caminho. Levado a Túnis com os outros passageiros, prisioneiro, lembrou-se das predições de Antonino.

De ânimo mais ou menos exaltado, levou o cativo com grande impaciência. E a fé, a pouco e pouco, foi-se abatendo, abatendo, até que chegou ao ponto de renegar o Senhor Jesus Cristo, públicamente, e contratar um casamento sacrílego.

A Túnis, constantemente, chegavam mercadores vindos da Itália. E, um dia, um deles, Antônio ficou sabendo que Antonino falecera. Foi um choque. E, sabedor dos grandes milagres que ocorriam à tumba do bispo amigo, profundamente abalado, conjurou o bem-aventurado a socorrê-lo.

Antonino apareceu-lhe, restituiu-lhe a perdida confiança, e Antônio arrependeu-se das extravagâncias de há pouco.

Para melhor reparar o mal, decidiu fazer a abjuração na presença das testemunhas mesmas da sua apostasia.

Mudado, todo dado, e com fervor, aos exercícios da piedade, penitente, o bem-aventurado, na presença do rei, com grande coragem, disse-lhe que cria em Jesus Cristo, e que detestava imensamente o crime que cometera.

Convidando-o, brandamente, a voltar a Maomé, o rei viu, com surpresa, que a determinação do antigo cativo era inabalável. Prêso, Antônio, edificando os demais prisioneiros, tomava para si um único pedaço de pão e distribuía o resto entre os companheiros.

Dias mais tarde, levado à presença do juiz, êste, inútilmente, tentou fazê-lo apostatar. Condenou-o, então, à morte: teria os membros partidos e o corpo amassado.

Levado, sem tardança, ao lugar do suplício, Antônio, ali, pediu aos carrascos, tirando o hábito, que tornara a envergar desde o aparecimento de Antonino:

— Guardai êste hábito. Se vós o preservardes de tôda a mancha, os cristãos vos recompensarão.

Em seguida, pedindo uns momentos para a última oração, ajoelhou-se e dirigiu-se a Deus, ardorosamente.

Como demorasse, a população, enraivecida e impaciente, lapidou-o. E, acendendo imensa fogueira, procuraram queimar-lhe o corpo, mas as chamas sobre ele não tiveram qualquer efeito.

Atirado, então, a uma fossa cheia de imundícias, ali o deixaram.

Os mercadores genoveses que com Antônio se davam, recolheram-no, lavaram respeitosamente e o enviaram para Gênova, para, naquela cidade, ser enterrado, o que se deu a 10 de abril de 1460.

Inúmeros milagres foram, naquela oportunidade, operados pelo Senhor, que assim manifestava a glória do bem-aventurado servidor.

Amadeu IX, duque da Sabóia, transferiu-lhe o corpo para Rívoli. Clemente XIII aprovou-lhe o culto em 1766.

\* \* \*

## SÃO MIGUEL DOS SANTOS (\*)

### *Confessor*

Miguel dos Santos, apelidado o Extático, tão numerosos foram os seus arrebatamentos, era da Catalunha, onde nasceu no dia 29 de setembro de 1591.

Grande devoto da Virgem Santíssima, já aos sete anos jejuava três vezes por semana, quando na quaresma.

Desejoso de consagrar-se a Deus, fêz voto de castidade, e, quando entrou nos doze anos, morrendo-lhe o pai, quis fazer-se religioso. A família, porém, opondo-se, levou-o a temporizar.

Para maior mortificação, então, habituou-se a alimentar-se de verduras e legumes, tão-sòmente.

Em 1603, era admitido entre os Trinitários de Barcelona. Ali, recebendo o hábito, fêz o noviciado. Aos dezesseis anos, a 30 de setembro de 1607, principiou a professar.

Estudando em Sevilha, depois na universidade de Salamanca, ordenado padre em Faro, Portugal, desincumbiu-se do ministério em Baeza.

Em 1622, era o superior do convento de Valladolid. Conta-se, então, que daquela época em diante, os êxtases que o tomavam eram longos e freqüentes.

Uma noite, era a de São Martinho, lia êle, no côro, a oitava lição do officio, onde se acham as palavras: "Esta Jerusalém que está no céu e pela qual combatemos pela fé". Eis senão quando, com um gemido, ficou absorto, arroubado, tão transmudado que se diria fôsse um serafim quem ali estava.

Os companheiros, surpresos, procuraram trazê-lo a realidade, inútilmente.

De volta do êxtase, Miguel deixou o côro a correr, envergonhado e confuso.

Doutra feita, estava então em Salamanca, onde pregava e exortava os fiéis à penitência, fêz tôda a prédica alevantado do chão, no ar. Com os assistentes gritando, tornou a si, e então, percebeu que gritavam porque, tendo a mão sôbre a chama dum círio, não se queimava nem sequer nada sentia.

Lia-se, uma vez, no côro, a meditação sôbre o paraíso, e a Miguel veio tal arrebatamento que, como se tivesse asas, deixou o côro e foi parar numa igreja, longe, onde se pôs a venerar o Santo Sacramento.

Quando adoeceu, estava em Valladolid. Recebeu o sacramento da extrema-unção com grande fervor, e, quando sentiu o fim bem próximo, levantou os olhos para o céu e entregou a alma a Deus, calmamente, enquanto o relógio, docemente, deixava soar as pancadas da meia-noite daquele 10 de abril de 1625.

Pio VI beatificou-o a 2 de maio de 1779, e Pio IX, a 8 de maio de 1862, canonizava-o.



No mesmo dia, em Auxerre, São Paládio, bispo e confessor. Tendo sido abade de São Germano de

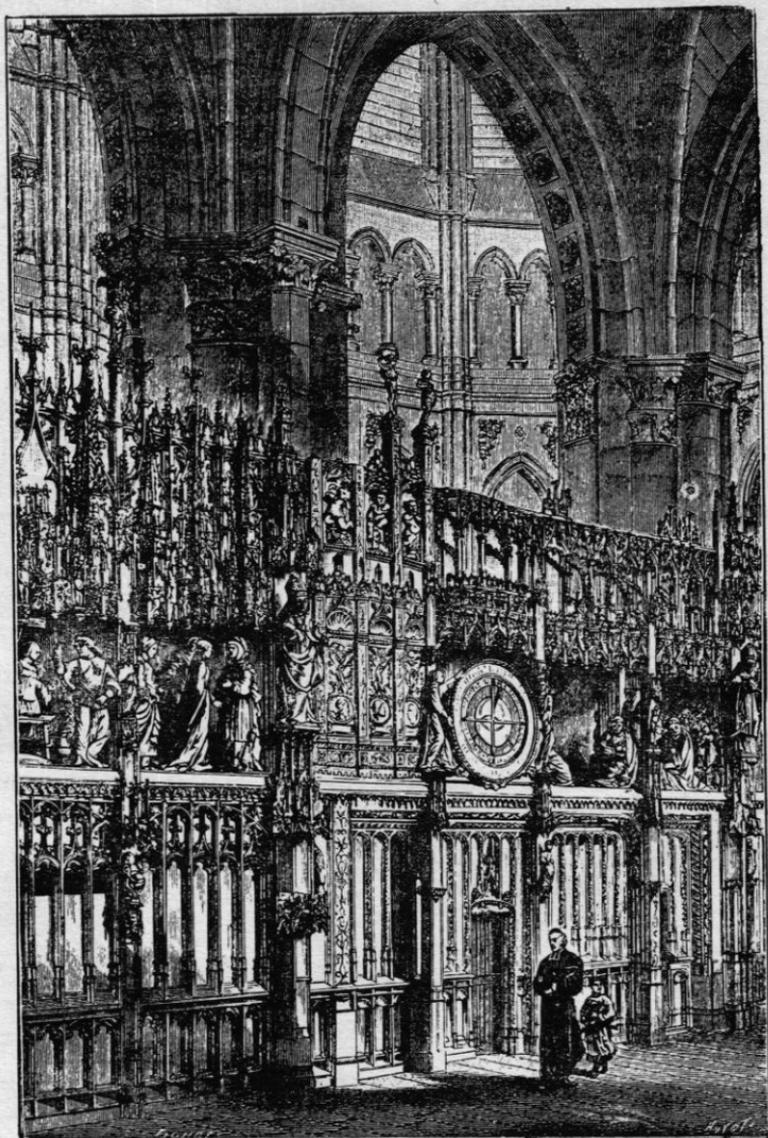
Auxerre, foi escolhido para suceder a São Didier no episcopado. Fundador do mosteiro de São Juliano (365), foi quem embelezou a igreja de Santo Estêvão. Fundador de vários templos, faleceu em 658, sendo enterrado na igreja de Santo Eusébio, onde inúmeros milagres lhe ilustraram o túmulo.

Na Itália, São Beda, o Jovem, confessor, originário de Sleswig. Tendo passado quinze anos na côrte de Luís, o Bondoso e de Carlos, o Calvo, resolveu abandonar o mundo. Estava, então, com quarenta anos quando entrou para o mosteiro de Gavelo, entre Veneza e Ferrara. Faleceu em 883. Em 1233, transportaram-lhe as relíquias para São Benigno de Gênova.

Em Gand, na Flandres, São Macário, bispo de Antioquia, célebre pelas virtudes e milagres. Armênio de nascimento, educou-se sob a direção doutro Macário, o arcebispo de Antioquia. Dócil, virtuoso e aplicado aos estudos, recebeu as ordens sagradas. Feito bispo bastante cedo, governou com doçura e bondade, tendo a casa, constantemente, cheia de pobres. Faleceu em 1012 entre os religiosos de São Bavão, vítima da peste.

Em Chartres, São Fulberto, bispo. Aluno de matemática e de filosofia de Gerberto, o futuro papa Silvestre II, eleito êste para o trono de São Pedro, teve o antigo aluno a seu lado, por uns tempos. De volta à França, Fulberto era chanceler da igreja de Chartres, cidade em que estabeleceu uma escola de teologia que se tornou célebre. Bispo em 1007, faleceu em 1029, cheio de méritos.

Em Verona, a bem-aventurada Madalena de Canossa, fundadora dum instituto de filhas de caridade. Nascida em Verona em 1774, faleceu em 1835.



Contorno do côro de Nossa Senhora de Chartres, fundada por São Fulberto.

Brilhou pela piedade, a bondade para com os pobres e o desprêzo que tinha pelas coisas do mundo. Tôda a sua vida foi um exemplo de abnegação, de amor ao jejum e devotamento ao próximo. Pio XII beatificou-a no dia 7 de dezembro de 1941.

Em Alexandria, os santos mártires Apolônio, padre, e cinco outros, atirados ao mar durante a perseguição de Maximiano.

Na Saxônia, o bem-aventurado Paterno, mártir. Originário da Irlanda, viveu recluso perto dum mosteiro de Paderborn, na Saxônia. Predizendo que a cidade seria destruída por um incêndio, caso os habitantes não se convertessem, a predição, pouco depois, cumpria-se verdadeiramente, uma vez que ninguém lhe deu ouvidos. Como não quisesse abandonar a cela, Paterno também pereceu. Era em 1058, e o povo lhe rendeu um culto que foi confirmado pelos milagres que se realizaram à beira da tumba que o abrigou.

Em Roma, festa de grande número de santos mártires, batizados pelo papa Santo Alexandre, quando êste se encontrava na prisão, os quais, por ordem do prefeito Aureliano, foram colocados em velho navio e abandonados em alto mar. Isso foi durante a perseguição de Maximiano.

\* \* \*

## 11.º DIA DE ABRIL

### SÃO LEÃO

#### *P a p a*

O papa São Sixto III morreu pelo ano de 440, no mês de agosto. Após um conclave que durou 18 anos, foi eleito para suceder-lhe, São Leão, seu arqui-diácono, natural da Toscana, mas nascido em Roma. Estava êle nas Gálias, onde acabara de reconciliar os generais Aécio e Albino. Tão alto era o conceito em que a Igreja o tinha, que preferiu ficar quarenta dias sem pastor a nomear outro. E o que houve de admirável nisso, foi que, durante tão longo tempo, não se formou nenhuma perturbação na cidade. Enviaram-lhe emissários para convidá-lo a vir tomar conta de sua pátria e de sua Igreja. Êle veio e foi ordenado bispo, num domingo, dia 29 de setembro do mesmo ano. Sentiu-se menos alegre com a sacração do que com a obrigação de servir aos outros. Não foi sem receio que se deixou investir de tão alto ministério, sabendo que poderia causar freqüentes quedas. Mas a afeição que o povo lhe testemunhou à sua entrada, deu-lhe esperança de conduzi-lo com facilidade e levá-lo ao bem, sem restrições. E não se enganou. O povo teve por êle grande submissão.

Reconheceu, pelos efeitos, que seus conselhos eram recebidos com alegria. Pregava muitas vezes, sobretudo nas grandes solenidades, e no dia em que se comemorava mais um aniversário de sua ordenação. Não se sabe onde Sozômenes soube, que, em Roma, nem o Papa nem outra pessoa pregava na igreja. Os sermões que ainda nos restam de São Leão são uma prova em contrário e êle mesmo diz no elogio ao predecessor, no dia da festa dos sete irmãos Macabeus, que tinha o costume de instruir públicamente o povo. Em grande número dêsses discursos, fala da pregação como de um dever ligado ao ministério dos Papas, como aos dos demais bispos. Um dos cuidados que teve foi trazer para Roma as pessoas que mais se distinguiam pelo saber e pela integridade dos costumes, para delas se servir no govêrno da Igreja. Entre essas pessoas, cita-se São Próspero da Aqüitânia, que o ajudou a escrever as cartas mais importantes.

A Igreja e o império tinham igual necessidade de um homem tal como São Leão, com justiça cognominado o Grande. Entre os povos que invadiam o império de todos os lados, havia muito poucos católicos. Quase todos eram arianos ou idólatras. Os vândalos arianos pilhavam as igrejas da África com furor de arianos e de vândalos. Os maniqueus fugitivos de Cartago afluíam à Itália, e ameaçavam infestar Roma. Os priscilianistas inquietavam a Espanha, os pelagianos a Venecia e os nestorianos o Oriente. Uma nova heresia sairá de Constantinopla, que, por inépcia do imperador Teodósio, revolucionará ao mesmo tempo a Igreja e o império — Átila marchará sôbre Roma, Genserico a tomará e Leão se mostrará maior do que tôdas as calamidades.

Devastada pelos vândalos a Sicília, São Leão enviou a Pascásio, bispo de Lilibeu, socorros com cartas de consolação. Ao mesmo tempo, consultava-o sobre o dia de Páscoa do ano seguinte, 444, como já havia consultado São Cirilo de Alexandria. Pascásio respondeu-lhe que, após ter examinado a questão e calculado exatamente, havia chegado à conclusão de que a Páscoa, no ano seguinte, deveria ser o dia 23 de abril, um domingo. E dava as razões em que se apoiara.

No dia 10 de outubro do mesmo ano, 443, São Leão escreveu uma decretal aos bispos da Itália, para coibir vários abusos que se tinham introduzido na disciplina eclesiástica. Escreveu igualmente ao bispo de Aquiléia, metropolitano da Venécia, para lá extirpar algum resto do pelagianismo. Nomeou Anastasio, bispo da Tessalônia, seu vigário na Ilíria, dizendo-lhe: "Consultar-nos-eis em todos os casos de maior importância que não puderem ser resolvidos nos lugares, bem como as apelações". A Mauritânia Cesareana, província da Argélia, pertencia ainda ao império do Ocidente. Mas sofrera imensamente com a guerra dos vândalos. São Leão, cientificado pelos que de lá vinham de que ordenações irregulares estavam sendo feitas, deu comissão ao bispo Potêncio, que de Roma para lá se dirigia, para se informar da verdade. Baseado em relatório desse bispo, São Leão escreveu uma carta decretal que termina com estas palavras: "Se outras questões se levantarem, as quais possam interessar o estado da igreja e a concórdia dos bispos, queremos que sejam examinadas no próprio lugar, dentro do espírito de temor a Deus, e que tôdas as decisões tomadas ou a serem tomadas nos sejam comunicadas, em um rela-

tório completo, para que o que tenha sido definido com justiça e racionalmente, segundo o costume da Igreja, seja também confirmado por minha sentença". Essa decretal é das mais importantes, pelo fato de nos apontar o direito, o uso e os efeitos das apelações a Roma, particularmente da África.

Entre os que passaram para a Itália, dada a desolação da África e por causa do temor aos vândalos, havia grande número de maniqueus que se refugiaram em Roma e lá permaneceram escondidos durante algum tempo. Mas São Leão os descobriu e, em vários sermões, advertiu o povo a respeito do fato, exortando-o a denunciá-los aos sacerdotes e aos curas. Os priscilianistas, que não se distinguiam absolutamente dos maniqueus, dos quais, aliás, se originavam, se multiplicaram novamente na Espanha, o que provocou distúrbios. Informado da situação por São Turíbio, bispo de Astorga, São Leão lhe escreveu em 21 de julho de 447, longa carta. Descreve a heresia dos priscilianistas como a sentina de tôdas as heresias anteriores. Insiste particularmente no fato de negarem êles o livre arbítrio do homem e atribuírem tôdas as ações a uma necessidade fatal, a influência dos astros. É de boa nota que nossos Pais, desde o comêço, tudo fizeram para banir êsse furor ímpio do seio da Igreja. Ainda mais que os príncipes do século tiveram tanto horror por essa sacrílega demência, que abateram o autor e vários dos seus discípulos com o gládio das leis públicas. Viram êles que seria arruinar o zêlo pela honestidade dissolver tôdas as uniões conjugais, deturpar tôdas as leis divinas e humanas, permitir que pessoas semelhantes continuassem vivendo e professando semelhantes princípios. São Leão acentuou a

conformidade dos priscilianistas com os maniqueus e enviou a São Turíbio as atas dos processos que havia formulado em Roma, contra êles.

Nesses processos, particularmente contra os maniqueus de Roma, vê-se o nome e a forma do que mais tarde se chamou inquisição. O santo Papa, que lhe dá o nome de inquisição mais de uma vez, a ela preside, assistido de bispos, sacerdotes, senadores e outras personagens ilustres. Declara aos fiéis que são obrigados pela consciência a denunciar os hereges. Faz com que pessoas suspeitas lhe sejam trazidas à presença e procura obter que se retratem. Os que se voltavam para a igreja recebiam a penitência; os que se obstinavam eram entregues às mãos seculares, para receberem a punição, de acôrdo com as leis do império, minando que estavam, pela adoção de tais princípios, às próprias bases da moral e da sociedade.

Entre os santos bispos das Gálias, o principal foi São Hilário de Arles. Exercia êste uma espécie de supremacia sôbre as igrejas dêsse país. Havia mais de uma razão para tanto. Vários Papas, notadamente São Zósimo, haviam designado os predecessores na sede de Arles, como seus vigários nas Gálias. Além disso, talvez por causa da amizade por sua pessoa ou veneração por seu mérito, metropolitanos lhe cediam os direitos. Enfim o patrício Aécio e o prefeito do pretório, que lhe dedicavam particular afeição, deram-lhe uma escolta de soldados para as viagens. Tudo isso, se não tivesse sido reprimido, teria provocado conseqüências desagradáveis. Um dos sucessores de Hilário teria podido abusar dêsse exemplo, assim como do pretexto de que a cidade de Arles era a metrópole civil das Gálias para a resi-

dência do prefeito, para se arrogar domínio secular sobre tôdas as igrejas gálicas. Já pecara Hilário por um zêlo pouco sério, falta em que podem incorrer até os santos. Chegado a Besançon, no curso das viagens, denunciaram-lhe Celidônio, bispo dessa cidade, como ordenado contra as regras, por ter sido casado com uma viúva e por ter condenado à morte, durante o tempo em que fôra magistrado. Hilário reuniu um concílio e depôs o bispo Celidônio, taxando-o de bigamo. Um outro foi nomeado para substituí-lo. Celidônio recorreu ao Papa e chegou mesmo a ir a Roma. Ao mesmo tempo, Hilário soube que Projecto, bispo de outra localidade que não Arles, estava doente, nomeou imediatamente e ordenou outro bispo, como se o bispado estivesse vacante. Restabelecendo-se, Projecto se queixou igualmente dêsse procedimento ao papa São Leão.

Hilário, ao saber que Celidônio fôra a Roma, para lá também se dirigiu apesar dos rigores do inverno. São Leão reuniu um concílio para julgar os acontecimentos. Celidônio produziu testemunhas que o declararam inocente perante a irregularidade com que fôra condenado. Hilário nada opôs às testemunhas. Interrogado, não deu nenhuma resposta razoável, chegando mesmo a confundir-se completamente. Disse até coisas que um leigo não podia dizer, nem um bispo ouvir. Por fim, citado em processo, fugiu vergonhosamente de Roma. Tal é o julgamento de São Leão e do concílio. De volta a Arles, applicou-se inteiramente a apaziguar o Papa. E nesse sentido, escreveu várias cartas.

Quatro ou cinco meses após a partida precipitada de Hilário, São Leão dirigiu uma decretal a todos os bispos das províncias interessadas no caso.

Inicia por estabelecer a autoridade da Santa Sé a respeito das prerrogativas concedidas a São Pedro. "Jesus Cristo, diz, instituiu de tal forma a economia de sua religião para iluminar pela graça todos os povos e tôdas as nações, que desejou que a verdade, anunciada anteriormente pelos profetas, aproveitasse a todos os povos, para salvá-los por meio dos apóstolos. Mas, querendo que êsse ministério pertencesse a todos os apóstolos, centraliza-o em São Pedro, chefe de todos os apóstolos, e quis que fôsse dêle, na qualidade de chefe, que se espalhasse para todo o corpo; de sorte que, quem quer que se afaste da solidez de Pedro, deve saber que não tem mais parte nesse ministério divino". O Papa declara aos bispos que absolve Celidônio, baseado em depoimento de testemunhas; que manteve Projecto na sua sede, e censura Hilário por haver dado a um bispo doente o desagrado de nomear-lhe um sucessor, e por haver feito a mesma coisa em outra província na qual não tinha direito algum, tendo a Igreja revogado o privilégio que concedera durante algum tempo a Pátroclo, e finalmente, por ter feito essa ordenação sem ter tomado o voto do clero e do povo. Dá aos metropolitanos o direito de ordenações com os mais antigos bispos da província. "Não é permitido a um metropolitano, diz, transferir seu privilégio a outro. Se o fizer, apesar dos decretos apostólicos, o direito de ordenação voltará aos mais antigos bispos da província". Por fim, o Papa tira a Hilário o direito de metropolitano. Feliz, acrescenta, de conservar sua própria sede por indulgência da sé apostólica. Ao enviar essa decretal às Gálias, São Leão juntou a ela uma constituição do imperador Valentiniano III, datada de 8 de julho de 445. O imperador,

ao se referir à sentença pronunciada pelo Papa, que chama de irreformável, diz: “Essa sentença não tinha necessidade de nossa sanção imperial para ser executada nas Gálias; porque, que é que não pode nas igrejas a autoridade de tão grande pontífice?”

Enquanto São Leão mantinha a disciplina eclesiástica no Ocidente, foi chamado a manter a fé cristã no Oriente. Como já vimos, na vida do papa São Celestino, Nestório, bispo de Constantinopla, ignorando os principais mistérios da fé que devia ensinar, avançara demais e afirmava que em Jesus Cristo havia duas pessoas, a de Deus e a do homem; que o Verbo não se uniu hipostaticamente à natureza humana; que não a tomou senão como um templo no qual habita, e que, por conseguinte, a santa Virgem não é mãe de Deus, mas somente mãe do homem ou do Cristo. Eutíquio, monge de Constantinopla e abade de um mosteiro tão ignorante quanto Nestório, caiu no erro oposto e ensinava que em Jesus Cristo as duas naturezas estavam confundidas em uma, e que, dessa forma, não existia nele senão uma só natureza, como também uma só pessoa. Essa herética opinião foi condenada por São Flávio, bispo de Constantinopla; mas, encontrando proteção em um eunuco da corte, favorito do imperador Teodósio, o Jovem, obteve a condenação de Flávio, por uma assembléia, conhecida pelo nome de pilhagem de Éfeso. Dióscoro, bispo de Alexandria, que a presidiu por ordem do imperador, ou melhor, do eunuco, não somente depôs o santo, mas tratou-o tão brutalmente, que alguns dias depois, Flávio morreu. São Leão, o quadragésimo-quarto sucessor de São Pedro, de acordo com o imperador Marciano, sucessor

de Teodósio, convocou um concílio em Calcedônia, no qual Dióscoro foi deposto, a heresia condenada, e a fé católica afirmada. Por isso, sempre veremos às portas os poderes do inferno insurgir-se contra a Igreja, mas jamais prevalecer contra ela, porque a Igreja está construída sobre pedra e é sempre dessa pedra que parte o golpe que quebra tôdas as heresias.

Com relação a Eutíquio, como também a Nestório, tôdas as partes se dirigiram à Santa Sé de Roma: São Flávio de Constantinopla, o imperador Teodósio, o próprio Eutíquio. São Leão respondeu a todos. Uma de suas cartas a Flávio decidia questão de doutrina e devia servir de regra ao concílio ecumênico. Quando foi lida em Calcedônia, todos os membros do concílio exclamaram: "Pedro falou por Leão!" Nesse mesmo concílio, composto de seiscentos bispos, Dióscoro não foi admitido como bispo, mas tão-sòmente como acusado. Um dos presidentes lhe deu a causa: "Deve dar êle as razões do modo de raciocinar, porque, não tendo autoridade de juiz, a usurpou e ousou reunir um concílio sem a autorização da Sé apostólica, o que jamais aconteceu, dado que não é permitido." Tendo terminado os assuntos referentes à fé, o concílio de Calcedônia estabeleceu um vigésimo-oitavo cânone, que concedia ao bispo de Constantinopla a prioridade logo após o Pontífice romano, ao passo que anteriormente vinha depois dos bispos de Alexandria e de Antioquia. Esse cânone, como tôdas as outras decisões, foram submetidas à apreciação do Papa. E o concílio, o imperador e o bispo de Constantinopla suplicaram-lhe que os aprovasse. São Leão aprovou o que se fizera com relação à fé; "mas, disse em uma carta à imperatriz, no que diz respeito às convenções

dos bispos, contrárias aos santos cânones de Nicéia, em consonância com a vossa piedade, nós as anulamos; e, com a autoridade do bem-aventurado apóstolo Pedro, cassamo-las, por uma definição absoluta". Essa decisão do Papa liquidou com tôdas as dúvidas. Não se encontrou nenhum meio de suplicar-lhe a aprovação. E, apesar do voto de grande pêsso de um concílio geral, apesar do interêsse vivo que o imperador e o bispo Anatólio de Constantinopla tinham no engrandecimento do bispado, foi necessário ceder à autoridade, à qual tôdas as sés estão submetidas. É o que deprendemos de São Leão e do próprio Anatólio.

Algo mais notável ainda, talvez, é o que se lê no sínodo de Constantinopla, ou seja, no registro dos atos dessa igreja. Embora cismático, o autor dêsse registro diz, a respeito do vigésimo-oitavo cânone do quarto concílio: "Parece-me que êsse cânone não foi nem sequer aceito no princípio, mas abolido imediatamente, porque é sabido que Leão de Roma não aprovou a decisão do concílio, nesse particular, como também censurou a absurda novidade com indignação, nas cartas que escreveu, tanto ao imperador como ao concílio. De onde vem, penso, o fato de nenhum dos dois concílios seguintes, o quinto e o realizado sob Justiniano, nem mesmo o de Pogonat, terem escrito nada a respeito de cânones. Diz o sexto concílio: *Estatuímos, renovando* (e não, *confirmando*). O que mostra que desde o começo êsse cânone do quarto concílio não fôra pôsto em prática, nem recebido, mas ficara sem nenhum efeito. Refiro-me ao cânone no tocante à prerrogativa e à preeminência nas coisas eclesiásticas; porque o que não teve consistência na origem,

mas foi anulado imediatamente, é renovado; ao passo que aquilo que subsiste e se pratica é confirmado e aprovado. Assim é que cada concílio fala dos concílios anteriores”.

Todavia, os povos bárbaros que deviam punir a Roma idólatra e desmembrar-lhe o império, avançavam uns após outros. Depois dos gôdos, vieram os hunos, com Átila, o terrível Átila à frente, inti-



São Leão, o Grande, detém Átila às portas de Roma. Segundo Rafael, no palácio do Vaticano.

tulando-se o flagelo de Deus. Êle era digno dêsse nome. Por tôda parte onde passava, abria alas a ferro e sangue. Entrou na Itália, reduzindo as cidades pilhadas a cinzas. Roma, abandonada pelos imperadores romanos, estaria perdida, se não fôsse o papa São Leão. Foi ao encontro do conquistador, o qual, contra tôda a expectativa, o recebeu com

tôdas as honras, concedendo-lhe a paz e retirando-se para seu país. Foi em 453. Dois anos depois, Genseric, rei dos vândalos, outro povo bárbaro, que se apossara da África, marchou sôbre Roma com um exército temível. São Leão, ainda, foi-lhe ao encontro e obteve que as tropas se contentassem com pilhar a cidade, sem derramar sangue e sem atear-lhe fogo. Roma foi, assim, duas vêzes, salva por êsse santo Papa, que morreu no ano de 461.

A humildade, a doçura e a caridade eram as virtudes principais de São Leão. Imitemo-lo. Escutemos o que nos recomenda. É uma máxima do cristianismo que as únicas e verdadeiras riquezas consistem nessa bem-aventurada pobreza de espírito tão fortemente recomendada pelo Salvador, isto é, a humildade e o completo desprendimento de tôda afeição terrestre. Quanto mais humildes formos, maiores seremos; quanto mais pobres de espírito, mais ricos. Nosso progresso nessa pobreza de espírito será a medida da parte que teremos na distribuição da graça e dos dons celestes.

\* \* \*

## SANTO ANTIPAS (\*)

### *M á r t i r*

Infelizmente, quase nada se sabe de Antipas, senão que foi martirizado pela fé durante a perseguição de Domiciano, no I.º século.

Segundo as atas do martírio, Antipas teria sido encerrado no bojo de um boi de bronze, que depois foi aquecido ao rubro, e assim teria recebido a gloriosa palma.

São João, no Apocalipse, deixa entrever, num breve elogio, a estima que lhe tinha:

“E ao anjo da Igreja de Pérgamo escreve: isto diz aquêle que tem a espada afiada de dois gumes: sei onde habitas, lá onde Satanás tem o trono; sei que conservas, apesar disso, o meu nome, e não negaste a minha fé, mesmo naqueles dias em que Antipas, minha fiel testemunha, foi martirizado entre vós, onde Satanás habita” (1).

Segundo querem alguns, Antipas foi bispo de Pérgamo, mas a opinião dos que o tem por tal não

---

(1) Apoc. 2, 12-13.

apresenta qualquer apoio histórico e é pouco verossímil.

Quanto ao culto que se lhe rende, é bastante antigo no Oriente. Em Constantinopla, era honrado na igreja de São João, o Teólogo. Barônio foi quem o introduziu no martirologio romano.

\* \* \*

## SANTA GEMMA GALGANI (\*)

### *Virgem*

Gemma Galgani nasceu em Camigliano, na Toscana, no dia 12 de março de 1878. O pai, farmacêutico, e a mãe tiveram oito filhos, aos quais educaram cristãmente, de início no próprio lar, depois, deixando a cidade, nas escolas de Luca.

Gemma, aos dois anos, estava já semi-interna na instituição Vallini.

Disse dela, um dia, a mestra:

— Jamais a vi chorar ou questionar. Embora de temperamento ardente, conservava-se imperturbável diante dos elogios e das repreensões.

Aos cinco anos, a menina já lia, correntemente, o ofício da santa Virgem, com incomum penetração e a mais viva piedade. E não era para menos, uma vez que a mãe, a Senhora Galgani, sabia levar os filhos pelo caminho do amor, da doçura, da contemplação do mistério da Cruz — e, mais ainda, acenava-lhes com as delícias que se gozaria, depois desta vida, no céu.

Aquela piedosa mulher, levada pela tuberculose, faleceu quando Gemma entrava nos oito anos.

Aos dezessete anos, a jovem deixava a instituição e se dava aos cuidados da casa, à educação dos irmãos.

O amor pelos pobres, manifestado em Gemma desde os primeiros tempos, deu de se expandir, agora que tinha o govêrno da casa. E a despensa, constantemente, era visitada e saqueada.

Um dia, tal os desvelos da jovem para com a pobreza, o pai, chamando-a, fêz-lhe ver que, a caminhar naquele passo, arruiná-lo-ia.

Gemma levava intensa vida interior. Jesus lhe aparecia, mas nunca aos olhos do corpo. Disse-lhe, de uma feita:

— Minha filha, eu sempre avivarei em ti o desejo do céu, mas deverás suportar a vida com paciência.

A paciência, em verdade, havia de ser mesmo muito necessária à jovem dona de casa: vítima de dolorosíssima doença nos ossos do pé, logo, totalmente, arcaria com tôdas as responsabilidades da família.

O Senhor Galgani faleceu em 1897. Os Galgani jaziam arruinados. Que fazer?

Gemma optou pela dispersão dos irmãos, enviando-os para a casa dos tios e tias. O mal de Pott principiava a acometê-la.

Depois de longos meses de martírio herôicamente suportado, foi miraculosamente curada por São Gabriel da Addolarata, que lhe apareceu.

Sentindo-se chamada para a vida religiosa, hesitou: demandaria as irmãs de São Camilo, as passionistas ou as visitandinas?

Depois de muito pensar, resolveu-se pela ordem da Visitação. Uma decepção, porém, esperava-a: o arcebispo, achando-a demasiadamente delicada, de

saúde um tanto precária, interdissse à superiora recebê-la.

Como para dar à espôsa amada uma compensação, Jesus lhe disse:

— Aprende a sofrer, porque o sofrimento ensina a amar.

A 8 de junho de 1899, vigília da festa do Sagrado Coração, o divino Mestre dignou-se conferir-lhe os estigmas. Então, regularmente, de quinta-feira, pela tarde, até sexta-feira às quinze horas, as cinco chagas, abrindo-se, sangravam abundantemente. Gemma suou sangue e sentiu os suplicios da coroação de espinhos por mais de dezoito meses. E os assaltos que sofreu por parte do demônio foram indescritíveis.

Em 1902, Gemma adoeceu gravemente. E Jesus, dizendo-lhe que em breve ganharia o céu, advertiu-a de que havia de passar por sofrimentos inomináveis, para expiar pecados cometidos por maus sacerdotes.

A jovem a tudo suportou com indizível paciência. E, no dia 11 de abril de 1903, sábado de aleluia, expirou: principiava-lhe a definitiva vida de união a Deus e de intercessão pelos homens, contando tão-sòmente vinte e cinco anos de idade.

Pio XI beatificou-a. Pio XII canonizou-a a 2 de maio de 1940.

\* \* \*

## SÃO GUTHLAC (\*)

### *Confessor*

Guthlac, que pertencia a um ramo da família real de Mércia, nos tempos em que a Inglaterra jazia dividida em reinos, nasceu em 673.

Temperamento irrequieto, ardoroso, aos quinze anos comandava um bando, que, corajosamente, ia abatendo inimigos, pilhando e saqueando as cidades e os castelos.

Durante oito anos levou aquela vida de aventuras e de desregramento.

Um dia, a pensar, pôs-se a repassar todo aquê tempo de correrias, e chegou a conclusão de que jamais lucraria boa coisa, se assim continuasse. De que lhe adiantaria tôda a riqueza amontoada, quando a morte, inexorável, viesse reclamá-lo? E pôs-se a refletir, a imaginar a outra vida, o céu, que, a continuar como até ali o fizera, acabaria por perder e merecer, ao invés do gôzo eterno, o eterno suplício do inferno.

Todo abrasado naquela idéia, desejando o céu, resolveu deixar a vida até então ali levada. E, chamando os comandados, disse-lhes, com determinação, que escolhessem outro chefe que os dirigisse, porque ia deixar o bando e sòmente a Jesus Cristo iria servir.

Guthlac partiu sob os protestos do grupo: virou-lhe as costas e se foi, o pensamento todo voltado para o mosteiro de Repton.

Em 697, o penitente recebia o hábito monástico. Estudioso, inteirou-se da Escritura, das diversas regras, da liturgia, e foi obediente, humilde, dado à mortificação, à oração e aos jejuns.

Um dia, lendo as Vidas dos Santos do deserto, da solidão, sentiu-se atraído pelo êrmo. E decidiu deixar o mosteiro, trocando-o pelas brenhas. E assim fêz.

Croyland, pequenina ilha coberta de bastas florestas, coalhadas aqui e ali de pestilentos pauis, foi o retiro escolhido. Ali, praticando austeras penitências, jejuando, às vêzes, por tôda uma semana, foi Guthlac aperfeiçoando-se, expiando os pecados do passado, avançando, a largos passos, pelo estreito e difícil caminho que leva ao céu, aquêle céu que, a todo o custo, buscava.

Os demônios, como não podia deixar de ser, surgiram naquele quieto lugar. Assíduos, maltrataram-no de tôdas as maneiras: rolando-o nos espinheiros, espancando-o com barras de ferro, e, mesmo, de uma feita, agarrando-o e levando-o ao inferno, para que visse, ali, qual o lugar que os crimes cometidos lhe haviam reservado.

O solitário, o pensamento aferrado em Deus, confiante na bondade de Deus, não se deixou tomar pelo desespero, não sucumbiu. E venceu.

A Guthlac, visitavam-no também os animais da ilha. Curiosos, achegavam-se da gruta do santo, sem medo algum e se deixavam acariciar, a ouvir as doces palavras que lhes dirigia. As aves, principalmente, surgiam em grandes bandos. E às andori-

nhas, Guthlac fazia-lhes os ninhos, que, fielmente, todos os anos, eram ocupados para novas posturas e novas ninhadas. Cantando, a mais variada passarinhada pousava-lhe nos ombros, sem cerimônia, e o acompanhava nos raros passeios que fazia. E o santo, sorrindo-lhes, dizia:

— As aves do céu, como os anjos, podem frequentar os que não frequentam a sociedade dos homens.

Atraídos pela reputação de santidade, os homens principiaram a procurar o cândido ermitão. E Guthlac, quando os via, procurava fugir.

Chegou, porém, um dia em que não pôde furtar-se aos que o desejavam ver para conselhos, regras de conduta, consolações e, mesmo, milagres. Iria, pensava, decepcionar quem vencia tão difíceis, tão brutos caminhos, enfrentando a selva e os pântanos?

Certa tarde, entre os peregrinos, veio um jovem príncipe. Chamava-se Etelbaldo e fugia do sangüinário e bárbaro rei Ceolred pagão, que lhe desejava a morte. Como Guthlac, Etelbaldo também pertencia à real família de Mércia, e ali, com o santo, ficou a viver por uns tempos, à espera de melhores dias, à espera do trono, que, por direito, lhe pertencia.

Guthlac, quando o príncipe, deixando-se levar pelo desespero, gritava e jurava vingança, cheio do desejo de recorrer à violência para se assenhorear do poder, acalmava-o, falava-lhe brandamente, incutindo-lhe o amor de Deus. E dizia-lhe que, confiando no céu, haveria de ser rei sem necessidade de lançar mão da violência. O dia, pelo qual ansiava, já no céu estava estipulado — era esperar.

O príncipe, morrendo para aquelas crises de desespero, seguiu o conselho do amigo. E, em 716,

morto Ceolred, Etelbaldo, pacificamente, entrou na posse do trono dos ancestrais. São Guthlac, então, já havia desaparecido.

Deus, a certa altura da vida daquele fiel servidor, concedeu-lhe o dom da profecia. E aqui entra o que se conta a êsse respeito.

Bellecino, um clérigo, era quem se incumbia, de vinte em vinte dias, de tonsurar o santo. Certa vez, subiu-lhe ao cérebro um mau pensamento, qual seja o de matar o doce ermitão, por ambição. Não podia êle ser, morto Guthlac, chefe da peregrinação que não deixaria de surgir, em visita ao túmulo, onde os reis, príncipes e nobres haviam de deixar ricas dâdivas? Não era porventura a prosperidade?

Ia o péssimo clérigo tomado por tais pensamentos, a olhar a navalha que manejava, quando o santo, descobrindo-lhe a má intenção, disse-lhe que a conhecia.

Bellecino, caindo de joelhos, de olhos marejados, a tremer, ao santo, muito balbuciadamente, de mãos postas, pediu perdão para a negregada intenção. E Guthlac, sorrindo, perdoou-o no mesmo instante, caridosamente levantando-o do chão.

São Guthlac faleceu em 714. E Etelbaldo, dois anos depois, como rei de Mércia, no local em que viveu o santo, e onde se achava enterrado, fundou o mosteiro de Croyland, que existiu até 1539.

\* \* \*

## SÃO BARSANÓFIO (\*)

### *Confessor*

Barsanóbio, egípcio, viveu na Palestina, primeiramente como monge do mosteiro de São Seridão, depois, e por cinquenta anos, como recluso.

A porta da cela que lhe construíram, uma vez entrado o santo, ficou vedada a toda a gente. Quem com êle desejasse comunicar-se, que o fizesse por escrito.

Ora, São Barsanóbio, muito procurado, passou a responder as solicitações, o que fazia por escrito, por meio de um secretário, chamado Seridos, que pertencia ao convento. E Barsanóbio, que jamais pessoa alguma via, com o tempo, passou a ser lendário. Um monge, Teodoro, que o consultava, acabou por duvidar da sua existência, julgando que quem lhe respondia não era nenhum Barsanóbio, mas, sim, o próprio Seridos, e qual, para ser tratado com deferência e trazer os monges sob sua dependência, inventara aquela história de um recluso. Haveria, pois, alguém naquela cela sempre e sempre trancada? Era a pergunta que se fazia o monge Teodoro, reiteradamente.

Tal tentação de incredulidade, um dia, acabou por chegar ao conhecimento de Barsanóbio, que, não querendo ver ninguém sob tentações suscitadas jus-

tamente por si mesmo, resolveu quebrar a regra e dar-se a ver. Assim, pediu que lhe trouxessem aquêlo irmão, e não só aquêlo, mas os demais da comunidade, e a todos, lavando-lhes os pés, humildemente, deu-se-lhes a conhecer, convencendo-os de que existia.

Quando Seridos, já velho, faleceu, o santo continuou a conversar com o mundo exterior lançando mão do mesmo expediente, já que determinara jamais romper a reclusão.

Um dia, do Egito, especialmente para vê-lo, apareceu à porta entaipada, um irmão, que, mesmo invocando os pais, nada conseguiu.

Disse-lhe o santo, de dentro:

— É Jesus que é meu irmão. Tu, só se, desprezando o mundo, fizeres-te monge serás meu irmão. Solicitações, havia-as assim:

Certa vez, um monge, muito doente, julgando-se perto, muito perto da morte, implorou a Barsanóbio o perdão dos pecados.

Respondeu-lhe o santo: “Não te aflijas, irmão, porque a morte, sem o pecado, não é a morte, é a passagem da aflição ao repouso, a passagem das trevas à luz inefável e à vida eterna. Eis que o grande rei, Deus, disse: “Todos os teus pecados serão perdoados, sobretudo pelos rogos e súplicas aos santos e por tua fé”. Que Ele te dê paciência até o fim.

Um outro dizia-lhe: “Perdoa-me, senhor *abba*, pelo Senhor. Tua santidade me diz: “Teus pecados te são perdoados”, mais eis que *abba* Isaías disse que não serão perdoados, falando dos seus deleites. Ora, eu sinto êsse deleite. Pelo Senhor, explique-me isso”.

Resposta: "Irmão, eu te disse que teus pecados passados te estavam perdoados, mas não que tôda a luta havia cessado, porque a vida do homem nada mais é do que um combate. Se não cometeste pecado, o diabo sugeriu-te o prazer, e como não o cometestes, sugere-te igualmente. Quanto ao que diz *abba* Isaías, deve entender-se do prazer do pecado e dos que com êle se deleitam. Uma coisa é lembrar-se da doçura do mel, e outra deleitar-se com a lembrança. Assim, se alguém, lembrando-se do prazer do pecado, com êle não se deleitar, mas procurar vencer e afastar o deleite, opondo-se, pois, a êle, a êsse os pecados anteriores serão perdoados".

Os escritos do santo recluso parecem confirmar uma tese teológica encontrada, e muito freqüentemente, entre os místicos gregos da Idade Média, segundo a qual o poder de absolver e de não absolver pertence a um favor especial, que o confessor goza junto de Deus, e não ao caráter sacerdotal. Daí os monges poderem receber tal favor, extra-sacramentalmente.

Crê-se que São Barsanóbio faleceu no ano de 450.

Entre os latinos, na velha edição do martirologio romano, São Barsanóbio era mencionado no dia 11 de junho.

A igreja de Uri, na Itália, acredita estar de posse das relíquias do santo, que para ali teriam sido transferidas no século IX.

\* \* \*

## SANTO ISAAC DE ESPOLETO (\*)

### *Confessor*

Isaac nasceu na Síria, mas, feito moço, informado com a opressão que os eutiquianos faziam sobre os católicos, deixou a terra onde nascera e foi viver na Itália, fixando-se nas imediações de Espoleto, cuja igreja passou a freqüentar com assiduidade.

Um dia, para poder prolongar as orações que fazia, conseguiu do sacristão a autorização para permanecer no templo quanto o quisesse. De uma feita, a orar, ficou na igreja por três dias e três noites, e aquilo enfureceu o sacristão, que, perdendo a paciência, a julgar que o santo o fazia por pura ostentação, repreendeu-o duramente, diante dos fiéis, chegando mesmo, exaltado, a dar-lhe um sôco.

O que sucedeu, em seguida, encheu a todos os presentes de espanto e admiração: o sacristão, tomado pelo demônio, que Deus assim o permitira, caindo ao chão, pôs-se a contorcer-se, espantosamente, e a gritar, com quantas fôrças conseguia arranjar:

— Isaac, livra-me! Isaac, livra-me!

Os fiéis estavam estarecidos, de olhos pregados no pobre homem que se unhava e mordia e rolava, esguedelhado e a trejeitar, mudos e atemorizados. E Isaac, compadecido do infortunado, ajoe-

lhando-se, rogou a Deus que o livrasse do diabo. E assim foi.

Aquêlê successo tornou o santo famoso por tôda a cidade. Era o assunto diário de todos os moradores de Espoleto, que o disputavam para tê-lo em suas casas.

Isaac, com a humildade alarmada, buscou um lugar deserto, e ali, construindo uma paupérrima cela, afañtou-se do burburinho citadino.

Pouco depois, discípulos, procurando-o, rogavam-lhe a permissão para ficar vivendo a seu lado, debaixo de sua direção, e o povo, surgindo com esmolas, vinha suplicar-lhe o favor de Deus, trazendo-lhe presentes.

Aos discípulos, Isaac, delicadamente, demoveu-os do intento, dizendo-se indigno e nada edificante. E aos que lhe traziam coisas, dizia:

— Um monge que procura ter bens nesta terra não é um verdadeiro monge.

A Santo Isaac de Espoleto, Deus honrou-o com a graça de fazer milagres e de profetizar. A propósito, conta-se o seguinte: um dia, estava êle no mosteiro de São Marcos, quando aquela casa era dirigida pelo abade Eleutério, e, com os monges, tratava do jardim. Quando caiu a tarde, ao se retirarem, o santo recomendou que ali deixassem as ferramentas e não as recolhessem. Os irmãos, estranhando, entreolharam-se, e acabaram, para não o desgostar, por atendê-lo.

No dia seguinte, quando tornaram ao jardim, para continuar a tarefa do dia anterior, estavam, embasbacadíssimos: um bando de homens, trabalhando diligentemente, deixara o jardim maravilhosa-

mente pôsto: limpo, bem arruado e cheio de canteiros simètricamente estabelecidos.

Quem eram aquêles operosos trabalhadores? Jardineiros consumados? Não. Eram ladrões, apenas ladrões, grandes madraços que jamais haviam, em tôda a má vida, trabalhado honestamente um dia sequer. Tendo o chefe do bando determinado assaltar o mosteiro, à noite pularam o muro e deram com as enxadas, pás e ancinhos ali deixados. Então, um esquisito desejo irresistível de trabalhar o jardim dominou-os na mesma hora. E principiaram, com grande afã e não menor diligência, a obra, incansáveis, não obstante, agora, abundantemente suassem e a respiração lhes fôsse estertorosa, curta e penosa.

A uma ordem do santo, os salteadores deram por findo o duro labor de uma noite que lhes parecera não mais ter fim. E Isaac, a sorrir, despachando-os, agradeceu-lhes com ardor o trabalho que levaram a efeito com grande carinho, aconselhando-os a deixar a vida de tropelias.

De outra feita, a um servidor que lhe trazia um cêsto de peixes, disse-lhe o santo:

— Cuidado com a cobra que se escondeu no segundo cêsto.

O homem, perturbado, muito sem jeito, deixou o monge e se foi, envergonhadíssimo: como descobrira o religioso que o patrão lhe mandara dois cêstos de peixes, dos quais, para si, escondera um?

Quando chêgou ao lugar em que ocultara os peixes, que desejava levar para casa, procurando cautelosamente e meio de longe, vislumbrou vastíssima cobra peçonhenta tôda enrodilhada atrás do cêsto, de olhinhos a chispar, a língua bipartida a

dançar nas fauces escancaradas. E o desonesto moço, embora vermelho de vergonha, por ver a fraude descoberta, de rosto a abrasar, não deixou de agradecer, no fundo do coração, o santo monge, sem cujo aviso estaria perdido, e perdido para sempre.

Santo Isaac de Espoleto morreu no ano de 550. O corpo, levado a uma igreja da cidade, foi alvo de grandíssima veneração.



No mesmo dia, na Dalmácia, Salônia, os santos mártires Donião, bispo, e oito soldados.

Em Gortina, Creta, São Filipe, bispo muito célebre pela santidade e ciência, na época de Marco Antonino Verus e de Lúcio Aurélio Cômodo. Governou a Igreja confiada aos seus cuidados com imenso zêlo, preservando-a do furor pagão e de heréticas armadilhas. Faleceu em 180.

Na Nicomédia, Santo Eustórgio, padre, mártir, nos tempos de Diocleciano. Desconhece-se-lhe a data do falecimento.

Festa de São Farmuto, confessor, no século IV. Ermitão na Armênia, teve inúmeros discípulos.

Em Tours, Santo Airy ou Agerico, abade e confessor. Abade de São Martinho de Tours entre os anos de 672 e 676, estêve em Roma, onde obteve do papa um diploma de isenção para o mosteiro que geria.

Em Noyon, Santa Godeberta, virgem. Nascida na diocese de Amiens, do bispo Santo Elói recebeu o véu das virgens, em 675, contrariamente ao desejo dos pais, que queriam vê-la casada. Debaixo da proteção do rei Clotário III, que para ela fundou

um mosteiro, no qual se retirou com algumas companheiras, seguindo, provavelmente, a regra de São Columbano, ali faleceu muito santamente em 690. O corpo, em 1186, foi transferido para a catedral de Noyon, no dia 27 de abril.

Na Baviera, Santo Ulrico, abade e confessor. Foi monge de Lutzel, fundou a abadia de Kaisersheim em 1133.

Em Osnabruck, o bem-aventurado Raynier, ermitão e confessor. Tendo vivido recluso por vinte e dois anos perto da porta da catedral de Osnabruck, faleceu em 1237.

Na Itália, o bem-aventurado André de Monte-Reale, confessor. Nascido nos Abruzzos em 1397, de pais muito pobres, foi pastor. Um dia, encontrando-se com um religioso de Santo Agostinho, suplicou que lhe desse o hábito daquela ordem, ao mesmo tempo que lhe fazia, solenemente, a promessa de que iria, fielmente, obedecer a regra. Assim, aos catorze anos, principiou a vida religiosa, e, em 1421, era ordenado padre. Provincial da Umbria em 1444, faleceu em 1479, quando, então, soaram, por si mesmos, os sinos das igrejas, e pelo ar, tôda gente ouviu anjos a cantar. Clemente XIII confirmou-lhe o culto, que se lhe rendeu logo após a morte, em 1764.

\* \* \*

## 12.º DIA DE ABRIL

### SÃO JÚLIO

#### *P a p a*

O papa São Marcos, sucessor de São Silvestre, morreu a 7 de outubro de 336, ficando a cátedra apostólica vaga até 6 de fevereiro de 337, quando, então, foi eleito papa São Júlio.



Constâncio II. imperador  
romano.

Os heréticos arianos, condenados no concílio de Nicéia, em 325, quando era papa São Silvestre, haviam-se levantado, por causa da irreflexão e da inconstância do imperador Constantino, que morreu em 337. Tornaram-se ainda mais poderosos, durante o reinado do filho dêste, Constâncio, que, incapaz de governar o império e governado pelos eunucos, pretendia arvorar-se em dirigente da Igreja de Deus. Os arianos perseguiram, então, os fiéis católicos, principalmente Santo Atanásio, bispo de Alexandria. Assim, no ano de 335, no conciliábulo de Tiro,

condenaram-no, por ter mandado à morte o bispo Arsênio, depois de ter-lhe cortado a mão direita. E nesse mesmo conciliábulo receberam como membro o próprio bispo Arsênio, com ambas as mãos. Algo de mais prodigioso ainda aconteceu. O nome de Arsênio figurou entre os signatários do julgamento. E aquêle que se dizia morto por Atanásio subscrevia, vivo, a deposição de Atanásio. É a reflexão do historiador grego Sócrates. Tais eram os hereges que negavam a divindade de Jesus Cristo, de modo diferente dos arianos. As mais impudentes mentiras não lhes custavam mais do que as mais cruéis violências. Expulsaram os bispos católicos das principais dioceses e nelas colocaram, à força, os heréticos.

Os arianos, pensando em ludibriar o papa São Júlio, como haviam enganado o imperador Constâncio, pediram-lhe reunisse um concílio e para êle mandasse Atanásio e os acusadores dêste. O Papa aceitou, escreveu para uns e para outros e mandou Santo Atanásio em particular. Essa maneira de agir não deixou os arianos a cômodo. Perceberam que não mandariam em Roma. Após terem pedido um concílio e um julgamento ao Papa, preferiam julgar as próprias causas. Reuniram-se em Antioquia. Atanásio foi deposto. Mas a primazia do Papa era, então, reconhecida de tal forma no Oriente, que Sócrates, autor grego do mesmo século, prova a irregularidade do concílio de Antioquia, ao qual, Júlio, bispo da grande Roma, não assistiu nem enviou alguém para representá-lo, embora houvesse uma lei proibindo às igrejas expedirem regulamentos sem o consentimento do bispo de Roma.

O papa São Júlio era o único sustentáculo do grande número de homens perseguidos, porque, não

sòmente Santo Atanásio, mas Marcelo de Ancira e Asclépias de Gaza, expulsos com outros, e mais grande número de bispos da Trácia, da Síria, da Fenícia e da Palestina, se refugiaram em Roma, a fim de serem recebidos pelo chefe como membros do corpo. O historiador Sócrates diz: "Quando informaram Júlio do que havia acontecido, êste, de acôrdo com a prerrogativa da Igreja romana, muniu-os de cartas nas quais se exprimia com grande autoridade e os enviou de volta ao Oriente, depois de ter devolvido a cada um sua sede, e censurado àsperamente os que tinham tido a temeridade de os depor. Partindo de Roma e apoiados nas cartas do bispo Júlio, retornaram às suas igrejas e enviaram as cartas às pessoas a quem eram endereçadas". Sozômenes, outro historiador grego, diz: "O bispo de Roma, achando-os conformes com a doutrina do concílio de Nicéia, recebeu-os na sua comunhão, visto que pensavam como êle. E, dado que o cuidado de tudo lhe cabia, em virtude da dignidade do trono, devolveu a cada um dêles a igreja que lhe pertencia". Assim falam êsses dois historiadores gregos, nascidos mais ou menos quarenta anos após essa ocorrência, uma dezena de anos após a morte de Santo Atanásio.

É necessário observar, todavia, que não terminaram tão depressa, como dizem êles, ou ao menos parecem dizer. Duraram ainda anos. Santo Atanásio foi recebido com estima particular pelo papa São Júlio. Sozômenes diz: "O primaz da Igreja romana e todos os pontífices do Ocidente encararam êsses fatos, a intromissão dos bispados de Antioquia, de Alexandria e de Constantinopla como injúria feita a êles mesmos. Pois, tendo aprovado desde o início a decisão dos que tinham vindo a Nicéia, haviam

perseverado até então nos mesmos sentimentos. Atanásio foi até eles e foi recebido com efusividade. E procuraram logo fazer-lhe justiça”.

Júlio enviou aos arianos, cujo chefe era Eusébio de Nicomédia, os sacerdotes Elpídio e Filoxênio, a fim de que viessem ao concílio de Roma com tanta segurança como o haviam provocado. Eles, porém, se espantaram com um julgamento livre, eclesiástico, e tinham medo de Atanásio. Ousaram mesmo reter os legados durante vários meses. Depois, despedindo-os, entregaram-lhes uma carta para Júlio, carta essa, diz Sozômenes, com todos os artifícios da retórica e da chicana, transpirando ironia e ameaça. Júlio respondeu com a verdadeira dignidade de um pastor supremo, com tanta franqueza e energia quanto com doçura cristã, com a simplicidade e a cordialidade de um apóstolo, com o zelo e a incorruptibilidade de um protetor de inocentes oprimidos. A carta fôra escrita a pedido do concílio de Roma, que, depois de cuidadoso exame, absolvera Atanásio e Marcelo. Mister se faz notar, sobretudo, o que diz o papa Júlio, no tocante aos julgamentos eclesiásticos e à autoridade da Igreja romana: “Não sabeis que é o costume de nos escrever no comêço, e que daqui devia partir a decisão do que é justo? Necessário era escrever à igreja daqui;” o que dois historiadores gregos, Sozômenes e Nicéforo, resumem nestes termos: “Havia desde então uma lei sacerdotal ou eclesiástica que declarava nulo tudo o que se fazia sem o consentimento do bispo de Roma”.

Entretanto, a pedido do papa São Júlio e de outros bispos, o imperador Constante havia escrito a seu irmão Constâncio que reunisse um concílio do Oriente e do Ocidente, para unir a igreja dividida

e repor Atanásio e Paulo de Constantinopla nos seus postos. Convencionou-se de ambas as partes reunir um concílio em Sárdica, na Ilíria, nos limites dos dois impérios. Foi convocado pela autoridade do papa São Júlio, pois Sócrates nos diz que alguns orientais o acusaram de ter fixado um tempo muito curto. O concílio se reuniu em 347. Só bispos católicos, havia mais de trezentos. Os arianos, acompanhados de advogados e de generais de exércitos, compareceram com prontidão, pensando poderem dominar a reunião. Mas, quando viram que os ocidentais tinham na chefia Ósio e os legados do papa Júlio, e que o concílio seria um julgamento eclesiástico, sem assistência de condes nem de soldados, ficaram surpreendidos e perturbados pelo remorso. E, alguns dias depois, fugiram da Sárdica.

Havia três coisas por serem tratadas no concílio: a fé católica, as causas das acusações dos eusebianos e arianos da facção de Eusébio de Nicomédia, e as queixas formadas contra os eusebianos. Quanto à fé, o concílio decidiu que seriam seguidas as decisões de Nicéia. Reconheceu a inocência de Atanásio, Marcelo de Ancira e Asclépias de Gaza. Os oito chefes da facção ariana foram depostos e excomulgados, isto é, privados não somente do episcopado, mas também da comunhão dos fiéis. Os padres de Sárdica fizeram, em seguida, alguns cânones de disciplina, redigiram as cartas sinodais, enviaram uma embaixada a Constâncio e voltaram aos seus países.

O começo da carta dirigida ao Papa é notável: "O que sempre cremos, pensamos também neste momento, pois a experiência prova e confirma o que cada um ouviu dizer: é a verdade que o bem-aventurado Paulo, doutor das nações, disse com relação a

si mesmo: *Quereis uma prova daquele que fala em mim, de Cristo?* Pois, como o Senhor Jesus Cristo nêle habitava, é sem dúvida que o Espírito Santo lhe falou pela alma, e a palavra ressoou através do órgão corpóreo. Vós também, bem amado irmão, separado do corpo, estais presente em nosso espírito e em vontade. Vossa ausência era justa e necessária, com receio de que os lobos cismáticos viessem furtivamente roubar o rebanho, os cães heréticos perturbá-lo com os freqüentes latidos, a serpente blasfema infectá-lo com o veneno. Não há nada melhor nem mais conveniente do que os sacerdotes do Senhor contarem tudo, de cada província, ao chefe, isto é, à sede do apóstolo Pedro”.

Isso é digno de atenção. Nas perseguições contra Atanásio, os arianos viam a si próprios unicamente. Sempre tinham pretendido que a Igreja universal devia aprovar sem discussão a tendência destrutiva de uma de suas partes, embora essa parte doente procurasse cura na universalidade. O concílio de Sádica ordena, ao contrário, que as partes sejam continuamente concordes em tudo. E como o Papa, herdeiro da dignidade de Pedro é o chefe, a cabeça com a qual estão unidos todos os membros do corpo, todos os movimentos das igrejas particulares não devem se produzir senão em concêrto com êsse chefe. Da mesma forma que, pela virtude tôda-poderosa do Salvador, o que estava separado, voltava a ser um. Assim, havia no arianismo, que negava a divindade do Salvador, um germe de separação, de independência, de destruição, como bem o demonstra tôda a história. Como a Igreja católica combatia o arianismo, estava na natureza das coisas que, por uma inspiração secreta, ela lhe combatesse também a ten-

dência separatista, e que, com o centro e o chefe invisível da Igreja, revelasse também o centro e o chefe visível. Na defesa de Atanásio, o representante da Igreja católica que lutava pela divindade do Salvador, foi o chefe da Igreja visível que fixou os olhares. Os que defendiam a dignidade do chefe invisível apegaram-se ao chefe visível, que os defendia, por sua vez. Dessa maneira, voltaram às suas igrejas, a fim de poderem defender o chefe invisível com nova coragem. Daí, no comêço da carta dos Padres de Sárdica, essa misteriosa comparação, na qual, embora ausente, a palavra do papa se revelava por intermédio deles, como Cristo, embora invisível, falava pelo doutor das nações.

A mesma coisa se manifesta ainda nos cânones do concílio. Perseguidos pelos arianos, os bispos católicos recorreram ao Papa, como ao superior e ao conservador dos cânones. Não podendo negar essa superioridade, os arianos procuravam torná-la ridícula e entrar o direito de chamado do Papa. Por isso, alguns cânones do conciliábulo de Antioquia. O concílio de Sárdica, ao contrário, reconhece formalmente e explica êsse direito de chamado dos cânones que seguem, e que foram inseridos textualmente por Fótio no seu *Sintagma*, ou classificação metódica.

O texto grego, que é original, e que nos foi conservado pelo próprio Fótio, assim reza: "se o bispo de Roma acredita conhecer suficientemente o caso e puder exarar a sentença sôbre o bispo recorrente, fará o que julgar sábio". Êste texto autêntico completa as diferentes formas judiciárias propostas no caso de citação ao papa da parte do bispo condenado: 1) Os bispos escreverão ao pontífice romano. 2) Se o Papa crê conhecer suficientemente

o caso e poder exarar a sentença sôbre o bispo recorrente, fará o que julgar sábio. Isto é, que o papa pode julgar por si mesmo e sem fazer-se rever nesse particular. Êsse direito do Papa era de tal modo encarado como certo, o uso que Júlio I dêle acabara de fazer estava de tal modo presente no espírito dos padres de Sárdica, que não pensaram nem sequer em o expor com desenvolvimento, e se estendem unicamente no tocante às formas a serem seguidas, quando o Papa quiser fazer recommençar o julgamento a êsse respeito. É para êsse caso que foram estabelecidas as seguintes medidas: 3) dignar-se-á escrever aos bispos vizinhos da província; 4) êsses bispos farão novo exame e darão novo pronunciamento; 5) se o condenado recorre ainda dessa segunda sentença, não se poderá dar-lhe um sucessor, mas será necessário esperar que o Papa dê a sentença definitiva.

Eis como, em 347, o concílio de Sárdica reconhecia e explicava o direito de apelar para o Papa. Não o estabelecia, isso não, pois o vemos em uso desde os primeiros séculos e é, aliás, uma consequência necessária da primazia de jurisdição concedida por Jesus Cristo a São Pedro e aos sucessores dêste. O concílio não faz outra coisa que desenvolvê-lo contra os esforços arianos para obscurecê-lo. Pelo que foi dito, vê-se que desde então o Papa enviava o que chamamos de legados *a latere*. O texto grego do quinto cânone serve-se dessa denominação.

Como o concílio de Sárdica não foi senão uma seqüência e complemento do de Nicéia, não estabelecendo nenhum outro símbolo, mas desenvolvendo algumas das regras de disciplina daquele, os cânones foram citados algumas vêzes sob o nome de cânones de Nicéia.

Todavia, vários motivos conduziram o imperador Constâncio a sentimentos de justiça. Proibiu .êle fôssem os católicos perseguidos. Escreveu três cartas a Santo Atanásio e convidou-o a ir vê-lo. Santo Atanásio deixou, então, Aquiléia, onde se encontrava após o concílio de Sárdica, e foi a Roma despedir-se do papa Júlio, a quem mostrou, nessa ocasião, as cartas de Constâncio. A Igreja romana rejubilou-se imensamente com isso, pois via no imperador do Oriente um regressado à fé verdadeira. São Júlio escreveu aos católicos de Alexandria uma carta na qual os felicita pela constância na fé e pela dedicação a Atanásio. Refere-se, ainda, à alegria que teriam a poderem revê-lo. "Para mim, conclui, é uma delícia, imaginar a volta do meu irmão, a alegria de cada um de vós, a piedade do povo, indo encontrá-lo, a alegria dos que acorrem de tôdas as partes. Que dia êsse para vós! O passado terá terminado. Essa volta tão desejada, unirá todo o mundo no mesmo júbilo. A parte que, de antemão, tomamos dessa alegria, é tão grande como a graça que Deus nos concedeu de conhecer tão ilustre homem". O papa termina com orações, para obter para êles as graças que merecem.

O que houve de extraordinário foi que Ursaco e Valêncio, os quais após a morte de Eusébio de Nicomédia, eram os mais violentos inimigos de Atanásio, foram a Roma e apresentaram ao Papa São Júlio uma retração formal e completa. Êsse grande e excelente Papa morreu no dia 12 de abril de 352, depois de ter governado a Igreja durante quinze anos, dois meses e seis dias.

\* \* \*

## SÃO ZENO DE VERONA (\*)

### *Bispo (Mártir?)*

Apoiando-se sôbre uma indicação deixada por São Gregório, o Grande, o martirológio romano dá a Zeno o título de mártir, quando de Galiano. Por outro lado, uma carta de Santo Ambrósio a Siagrius, que foi sucessor de São Zeno na Sé de Verona, falando das altas virtudes do nosso Santo, e da bem-aventurada morte que teve, não deixa entrever qualquer traço de que tenha sido martirizado.

Zeno tornou-se bispo de Verona em 362, quando Juliano, o Apóstata, reinava. Africano de nascimento, livrou a diocese das impiedades da heresia pelagiana e das pagãs superstições. De imensa caridade para com os pobres, consigo mesmo era duma severidade sem par. Paciente, humilde, cheio da verdadeira solicitude pastoral, applicou-se com afinco para inspirar ao povo de Verona a doçura para com a pobreza. E dizia:

— Dando vosso dinheiro aos pobres, amealhais grande tesouro, interêsses imensos nos céus. Assim, tirareis um proveito considerável de vossos tesouros sem excitar a inveja.

Cuidando da formação dos clérigos para o serviço dos altares, deixou sábias diretrizes às virgens

consagradas a Deus e combateu as desordens ocasionadas pelos banquetes de caridade celebrados por ocasião das festas dos mártires.

Depois dum episcopado, tanto vigoroso como prudente, São Zeno de Verona faleceu no ano de 380, indo, no céu, receber a merecida paga pelos excelentes trabalhos que desenvolvera com incansável atividade.

O emblema do peixe, que lhe atribuem como característica, é interpretado como um índice da pobreza que sempre decantou, já que era homem reduzido a assegurar a própria subsistência, pescando, como dizem pescava, nas águas do Adigio. Melhor, supomos, seria dizer que fôra o símbolo da pesca apostólica, aquela que, com denôdo e diligência, realizou na conversão dos pagãos. Um pescador, mas, como Pedro, um pescador de homens.

Teria São Zeno pelo Adigio alguma grande afeição? Vai, no que segue, apenas um incentivo ao povo de Verona, para que mais, para com o santo, aumentasse de devoção?

O rio, em 588, numa enchente, transbordou. E as águas, sempre crescendo, subiram sem cessar, até que passaram a ameaçar uma igreja dedicada a São Zeno, justamente aquela em que lhe repousava o corpo. E as águas, escachoando e ondeando, subindo pelas paredes do templo, quando chegaram às janelas, pararam. E a porta, que estava aberta, ficou vedada às águas, que não entraram igreja a dentro, miraculosamente.

Padroeiro de Verona, São Zeno é festejado em várias datas: 12 de abril, 8 de dezembro e 21 de maio.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADO ANJO CARLETTI DE CHIVASSO (\*)

### *Confessor*

O bem-aventurado Anjo nasceu em Chivasso, no Piemonte. Depois de brilhantes estudos na universidade de Bolonha, onde se graduou em teologia, tendo adquirido imensos conhecimentos de direito canônico e direito civil, foi feito senador pelo duque de Montferrat.

Desde há muito, desejoso de viver apagadamente, abraçado à vida religiosa, quando a mãe faleceu, deixou metade dos bens ao irmão Cristóvão, a sua distribuiu-a aos pobres, demitiu-se do cargo em que se vinha notabilizando, e correu, pressuroso, ao encontro da pobreza evangélica, em busca do hábito de São Francisco, em Gênova, com os Observantes.

Anjo Carletti estava, então, com trinta e três anos. A Observância, governada por São João de Capistrano, que acabava de perder São Bernardino de Siena, ia encontrar no bem-aventurado Anjo um emérito, digníssimo continuador da missão daquele santo.

Anjo, que da mãe recebera a grande devoção que tinha pela Paixão do Salvador, fiel aos divinos

ensinamentos da Cruz, como noviço se mostrou, sem tardança, o completo modelo de perfeição.

Os superiores, edificados, confiaram-lhe, logo, o ministério da pregação. E o zêlo do bem-aventurado cresceu: todo êle se voltou para a glória de Deus e a santificação das almas. E tanto se sobressaiu, que o duque da Savóia, Carlos I, desejou-o como confessor ordinário. Paula Gambará, que vimos a 24 de janeiro, exortada por êle, fêz-se para a ordem terceira de São Francisco.

Anjo, para auxiliar os diretores de almas, compôs, sob o título de *Summa Angelica*, vários casos de consciência, que guiariam, sem grande necessidade de mestres, os que se dedicavam àquele árduo mister.

No afã de fazer florir, na ordem, o espírito seráfico, o bem-aventurado Anjo não deixava de lado o zêlo que votava pelos interesses da Igreja. Assim, nomeado nuncio apostólico pelo papa Sixto IV, para anunciar, por tôda a Itália, a guerra santa contra os turcos infiéis, não teve descanso enquanto não viu os cristãos todos a cooperar com tão grande empresa: orações públicas, rogando a Deus o auxílio necessário para o êxito do catolicismo, elevaram-se de tôda a parte.

Morto Maomé III, expulsos os turcos de Otrante, passou o perigo, graças a santidade e a iniciativa de Carletti.

Em 1491, Inocência VIII confiou-lhe a evangelização dos valdenses, então refugiados nas montanhas do Piemonte e da Savóia. Anjo contava oitenta anos, mas a idade não constituiu, de modo algum, obstáculo que o fizesse recuar dos perigos que

a missão deixava entrever. E o que aconteceu foi a conversão, em grandes multidões, daqueles heréticos seguidores de Valdo.

O papa, em recompensa por tão elevado trabalho, quis alçá-lo ao episcopado. Anjo, recusando-se branda, mas categoricamente, fez com que Inocêncio, que lhe conhecia a sincera humildade, não insistisse.

Velho e cansado, retirado no convento de Cuneo, no Piemonte, ali terminou, com grande suavidade, a vida, uma vida tôda ela só e só voltada para o trato das coisas de Deus.

Falecido no ano de 1495, seu corpo, ainda preservado da corrupção, descansa na igreja dos observantes.

O bem-aventurado Anjo Carletti de Chivasso, que operou vários milagres, teve o culto aprovado por Bento XIV em 1753.

\* \* \*

## SÃO SABAS, O GÔDO (\*)

### *Mártir*

Sabas, cognominado o Gôdo, abraçara, desde a infância, a religião de Nosso Senhor Jesus Cristo. Crescido e educado num meio perverso e depravado, nem por isso se contaminou. Foi sempre homem puro, piedoso, doce, pronto a correr para o lado da justiça, modesto, submisso, sábio sem jactância, vivendo para inculcar em todos os que o rodeavam uma vida santa, tôda voltada para a prática das virtudes.

Os príncipes e os magistrados principiaram a perseguição aos cristãos, e aos que eram presos, constrangia-os a comer das iguarias ofertadas aos deuses. Sabas, destemerosamente, dizia, às claras:

— Se alguém comer daquilo que aos deuses pagãos foi ofertado, deixará de ser cristão.

Muitos, temendo pela vida, submetiam-se à imposição, e tantos foram os que se vergaram, que os pagãos, duma feita, orgulhosos, declararam, jurando mesmo, que na cidade não vivia um só cristão.

Diante de tal asseveração, Sabas não emudeceu. E, interpondo-se aos ímpios, numa vasta assembléia, disse:

— Que ninguém jure por mim, porque sou cristão!

E os pagãos, ao príncipe, denunciaram-no, dizendo:

— Na cidade existe um único cristão!

Prêso Sabas, o príncipe perguntou:

— Que fortuna possui este homem?

Responderam-lhe:

— Não possui mais do que a roupa do corpo.

Desprezivamente, o juiz, sorrindo, dirigiu-se ao soberano:

— Um homem assim, disse, não é útil nem perigoso.

E Sabas foi pôsto em liberdade.

Um dia, estava-se às vésperas da Páscoa, Sabas pôs-se a cuidar da celebração da solenidade. Deixou a cidade e foi procurar o padre Guttica, que vivia noutra. Em caminho, encontrou um homem de venerável aspecto, que, parando-o, disse-lhe:

— Volta e procura o padre Sansala.

— Mas, retrucou o santo, admirado, Sansala está ausente.

O desconhecido, sem palavra, continuou a marcha interrompida, e se foi. E Sabas, depois de tentar lembrar-se daquele homem, em vão, também reiniciou a interrompida caminhada.

O tempo, bom e firme, em breve principiou a mudar, bruscamente, e, num instante, contrário à estação, deu de nevar, fortemente, e tanto, que, em pouco, o caminho que o santo perfazia se tornou impraticável.

Sabas percebeu, imediatamente, que Deus se opunha à viagem que empreendia, desejoso de que voltasse os passos para o padre Sansala. Mas, não estava êle fora?

Sansala, que se ausentara, chegando a Páscoa, retornou, para comemorá-la. E Sabas, tendo voltado, encontrou-o em casa. Contou-lhe, então, o sucedido, do homem que encontrara na estrada e do tempo que, de bom e firme, passara a instável, abruptamente.

Sabas, Sansala e mais alguns poucos amigos celebraram a Páscoa.

Três dias depois, surpreendido por um bando de ladrões, comandado por Ataristo, filho de Rosteto, Sabas foi arrancado da cama, enquanto dormia. E foi maltratado, insultado, torturado.

Tal era o exaltado ânimo dos pagãos naqueles idos de 372. Simples facínoras, fanatizados pelo culto dos deuses, conhecedores das virtudes dêste ou

daquele cristão, buscava-o acirradamente, sequiosos que viviam em dar vazão aos maus instintos, guiados pelo demônio.

Sabas, desapiedadamente, foi vergastado longamente, e sem deixar escapar um único gemido, soube triunfar da brutalidade dos encarniçados inimigos da fé.

Obrigado a caminhar, descalço, por espinheiros, aos quais atearam fogo, aquêlo reto homem piedoso a tudo suportou com heroicidade.

No dia seguinte, rendendo graças a Deus, chegou-se dos algozes e lhes disse:

— Vós me fizestes caminhar sem calçados por espinheiros em fogo? Olhai, e vêde se meus pés estão esfolados ou queimados. Olhai, e vêde, que me espancastes, se meu corpo apresenta qualquer sinal dos maus tratos.

Todos olharam e não perceberam qualquer traço da crueldade de que haviam lançado mão. Então, mais enfurecidos, maltrataram-no com mais requinte.

À tarde, chegaram enviados que Ataristo havia incumbido de levar iguarias oferecidas aos deuses. Apresentaram-nas a Sabas, dizendo-lhe:

— O grande Ataristo envia-te êstes alimentos para que, comendo-os, tu te livres da morte.

— Senhor, replicou Sabas, existe um só, e é Deus, que está nos céus. Êsses manjares de perdição são impuros e profanos, como Ataristo mesmo, que os envia.

Um dos homens, enfurecido com aquela desassombrada resposta, tomando da azagaia, atravessou com ela o corpo de Sabas. E o santo homem, dominando a dor, disse ao bruto:

— Pensastes que ias matar-me? Eu te asseguro que senti como se me tivesses atirado um punhado de lã contra o peito.

Sabas, então, foi conduzido a um rio, e ali, com ordem de Ataristo, foi afogado.

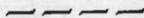
Antes de ser atirado às águas, disse:

— Tu és bendito, ó meu Deus! Que o nome de teu Filho seja louvado para todo o sempre! Ataristo, condenado, atirou-se a si mesmo para a morte eterna, êle, que me envia a vida que não tem fim! É assim, Senhor meu Deus, que te apraz usar dos teus servidores!

Sabas contava, então, trinta e oito anos, e o martírio consumava-se no quinto dia da semana da Páscoa, sob o reinado de Valente e Valentiniano, quando do consulado de Modesto de Arinteus.

Os carrascos retiraram o cadáver das águas e o deixaram sem sepultura. E os animais ferozes, as aves de rapina nenhum mal lhe fizeram. Júnio Sorano, governador da Cítia, adorador do verdadeiro Deus, ordenou que o transportassem para a Romênia. Mais tarde, transferiram-no para a Igreja da Capadócia.

Sabas foi honrado como santo imediatamente depois do martírio.



Em Braga, Portugal, no mesmo dia, São Vítor, mártir. Catecúmeno ainda, recusou-se adorar os ídolos, confessando Jesus Cristo com inquebrantável firmeza. Depois de vários e terríveis tormentos, foi decapitado, sendo, destarte, batizado no próprio sangue. Mais tarde, no lugar do martírio de São Vítor foi construída uma igreja.

Em Firmo, na Marca de Ancona, Santa Víssia, virgem e mártir, em 250. O martírio desta virgem ocorreu quando da perseguição de Décio.

Em Gap, na França, São Constantino, bispo e confessor, no século VI.

Em Pavia, São Damião, bispo, filho de nobre família, notável pela ciência e piedade. Bispo de Pavia em 680, foi muitíssimo devotado aos pobres e aos doentes. De Roma, conseguiu, para conjurar o flagelo da peste, um braço de São Sebastião. Faleceu em 710.

Em Trieste, São Lázaro, diácono, mártir. Filho de pais cristãos, era grandemente considerado em Trieste. Recebida a ordem do diaconato, distribuiu todos os bens que possuía aos pobres da cidade. Aos setenta anos, prêso, quando de Antonino, o Piedoso, recusou-se a apostatar e foi decapitado, em 142.

Em Arles, São Florentino, abade e confessor, nascido em 483. Educado por São Cesário, Florentino foi o primeiro abade do mosteiro dos Santos Apóstolos (548). Cognominado "o bom abade", tanta a sua doçura, faleceu em 553. As relíquias, primeiramente conservadas na igreja de Santa Cruz, depois foram transferidas para as de São Pedro de Arles.

Na diocese de Arras, Santo Erkembode, bispo e confessor. Vindo da Irlanda, foi recebido por São

Bertino, ao qual, mais tarde, sucedeu no govêrno do mosteiro de Sithiu. O clero e o povo de Théroutanne escolheram-no para suceder o bispo Ravenger, em 722. Falecido em 742, depois de vinte anos de episcopado, operou inúmeros milagres.

Em Misia, São Basílio, bispo de Parium e confessor, que viveu na época de Leão, o Isauriano, quando da perseguição iconoclasta. Exilado, faleceu em paz no ano de 740.

Em La Cava, na Itália, Santo Alfiero ou Alfério, abade e confessor. Conhecido também como Adalfério, nasceu em 930, numa ilustre família de Salerno. Embaixador na França, sentiu-se doente, retornando à terra natal. Fixado no convento de Cluse, prometeu fazer-se monge se recuperasse a saúde, cada vez mais precária. Curado, cumpriu o voto. Foi o fundador do grande mosteiro da Santa Trindade de La Cava, no monte Fenestra, perto de Salerno. O papa Vítor III foi um dos discípulos do santo, que faleceu em 1050, com perto de cento e vinte anos de idade.

\* \* \*

## 13.º DIA DE ABRIL

### SÃO JUSTINO

#### *Padre da Igreja e mártir*

Natural de Naplúsia, cidade da Palestina, antigamente chamada Sichem, perto do poço de Jacó, e durante o tempo de Alexandre Magno metrópole da Samaria. Justino nasceu pelo comêço do segundo século da era cristã. Como os pais, era de origem grega e pagão. Desde a juventude, dedicou-se apaixonadamente ao estudo da filosofia, da sabedoria, ou seja, da ciência das verdades gerais, da razão humana, que nos leva a conhecer a Deus e à ciência do soberano bem. Dirigiu-se inicialmente a um estóico, o qual abandonou algum tempo depois, porque, ao invés de ensinar-lhe essa ciência, que ignorava, chegava ao ponto de desprezá-la e não acreditá-la necessária. Procurou, em seguida um professor peripatético e um pitagórico célebre. Desistiu de ambos. Do primeiro, por ter pedido um salário, coisa que Justino considerou baixa, indigna de filósofo. Do segundo, porque êste o obrigava a aprender astronomia, música e geometria e não o levava à consideração do soberano bem. Enfastiava-se Justino com o fato de quererem obrigá-lo a dar tão longa volta. Voltou-se,

então, para os platônicos. Por felicidade, um dos principais entre êles, homem inteligente, se havia fixado, fazia pouco, em Naplúsia. Sob a direção dêsse, Justino se colocou. Cada dia progredia sensivelmente nessa escola. Parecia-lhe que a compreensão das coisas incorpóreas o erguia da terra, e que a contemplação das idéias lhe dava asas ao espírito. Bem cedo, aplaudia a si próprio por ter-se tornado sábio em tão pouco tempo; e tólamente imaginava encontrar-se preparado para ver a Deus, pois sabia que tal era o fim da filosofia de Platão.

Assim convencido de si mesmo e inflado por causa do saber, saiu um dia da cidade e se dirigiu para um lugar pouco afastado do mar, para lá se entregar mais tranqüilamente às meditações costumeiras. Aproximara-se de um lugar, no qual, acreditava, estaria completamente só, quando percebeu às suas costas um ancião de aspecto agradável e venerável. Volta-se imediatamente, pára e considera atentamente o ancião.

— É possível que me conheçais? disse o velho.

— Não, respondeu Justino.

— Por que, então, me olhas tão fixamente?

— Admira-me como me seguistes até êste lugar, onde não esperava encontrar ninguém.

— O que me traz aqui, respondeu o ancião, é a inquietação que sinto por alguns amigos que estão viajando. Venho saber notícias e ver se não os descobrirei em alguma parte. Mas, vós, por que vos encontrais aqui?

Justino lhe explicou que era para se entregar às meditações filosóficas. Longa conversa se estabeleceu entre ambos, a êsse respeito, na qual o vene-

rável ancião procurou e conseguiu convencê-lo da vaidade da ciência da qual se gloriava e revelar-lhe as fontes de onde o conhecimento da verdade vinha aos homens.

Como demonstrasse que nem Pitágoras, nem Platão nem nenhum outro filósofo eram guias seguros para nos levar ao objetivo ao qual aspiramos, Justino perguntou-lhe quais mestres era mister seguir, se aquêles não haviam conhecido a virtude.

— Em época bem recuada, disse o velho, e bem antes dêsses que chamamos filósofos, houve homens justos, felizes e queridos de Deus, que falavam pelo espírito divino, anunciaram adiantadamente o que hoje se passa no mundo. São chamados profetas. Sòmente êles conheceram a verdade. Apenas êles a anunciaram aos homens, sem temer nem considerar pessoa, sem se deixarem vencer pela glória. Não pregaram senão o que ouviram e viram pelo Espírito Santo que os animava. Seus escritos subsistem ainda. Quando os lemos com fé, contribuem poderosamente para nos ajudar a conhecer os princípios, o fim e tudo o que convém a um filósofo saber. Não usam de demonstrações nos discursos. O testemunho que prestam da verdade está muito acima de tôda demonstração. Seus oráculos, que vemos, ou já estão cumpridos, ou se cumprem todos os dias aos nossos olhos, nos levam a dar-lhes inteira fé. Acrescentai a isso os milagres reais que operavam honrando a um só Deus, criador de tôdas as coisas, e anunciando aos homens seu Filho Jesus Cristo, coisa que nunca fizeram nem fazem os falsos profetas, aos quais anima um espírito enganador e imundo. Empreenderam sòmente produzir certos prodígios para encantar os homens, e celebram os louvores dos espíritos do êrro

e dos demônios. Mas vós, rezai antes de tudo para que as portas da luz vos sejam abertas, porque ninguém pode ver nem ouvir essas coisas, se Deus e seu Cristo não lhe dão inteligência.

Ditas essas palavras e outras ainda, ao se retirar, pediu o ancião a Justino que meditasse nelas demoradamente. Após êsse dia, Justino não o reviu nunca mais. A conversa lhe iluminou o espírito e acendeu-lhe no coração um fogo ardente, e vivo amor aos profetas e aos homens que são os amigos de Cristo. "Pensando em tudo quanto acabara de ouvir, diz êle mesmo, concluí que só nisso se encontrava a verdadeira e útil filosofia. E eis como e por que sou no momento um filósofo".

Além dos motivos que lhe foram apresentados pelo ancião, o que o decidiu a abraçar o cristianismo foi a constância dos mártires. Via uma prova convincente da verdade da religião que professava e da falsidade dos desregramentos que lhes eram imputados, e impressionava-se com o pouco mêdo que demonstravam perante a morte e tudo quanto atemoriza a natureza humana. A conversão se deu entre 132 e 136, nos últimos anos do reinado de Adriano.

Após ter sido Justino iniciado nos santos mistérios, applicou-se à leitura dos livros sacros. De início, sentira nêles majestade terrível, capaz de espantar os que se afastam do caminho reto. Mas, meditando nêles, encontrava um repouso delicioso. O diálogo com Trifão demonstra claramente como era êle versado em tais estudos. Porque se vêem nêle inúmeras e longas passagens das divinas Escrituras, citadas de cor, segundo as exigências do discurso e applicadas com enderêço e fôrças maravilhosas. Mas o santo se dedicou igualmente a todos os exercícios de pie-

dade cristã. E parece ter sido um desses ascetas que, antes da instituição da vida monástica, cumprindo as obrigações principais, colocavam seus bens em comunidade ou os distribuíam aos pobres, vivendo no celibato e completamente estranhos aos negócios do mundo.



Antonino, o Pio, imperador romano.

Para mostrar todavia que, em se tornando cristão, não havia renunciado à vida de filósofo, mas que se consagrara ao estudo e à prática de uma filosofia mais santa, mais sublime, a própria sabedoria de Deus, São Justino conservou o pálio ou o manto. Essa vestimenta, que entre os pagãos distingue os filósofos, parece ter sido adotada pelos cristãos filósofos que faziam profissão de vida mais austera. Foi esse espírito que parece ter existido em Santo Aristides, filósofo cristão de Atenas, em Tertuliano, o mártir São Porfírio e em São Heracleu, bispo de Alexandria.

Várias razões e conjecturas, tiradas ou de suas obras ou da ata de seu martírio, nos levam a crer que São Justino tenha sido sacerdote. Em todo caso, a graça sacerdotal não foi absolutamente inócua nêle, sendo testemunha dos grandes serviços que prestou à Igreja de Cristo. Edificou com os exemplos, instruiu com os livros, defendeu a Igreja de viva voz

e por escritos públicos, enriqueceu-a com o próprio sangue e ilustrou-a com glorioso martírio. Justino teve certamente, para ensinar e defender a verdade, ardor maravilhosó e tal que convinha a um homem que se considerava como que chamado de Deus para êsse único ministério. O que nos leva a crer que abraçara um gênero de vida na qual não podia, sem incorrer na condenação eterna, faltar a êsse dever, e que os perigos iminentes não faltaram. “Nosso dever, diz em certa passagem, é fazer conhecer a cada um qual é nosso caminho, qual nossa doutrina, para que as faltas dos pecadores por ignorância não nos sejam imputadas e não lhes soframos as sanções”. Em outro lugar: “Como obtive de Deus a graça de entender as Escrituras, esforço-me por comunicar essa graça a todos, pois tenho mêdo de ser condenado pelo julgamento de Deus, se não o fizer”. E mais adiante: “Tal é a minha resolução. Em tôdas as minhas palavras, não procurei dizer senão a verdade; di-la-ei sem temor nem consideração alguma, ainda que tivesse de ser neste momento reduzido a pedaços”. Eis um verdadeiro filósofo, isto é, um homem que ama sinceramente a verdade e a sabedoria. Platão, Sêneca, que retinham essa verdade cativa, que não cusavam pregá-la públicamente, com receio de se exporem a algum perigo, não amavam senão a si próprios.

O santo mártir não podia escolher, para exercer o zêlo de que estava possuído, senão o teatro de Roma. Parece que para lá foi e se fixou, logo depois de convertido. Anteriormente, havia feito uma viagem a Alexandria. Os judeus dessa cidade lhe mostraram, em ilha, os restos das celas, nas quais, diziam, os Setenta e dois intérpretes haviam feito a

célebre versão das santas Escrituras. É de se crer que tenha sido aí que publicou o pequeno discurso aos gregos, para dar-lhes ciência dos motivos que o haviam levado a abandonar a religião deles e a abraçar o cristianismo. Chegando a Roma, escreveu um discurso mais longo, intitulado *Refutação aos Gregos*, o qual parece ser o que hoje em dia é conhecido sob o nome de *Exortação aos Gregos ou gentios*.

O que, segundo o santo mártir, produziu as extravagâncias do politeísmo, foi o esquecimento da palavra antiga, revelada por Deus e conservada pura na religião de Moisés e dos patriarcas. Ou, como diz em outro lugar, o esquecimento da crença católica. O que levou os filósofos a extravagâncias ainda maiores, em uma infinidade de sistemas contraditórios, foi ter crido que poderiam, pela razão particular de cada um, elevar-se à ciência das coisas divinas, de não se aterem fielmente à palavra antiga, mas torcerem, cada qual à sua maneira, certos artigos para fazer adeptos e deixar-lhes o nome. No cristianismo, as mesmas causas produziram os mesmos efeitos. As heresias renovaram tanto as extravagâncias do politeísmo como as extravagâncias da filosofia. E se o orador romano pôde dizer há dezoito séculos: "Não há absurdo no mundo que não tenha sido sustentado por um filósofo", pode dizer-se hoje, com mais razão ainda: "Não existe extravagância nem impiedade imaginável que não tenha sido ensinada por um herege".

São Justino escreveu um livro contra as heresias. Fala desse livro na primeira apologia, escrita pelo ano de 150, e oferece-se para apresentá-la aos príncipes e senadores, se estiverem dispostos a lê-lo. Os antigos mencionam ainda outro livro que teria

escrito em particular contra Marcião. Eusébio elogia ambos; mas os dois estão perdidos.

Generoso combatente do cristianismo, Justino vingou-o ao mesmo tempo contra os politeístas, cujos absurdos revelava, e contra a heresia, que incorria nas mesmas extravagâncias, porque abandonava a única regra de verdade e de certeza, a crença na doutrina antiga, revelada por Deus. Bem cedo teve a glória de defender a religião contra o furor dos idólatras em uma apologia pública dirigida ao imperador Antonino, aos filhos dêste, ao senado e ao povo romano.

Justino pediu que os cristãos fôsem julgados temerariamente. Nada mais injusto do que a maneira de se proceder contra êles. Os crimes lhes eram imputados (e os crimes mais horrendos); no entanto, puniam-nos apenas por causa da profissão do cristianismo. Com efeito, para serem absolvidos, bastava negar que fôsem cristãos. E os que confessavam sê-lo eram punidos sem mais delongas. Enquanto a ordem da justiça exigia que fôsse severamente examinada a vida de uns e de outros, para que cada um fôsse castigado e absolvido de acôrdo com as obras. Essa injustiça gritante deve ser atribuída à instigação dos demônios. Êsses espíritos malignos, tornando-se terríveis aos homens, foram por êstes adorados como deuses. Quando Sócrates, pela razão, pelo verbo ou palavra, tentou acabar com essa superstição, fizeram-no morrer como ateu e desejoso de introduzir deuses novos. A mesma coisa fazem aos cristãos. "Pois, diz Justino, a razão, o verbo ou palavra, condenou, não apenas êsse culto dos demônios entre os gregos, por meio de Sócrates; essa condenação foi proclamada ainda entre os bárbaros,

pela mesma razão, palavra ou Verbo, tornado homem e chamado Jesus Cristo. Como cremos nessa palavra e não receamos chamar de demônios impuros os autores de todos êsses males, passamos por ateus; somos ateus, não há dúvida, com relação a êsses deuses pretendidos, mas de forma alguma perante o Deus verdadeiro, o Pai da justiça, da castidade e das demais virtudes, sem intromissão de nenhum vício; porque o adoramos em espírito e em verdade; nós o adoramos com o Filho que dêle saiu e nos ensinou essas coisas, bem como aos anjos fiéis; nós o adoramos com o Espírito profético". Todo homem de bom-senso convirá em que não somos de forma alguma ateus, uma vez que adoramos primeiramente o Deus eterno, criador do universo; em segundo lugar seu Filho Jesus Cristo, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos; e, em terceiro lugar, o Espírito profético. Somos criticados como loucos por adorarmos um homem crucificado; mas êsse homem é o Filho de Deus e a razão soberana. Para disso se convencer, basta que qualquer um veja as maravilhosas mudanças que se operaram em nossos costumes, desde o momento em que, por êle, seguimos o único Deus imortal.

Embora seja de regra nada divulgar aos infiéis dos mistérios da fé cristã, São Justino, contudo, acreditou, para defesa do cristianismo, dever dar-lhes uma como que idéia bastante clara do mistério da santíssima Trindade e outros mais. Na sua apologia, encontra-se até uma exposição bastante completa da liturgia antiga. Consistia ela, então, como hoje, na leitura dos profetas e dos apóstolos, isto é, dos escritos do Antigo e do Novo Testamento; na oferta do pão e do vinho misturado com água; na oração

por diferentes espécies de pessoas; na celebração dos louvores a Deus; na comemoração dos benefícios divinos, na consagração dos dons, por meio das palavras que Jesus Cristo proferiu na instituição do sacramento: êste é meu corpo; êste é meu sangue; e na distribuição dos dons consagrados.

Ê nessa oblação santa que consiste, segundo o bem-aventurado mártir, a parte mais importante do culto divino. Êle a opõe, nessa apologia, aos sacrifícios profanos dos idólatras, para lhes provar que era injustamente que os acusavam de ateísmo. No diálogo com Trifon, sustenta que ela sucedera aos antigos sacrifícios da lei, e que era essa vítima pura que, após a reprovação dos sacrifícios judaicos, devia, segundo a profecia de Malaquias, ser ofertada em todos os lugares. "Sim, diz o santo, eis o que o Senhor predisse com respeito aos sacrifícios que nós lhe oferecemos por tôda parte, isto é, com relação ao pão e o vinho eucarísticos, que, como vimos, não são alimento comum e bebida ordinária, mas a carne e o sangue do Verbo de Deus encarnado". Não podia expor mais claramente a doutrina católica sôbre o sacrifício da missa.

Sôbre a moral, eis como se exprime: "No que Jesus Cristo nos diz a respeito da castidade, chega a condenar até os maus pensamentos. Por isso, grande número de um e de outro sexo, à idade de sessenta ou setenta anos, conserva a pureza, tendo seguido desde a infância a doutrina de Cristo. Orgulho-me de poder demonstrar tal fato em tôdas as condições humanas, porque inumerável é a multidão dos que da devassidão passaram para a vida regrada. Mandamos amar todos os homens, mesmo os inimigos; dividir os bens com os pobres; suportar com paciência

as injúrias. Por isso podemos apontar um grande número que, por terem estado conosco, de violentos e arrebatados, se transformaram em outros, deixando-se vencer seja pela vida regrada dos vizinhos, seja pela fidelidade que experimentaram nos combates. Proíbe-nos usar juramentos em nossas palavras. Êle nos disse: O grande mandamento é êste: "Adorarás o Senhor teu Deus e servi-lo-ás a êle sòmente de todo o teu coração e com tôdas as tuas fôrças. Quem não vive segundo êsses preceitos não é cristão, embora confesse por palavras a doutrina de Cristo. Não conseguirá a salvação. O próprio Cristo é quem o afirma. Para êsses cristãos de nome, pedimos mesmo que sejam punidos. Quanto aos tributos que nos impondes, de acôrdo com o que êle nos ensina, nós os pagamos com mais presteza do que ninguém".

Quando a perseguição cessou e foi seguida de um período de calma, São Justino foi à Ásia. Quando estava para partir de Éfeso, de volta para a Itália, não esperando senão tempo favorável para a navegação, e passeando nas galerias públicas da cidade, encontrou-se com uma pessoa que não conhecia e que estava acompanhada de seis outras. O desconhecido saudou-o polidamente e exprimiu-lhe o desejo de conversar com êle, porque, dizia, as vestimentas lhe tinham revelado que se tratava de um filósofo. Justino cumprimentou-o, por sua vez, e perguntou quem era. O outro respondeu ingênuamente que era um hebreu, chamado Trifon; que, expulso da pátria, pela última guerra, se retirara para a Grécia e estava residindo em Corinto, onde se havia dedicado ao estudo da filosofia; e era por êsse motivo que gostava de entreter-se em conversas com filósofos. O santo testemunhou-lhe o espanto de que se possuía, pelo

fato de, sendo judeu, ao invés de se entregar inteiramente à leitura e ao estudo de Moisés e dos profetas, dedicar-se à leitura dos filósofos. Pois, embora êstes tenham falado de Deus, e lhe tenham conhecido a unidade e dissertado sôbre sua providência, não há dúvida de que se expressaram comumente, como se, na realidade, houvesse vários deuses. Limitaram-lhe a providência às coisas universais, aos gêneros, às espécies, e negaram-no pelos indivíduos ou pessoas particulares; e isso para terem plena liberdade de fazer e dizer tudo o que lhes passasse pela cabeça, como se não tivessem nada a esperar nem a temer da divina justiça.

Conta, em seguida, como êle mesmo, tomado do desejo de conhecer a Deus, se colocara sob a orientação de diversos mestres e acreditara ter aproveitado muito com os ensinamentos de um filósofo platônico. Mas, encontrando, certo dia, um ancião desconhecido que lhe fêz ver o nada da filosofia humana, voltou-se para a fonte da verdadeira sabedoria, que é Jesus Cristo, predito outrora por homens inspirados por Deus. É consagrando-se inteiramente ao estudo dêsses homens santos que se sentiu um filósofo verdadeiro, porque não existe outra filosofia tão certa e salutar. E como desejava que todos se tornassem filósofos nesse sentido, diz, dirigindo-se a Trifon: "Se tu também te preocupas com a salvação e confias em Deus, não te será difícil, como o foi para mim, dado que estás familiarizado com essa doutrina, chegar à verdadeira felicidade, por meio de Cristo."

Lá em cima, São Justino teve com Trifon uma conversa que durou o dia inteiro e se estendeu até o dia seguinte à tarde. Trata-se de uma defesa do

cristianismo contra os judeus. Distinguem-se-lhe três divisões principais. A primeira é relativa à lei de Moisés, que o santo mártir prova por inúmeras razões ter sido abolida; a segunda a divindade de Jesus Cristo; a terceira a vocação dos gentios e a Igreja.

Admira-se em todo êsse diálogo o grande estudo que o santo mártir fizera das Escrituras e a profunda compreensão que Deus lhe dera, em particular, das profecias. Cita, de acôrdo com a ocasião que se lhe apresenta, tantas e tão longas passagens, que demonstram que êle as sabia de cor. Tudo quanto se pode encontrar nos livros do Antigo Testamento, de mais claro, de mais forte e de mais convincente, mesmo para a obstinação judaica, São Justino emprega com força tão maravilhosa, que freqüentes vêzes nem Trifon nem seus amigos sabiam o que responder. A exemplo dos que, forçados nos últimos redutos, não querem aceitar a derrota, voltam às dificuldades já esclarecidas, negam aquilo de que já estavam convencidos, quando se apercebem das conseqüências que se seguirão. Disso o santo mártir se queixa mais de uma vez, e com razão.

Com relação à pessoa de Jesus Cristo, se bem que Trifon e os que o acompanhavam estivessem persuadidos, como os demais judeus, de que o Messias, o Cristo devia ser um homem cercado de tôda glória dêste mundo, ao qual todos se reuniriam sem restrições, mais de uma vez, contudo, vê-se o santo mártir constrangido a distinguir dois acontecimentos em Cristo: primeiro, sujeito de sofrimentos; segundo, revestido de glória, para julgar todos os homens com soberano poder sôbre tôdas as nações e tôdas as monarquias. Não pode também impedir-se de convir

em que o santo lhe havia provado, por testemunhos irrecusáveis da Escritura, que Cristo é um Deus pessoalmente distinto daquele que os judeus adoravam sob o nome de criador do universo. Chega mesmo a admitir que os gentios o reconhecem e adoram como seu Cristo, seu Senhor e seu Deus, contanto que não pretendam obrigar os judeus a tanto, para quem bastava o culto do Criador.

Finalmente, o santo demonstrou que Cristo fôra verdadeiro Filho de Deus e verdadeiro Deus; que o Pai devia enviá-lo a êste mundo para ser luz das nações; que êle devia comunicar-lhes sua glória; que êsse Filho devia nascer de uma virgem e ser sujeito aos sofrimentos e a dor. Trifon admitiu tudo isso e concordou inteiramente que era essa a idéia que as sagradas Escrituras davam de Cristo. Restou-lhe apenas uma dúvida: pode-se demonstrar realmente que, segundo os profetas, devesse sofrer morte tão cruel e tão infamante que a da cruz, visto que nos livros santos pronuncia condenação contra os que são condenados a tal suplício? Justino procurou, então, provar-lhe o mistério com tal abundância e clareza de textos, sobretudo desenvolvendo-lhe o salmo XXI, no qual são preditas com evidência a paixão e crucificação do Messias, que nem Trifon, nem os seus souberam o que lhe replicar. Parecia que o fruto dessa conversa deveria ser a conversão dêles. Mas, faça o que fizer o homem, exteriormente, para semear, plantar, regar a terra do coração humano, permanece ela estéril, e a semente da divina palavra infrutífera, se Deus não a vivifica e não a fecunda pela virtude da sua graça.

Por fim, Trifon e seus amigos deixaram-no, desejando-lhe feliz viagem; enquanto São Justino,

por seu turno, rezava por êles, dizendo que o maior bem que lhe podiam desejar era conhecer que é por êsse caminho que se dá a qualquer intelligência humana, e crer firmemente como êle, que Jesus é o verdadeiro Cristo de Deus.

De regresso a Roma, onde a perseguição começou sob o imperador Marco Aurélio, São Justino lá encontrou um filósofo cínico, que tratava publicamente os cristãos de ateus e de ímpios. Era o filósofo Crescêncio, conhecido pelos amôres infames e pela avaréza, o qual era, todavia, sustentado por uma pensão do imperador. Justino convidou-o a uma discussão pública, na qual o convenceu a aceitar que, ou ignorava absolutamente as coisas do cristianismo, ou era o mais baixo de todos os homens. Que ignorava as coisas do cristianismo, se é que realmente considerava os cristãos tais quais os apresentava publicamente; que era o mais baixo de todos os homens, porque, se conhecia a doutrina dos cristãos, bem como os mistérios, ousava, contudo, difamá-los e pretendia fazê-los passar, diante dos príncipes, dos magistrados e do povo, como homens sem religião, sem piedade, sem Deus. Essa discussão se renovou freqüentes vêzes.

O santo nos fala delas na segunda apologia, dirigida, como a primeira, aos imperadores, aos senadores, ao povo romano. Justino dizia, nessa mesma apologia, ao filósofo Marco Aurélio, que esperava cada dia, após as manobras dos filósofos, particularmente de Crescêncio o cínico, ser amarrado a um poste para ser queimado vivo ou devorado pelas feras. O que o santo previra não tardou em acontecer. Tatiano, seu discípulo, atesta que a morte de São Justino foi obra dêsses filósofos de nome, parti-

cularmente de Crescêncio, irritados todos com êsse Justino que os criticava sem temer-lhes as velhacarias, a avareza e a corrupção dos costumes.

Nas atas de seu martírio, que chegaram até nós e que têm um caráter de sinceridade, vemos que Justino e alguns outros que se encontravam com êle, presos, foram conduzidos à presença do prefeito de Roma, Rústico. De início, exortou-os a obedecer aos deuses e aos editos do imperador. São Justino lhe respondeu: "Quem quer que obedeça aos preceitos de Nosso Salvador Jesus Cristo não poderá jamais ser censurado nem condenado". O prefeito perguntou-lhe a que gênero de estudos se dedicava. O santo disse: "Experimentei tôdas as espécies de doutrinas. Finalmente, apliquei-me à dos cristãos, embora ela não agrade, absolutamente, àqueles que se deixam iludir por opiniões falsas.

— Miserável! Tu te comprazes em semelhante ciência?

— Sim, respondeu Justino, porque ela me leva a caminhar com os cristãos em uma doutrina reta e pura.

— Qual é essa doutrina?

— A doutrina verdadeira que professamos é crer em um só Deus, criador de tôdas as coisas visíveis e invisíveis, e confessar o Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, predito pelos profetas, que virá julgar o gênero humano, que nos trouxe a salvação e que instruiu os que são verdadeiramente seus discípulos. Quanto a mim, mero homem, sou incapaz de dizer alguma coisa de grande a respeito da divindade infinita. Isso pertence exclusivamente aos profetas que, inspirados por Deus, predisseram, vários séculos antes, que o Filho viria ao mundo".

O prefeito perguntou-lhe em seguida:

— Em que lugar se reúnem os cristãos?

— Onde querem e onde podem, foi a resposta. Pensais que costumamos reunir-nos sempre no mesmo lugar? Não é assim. O Deus dos cristãos não se encontra fechado em um lugar especial. Êle é invisível e enche o céu e a terra. Os fiéis o adoram por tôda parte, celebram-lhe a glória por todos os recantos.

— Mas, insistiu o prefeito, quero que me digas onde se reúnem os cristãos e onde tens tua escola.

— Quanto a mim, more até o momento lá pelos banhos de Timiotino, perto da casa de um tal Martinho. É pela segunda vez que venho a Roma e não conheço outro lugar. Se alguém vem a mim, comunico-lhe a doutrina da verdade.

— Então és cristão? concluiu Rústico.

— Certamente, sou cristão.

O prefeito, voltando-se para os companheiros do santo mártir, perguntou a Caritão:

— És cristão?

— Pela graça de Deus, sou-o.

Interrogada depois dêste, uma mulher, chamada Caritânia, respondeu da mesma forma.

— E tu, que és? prosseguiu Rústico, interrogando Evelpisto.

— Sou escravo do imperador, disse êste, mas, como cristão, entregue à liberdade verdadeira pelo próprio Cristo, e, por sua graça, feito participante das mesmas esperanças dêstes que vêdes aqui.

Hierax, interrogado depois de Evelpisto, se era cristão, respondeu:

— Sim, sou cristão, pois sirvo e adoro o mesmo Deus.

— Mas, tornou o prefeito, talvez Justino vos tenha feito a todos cristãos!

— Sou cristão e sempre o serei, replicou Hierax.

— E eu, disse Peon, levantando-se, também eu sou cristão.

— E quem te ensinou a sê-lo? indagou Rústico.

— Meus pais, replicou Peon, ensinaram-me a confessar êsse nome.

Evelpisto retomou a palavra:

— Sempre ouvi com grande prazer os ensinamentos de Justino. Todavia, foram meus pais que me ensinaram a ser cristão.

Interrogado sôbre onde se achavam seus pais, respondeu que estavam na Capadócia.

Hierax, igualmente interrogado, replicou:

— Nosso verdadeiro pai é Jesus Cristo, e nossa verdadeira mãe, a fé pela qual cremos nêle. Meus pais, os que tive sôbre a terra, já estão mortos. Eu fui trazido da Licaônia, da Frígia.

Finalmente, o prefeito perguntou a Libério, se também êle era cristão e ímpio contra os deuses.

— Sim, respondeu o mártir, eu também sou cristão, pois sirvo e adoro o único verdadeiro Deus.

Dirigiu-se, então, o prefeito a Justino:

— Escuta, disse-lhe, tu que passas por eloqüente e que crês ter a verdadeira ciência, quando fôres dilacerado a chicotadas, da cabeça aos pés, acreditas que subirás ao céu?

— Sim, respondeu Justino. Se sofrer o que dizeis, espero receber o que já possuem os que guardaram os preceitos de Jesus Cristo.

— Achas que subirás ao céu para lá receber alguma recompensa?

— Eu não acho, estou certo. Não tenho dúvida nenhuma a respeito disso.

— Vamos ao principal. Reuni-vos e, todos juntos, sacrificai aos deuses.

— Nenhum homem de bom senso, retrucou Justino, deixará a piedade para se atirar ao êrro.

— Se não quereis de forma alguma obedecer às nossas ordens, tornou o prefeito, sereis torturados sem misericórdia.

— É isso o que mais desejamos, retrucou Justino. Queremos sofrer por nosso Senhor Jesus Cristo, porque isso nos dará confiança diante do tribunal terrível, ao qual todo o mundo deve comparecer.

Os outros mártires confirmaram tais palavras e acrescentaram:

— Fazei depressa o que desejais, porque somos cristãos e não sacrificaremos aos ídolos.

Ao ouvir essas palavras, o prefeito pronunciou a sentença nos seguintes têrmos: “Sejam açoitados os que não quiseram sacrificar aos deuses, nem obedecer ao edito do imperador; depois, sejam mortos, como prescreve a lei”.

Assim, os santos mártires, louvando a Deus, foram conduzidos ao lugar do suplício, e, após sofrerem a flagelação, foram decapitados a machadadas. Seus corpos foram levados secretamente pelos fiéis, que os enterraram em lugar conveniente.

Tal foi a morte de São Justino, que merece, com justiça, como prerrogativa especial, o título de mártir ou testemunha, pois deu testemunho das verdades da fé, não apenas pelo sangue, o que lhe é comum com muitos outros, mas ainda pelas palavras, pelos escritos, e pela defesa valente contra as calúnias dos gentios dos judeus e dos heréticos. Também Tertuliano, no livro contra os valentinianos, nomeando os homens ilustres pela santidade e pela doutrina, que haviam combatido os heréticos antes dêle, celebra em primeiro lugar, *Justino, filósofo e mártir*. Eusébio o eleva acima dos que floriram ao tempo do imperador Antonino, e, com Tatiano, chama-o homem digníssimo da admiração de todo o mundo. Seguindo-lhe o exemplo, os demais escritores eclesiásticos celebram-lhe, como que à porfia, a santidade, a doutrina, o zêlo.

\* \* \*

## SANTOS CARPO, PÁPILO, AGA- TONICA E AGATODORO (\*)

### *Mártires*

Carpo e Pápilo eram os chefes da comunidade cristã de Pérgamo. Sob o reinado de Marco Aurélio, o procônsul Ótimo (1) da Ásia, passando por aquela cidade, teve oportunidade de interrogar os dois cristãos, que haviam sido presos.

Carpo era bispo, e Pápilo, diácono, ambos homens assaz consideráveis.

Perguntou Ótimo a Carpo:

— Como te chamas?

Carpo respondeu:

— Meu nome é cristão, o mais belo dos nomes. No mundo, porém, chamam-me Carpo.

Ótimo:

— Tu conheces as ordens dos imperadores, que prescrevem sacrifícios aos deuses todo-poderosos. Aproxima-te e sacrifica.

Carpo:

— Eu sou cristão, e, pois, adoro a Jesus Cristo, Filho de Deus, que veio à terra para nos livrar das

---

(1) Querem alguns que o sucessor daquele, Valério.

armadilhas do demônio. Não sacrifico. Faze o que quiseres, porque não posso sacrificar aos objetos, simulacros dos demônios, cujos adoradores lhes são semelhantes, do mesmo modo que os que adoram a Deus em espírito e em verdade se tornam semelhantes ao Deus de glória. Partilham-lhe da imortalidade e participam, pelo Verbo, da vida eterna. Assim, os que adoram os simulacros dos demônios, são dignos da sua companhia, no inferno. Eis aí porque não sacrifico.

Ótimo gritou:

— Quantas tolices! Vamos, sacrifica!

— Sacrificar? tornou Carpo. Aos deuses que não fizeram o céu nem a terra?

Ótimo, gritando mais ainda:

— Sacrifica! O imperador assim o quer!

Carpo:

— Os vivos não sacrificam aos mortos.

— Então, gritava ainda o procônsul, tu crês que nossos deuses são mortos?

— Escuta-me. Êstes deuses não foram homens mortais, no seu tempo? Deixa de lhes adorar, e verás que nada são, que são feitos de matéria perecível, que o tempo destruirá. Nosso Deus escapa do tempo. Foi quem fez o tempo e a corrupção. Os teus deuses, ao contrário, são de feitura humana, e com o tempo desaparecem.

— Sacrifica! urrou o procônsul, irritadíssimo.

— Impossível! persistiu Carpo. Jamais o farei!

Agarrado o santo bispo, principiaram a torturá-lo, primeiramente com as unhas de ferro. E Carpo, com dignidade, calmamente, repetia:

— Eu sou cristão! Eu sou cristão!

Tempos depois, rouco, perdia a voz, tantos os sofrimentos pelos quais estava passando.

Ótimo, então, voltou-se para Pápilo.

— Tu és senador? perguntou-lhe.

— Sou um cidadão.

— Onde?

— De Tiatiria, respondeu Pápilo.

— Tens filhos?

— Muitos, com a graça de Deus.

Uma voz, muito gritada, elevou-se do meio da multidão que assistia ao interrogatório:

— São os cristãos que êle chama de filhos!

Ótimo encarou-o raivosamente. Perguntou:

— Por que mentiste, dizendo que tinhas filhos?

Pápilo:

— Não menti. Disse a verdade. Em tôda província, em tôda cidade, tenho filhos em Deus.

— Sacrifica! Tens alguma coisa a dizer?

Pápilo, com voz docemente compassada:

— Eu sirvo a Deus desde a minha infância. Jamais sacrificarei aos ídolos. Sou cristão. Eis o que de mais agradável tenho a dizer.

Três carrascos, com as unhas de ferro, um após outro, cansaram-se sem que de Pápilo arrancassem um só gemido. Longe de perder a fôrça, dir-se-ia que, quanto mais o martirizavam, mais vigor apresentava.

Ótimo condenou, bem a Carpo, a ser queimado vivo.

Havia, em Pérgamo, um anfiteatro, e para ali conduziram Carpo e Pápilo, que uma multidão freneticamente seguiu, ansiosa de presenciar o fim dos dois valorosos cristãos inquebrantáveis.

Pápilo, em contato com o fogo, morreu logo, mas Carpo, sorrindo para a multidão que se boquiabria, suportava as chamas com heroísmo.

— De que te ris? perguntou-lhe alguém.

— Vejo a glória do Senhor, respondeu êle, com entusiasmo e unção ao mesmo tempo, por isto sou feliz. Eis-me agora livre de vós todos e de todos os vossos crimes.

E, enquanto um soldado punha mais lenha ao fogo, Carpo foi dizendo:

— Nascemos todos de uma só mãe, Eva, e temos todos a mesma frágil carne. Quando, porém, fixamos os olhos no tribunal supremo, a tudo suportamos.

Quando o fogo estava no auge, a crepitar com fúria, soltando loucas fagulhas que, dançando, subiam para o ar, em meio a um grosso novêlo de fumaça negra, o santo rezou, de olhos erguidos para o azul do céu:

— Bendito sejas tu, Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, que te dignaste fazer de mim, pecador, companheiro de tua herança.

Disse e morreu.

Nem bem morreram aquelas piedosas palavras e do meio da turba uma voz se ergueu, a gritar:

— Eu também percebo o glorioso festim! Quero ir para êle! Preciso ir para êle!

Era uma mulher, chamada Agatonica, mãe de família, muitíssimo conhecida na cidade.

— Tem piedade de teus filhos! gritaram-lhe.

Ao que ela, destacando-se do meio do povo, retrucou:

— Deixo-lhes Deus como protetor!

E correndo em direção à fogueira, despojando-se das vestes, a ela se atirou.

O povo, estupefato, murmurava, ininterruptamente.

E Agatonica, gritando, pediu:

— Senhor, ajuda-me! Vou para ti!

E morreu.

Um outro, Agatodoro, na mesma época (169 ou 251), foi juntar-se aos três mártires, cujo culto principiou logo após o martírio.

\* \* \*

## SANTOS MÁXIMO, QUINTILIANO E DADAS (\*)

### *Mártires*

Na época em que imperavam Diocleciano e Maximiano, em Dorostora, na Mesia, Tarquínio e Gabino eram procônsules.

Um dia, denunciaram-lhes três cristãos que não quiseram obedecer os editos imperiais e sacrificar aos ídolos. Estavam êles em Ozóbia, e foram presos.

Levados a presença de Tarquínio, êste lhes lançou um longo olhar perscrutador, depois do que, perguntou:

— São êsses os homens que desprezaram nossas ordens e praticam uma religião de livre escolha?

Avançou dois, três passos e inquiriu os confesores de Jesus Cristo:

— Como vos chamais?

Máximo respondeu:

— Consoante a fé do Cristo, sou cristão, bem como meus irmãos aqui presentes. Os homens chamam-me Máximo.

— Respondeste como um homem que não serve nossos deuses. E tu, aí, como te chamas? dirigiu-se Tarquínio ao segundo cristão.

— Chamo-me Dadas, e estou nas mesmas condições de meu irmão.

— E o terceiro! Quem és?

— Chamo-me Quintiliano e sou cristão.

Perto dos dois procônsules, estava um notário, Magniliano. Gabino, até então mudo, perguntou-lhe:

— Tomaste nota, com acêrto, dos nomes?

Magniliano respondeu-lhe:

— Se tu o ordenares, lerei o texto.

— Leia-o, ordenou Gabino.

— Os nomes que anotei, levantou-se o notário, são Máximo, Dadas, Quintiliano.

Quando se sentou, Tarquínio tornou aos três cristãos. Disse-lhes:

— Vossa sorte está em nossas mãos. Se quiserdes viver, ide, sacrificai à mãe de nossos deuses e sereis nossos sacerdotes. O que estava a seu serviço morreu, e foi-se para o serviço do grande Júpiter.

Máximo respondeu, com santa ira:

— Ó homem de impiedade e de impudência que ultrapassam tôda a expressão, tu ousas usurpar o nome do Senhor para chamar a Deus adúltero, aplicando-lhe o qualificativo de rei celeste? Insensato, não vês que o Cristo é o pai celeste, que a tudo provê e a todos tem em suas mãos? Quanto a tua ordem detestável, saiba que não a podemos executar. Adoramos a Deus, o Deus do céu, donde tudo vem.

Gabino dirigiu-se a Dadas e a Quintiliano, procurando, com engodos, conquistá-los. Em vão, porque ambos lhe responderam:

— Nós fazemos nossas as palavras que tu aca-  
baste de ouvir da bôca de Máximo. Êle é leitor,

conhece muito bem as Escrituras e sabe o que nos convem. Se tu quizeres ouvi-lo, abrir-te-á os olhos com a luz celeste.

Tarquínio e Gabino, a um só tempo, disseram mais ou menos as mesmas palavras:

— Nós vos avisamos. Não quereis ouvir-nos, e continuais a persistir na insensatez.

— Insensatez, retrucou Máximo, assim que ambos os procônsules terminaram de falar, insensatez é a vossa, que persistis em adorar os demônios e induzis os homens que adoram o único e verdadeiro Deus a fazê-lo. Agi como bem quizerdes, porque não conseguireis mudar a nossa determinação.

Tarquínio e Gabino entreolharam-se, afastaram-se, e, rapidamente, trocaram algumas palavras, baixinho. Resolveram, então, enviar os três cristãos à prisão.

À noite, no cárcere, Máximo sonhou que o demônio lhes aparecia. E lutando com êles, o diabo não os vencia, porque um anjo, surgindo, encorajava-os e prometia a próxima recompensa.

No dia seguinte, levados novamente à presença de Tarquínio e de Gabino, suportaram todos os tormentos que lhes foram infligidos.

E assim, perseverando na confissão de Jesus Cristo, Senhor nosso, acabaram por ouvir a sentença, que lhes ditava a decapitação.

Reenviados à prisão, no dia 28 de abril tornaram a deixá-la, para sempre. Ia cumprir-se a promessa do anjo que em sonhos aparecera a Máximo.

\* \* \*

## SANTO URSO DE RAVENA (\*)

### *Bispo e Confessor*

Urso nasceu numa nobre família da Sicília. Aparentado com São Bassiano de Siracusa, abraçou o catolicismo, indo contra as convicções do pai, pagão e irritadiço homem.

Obrigado a fugir de casa, demandou a cidade de Ravena, onde se escondeu, por uns tempos, na casa de um parente, que também se chamava Urso.

Tendo recebido o sacerdócio, ficou à frente da Igreja de Ravena, cuja cadeira, com a morte do bispo Libério, jazia vaga.

Depois de grandes feitos em prol da Igreja, desenvolvidos por vinte anos de episcopado, o santo recebeu a recompensa eterna, prometida por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Santo Urso, que faleceu em 384, tem as relíquias na catedral de Ravena.

\* \* \*

## SÃO MÁRCIO (\*)

### *Abade e Confessor*

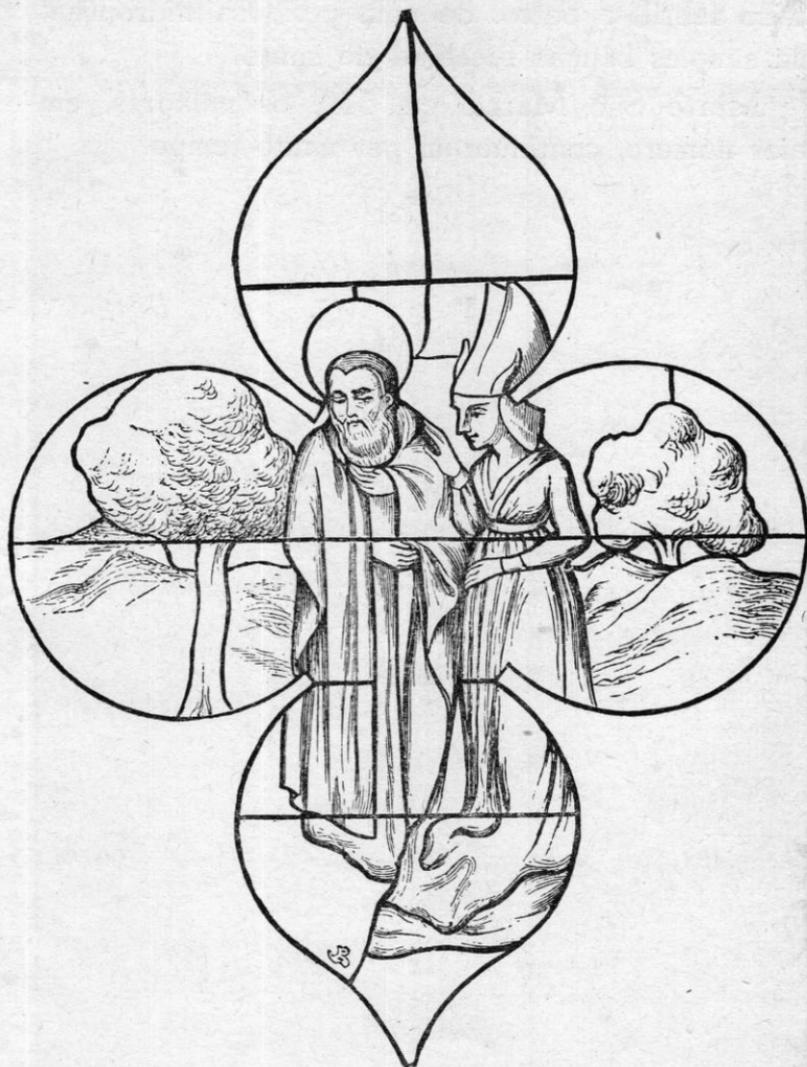
Márcio nasceu em Auvergne entre 440 e 445, demonstrando, desde a meninice, grande desejo de solidão.

Assim, em 460, com alguns companheiros, retirou-se a uma montanha, próxima da cidade que anos mais tarde tomaria o nome de Clermont.

Celas foram abertas na rocha viva, e nelas, Márcio e os amigos se encerraram, para levar vida de oração e de contemplação. Aquela pequenina comunidade vivia de esmolas. E tanta era a piedade dos irmãos que a compunham, que nunca, com a graça de Deus, jamais lhes faltou o sustento.

Logo a afluência de novos discípulos obrigou o santo a edificar um mosteiro, que ficou pronto em 470, e que, como dependência de Santo Alírio, existiu até o fim do século XVIII.

São Márcio recebeu de Deus o dom dos milagres. O pai de São Gregório de Tours, Florent, e



Tentação de São Márcio, pelo diabo disfarçado em mulher.  
Fragmento de um vitral da Santa Capela de Riom.

um de seus amigos, foram, um, livre de pertinaz estado febril, e outro, de uma perigosa hidropisia, pela simples bênção recebida do santo.

Morto São Márcio em 530, os milagres, em maior número, continuaram por muito tempo.

\* \* \*

## SANTO HERMENEGILDO (\*)

### *Mártir*

Hermenegildo era filho de Leovigildo, rei dos visigodos na Espanha, e de Teodósia, a primeira espôsa daquele rei.

A princípio, ariano como o pai, Hermenegildo, influenciado pela mulher, converter-se-ia.

Depois da morte da espôsa, o rei visigodo casou-se com Goswinda, viúva de seu irmão Atanagildo e mãe de Brunehaut, mulher de Sigeberto, rei da Austrásia. Foi com uma filha de Sigeberto e de Brunehaut que Hermenegildo se casou.

A espôsa do futuro mártir chamava-se Ingonda e era católica. Ora, Goswinda, ariana, nutria grande ódio pelos cristãos, e, pois, principiou a perseguir a nora. A princípio, usou de carinhos, de doces palavras, procurando induzir Ingonda a receber o batismo no arianismo.

Ingonda, corajosa e determinadamente, recusou-se, e passou a receber da sogra os piores tratamentos.

Leovigildo, um dia, para pôr têrmo às discussões entre a mulher e a nora, resolveu enviar Hermenegildo e a jovem espôsa para Sevilha.

Ingonda, desde então, procurou, por todos os meios, encaminhar o marido à fé católica. Pôs-se a

catequizá-lo, e Hermenegildo, assim que se inteirou das verdades que a boa espôsa lhe expunha, a tudo vendo com muita clareza, deixou os erros que abraçara desde que nascera e se fêz cristão.

Hermenegildo foi batizado por São Leandro, então arcebispo de Sevilha, tendo acrescentado ao seu o nome de João.

Leovigildo, sabedor da conversão do filho, procurou, enraivecido, perdê-lo. E o príncipe, para se defender, aliou-se ao imperador de Bizâncio, que ia atacar a Espanha.

Um dia, Hermenegildo recebeu mensageiros do pai, que lhe disseram:

— Ide procurar vosso pai, que vós ambos tendes coisas em comum a discutir.

Hermenegildo respondeu-lhes:

— Não irei. Meu pai é meu inimigo, porque sou católico.

Leovigildo, diante daquela resposta, marchou contra o filho, que, chamando os gregos em seu auxílio, avançou contra o pai.

Quando, porém, as fôrças do santo deram com o exército do rei visigodo, debandaram, abandonaram-no, e Hermenegildo, sem nenhuma esperança, refugiou-se numa igreja das vizinhanças. E ali, orando a Deus, disse:

— Que meu pai não me venha atacar, porque é um ímpio crime que um pai seja morto por um filho e um filho pelo pai.

Leovigildo, acampado a pouca distância, tratou de lhe enviar um deputado. E assim, logo mais, Recaredo, irmão do jovem príncipe, discorria sôbre a boa acolhida que o pai lhe desejava fazer. E acrescentou:

— Vamos, ajoelha-te aos pés de nosso pai e êle a tudo perdoará. Vem.

Diante disto, Hermenegildo foi ao encontro do velho rei, que, ao recebê-lo, abraçou-o com fingido carinho. Pouco depois, era prêso.

O santo, conduzido a Sevilha, foi arrojado a uma estreita prisão. E ali, desejoso do céu, rogava a Deus que lhe desse fôrças para perseverar até o fim. E as cadeias que carregava, levava-as com grande resignação, com imensa doçura, como se fôra um cilício.

Hermenegildo, firme na fé, foi morto na própria prisão, a mandado do perverso pai, na noite de 13 de abril de 586. E os milagres não faltaram para manifestar a glória do rei mártir.

O pai, herético e parricida, reconheceu, arrependido, a verdade da fé católica, mas, temeroso da nação, não teve coragem de abraçá-la. E Recaredo, morto Leovigildo, não seguiu o exemplo do pai, mas sim o do irmão mártir: converteu-se, tornando-se um bom cristão.

Sob as instâncias do rei Filipe II, o papa Sixto-Quinto autorizou-lhe o culto em tôda a Espanha, e, quando de Urbano VIII, aquêle culto se estendeu por tôda a Igreja.

Santo Hermenegildo é o padroeiro de Sevilha.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADA IDA DE BOLONHA (\*)

### *V i ú v a*

Ida era filha do duque da Lorena, Godofredo, do sangue de Carlos Magno. Nascida no ano de 1040, recebeu, principalmente da mãe, Doda, esmerada e santa educação.

Aos dezessete anos, para satisfazer a vontade dos pais, casou-se com Eustáquio, o Segundo, conde de Bolonha, que descendia de Carlos, o Calvo.

Religioso, muito piedoso, Eustáquio secundou a espôsa em tudo aquilo que dizia respeito às coisas de Deus, segundo o seu estado, e com Ida empreendeu variadas obras de caridade.

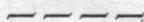
Daquela união nasceram três filhos: Eustáquio, o Terceiro, que herdou o condado de Bolonha, Godofredo de Bouillon que foi rei de Jerusalém depois de ter conquistado a Terra Santa, e Baldoino, que, depois do irmão, também foi rei de Jerusalém, e várias filhas, entre as quais a que se casou com o imperador Henrique IV, do qual se conta que, enfrentando o papa Gregório VII, em 1073, acabou, por achar de boa política, por implorar o perdão do pontífice. O papa conservando-o de pés descalços sôbre a neve, e apenas coberto com um cilício, só o recebeu três dias depois do castigo.

Ida, a todos os filhos, inspirou o ódio aos vícios e o amor a tôdas as virtudes. Era mulher simples, humilde, sincera, e fugia de tôda grandeza. Sob os ricos trajes que era obrigada a usar, dada a sua condição, ninguém podia adivinhar o corpo macerado pelas mortificações. Ocupando-se com os pobres, os estrangeiros, os doentes, os presos, as viúvas e os órfãos, levava avante uma grande obra de piedosa caridade. Foi Ida quem, com o marido, tratou do reparo do célebre santuário de Nossa Senhora de Bolonha.

Depois da morte do conde, livre de usar dos bens todos que Eustáquio lhe deixara, vendeu-os em grande parte, e, com o apurado, fundou inúmeros mosteiros. Foi como surgiram as casas de Santo Wulner de Bolonha, para os religiosos de Santo Agostinho, de Wast, a duas milhas da cidade, de Nossa Senhora da Capela, perto de Calais. Restaurou o mosteiro de Samer, quase que totalmente arruinado, e fêz valiosíssimas doações às casas de São Bertino, de Bouillon e de Affighem, esta nos Países Baixos.

Depois de uma vida tôda ela dedicada às boas ações, Deus chamou-a para a prometida recompensa, aos 13 de abril de 1113, quando contava mais de setenta anos.

A bem-aventurada Ida operou milagres antes e depois da morte. Jaz enterrada em Wast.



No mesmo dia, no País de Gales, São Caradoc, confessor. Nascido em Brecknok, viveu por uns tempos na côrte do rei Rhys, a qual abandonou para

ingressar na vida religiosa. A princípio, sob a direção do abade Teilo, deixou a comunidade para se fazer ermitão, fixando-se na ilha de Barry. Faleceu em 1124, sendo enterrado na igreja de São Davi, onde, à beira do túmulo, ocorreram vários milagres.

Na Bélgica, outra Ida, a bem-aventurada Ida de Louvain, virgem que recebeu na carne os estigmas de Jesus crucificado. Faleceu no ano de 1260.

Na Toscana, o bem-aventurado Tiago de Certaldo, confessor, falecido em 1292.

Na Itália, a bem-aventurada Margarida de Citta del Castelo, virgem. Nascida em 1287, de pais muito pobres, era cega. Fardo assaz pesado, assim o consideraram os seus, abandonaram-na numa igreja. Adotada por pessoas caridosas, viveu santamente, resignadamente. Um terciário, chamado Venturella, ameaçado de perder um dos olhos, foi curado com apenas um toque das mãos da bem-aventurada no olho doente. Faleceu em 1320.

\* \* \*

14.º DIA DE ABRIL

SÃO BENTO

*Pastor*

e

SÃO DROGON

*Patrono dos pastôres*

Quase todos os antigos patriarcas eram pastôres de rebanhos. Davi, ainda jovem, guardava as ovelhas do pai, compondo salmos e cantando-os ao som da harpa, quando foi sagrado rei de Israel e quando matou o gigante Golias. Jesus Cristo quis ser adorado no início por pastôres, os quais convidou por meio dos anjos. Ele mesmo se compara a um bom pastor, que caminha adiante das ovelhas, conduzindo-as a boas pastagens e que dá a vida por elas; que corre a procurar a desgarrada até encontrá-la, trazendo-a, então, aos ombros. Não somente se intitula bom pastor, como também cordeiro de Deus, tal o gosto pelas comparações tiradas das ovelhas. Quantos motivos para os pastôres levarem uma vida santa! No século doze, no qual viveu Santo Isidoro, lavra-

dor, existiram dois pastôres que, apesar de pequenos na estatura, foram grandes como santos. Um dêles se tornou patrono de Avinhão; e outro era São Benzinho, assim chamado "o pequeno Bento", por causa da pouca idade e da pequena estatura.

Como se lê nos arquivos de Avinhão, tomava conta das ovelhas da mãe, quando, no ano de 1176, uma voz lhe disse três vêzes, distintamente:

— Bento, meu filho, escuta a voz de Jesus Cristo.

— Quem sois vós, Senhor que me falais? disse o pastor. Escuto-vos, mas não vos vejo!

— Não tenhas mêdo, Bento. Sou Jesus Cristo, que com uma só palavra criou o céu e a terra e o mar, e tudo quanto êles encerram.

— Senhor, que quereis que faça?

— Que deixes as ovelhas e tua mãe, porque construirás uma ponte sôbre o Ródano.

— Senhor, não conheço o Ródano e não ousou abandonar as ovelhas de minha mãe.

— Já não te disse que tenhas fé? Vem, pois, com coragem. Tomarei conta das ovelhas e te darei um companheiro que te levará até o Ródano.

— Senhor, não tenho mais do que três óbolos. Como farei uma ponte sôbre o Ródano?

— Está bem, tu farás. Eu te mostrarei como.

Bento partiu, chamado pela voz do Senhor, sem contudo vê-lo. Um anjo lhe veio ao encontro sob a forma de um peregrino, que levava um bastão e um saco às costas. Êste disse a Bento:

— Segue-me sem receio, e te conduzirei até o lugar onde construirás uma ponte para Jesus Cristo e eu te mostrarei como fazê-la.

Mas, quando Bento viu como o rio era grande, teve medo e disse que era absolutamente impossível fazer uma ponte naquele lugar.

O anjo lhe retrucou:

— Não temas nada, porque o Espírito Santo está em ti. Aqui está a barca na qual passarás o rio. Vai à cidade de Avinhão e apresenta-te ao bispo e ao povo.

Dito isso, o anjo desapareceu dos olhos.

O jovem Bento, aproximando-se do barco, pediu aos passageiros, pelo amor de Deus e da santa Virgem, que o levassem à cidade, onde tinha algo a tratar. O timoneiro, um judeu, lhe respondeu: “Se queres atravessar o rio, dá-me três peças, como fazem os demais”.

Bento lhe suplicou novamente que o transportasse por amor de Deus e da santa Virgem Maria. O judeu replicou: “Não me fales de tua Maria, porque ela não tem nenhum poder nem no céu, nem na terra; prefiro três moedas ao amor de tua Maria, porque existem muitas Marias.”

Ouvindo-o falar assim, Bento lhe deu os três óbolos que tinha. O judeu, vendo que o outro não poderia levar-lhe a melhor, apanhou as moedas e o atravessou.

Entrando na cidade de Avinhão, Bento encontrou o bispo falando ao povo. Dirigindo-se a êste, falou em alta voz: “Escutai-me! Jesus Cristo me envia a vós, para que eu construa uma ponte sobre o Ródano”.

Ouvindo-lhe as palavras e considerando o aspecto mirrado, o bispo enviou-o, por escárnio, ao preboste da cidade, homem excessivamente severo,

para que o castigasse rudemente. Bento foi ao preboste e lhe disse tranqüilamente:

— Meu Senhor Jesus Cristo me enviou para esta cidade, para que eu construa uma ponte sôbre o Ródano.

O preboste lhe respondeu:

— Como podes tu, miserável, que não tens nada, construir uma ponte onde nem Deus, nem Pedro, nem Paulo, nem Carlos Magno pôde fazê-la? Todavia, como sei que uma ponte se faz com pedras e cal, dar-te-ei uma pedra que existe no meu palácio. Se puderes removê-la e transportá-la, acreditarei que possas construir uma ponte.

Bento, cheio de confiança em Deus, tornou a procurar o bispo, para dizer-lhe o que o preboste acabava de propor-lhe.

— Vamos, então, ver as maravilhas de que falas, replicou o bispo.

O prelado foi com o povo, que zombava do pequeno Bento, tratando-o como louco. Chegado perto da pedra, que trinta homens mal poderiam mover, Bento a removeu tão facilmente como se fôsse uma pedra que pudesse colocar na mão e a levou até o lugar onde está o primeiro pilar da ponte.

Ao saber do ocorrido, o preboste chamou Bento, beijou-lhe as mãos e os pés e lhe deu trezentas peças de prata. O santo recolheu no próprio lugar cinco mil peças. Soldados e pessoas diversas iam pela cidade, acompanhando-o, para fazerem a coleta. Nesse mesmo dia, Deus operou inúmeros milagres. Bento devolveu a vista a cegos, ouvido a surdos, movimento aos coxos. Foram ao todo dezoito milagres. Durante o resto da vida continuou agindo da mesma forma. Sôbre os doentes colocava a cruz,

beijava-lhes as mãos, dizendo a cada um: "Tua fé te salvou". A respeito dêsses milagres existem depoimentos jurídicos de testemunhas.

A primeira pedra foi colocada no ano de 1177, na presença do bispo, que a benzeu. A construção durou onze anos. Nessa ocasião, formou-se uma confraria de leigos piedosos, que foram chamados irmãos da Ponte ou os irmãos Pontífices, visto que o objetivo principal da sua devoção era fazer a ponte de Avinhão e outras mais, para facilitarem o caminho dos viajantes, dos peregrinos e dos pobres. Santificavam o trabalho pela oração e possuíam uma capela onde recitavam o ofício. Trabalhavam ora arrancando as pedras, ora colocando-as na construção. Faziam também coletas para comprar algumas. Mais de uma vez, quando os operários não tinham mais pedras, Bento lhes disse: — "Ide cavar em tal lugar e lá encontrareis pedras". E, realmente, as encontravam. Um dos pilares da ponte foi derrubado, por obra do demônio, enquanto Bento se encontrava na Borgonha. No mesmo instante, teve conhecimento do acidente e voltou imediatamente para reparar o estrago.

Bento morreu no ano de 1184, quando o mais difícil, na construção da ponte, já estava terminado. Foi enterrado na própria ponte, terminada quatro anos depois. Novamente foram operados milagres, pela invocação do santo. A cidade construiu, então, uma capela, sôbre a ponte, onde o corpo do santo ficou perto de quinhentos anos. Como grande parte dessa ponte tivesse ruído em 1669, foi êle retirado de lá. Encontraram-lhe o corpo intacto, isento de corrupção. Assim foi visto pelo vigário-geral, que o visitou no ano seguinte, durante o tempo que a diocese estêve

vacante. Até as entranhas se encontravam perfeitas e as íris dos olhos ainda conservavam a côr natural, embora as barras de ferro que cercavam o caixão mortuário se encontrassem corroídas pela humidade. Em 1674 o corpo do santo foi encontrado no mesmo estado. Então, o arcebispo de Avinhão, acompanhado do bispo de Orange e da nobreza do país, o transportou solenemente para a igreja dos Celestinos. O culto de São Bento foi autorizado por todos os Papas que residiram em Avinhão.

Na outra extremidade da França vivia um pastor, São Drogon. Perdera o pai, antes de nascer, e a mãe, por ocasião do nascimento. Bem pequeno ainda, era de uma piedade singular. Com a idade de vinte anos, deu parte dos bens que possuía aos pobres e o resto aos parentes, para se consagrar inteiramente a Jesus Cristo. Em seguida, revestido de um cilício, e com uma roupa grosseira, e após várias peregrinações, deteve-se em uma aldeia, perto de Valenciennes, onde se empregou como pastor. Escolheu êsse estado por ver nêle os meios de praticar a obediência, a humildade e a mortificação. Passou seis anos apascentando o rebanho. Mas a modéstia, o amor à oração e outras virtudes lhe atraíram os olhares de todos. Viveu estimadíssimo de todos os que o conheceram. Davam-lhe esmolas que êle, por sua vez, passava para os pobres. Dava-lhes ainda tudo quanto podia dispensar do que julgava necessário. Temendo sucumbir sob a vanglória, pôs-se novamente a peregrinar. Mas, adoecendo, voltou para a aldeia, construiu para si uma pequena cela perto da igreja e lá passou o resto da vida.

\* \* \*

## SANTA TOMAIDE (\*)

### *Mártir*

Tomaide, ou Tomaisa, era de Alexandria. Casada, aos dezoito anos, com um pecador, despertou estranha e irresistível paixão no sôgro, que vivia na mesma casa. Avassalado pela impura paixão, o homem, descontrolado, tentou seduzi-la.

Tomaide rechaçou-o, admirada, com a mais enérgica oposição.

Fora de si, o homem, num gesto de desespero, puxando da espada, vibrou na nora tal golpe que, diz-se, partiu-lhe o corpo em dois.

Na mesma hora, o insensato ficou cego. E, encontrado aos pés da morta pelos vizinhos e amigos do filho, confessou-lhes o crime, pedindo-lhes que o conduzissem ao governador. Dias depois, era decapitado.

A notícia da morte de Tomaide, mártir da castidade, consternou tôda Alexandria. Enterrado no cemitério dos monges de Octokaidekaton, o corpo

da santa mártir, mais tarde, foi transferido para Constantinopla.

O óleo das lâmpadas que alumiam o seu túmulo foi muito empregado para debelar as tentações da carne.

Santa Tomaide deixou o mundo no ano de 476.

\* \* \*

## SÃO FRONTÃO (\*)

### *Abade e Confessor*

Frontão, segundo querem vários autores, foi um dos primeiros religiosos a praticar a vida cenobítica nas vizinhanças de Alexandria.

Exortando alguns amigos para que o seguissem, com êles demandou o deserto.

Pouco tempo depois, os que o seguiram, insuflados pelo demônio, começaram a murmurar, achando a vida que levavam assaz penosa, tão severas eram as regras que Frontão lhes ditara e impusera. Não iriam a morrer de fome?

O santo, adivinhando-lhes o desgosto, procurou encorajá-los, empregando as palavras do salmista:

“— Os olhos do Senhor, repetia-lhes, estão fixados sôbre aquêles que o temem, e Êle os nutrirá nas suas necessidades”.

E acrescentava:

— Não sabeis o que escreveu o Apóstolo: “Padei a fome e a sêde”? Desde que estamos no deserto, faltaram-nos as raízes ou as ervas? Estais porventura reduzidos ao mais completo jejum?

Aquilo os acalmou.

Conta-se, então, que um anjo, aparecendo a um rico homem, ordenou-lhe que enviasse alimento aos monges.

O homem, atônito, perguntava-se:

— Mas quais monges? Onde se acham êsses monges?

Então, resolveu carregar setenta camelos, e os deixou partir, sem qualquer guia.

Dias mais tarde, a caravana chegava ao deserto em que Frontão e os seus discípulos viviam para Deus. Desde aquela época, o rico homem jamais lhes faltou com víveres.

É de crer que São Frontão faleceu no ano de 174.

\* \* \*

## SÃO BERNARDO DE ABBEVILLE (\*)

### *Abade e Confessor*

Bernardo nasceu em 1046, perto de Abbeville, e principiou a vida religiosa no mosteiro de São Cipriano, onde, então, era melhor observada a regularidade.

Depois de dez anos de vida regular, juntamente com o monge Gervásio, foi mandado para a abadia de São Savino, onde ambos trabalharam com afinco, operando-lhe uma reforma.

Em 1096, o santo estava a sonhar com outra vida — a de anacoreta, longe de tudo e de todos. E, um dia, prevendo que os monges de São Savino desejavam tê-lo como abade, não mais contemporizou: fugiu, às escondidas, e foi aconselhar-se com um ermitão chamado Pedro das Estrêlas.

Pedro, ouvindo-o, sentindo-lhe o entusiasmo, tocado, conduziu-o a um lugar que conhecia, uma inacessível floresta, em Craon, nos confins da Bretanha e do Maine. Ali viviam Roberto de Arbrissel, Vital de Savigny e Raul de Foustaie.

Confiado a Vital, Bernardo viveu naquela solidão por três anos, todo dado aos trabalhos manuais e à contemplação.

Um dia, vindo a saber que os monges de São Savino lhe haviam descoberto o paradeiro e estavam

prontos para empreender a caminhada, para levá-lo de volta, fugiu por segunda vez. Ganhando a Mancha, fêz-se para a ilha de Chausey, e ali, por outros três anos, viveu num isolado rochedo, em perene contemplação.

Tempos depois, Pedro das Estrêlas foi buscá-lo, já que os monges de São Savino haviam resolvido escolher outro abade. Bernardo, então, tornou para a floresta de Craon.

Um dia, Raynauld, o velho abade de São Cipriano, suplicou-lhe a graça de voltar ao mosteiro. Estava doente e queria fazê-lo prior. Bernardo relutou, mas, em consideração ao velho abade doente, acedeu em ir viver a São Cipriano. Raynauld falecido, substituiu-o, mas, quando foi da disputa entre os religiosos de São Cipriano com os de Cluny, Bernardo renunciou o cargo e tornou a voltar a Craon.

São Bernardo de Abbeville fêz duas viagens a Roma. Ao retornar da segunda, parou em Poitiers, com a resolução de ir viver, logo mais, na ilha de Chausey. Perto de Fougères, na diocese de Avranches, pouco depois viu-se rodeado de discípulos, e o conde Raul de Fougères, que já havia cedido a Vital de Mortan (1) parte da floresta de Savigny, a Bernardo também o fêz.

Ora, para deixar Vital em campo livre, declinou da bondade do conde e procurou outro lugar. Foi assim que o conde de Perche, Rotrou, doou-lhe o território de Arcisses, perto de Nogent-le-Rotrou. A mãe do conde, porém, não concordando, levou Rotrou a lhe ceder a terra de Brunelles, na floresta de Tiron.

---

(1) 7 de janeiro.

Em 1109, o mosteiro de Tiron estava habitável, sendo inaugurado por Yves de Chartres.

Deus, naquela altura da vida do santo abade, concedeu-lhe delicadezas enternecedoras. Assim, conta-se que, tendo fugido, um dia, uma corça que pertencia ao mosteiro, à tardinha, sã e salva, era trazida por um lobo. Doutra feita, quando Bernardo abençoava os monges da comunidade, sôbre êle caiu perfumada chuva de rosas.

Os religiosos do mosteiro de Tiron viveram em grande pobreza. Muitas vêzes, o necessário lhes faltou. A regra, sob a qual professavam, embora rígida, era observada com júbilo, tanta a santidade do abade, modêlo do religioso. E quando o número dos ocupantes do mosteiro alcançou a casa dos quinhentos, Bernardo, escolhendo duzentos monges, enviou-os para fundar vários priorados. E os *monges cinzentos*, denominação que lhes veio da côr do hábito que usavam, espalharam novas casas pela Inglaterra, Alemanha e Escócia.

São Bernardo de Abbeville, ou de Tiron, operou, em vida, vários milagres. Entre êles, citaremos os três seguintes.

Certa vez, duma mulher deveras piedosa, nasceu um filho cego. Tempos depois, tendo ouvido falar do abade de Tiron, a mãe passou a suplicar a Deus, pedindo-lhe pela santidade de Bernardo, que não conhecia, a cura do pequeno. Um dia, o Santo teve necessidade de ir a aldeia de São Lupin, onde vivia a mulher. A boa mãe, ao saber que o abade de Tiron ali estava, exultou: Deus atendera-lhe os rogos. Tomou o filho nos braços e correu ao encontro de Bernardo. O bom abade, fazendo o sinal da cruz

sôbre os olhinhos que jamais haviam visto a luz, curou a criança.

Doutra feita, estavam os monges na faina dos campos, que era pela colheita. Eis senão quando, um pesado carro, colhendo um dos religiosos, um noviço, esmagou-o. Levado às pressas para a enfermaria, São Bernardo, impondo-lhe as mãos, fêz com que desaparecessem todos os traços do acidente, pondo-o são e salvo.

Uma vez, um dos monges, tentado pelo demônio, resolveu deixar a vida que abraçara. Então, antes de fugir, principiou a subtrair coisas que lhe seriam necessárias no século. Bernardo, um dia, chamou-o. E, tendo-lhe dado ciência de que lhe conhecia os intentos, ordenou que se fôsse, sem nada, como viera.

São Bernardo faleceu no ano de 1117, com setenta e um anos de idade. Sob Pio IX, as dioceses de Chartres e de Amiens foram autorizadas a lhe celebrar a festa no dia 14 de abril.

\* \* \*

## SANTA LIDWINA (\*)

### *Virgem*

Lidwina nasceu em Schiedam, na Holanda, no dia 18 de março de 1380. Desde a infância, teve particular devoção pela imagem de Nossa Senhora, que se venerava na igreja da cidade.

Aos doze anos, amiga da solidão, prometeu a Jesus guardar a virgindade, e, aos quinze, vítima de grave moléstia, fraquíssima, ficou reduzida a uma inacreditável magreza.

Um dia, era pelo inverno, acedendo aos pedidos das amigas, que lhe censuravam o enclausuramento, sem se dar a exercícios, aceitou o convite que lhe faziam, e foi patinar no gelo.

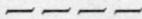
Do acidente que então sofreu, teve uma das falsas costelas partida, no lado direito. Levada a braços para casa, acomodaram-na no leito, que, mal sabia ela, jamais havia de deixar.

A família fez tudo para curá-la, em vão. Pobres, mesmo assim, com imensos sacrifícios, consultaram os médicos de mais nomeada nos Países Baixos. O mal, cada vez mais, progredia, e, no decorrer do tratamento, um abscesso foi-se formando na fratura.

A jovem sofreu as dores mais terríveis. E, chegou tempo, não podia ficar deitada, nem sentada ou de pé.

Na véspera da natividade de São João Batista, vendo o pai a chorar, apiedadó de tanta dor, quis consolá-lo e, num afoito movimento, caiu da cama: o abscesso, rompendo-se, fê-la gritar. E, a pôr puz pela bôca, em grande quantidade, perdeu os sentidos.

Lidwina ficou como morta — e a mais sinistra vida ia principiár-lhe.



Três anos, passou-os a jovem a sofrer horrores. E as amigas, os conhecidos, que a visitavam, a pouco e pouco foram desaparecendo. Sòmente a família a assistia, mas a mãe já começava, exausta, a dar sinais de impaciência. Deus, logo mais, iria, por um milagre, levá-la a ser mais caridosa, mais resignada e menos brusca.

O pai, êsse, era a bondade personificada.

Um dia, dois homens brigavam numa praça, perto da casa de Lidwina. E um dêles, possesso, puxando da espada, acometeu o outro, que, ments valente, saiu a correr, em busca dum esconderijo. Pela primeira porta aberta que encontrou, embarafustou-se, atarantado. Era a casa do pai da santa virgem, e quando o esbaforido, congestionado, deu por si, estava no quarto de Lidwina.

O adversário, suspeitando de que ali estivesse o desafeto, de espada em punho, entrou, sem cerimônia, a bradar, colérico:

— Onde se encontra aquêle filho da morte?

Petronília, mãe de Lidwina, trêmula, correndo para o invasor, antes que lhe pudesse falar, ouviu:

— Não me enganes! Deve estar aqui!

A mulher, sempre a tremer, com voz balbuciante, assegurou ao irritadíssimo homem que ali não estava ninguém, mas o furioso, sem lhe dar ouvidos, e como se estivesse na própria casa, pôs-se a percorrê-la, esquadrinhando-a detidamente. E chegou ao quarto da jovem virgem, onde o homem que procurava se encontrava. Perguntou por êle. Lidwina, que em tôda a vida jamais mentira, disse-lhe:

— Aquêle que tu persegues está aqui.

Petronília, que havia dito ao homem que em sua casa ninguém se refugiara, gritou para a filha, enquanto lhe dava um bofetão:

— Ó louca miserável, como podes denunciar assim a quem em tua casa, perseguido, em perigo de morte, se refugia?

Todavia, no quarto não se via ninguém. E o enraivecido homem, sempre a brandir a espada, olhando aqui e mexendo ali, investigava, infatigável, os escaninhos todos. Que sucedera? Onde se achava o fugitivo?

Tornara-se invisível, e, assim, quando o perseguidor entrara, a blasfemar, no quarto, rodeara-o, sem que ninguém o visse, ganhara a sala e safara-se, em desabalada carreira, pela rua.

Quando o homem se convenceu de que ali não se escondia ninguém, desculpou-se, já calmo, embainhou a espada e se foi, muito sem jeito.

Lidwina disse, então, à mãe, que era só perplexidade:

— Eu acreditei, mãe, que só pelo fato de dizer a verdade era o quanto bastava para salvar aquêle homem.

Petronília, abismadíssima com o milagre que Deus obrara, recompensando a fé da filha, desde aquêlê dia se tornou mais paciente, doce e mais resignada.

— — — —

Lidwina piorava cada vez mais. A ferida, que não se cicatrizava jamais, agravou-se, e a gangrena se manifestou, causando certa putrefação nos tecidos. E a pobre, além do sofrimento atroz que já vinha suportando a longo tempo, viu surgir-lhe ulcerações, e, pouco depois, um feio tumor alojava-se-lhe numa das espáduas.

As dôres eram intoleráveis. Os médicos, lançando mão de todos os recursos, conseguiram muitíssimo pouco. E os remédios e os paliativos tiveram algum efeito apenas no início.

Quando a peste se abateu sôbre o país, Lidwina foi das primeiras a contrai-la. Manifestamente, a santa virgem, pelas doenças tôdas que a acometeram, expiou as faltas alheias.

E a pobre, a chorar, julgava que Deus nem sequer a conhecia. Foi, então, que o Senhor inspirou um padre, para lhe explicar o que se passava e para a consolar: era o padre João Pot, aquêlê que a confessava e lhe dava a comunhão, desde algum tempo.

Disse-lhe êle, um dia:

— Minha filha, o de que precisas é meditar a Paixão do Cristo. Faze o que te digo, e verás que o jugo do Deus das amorcas dôres se tornará doce.

Lidwina, sem compreender bem o significado daquelas palavras, esforçou-se por fazer o que o

confessor lhe ditara. E, quando o padre Pot tornou, ela lhe disse:

— Meu pai, procurei obedecer-te, mas não sei que fazer: quando me ponho a pensar nas torturas do Cristo, é nas minhas que medito. O jugo do Salvador não me adoçou, como tu me asseguraste. Se scubesses como me pesa!

João Pot não se surpreendeu nada com aquela resposta, dizendo-lhe, depois de lhe louvar os esforços e a boa vontade:

— Tu sofres, porque não queres sofrer. Recebe o sofrimento, aceita-o, oferece a Deus as tuas dôres, e Êle tas mitigará. Tua missão é clara: consiste em te sacrificares pelos outros, em reparar as ofensas que nunca cometeste. Consiste em praticar a caridade naquilo que ela tem de sublime e de verdadeiramente divino.

A santa virgem submeteu-se. E, de tôda a alma, deu-se para levar as faltas tôdas. E, um dia, era na Páscoa, depois da comunhão, tão cheia de coragem estava, que não mais, como sempre desejara, desejou curar-se.

Deus, porém, da peste, um dia, curou-a milagrosamente.

Quando a mãe faleceu, Lidwina, que muito rezara por ela, sentiu-se mais e mais ligada ao bom pai. E, tendo vendido as coisas que Petronilia lhe deixara, distribuiu todo o dinheiro aos pobres. E quando o pai, doente, viu-se impossibilitado do que quer que fôsse, um dos irmãos e a espôsa começaram a cuidar da entrevada. Mas êstes, pouco pacientes, acabaram por maltratá-la, injuriá-la. E foram os vizinhos, os bons vizinhos, principalmente uma Catarina Simon,

os que a tomaram para si. E, revezando-se, eram tudo para ela. Catarina, que se desdobrava, cheia duma solicitude fora do comum, era-lhe, verdadeiramente, uma segunda mãe, tão desvelada, carinhosa e solícita.



A santa recebeu do céu os mais insignes favores. Os anjos constantemente lhe apareciam, conversavam com ela, e lhe diziam das pessoas que tinham sob sua guarda.

Um dia, Jesus mesmo appareceu-lhe, para imprimir-lhe as sagradas chagas. E Lidwina, medrosa da vaidade que dali lhe podia advir, rogou a Nosso Senhor que lhas imprimisse, mas de modo invisível.

Lidwina, apesar de tudo, queria que Nosso Senhor lhe desse um certo sinal de sua divina presença. E Jesus, condescendendo, tomou outra forma: a santa virgem, extática, viu, planando no ar, uma alvíssima hóstia, ao mesmo tempo que uma toalhinha, também branca, pousando-lhe sôbre a cama, recebia a delicadíssima hóstia.

O pai, que se recuperava a pouco e pouco da doença que o assaltara, naquele momento, entrava no quarto. E Lidwina, excitada, disse-lhe, apressadamente:

— Ajoelha-te, pai, ajoelha-te, porque meu Senhor Jesus crucificado está aqui.

Abobado, o pai maquinalmente caiu de joelhos. E procurando, aèreamente, viu, com efeito, sôbre a toalhinha branca, a branca hóstia.

Foi um alvoroço. O velho, levantando-se com uma exclamação, deixou o quarto e, a correr, saiu em busca dos filhos e dos vizinhos.

Os comentários fervilharam. E todos, cheios de medo, considerando o corpo do Cristo, caído do céu, acordaram que se devia chamar o cura.

Era já noite alta, e o cura, a resmungar, deixou o leito, pensando em coisas do demônio. E, ao chegar, ordenou que deixassem o aposento, porque queria conversar com Lidwina a sós.

Quando todos saíram, o cura, olhando a santa virgem com severidade, começou por lhe dizer que, sobre aquela manifestação do diabo, jamais a ninguém falasse. E perguntou, irritado:

— Afinal, que pretendes tu fazer desta hóstia?

Lidwina olhou-a amedrontada, mas depois, como que divinamente inspirada, respondeu:

— Rogo-te que ma dês em comunhão.

O cura teve um sobressalto, gritou:

— O quê?

E acrescentou, lívido:

— Queres então comungar com o diabo?

— Não, tornou a santa suavemente. Não é Satanás, mas meu bom Senhor Jesus que aí na hóstia está escondido. Rogo-te que mo dês.

O cura, pela placidez e firmeza com que Lidwina lhe respondia, compreendeu que jamais cederia. E, muito inquieto, mas menos irritado, fêz-lhe a vontade.

No dia seguinte, porém, depois duma noite mal dormida, a remoer pensamentos sobre pensamentos, o cura, aos fiéis, fêz ver que Lidwina, enfraquecida pela longa enfermidade, fôra enganada pelo demônio.

Quando a jovem virgem soube daquilo, protestou enèrgicamente. E o caso acabou por chegar ao bispo.

Depois de vários sucessos, ouvida a santa virgem, que simplesmente expôs os fatos, o cura foi substituído. E tudo, a pouco e pouco, com o tempo, foi-se acalmando.

— — — —

Lidwina recebia constantemente a visita do seu anjo da guarda. E o celeste visitante, em longos colóquios com a santa, dava-lhe a conhecer o interior daqueles que a vinham ver. E ela lhes lia o pensamento e o que lhes ia no coração.

Em breve, a jovem sofredoratornou-se célebre. E o quarto em que jazia, viu-se cheio de gente, que vinha, ora de Brabante, ora da Flandres, já da Alemanha, já da Inglaterra, para conseguir graças.

Quantos prodígios, então, operou aquela santa moça? Um sem-número.

— — — —

Lidwina era, como vimos no início, devotíssima de Nossa Senhora.

Um dia, tomou-lhe o grande, inscristável desejo de lhe rever a imagem, na igreja em que a venerava, quando menina. Todavia, era impossível, tal o seu estado. Maria, então, na sua incomensurável bondade, satisfê-la: incumbiu-lhe o anjo da guarda de transportá-la ao Paraíso.

Disse-lhe Maria:

— Tu vieste sem um véu que te cobrisse a cabeça?

— Minha querida Senhora Maria, respondeu-lhe Lidwina, meu anjo tomou-me tal como estava.

Ademais, em casa, não tenho roupas nem véus, já que estou sempre acamada.

— Bem, tornou a santíssima Virgem, sorrindo dulcissimamente, tu queres que te dê êste véu que trago comigo?

A santa virgem lançou um olhar ao véu, bellissimo, hesitando, medrosa de que a Jesus não lhe agradasse aceitá-lo, e, sem saber o que havia de responder, olhou, interrogativamente, o anjo da guarda, sempre ao seu lado. E como o anjo permanecesse impassível, Lidwina voltou-se para Nossa Senhora:

— Boníssima Virgem, disse-lhe, constrangida, parece-me que nesta questão não me é dado manifestar a vontade.

E lançando outro inquisidor e angustiante olhar ao anjo, ficou à espera da solução.

Disse-lhe o anjo:

— Se tu desejas possuir aquêlê véu, toma-o.

Aquilo embarçou-a mais ainda. E estava sem saber que poderia dizer, para pôr fim ao embaraço, quando Maria, sempre a sorrir, com imensa doçura, livrou-a da inquietante posição.

Disse-lhe:

— Olha, eu mesma vou colocá-lo em tua cabeça.

Tomou o véu e fêz como havia dito. E depois, advertindo a jovem, acrescentou:

— Agora ouve: de volta à terra, tu o guardarás contigo por sete horas. Depois, confiá-lo-ás ao teu confessor, pedindo-lhe para que o deponha na cabeça de minha imagem, na igreja matriz de Schiedam.

Ditas aquelas palavras, Maria, imediatamente, desapareceu.

Findo o arroubamento, Lidwina viu-se na eterna cama de doente. E, levando as mãos à cabeça, para

se certificar de que não fôra vítima duma ilusão, sentiu o delicado tecido do véu.

Ansiosa, retirou-o da cabeça e examinou-o, de olhos a brilhar, por longo tempo, a cismar e a lembrar o sucedido. E todos quantos pasmaram para o véu, mudos, não encontraram palavras que pudessem traduzir o que lhes ia na alma, confusos.

João Walter de Leydes, há já algum tempo, era o novo confessor de Lidwina. Pouco antes de transcorrer as sete horas estabelecidas por Nossa Senhora, a jovem, que o mandara chamar, recebia-lhe a visita. E a êle, calmamente, discorreu sôbre a visão que tivera.

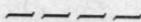
Era já noite avançada, de modo que o confessor lhe disse:

— Não sabes que é já tarde, que a igreja está fechada e que eu não possuo a chave? E mesmo que a tivesse, como, na escuridão, poderia chegar à imagem, tão alçada no altar? Melhor que me vá quando romper o dia.

— Não, não! apressou-se Lidwina. A ordem que recebi de Nossa Senhora é formal. Não te inquietes com os obstáculos que me mostrastes: a igreja se abrirá, e a lanterna que usaste para vires aqui te fornecerá luz suficiente para que possas agir. Vai, eu te rogo, meu pai. Não o retardes mais.

João Walter cumpriu o determinado por Nossa Senhora. Encontrou aberta a porta da igreja, subiu ao altar e colocou o lindíssimo véu na bela fronte serena da imagem de Maria. E, quando desceu, desejoso de ver o efeito que havia de causar, olhou para cima e nada mais viu: um anjo, ao véu, já o havia levado.

Lidwina sempre foi assistida, bondosamente, por Maria. Nas intermináveis noites de febre e de insônia, quando mais lhe maltratava a incômoda cama, a santíssima Virgem, surgindo no quarto, sentava-se à beira do leito, e a consolava com imensa doçura.



Quando o fim da vida da santa virgem estava por chegar, foi ela advertida, por via divina, do momento da morte. E Jesus, porque era Lidwina uma vítima reparadora, sobrecarregou-a, nos últimos dias, de muitos males mais. E a santa, comunicando aos seus o que do Senhor soubera, calou quanto ao dia e hora do falecimento, desejosa de estar só, sem outra assistência que não a de Jesus.

A alguém, que lhe perguntou o que seria de sua casa, uma vez morta, ela respondeu:

— Se, depois de morta, alguém quiser converter esta triste casa num hospital para indigentes, rogarei ao Senhor, antecipadamente, para que o recompense.

Outro perguntou-lhe se Deus obraria milagres sobre seu túmulo. Lidwina disse-lhe:

— Eu não ignoro que as almas simples imaginam que a minha desapareição será acompanhada de fenômenos extraordinários. Enganam-se absolutamente. Só Deus sabe o que sucederá depois de minha morte, e, digo-o, não tenho nenhum desejo de ser esclarecida sobre este ponto. Desejo somente que meus amigos não me desenterrem os restos a não ser depois de se terem escoado trinta anos. E desejo mais: que, uma vez desaparecida, enterrem-me sem tardança.

E, como todos estavam reunidos ao redor do leito, disse-lhes mais:

— Conjuro-vos, perdoai-me as penas que' porventura vos causei. Não me recuseis tal mercê, que solicito de todos por amor de Deus. De minha parte, rezarei e rogarei muito por todos.

Não havia quem não chorasse e protestasse, a dizer que, bem longe de terem recebido ofensas, ela, muito ao contrário, edificara-os excelentemente, tanto pela extrema bondade como pela paciência extrema.

-----

Era Domingo de Ramos. Jesus, seguido da santíssima Mãe, dos doze apóstolos e de uma incontável multidão de anjos, aparecia a santa virgem.

— Meu doce Mestre, disse-lhe ela, sê indulgente, agora que chego ao fim. Concede-me esta última graça, a de sofrer, pessoalmente, quanto o mereço, a fim de que possa, imediatamente após o meu falecimento, contemplar tua face adorável, sem passar pelo purgatório.

Jesus respondeu-lhe:

— Teu desejo será satisfeito, minha filha. Dentro de dois dias, tu cantarás a aleluia no paraíso com tuas irmãs, as virgens.

E quando, à tardinha, chegou o confessor, Lidwina disse, numa alegria fora do comum:

— Vou sofrer redobradamente, mas será por pouco.

-----

Os dois dias estabelecidos pelo céu foram, para Lidwina, de dores espantosíssimas. Têrça-feira,

preparou-se para a derradeira hora. E como o quarto estivesse repleto de gente, pediu, com infinitos de doçura, numa voz suavíssima:

— Deixai-me só, hoje, com o pequeno.

O pequeno, ao qual se referia, era Baldoino, um dos sobrinhos, a quem muito amava.

Acrescentou, depois de olhar com meiguice:

— Ide sem inquietações. Caso necessite, o menino vos prevenirá.

Todos, então, silenciosamente, deixaram-na com Baldoino, e saíram.

A agonia da santa principiou às sete horas da manhã e se prolongou até as quatro da tarde. Foi, para Lidwina, um vomitar dolorosamente sem fim. Baldoino, incansável, mas a chorar continuamente, não fazia outra coisa senão ir e vir com a bacia que não parava à cabeceira da cama.

A certa altura, disse-lhe ela:

— Oh, meu menino! Se o bom Walter visse o que eu vejo!

O sobrinho, atarantado, cheio de medo, perguntou-lhe, a chorar descompassadamente:

— Tia, tu queres que o procure?

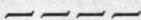
Lidwina, porém, não lhe respondeu: perdera o conhecimento das coisas.

E o pobrezinho, terrificado, deixou o quarto, a correr, em busca do padre João Walter — em vão, porque, quando tornou, com o confessor, já Lidwina não mais pertencia ao mundo dos vivos: fôra-se para Deus, para a eterna bem-aventurança.

Era a 14 de abril de 1433, e a santa virgem contava cinqüenta e três anos de idade. E o corpo, que lhe era disforme e todo ulcerações quando em vida, morta, imediatamente se fez são e belo.

Milagres sem conta tiveram ocasião, à beira do túmulo que a recebeu, no cemitério contíguo à igreja.

O arcebispo de Malines, em 1616, no dia 14 de janeiro, autorizou o culto da bem-aventurada na Flandres. Em 1890, era Lidwina catalogada entre os santos, tendo, em 1892, um ofício aprovado em sua honra.



No mesmo dia, em Vilna, os santos João, Antônio e Eustáquio, mártires. Os dois primeiros eram irmãos, amigos do último. Paçãos, adoravam o fogo. Chamavam-se, respectivamente, Milhey, Kukley e Nizilon, nascidos na Lituânia. Batizados, estavam a serviço do duque Olgerd, pai do célebre Jagelão. Convidados a comer carne em dia de abstinência. Convidados a comer carne em dia de abstinência. negaram-se, sendo condenados a morte (1342).

Em Lião, na França, São Lamberto, bispo e confessor, nascido na diocese de Théroutanne. Viveu sob a direção de São Vandrilo, ao qual sucedeu como abade de Fontenelle. Morto o arcebispo de Lião, Gênésio foi eleito para ocupar aquela Sé. Faleceu em 688, depois de profícuo episcopado.

No mesmo dia, em Roma, na via Ápia, festas dos santos mártires, Tibúrcio, Valeriano e Máximo, sob o imperador Alexandre e o prefeito Almáquio. Os dois primeiros foram convertidos ao cristianismo pelas exortações de Santa Cecília. Foram batizados pelo papa Santo Urbano. Por causa da fé cristã, foram martirizados a golpes de bastão e, depois, decapitados. Máximo, camareiro do prefeito, tocado com a constância daqueles, e fortificado por um anjo que lhe apareceu, creu em Jesus Cristo e foi, então,

açoitado até morrer, com cordas que tinham nas pontas chumbo.

Em Terni, São Próculo, bispo e mártir.

No mesmo dia, Santa Donina, virgem, que recebeu a palma do martírio com outras virgens suas companheiras.



São Valeriano e Santa Cecília. Segundo um mosaico do século IV, conservado na igreja de Santa Cecília, em Roma.

No mesmo dia, Santo Ardaliano, um cômico, o qual, representando, um dia, no teatro, as cerimônias dos cristãos, foi transformado, de tal sorte, que provou sua santidade não apenas pelas palavras, mas também pelo testemunho do sangue que derramou.

Em Roma, Santo Abundio, sacristão da igreja de São Pedro, falecido em 564.

\* \* \*

## 15.º DIA DE ABRIL

### SÃO PEDRO GONZALEZ

*Vulgarmente santo Elmo, patrono dos marinheiros da Espanha*

Pedro Gonzalez ou Gonçalves, nasceu no ano de 1190, na cidade de Astorga, Espanha, da qual seu tio era bispo. Após brilhantes estudos, foi, ainda jovem, nomeado cônego da catedral. O tio lhe obteve de Roma a dignidade de deão do capítulo. Pedro devia tomar posse do cargo na festa do Natal. Jovem e um pouco vaidoso, quis que tudo decorresse com pompa e que tôda a cidade assistisse ao ato. Montado em um cavalo magnificamente ajaezado, atravessava as ruas da cidade. Chegando a um lugar repleto de pessoas, ferrou o animal para fazê-lo trotar com mais graça e, assim, aumentar a admiração do povo. Mas o cavalo deu um passo em falso e atirou o cavaleiro em uma poça cheia de lama. Os gritos de admiração se transformaram imediatamente em vaias e zombarias. Pode-se imaginar a confusão que sentiu Gonzalez. Esta, porém, lhe foi salutar. No mesmo lugar, exclamou bem alto: "Como! Êsse mesmo mundo que procurava agradar se ri de mim?"

Pois bem, zombarei dêle, por meu turno. De hoje em diante, dar-lhe-ei as costas, para começar uma vida melhor". E, de fato, abandonou o mundo e entrou para a ordem de São Domingos. Como religioso, cumpriu os deveres à risca. Entregando-se à pregação, converteu grande número de almas para o bem. E do bem levou muitas à perfeição. O rei São Fernando, ao saber das extraordinárias virtudes do santo, fê-lo ir à côrte e serviu-se dos conselhos que dêle recebeu na guerra contra os sarracenos. Alguns cortesãos, invejosos, procuraram um meio de corrompê-lo, ou, ao menos, torná-lo desacreditado. Mas Gonzalez teve a felicidade de converter a perversa que lhe enviaram. Retirando-se da côrte, foi evangelizar os pobres nas montanhas, os marinheiros à beira-mar e à margem dos rios. Um dia, pregando nas ribanceiras do Minho, viu algumas pessoas pobres que costumavam atravessar a passo o rio, que era muito fundo, expondo-se, assim, cada dia à morte.

Compadecido dessa gente, o santo fêz uma colleta na região e construiu uma ponte. Deus confirmou a pregação do seu servo, por mais de um milagre.

Pedro Gonzalez pregou como apóstolo até o fim da vida. No último sermão que pronunciou na cidade de Tuy, predisse sua morte, que já estava próxima, e se retirou da cidade, indo para Compostela, a fim de morrer nos braços dos irmãos que lá tinham um convento. Todavia, durante o caminho sentiu-se tão mal, que foi obrigado a voltar ao lugar de onde partira. O bispo de Tuy, que lhe dedicava grande amizade, assistiu-o na doença até o último suspiro. Foi enterrado na catedral. Sua bem-aventurada

morte ocorreu no dia 15 de abril de 1246. O papa Inocência IV o beatificou em 1254, e permitiu aos dominicanos da Espanha dedicar-lhe um ofício, permissão que Bento XIV estendeu a toda a ordem. Os marinheiros da Espanha e de Portugal o invocam em todas as tempestades sob o nome de Santo Elmo.

\* \* \*

## SÃO PATERNO DE VANNES (\*)

### *Bispo e Confessor*

Paterno era natural da Bretanha Armórica, filho de nobres pais muito virtuosos. Petrânio, o pai, e Gueana, a mãe, nascido Paterno, acordaram em viver em continência. E o pai, deixando o filho com Gueana, passou à Irlanda e ali viveu nos exercícios da penitência e da piedade.

Paterno, uma vez moço, desejou imitar Petrânio, deixou a terra natal e, com alguns companheiros, abraçou a vida monástica, no condado de Cardigan.

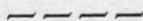
Tempos depois, foi escolhido como superior dos religiosos daquele lugar. Edificou, então, vários mosteiros e igrejas. Dentre estas, a mais importante foi a que, mais tarde, ficou conhecida pelo nome de Lhan-Padern-Vaur, ou seja, igreja do Grande Paterno.

Sabendo que o pai ainda vivia na Irlanda, foi vê-lo. Estêve com Petrânio por uns tempos, depois tornou ao seu mosteiro, para, mais tarde, ir visitar a Palestina.

Sagrado bispo pelo patriarca de Jerusalém, regressou à sua igreja de Lhan-Patern-Vaur, então erigida em bispado.

Vinte anos depois, quando do rei Caradoc, Paterno foi escolhido para ser o bispo de Vannes.

Vida tôda ela consagrada ao Senhor, entregou-a docemente às mãos do Criador no dia 15 de abril de um ano que não se precisa. É de crer que seja o de 565.



No mesmo dia, em Atenas, São Leonídio, bispo e confessor, no século VI.

Na Normandia, Santo Ortário, abade e confessor. Monge, depois abade de Landelle, perto de Viro, onde é honrado, faleceu no ano de 580.

Na Irlanda, São Ruadan ou, segundo querem alguns, Rodan, abade e confessor. Nascido em Leinster, é tido como um dos doze apóstolos da Irlanda. Discípulo de São Finiano fundou em Lorrach um mosteiro onde se reuniram cento e cinquenta monges, que se dedicaram aos trabalhos manuais e à oração. Faleceu em 584, ficando célebre pelos milagres que operou.

Na Borgonha, São Silvestre, abade de Moutier de São João, e confessor. Falecido em 625.

Em Metz, Santo Abbon, bispo e confessor, desaparecido em 707.

Na Escócia, São Múndio, abade e confessor. Fundador de um grande mosteiro no condado de Argyle, do qual foi abade, era doce, caridoso, amigo da solidão e do silêncio. Faleceu em 962. Muitas igrejas do condado tomaram-no como padroeiro.

Em Anvers, o bem-aventurado Waltmann, abade, o primeiro de São Miguel de Anvers, e confessor. Sábio e piedoso, foi um grande combatente da heresia de Tanchelm. Faleceu em 1138.

Na Itália, o bem-aventurado Luchesio ou Lúcio de Passignano, confessor. Membro da ordem terceira de São Francisco, viveu e morreu em São Casciano, no Val di Pesa, onde fundou um hospital e, por toda a vida, dedicou-se aos enfermos. Falecido em 1284.

No mesmo dia, em Roma, as santas Basilissa e Anastácia, mulheres valorosas que, tendo sido discípulas dos apóstolos, permaneceram firmes na fé e, sob o imperador Nero, tiveram a língua e os pés cortados. Obtiveram a coroa do martírio, morrendo sob o gume do gládio.

Na mesma cidade, os santos Marão, Eutiques e Vitorino, que a princípio tinham sido exilados por causa da fé, na ilha de Ponce, com a bem-aventurada Flávia Domitila. Foram chamados de volta pelo imperador Nerva. Voltando, conseguiram várias conversões. Durante a perseguição de Trajano foram submetidos a vários suplícios, morrendo, finalmente, segundo rezava a sentença do juiz Valeriano.

Na Pérsia, os santos Máximo e Olímpíades, que foram, durante o reinado de Décio, açoitados com chicotes que tinham chumbo nas pontas, e espancados com cajados. Em seguida, com alavancas, quebraram-lhes a cabeça, causando-lhes a morte.

Em Ferentino, campos de Roma, Santo Eutíquio, mártir.

Em Mira, na Lícia, São Crescêncio, que foi queimado.

No mesmo dia, os santos Teodoro e Pausilipo, que sofreram a morte, sob o imperador Adriano.



## 16.º DIA DE ABRIL

### SÃO FRUTUOSO

#### *Bispo de Braga*

Pelos fins do século sétimo, enquanto os imperadores de Bizâncio preocupavam tôda a Igreja por contínuas controvérsias e se faziam perseguidores dos santos, os reis que até havia pouco tinham sido bárbaros, como os dos gôdos, francos e saxões, contentes com a autoridade da crença comum e das precedentes decisões da Igreja, faziam o cristianismo entrar nas leis e nos costumes, secundavam os santos e os piedosos empreendimentos dêstes, viam muitas vêzes santos nas próprias famílias e algumas vêzes se elevavam êles próprios à santidade. Na Espanha, os reis dos gôdos admiravam, entre outros, um ilustre exemplo de santidade em São Frutuoso, porque êste descendia de estirpe real e era filho de um general do exército. Jovem ainda, o pai o conduziu um dia às terras que possuía. Enquanto o general examinava as terras e os rebanhos, Frutuoso observava os lugares mais agrestes e pensava em um dêles fundar alguns mosteiros. Quando os pais morreram, recebeu a tonsura de Conâncio, bispo de Palência, que o formou na piedade. Frutuoso deu os bens que herdara às igrejas e aos pobres, e aos escravos, pondo-os

em liberdade. Mas a melhor parte empregou na fundação de um mosteiro, o de Compluta, onde reuniu numerosa comunidade. Cansado com as visitas que a reputação lhe atraía, nomeou um abade para o mosteiro e retirou-se para a solidão. Os discípulos de lá o arrancaram por uma santa violência. Mas êle os deixou pouco tempo depois, para ir fundar novos mosteiros, entre outros, um na ilha de Cadix. Havia lá tantos monges, que o governador da província se queixou ao rei, temendo que não restasse ninguém para o exército e o serviço do Estado. Famílias inteiras se entregavam a Deus. Os pais com os filhos entravam nos mosteiros de homens. As mães com as filhas nos mosteiros de mulheres. Vejamos como êle fundou o primeiro dêstes.

Um dia em que se encontrava em uma das comunidades para homens, recebeu do deserto vizinho uma carta, na qual uma jovem lhe pedia que tivesse piedade dela, como de uma ovelha errante e a dirigisse nos caminhos da salvação. Chamava-se Benta. Descendia de família nobre e casara-se havia pouco com importante senhor da côrte. Todavia, ardendo em desejos de se consagrar a Deus sòmente, fugiu, contra a vontade dos parentes, e errou durante longo tempo no deserto. Chegou, por fim aos arredores do mosteiro de São Frutuoso. Não ousando nêle entrar, fê-lo conhecer sua situação. O santo, bendizendo a Deus, construiu no deserto uma pequena cela para a nobre virgem, cuja heróica decisão ressoou bem longe. Várias pessoas lhe seguiram o exemplo. Depois de pouco tempo, tinha oitenta ao seu redor. Foi então que o santo abade construiu um mosteiro em outro lugar solitário.

Em meio a tantas boas obras, São Frutuoso sentiu enorme desejo de fazer uma peregrinação ao Oriente. Deliberou-o secretamente com alguns discípulos. O navio já estava preparado para partir, quando foi detido por ordem do rei. O segredo havia sido descoberto. O rei, bem como o conselho, temendo que a Espanha ficasse privada de tal personagem, mandou que o detivessem com todo o respeito possível e o conduzissem à côrte, onde foi retido durante algum tempo, pois receavam que fugisse. Vê-se como a côrte dos gôdos diferia da côrte de Bizâncio. Mais tarde, São Frutuoso foi ordenado bispo de Duma, e, em seguida, arcebispo de Braga. Entretanto, não cessou de praticar a vida monástica. Construiu, entre outras, a abadia de Montel, entre Duma e Braga. Foi nesse lugar que escolheu a sepultura em que queria ser enterrado. O rosto do santo transpirava tanta doçura, que chegava até a causar impressão nos próprios animais. Um dia em que atravessava algumas florestas, um cabrito, perseguido por caçadores, veio refugiar-se-lhe sob o manto. O santo tomou o animal sob sua proteção e o conduziu ao mosteiro. O animal, reconhecido, não mais abandonou o libertador. Seguia-o durante o dia e, à noite, dormia-lhe aos pés.

Conhecemos a regra que o santo deu ao mosteiro de Compluta. Aproxima-se muito da regra de São Bento. Nela, chama de convertidos todos quantos entravam para a vida monástica. Mas, existe outra regra de São Frutuoso, chamada a regra comum, aparentemente porque servia a todos os seus mosteiros. Contém ela particularidades notáveis. Condena duas espécies de falsos mosteiros: os parti-

culares que se encerravam nas casas de campo, com mulheres, filhos, servos e vizinhos e se propunham viver em comum, mas sem regra e sem superior. Eram pessoas interessadas, que, longe de darem aos pobres, roubavam dos outros, sob o pretexto de pobreza. Eram briguentos, e freqüentes vêzes chamavam os parentes e amigos para os socorrerem à mão armada. Havia também sacerdotes que, para atraírem sôbre si admiração pela piedade ou para conservarem os dízimos e outras vantagens, arvoravam-se em superiores de mosteiros, sem terem praticado a vida monástica, e recebiam de braços abertos todos os que saíam dos verdadeiros mosteiros, de cuja disciplina descreiam.

A regra comum de São Frutuoso mostra a maneira de governar as diferentes espécies de pessoas que compunham os seus mosteiros. Se um homem a êles se dirigia com a espôsa e com filhos menores de sete anos, era recebido, porém, com a condição de submeter-se à obediência. Permitia-se às crianças, quando pequenas, ficarem ao lado do pai ou da mãe; mas quando atingiam a idade da razão, ensinavam-lhes a regra e eram conduzidas ao mosteiro, onde deviam morar, como que ofertadas pelos pais. Um mestre lhes era destacado, o qual lhes cuidava da alimentação e da instrução. Tal mestre era dispensado de qualquer outra ocupação. Atenção especial era dedicada aos que entravam para o mosteiro com certa idade, a fim de lhes ser proporcionado o consôlo necessário, sem lhes facilitar os maus hábitos, e para os ajudar a fazer séria penitência. Esta era rigorosa para os que haviam cometido grandes crimes antes de se converterem. Começavam por uma confissão geral de todos os pecados. Depois faziam-nos

observar a penitência canônica e levar uma vida mais austera do que a da comunidade. Recomendava-se com grande cuidado a separação dos mosteiros das mulheres dos homens. Havia severas precauções para as visitas e para as ocasiões que podiam ter para se encontrarem juntos. Todos os irmãos devem reunir-se aos domingos para a missa, para reconciliar-se e corrigir-se dos defeitos. Êsses mosteiros possuíam rebanhos de ovelhas, para ter com que alimentar as crianças e os velhos, resgatar os cativos e exercer a hospitalidade. Um monge era encarregado do cuidado dos pastos. No final das regras encontra-se a fórmula da profissão dos monges, concebida no plural e começando pela profissão de fé. Quando se pensa que era um príncipe gôdo que fundava e dirigia com o exemplo êsses asilos da humanidade e da piedade cristã, não se pode deixar de admirar as maravilhosas mudanças operadas pelo cristianismo nas nações bárbaras. São Frutuoso morreu no ano de 665, na igreja para onde fôra transportado por ocasião da última doença, a fim de lá receber o hábito da penitência, aos pés do altar. Foi enterrado em um dos mosteiros que fundara. Mais tarde, suas relíquias foram transferidas para Compostela, na Galícia.

\* \* \*

## SANTA BERNADETE SOUBIROUS (\*)

Irmã Maria Bernarda

*Virgem*

No dia 7 de janeiro de 1844, nascia em Lourdes, na França, aquela que, catorze anos mais tarde, ia ser a confidente da Imaculada Conceição — Bernadete, “o maior e o mais estupendo milagre de Lourdes”, como disse alguém.

A 11 de fevereiro, vimos as aparições de Nossa Senhora em Lourdes. Aqui, pedimos licença para citar algumas passagens da obra de Mons. Ascânio Brandão (1), um dos mais carinhosos trabalhos sobre “a vidente de Lourdes, a pequena pastora tão inocente e encantadora dos Pirineus, que a santa Igreja elevou às honras dos altares”.

— — — — —

“No dia 7 de janeiro de 1844, numa casa de gente muito pobre, na encosta dos Pirineus de Lourdes, nascia uma criança, primeira filha do casal Francisco Soubirous e Luísa Cartérot.

---

(1) Mons. A. Brandão, Sta. Bernadete, a confidente de Lourdes, Ed. Vozes, 1956, 3.a edição.

“Dois dias após, o pároco de Lourdes batizava a inocentinha. Deram-lhe o nome de Maria Bernarda. Em família, porém, em diminutivo carinhoso, chamavam-na Bernadete.

“Em julho do mesmo ano, Luísa esperava outro anjo e, no estado de gravidez, resolveu confiar a sua primogênita a uma boa senhora de Bartres, vilarejo a dois quilômetros de Lourdes.

“E a pequenina lá se foi com a boa Dona Maria Lagnes, espôsa do Senhor Aravant.

“Quinze meses passou ali Bernadete, tratada com extremo carinho. A Senhora Aravant havia perdido um filhinho recém-nascido e sentiu-se bem feliz tendo um bebêzinho para aliviá-la do leite materno e a consolar das saudades amargas do filhinho morto.

“Em fevereiro de 1845, o segundo filho de Soubirous morria com apenas dois meses. Bernadete voltou à casa paterna em outubro do mesmo ano.

“Havia ali ainda certa fartura e relativo conforto. O moinho dava algum lucro.

“Francisco Soubirous e Luísa eram, no entanto, maus administradores. Vendiam fiado a tôda gente. Não tinham certo capricho na entrega das farinhas e perderam boa freguesia.

“Luísa era bondosa em extremo. As mulheres pobres da vizinhança a exploravam. E ninguém a visitava sem levar uma *lembrancinha*, isto é, um pacote de farinha. E todos ali tomavam alguma coisa, um doce, uma fruta antes de sair. Boa criatura, a mãe de Bernadete — doce, amável, laboriosa e ingênua.

“Francisco era bonachão e sossegado. Um pouco indolente. A família crescia, os negócios se

atrapalhavam, e o homem sempre descuidado e imprevidente. Era fatal a miséria. E esta já se aproximava a passos de gigante.

“Em 1855, veio a crise. Os credores apertavam cada vez mais. O moinho já quase nada rendia. Mal chegava para matar a fome da família. O senhor da casa e do moinho exigiu seus direitos. Então, forçados a deixar tudo, alugaram um casebre miserável nos arredores, e foram ganhar o pão ora aqui, ora ali, onde achavam algum meio de vida.

“Faltava muita vez o trabalho. E era então a miséria, a mais negra miséria em casa. Não podiam pagar o aluguel das pobres choupanas e andavam errantes de casebre em casebre, os pobrezinhos, sempre envergonhados e humilhados.

“Afiml, um parente de Luísa, compadecido de tanta pobreza, deu-lhes um casebre miserável numa das vielas de Lourdes.

“Ali foi crescendo e vivendo a pobre Bernadete sabe Deus como! Sempre raquítica e fraquinha, começou desde então a sofrer de asma, que lhe foi o martírio de tôda a vida. Caía sempre desfalecida e sufocada em crises dolorosas e repetidas.

“E não havia dinheiro para remédio e nem sequer para uma alimentação sadia.

“Faziam os pais, no entanto, o possível para tratá-la melhor. Bernadete comia pão de trigo em vez de pão duro de centeio. Às vèzes mesmo davam-lhe uma garrafinha de bom vinho, que ela tomava com açúcar, para aliviá-la e fortalecê-la um pouco mais.

“Os outros irmãozinhos não compreendiam a necessidade daquelas exceções e o cuidado dos pais

com a sua primogênita. Queriam também vinho e pão branco. Não era possível.

“Bernadete procurava convencê-los de que era doente e necessitava um regime mais forte.

“Qual! os terríveis petizes continuavam obstinadamente as queixas, e já que nada conseguiam chegavam às vias de fato. Quase todo dia, além do suplício da asma, a pobre menina tinha os empurões e os sopapos, e até alguma bordoadada dos seus irmãozinhos. Choramingava pelos cantos, mas não se queixava. Perdoava logo seus pequenos algozes.

“No inverno de 1855, tão rigoroso nos Pirineus, a tia Bernarda, madrinha de Bernadete, levou para casa a afilhadinha e tratou-a carinhosamente durante sete ou oito meses.

“Em 1857, Maria Aravant pediu aos Soubirous a filhinha para servir de pajem das crianças. Entretanto, em Bartres, em vez de crianças, deu a Bernadete rebanhos para guardar.

“Sempre alegre e sorridente, ingênua e pura como um anjo, a nova pastorinha cantava feliz pelas montanhas, seguindo o rebanho. Como ela gostava dos cordeirinhos brancos!

“Para não perder o tempo, trazia consigo o têrço e o recitava quase o dia todo. O Pai-Nosso, a Ave-Maria e o Credo, era só o que havia aprendido em casa.

“À hora do Angelus ela se punha de joelhos e rezava com tanto fervor!

“Tecia coroas de flôres para a imagem da Virgem.

“Brincava com os cordeirinhos e os amava porque eram *brancos e pequenos*.

“O Padre Ader, vigário de Bartres, impressionou-se com a modéstia encantadora de Bernadete e o seu olhar tão angélico e doce.

“— Esta menina, disse êle, faz-me lembrar os videntes de La Sallete”.

“Palavras proféticas!

“Aos catorze anos, a pastorinha não sabia ler e escrever e nem havia feito a sua primeira comunhão.

“Maria Aravant, senhora piedosa, preocupava-se muito com a instrução religiosa dos seus domésticos.

“Começou a ensinar o catecismo a Bernadete.

“Que dificuldade! A menina era bem curta de inteligência e rústica demais. Tinha uma memória rebelde e apesar de mil e mil repetições das mesmas coisas, era como se nunca lhe tivessem ensinado coisa alguma.

“— Ô cabeça dura! Tôla, ignorante! Não aprendes mesmo nada!”

“E, impaciente, Maria Aravant atirava tôda irritada o livro à cabeça de Bernadete e se retirava a resmugar:

“— Menina estúpida, tôla, ignorante!”

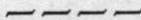
“A pobre menina pedia perdão à patroa e se sentia tão humilhada, coitadinha! Desejava tanto receber a santa comunhão como as outras meninas! Era mister voltar para a vila.

“A patroa mandou entregá-la aos pais.

“Nos primeiros dias de 1858, os Soubirous receberam de novo em casa a sua filhinha. Estava já crescadinha e mais bem disposta.

“O casebre da *Rua des Petits-Fosses*, que hoje é um relicário de Lourdes, foi o lugar sagrado em que viveu durante as aparições o anjo da Virgem.

“Bernadete recitava o têrço todo dia e os pais e irmãos a seguiam. Assistia a Santa Missa cada domingo. Naquele pobre e humilde casebre, onde a miséria batia sempre, havia um belo tesouro de fé. Nossa Senhora ia agora revelá-lo ao mundo, mostrando a sua predileção pelos humildes e pequeninos. Era chegado o tempo das aparições”.



A primeira aparição da Imaculada deu-se no dia 11 de fevereiro de 1858. Era uma quinta-feira antes do carnaval.

Bernadete assim se referiu sôbre o sucedido na gruta de Massabielle:

“Quando levantei a cabeça e olhei a gruta percebi uma senhora de branco. Fiquei assustada, e julgando ser ilusão minha, esfreguei bem os olhos, mas em vão. Via sempre a bela senhora, diante de mim.

“Então, levei a mão ao bôlso e segurei o meu têrço. Quis fazer o sinal da cruz, mas não pude chegar a mão à testa. Uma espécie de terror apodeitou-se de mim.

“A Senhora tomou o têrço que trazia consigo entre as mãos, e fêz o sinal da cruz. Procurei benzer-me outra vez e o fiz agora sem dificuldade. Logo que fiz o sinal da cruz, todo o meu susto desapareceu. De joelhos, recitei o têrço em presença da Senhora. Depois ela me fêz sinal para que me aproximasse. Não tive coragem e hesitei. Ela, então, desapareceu.”

A segunda aparição ocorreu a 14 de fevereiro. E Bernadete, levando água benta, caso fôsse bruxaria, aspergiu a linda Senhora, que lhe sorriu, agradada.

A 18 de fevereiro, uma quinta-feira, deu-se a terceira aparição. Levavam papel e tinta, para receber as ordens de Nossa Senhora. E Maria, sorrindo, disse a jovem pastorinha:

“— O que tenho a dizer não preciso escrever. Queira ter a bondade de vir aqui durante quinze dias”.

Bernadete prometeu-lhe que assim o faria. E a Virgem, sempre a sorrir, tornou a falar:

“— Pois eu também te prometo fazer muito feliz, não neste mundo, mas no outro”.

A quarta aparição foi no dia 19 de fevereiro, e a quinta, a 20 do mesmo mês, um sábado.

Diz Bernadete desta quinta visão:

“— Antes uma luz brilhante iluminou a rocha. Depois a Senhora apareceu de pé sobre a roseira. Ela me saudou, sorriu e se inclinou. Depois tomou da cruz do seu rosário e se benzeu com uma nobreza e piedade inefáveis!”

Na sexta, 21 de fevereiro, domingo, começaram as observações do Dr. Douzous, quando, durante o êxtase, dos olhos da menina caíam copiosíssimas lágrimas.

Dissera-lhe a Senhora:

“— Reza pelos pecadores”.

— — — —

O povo, então, naquela altura, jazia grandemente excitado. E os mais exaltados não ocultavam exclamações desapiedadas contra Francisco Soubirous, ao qual responsabilizavam pelo desassossêgo em que viviam, pela dúvida que os aguilhoava.

Na *Perseguição*, que antecede o *Interrogatório Policial*, diz Mons. Ascânio Brandão:

“Era domingo. O povo saía da missa paroquial e já pela cidade tôda ferviam os comentários em tôrno das aparições.

“— Isto é uma exploração dos Soubirous! Um meio de arranjar dinheiro! Estão na miséria!”

“Outros já lembravam que o pai de Bernadete há um ano estêve prêso por roubo. Realmente, o pobre homem, vítima de uma calúnia, fôra humilhado com oito dias de prisão. Depois, reconhecida a sua inocência, libertaram-no. Agora, aproveitavam-se do fato.

“À tarde, Bernadete fôra assistir às vésperas.

“Ao sair da matriz, o povo cercava-a curioso e a importunava com mil perguntas.

“A pobrezinha, acanhada, ia abrindo caminho e respondendo como podia.

“De repente, um soldado segura-a pelo braço:

“— Em nome da lei, está prêsa!”

“— Que quer o senhor?” pergunta a menina.

“— Tenho ordem para prendê-la, vamos!”

“— Para onde?”

“— À presença do comissário de polícia”.

“Agora Lasserre vai descrever-nos a cena admirável do interrogatório policial”.

— — — —

“A multidão, comovida e perturbada, acompanhara Bernadete, conduzida pelo agente policial. A repartição da polícia não era longe. O policial entrou com a menina e, deixando-a só no corredor, voltou para fechar a porta a chave e com ferrôlho,

“Um momento depois, achou-se Bernadete em presença do temível chefe de polícia, um tal Domingos.

“Fora da casa, estacionava imensa multidão.

“O homem, muitíssimo inteligente, que ia interrogar a Bernadete, contava, como certo, um fácil triunfo, e, de antemão, regozijava-se.

“Era um dos que se obstinavam em rejeitar as explicações dos homens mais instruídos do país. Não acreditava em catalepsias, em alucinações, nem nas ilusões de um êxtase mórbido. A coerência completa das narrações, que atribuíam à menina, as experiências feitas pelo Dr. Douzous, e por muitas outras testemunhas, das cenas da gruta, pareciam-lhe irreconciliáveis com tal hipótese.

“Quanto ao fato das aparições, diziam, êle não acreditava na possibilidade dessas visões dalém-túmulo e seu gênio policial, verdadeiramente apto para descobrir ladrões por detrás de um fato ilegal, não chegava até descobrir Deus através de um fato sobrenatural. Convicto de que poderia haver falsas aparições, resolvera descobrir, por artifício ou pela força, a origem do êrro, prestando, destarte, aos livres-pensadores oficiais, o relevantíssimo serviço de apanhar uma manifestação sobrenatural, uma crença popular, em flagrante delito de impostura.

“Nessas disposições de ânimo, o Senhor Domingos, desde os primeiros dias, fizera vigiar com cuidado os menores passos de Bernadete, a fim de ver se surpreendia alguma comunicação secreta entre ela e êste ou aquêle membro do clero, quer de Lourdes, quer dos arredores. O zêlo de suas funções levou-o até a encarregar alguém de, na igreja, não perder de vista o confessionário.

“Os meninos do catecismo, porém, confessavam-se tôdas as quinzenas ou meses, por ordem certa, e a vez de Bernadete ainda não havia chegado.

“Todos êsses conscienciosos esforços não haviam ainda descoberto a mínima cumplicidade nos planos artificiosos que êle atribuía a Bernadete.

“Daí concluiu que ela procedia provâvelmente por si, sem, todavia, renunciar inteiramente às suas desconfianças.

“Quando Bernadete entrou, fitou-a com seus olhos penetrantes, nos quais teve a habilidade de aparentar bondade e indiferença.

“Desta vez, não falou tão alto como costumava fazer com todos, mostrando-se, antes, excessivamente polido com a pobre menina do moleiro Soubirous. Foi até meigo e insinuante.

“Fê-la sentar-se e, para interrogá-la, tomou o ar benévolo de um verdadeiro amigo.

“— Consta que tu vês uma bela senhora, na gruta de Massabielle, minha boa menina! Conta-me tudo isso”.

“Acabando de dizer estas palavras, a porta da sala abriu-se de manso e alguém entrou.

“Era o Senhor Estrade, recebedor das contribuições indiretas, um dos homens consideráveis e um dos mais inteligentes de Lourdes. Êste funcionário ocupava parte da mesma casa, e, avisado pelo rumor da multidão da chegada de Bernadete, teve a curiosidade bem natural de assistir ao interrogatório.

“Comparticipava, no tocante às aparições, das opiniões do comissário, e, como êle, supunha ser um embuste da menina. Encolhia os ombros quando davam qualquer outra explicação. Julgava estas

coisas tão absurdas, que nem se dignou ir à gruta observar por si as cenas singulares que lhe contavam.

“Este filósofo assentou-se um pouco distante, fazendo sinal ao comissário que não interrompesse o interrogatório.

“Tudo isto ocorreu sem que Bernadete parecesse prestar atenção. A cena e o diálogo entre os dois interlocutores tiveram assim uma testemunha.

“À pergunta que lhe foi feita, a menina levantou para o agente de polícia seu belo olhar inocente e começou a contar na sua linguagem, isto é, no dialeto do país, os acontecimentos extraordinários, que preenchem sua vida, há alguns dias.

“O Senhor Domingos escutava-a com vivíssima atenção, aparentando indiferença e bonomia. De vez em quando tomava alguns apontamentos num papel que tinha sôbre a mesa.

“A menina reparou nisso, mas sem se preocupar absolutamente.

“Quando concluiu sua narração, o funcionário de polícia, cada vez mais delicado e agradável, fêz-lhe inúmeras perguntas, como se sua piedade entusiástica se interessasse por tão divinas maravilhas.

“Formulava suas perguntas sem nexos, com frases breves e precipitadas, a fim de não dar tempo à menina para refletir.

“A tão diversas questões, Bernadete respondia sem a mínima perturbação, sem uma sombra de hesitação, com a tranqüila segurança de uma pessoa interrogada acêrca do aspecto de uma paisagem ou de um quadro que tem à vista. Por vêzes, para ser compreendida melhor, juntava algum gesto imitativo, alguma mímica expressiva, como para suprir a insuficiência de suas palavras.

“A pena rápida do Senhor Domingos fôra escrevendo pouco a pouco as respostas que ia recebendo.

“Foi então que, depois de ter-se esforçado por fatigar e atralhar a menina, com a infinidade minuciosa de pormenores, foi então que o terrível agente de polícia, sem transição, assumiu uma fisionomia ameaçadora e terrível, mudando bruscamente de linguagem:

“— Mentos! exclamou com violência, parecendo estar possuído de uma súbita cólera. Procuras enganar a todos, e se não confessas já a verdade, far-te-ei prender pelos policiais!”

“A pobre Bernadete ficou tão estupefata à vista desta repentina e formidável metamorfose, como ficaria, se julgando ter em suas mãos um galho de árvore inofensivo, sentisse, de repente, enroscar-se, agitar-se e aparecer entre seus dedos regelada serpente.

“Ficou transida de susto, mas, contra o cálculo hábil de seu interlocutor, não se perturbou. Conserveu-se tranqüila, como se mão invisível houvesse sustentado sua alma diante dêste embate imprevisto.

“O comissário havia-se pôsto de pé, a olhar para a porta, dando a entender que bastava um sinal para chamar os policiais e mandar meter na prisão a visionária.

“— Senhor, — respondeu Bernadete, cheia de firmeza serena e pacífica, que nesta miserável camponesa tomava proporções de uma incomparável grandeza — senhor, podeis mandar prender-me. Eu, porém, não posso nada mais acrescentar do que hei dito: esta é a verdade.

“— É o que vamos ver, — replicou o comissário, tornando a sentar-se e com o seu olhar prático, reco-

nhecendo que a ameaça nada tinha inferido no espírito dessa menina extraordinária.

“O Senhor Estrade, testemunha muda e imparcial desta cena, vacilava entre a admiração prodigiosa que lhe inspirava o tom convicto de Bernadete, e o espanto que lhe causara a hábil estratégia do Senhor Domingos, cujo alcance compreendera, à medida que se ia desenvolvendo diante dêle.

“A luta assumira um caráter inteiramente inesperado entre a força refinada de perspicácia e essa franqueza infantil, sem outra defesa a não ser sua simplicidade.

“O agente de polícia, munido dos apontamentos que tomara em três quartos de hora, começou de novo seu interrogatório, mas destacadamente, sob mil formas caprichosas, e, conforme o seu costume, fazendo inesperadas e rápidas perguntas, e exigindo respostas imediatas.

“Não duvidava que a menina, num ou noutro ponto, ao menos insignificantes, caísse em contradição.

“Feito o que, a impostura ficaria demonstrada, e êle, senhor da situação.

“Porém, em vão esgotou tôda a habilidade de seu espírito nas múltiplas evoluções dessa manobra sutil. A menina, em coisa alguma, se contradisse, nem sequer num ponto imperceptível, no mínimo jota, de que fala o evangelho.

“Às mesmas perguntas, quaisquer que fôsem os têrmos, respondia sempre, se não com as mesmas palavras, ao menos com as mesmas idéias e o mesmo tom. Insistia Domingos, quando mais não fôsse, senão para fatigar cada vez mais essa inteligência que queria pôr em contradição.

“Virava e revirava em todos os sentidos a história das aparições, sem poder em coisa alguma alterá-la. Parecia um animal querendo morder um diamante.

“— Pois bem, disse a Bernadete, — eu vou redigir a ata e a lerei depois”.

“Escreveu depressa duas ou três fôlhas, consultando suas notas. Introduzira, de propósito, algumas alterações em pontos de pouca importância, por exemplo: o feitio do vestido, o comprimento ou a posição do véu da Virgem.

“Era um novo ardil. Foi baldado como os mais.

“No correr da leitura, perguntava:

“— Não é isto? Não foi assim?”

“Bernadete respondia humildemente, mas com firmeza tão singela e meiga, quanto inabalável:

“— Não disse isto, mas aquilo. . .”

“E restabelecia, em sua verdade primitiva e sentido próprio, o incidente inexato.

“Muitas vêzes o interlocutor contestava:

“— Mas foi isso mesmo que disseste; escrevi logo. . . Disseste isto dêste modo a muitas pessoas da cidade, etc., etc.”

Bernadete respondia:

“— Não, nunca falei assim, e nem podia fazê-lo, porque não é a verdade”.

“O comissário tinha de ceder às reclamações da menina.

“Fato estranho era a firmeza modesta e invencível dessa menina. O Senhor Estrade observava-a com uma surpresa cada vez mais crescente. A índole de Bernadete era, e mostrava-se, de uma timidez extrema. Seu porte era humilde, até um tanto cons-

trangido quando se achava em presença de pessoas desconhecidas.

“Entretanto, em tudo o que dizia respeito à realidade das aparições, mostrava inteira firmeza de alma e energia de afirmação pouco comum.

“Quando se tratava de dar testemunho do que vira, respondia sem se perturbar e com impassível segurança. Contudo, mesmo então era fácil pressentir-se nela êsse pudor virginal, que teria preferido ocultar-se a todos os olhares. Via-se claramente que só em atenção à verdade inteira, de que era mensageira entre os homens, por amor à “Senhora” aparecida na gruta, é que ela vencia sua timidez habitual.

“Era, pois, necessário o sentimento do dever e da sua missão, para fazer com que vencesse a tendência íntima de sua natureza timorata, em tudo o mais, e hostil à ostentação e nomeada.

“O comissário tornou a ameaçá-la:

“— Se continuares tuas visitas à gruta, mandar-te-ei prender. E não sairás da prisão senão sob a promessa de não voltares ali”.

“— Prometi à visão que iria, disse a menina, e depois, quando chega o momento, eu sou impelida por uma força íntima, que se apodera de mim e que me arrasta”.

“Como se vê, o interrogatório estava prestes a findar. Fôra longo, durando talvez uma hora.

“Fora, a multidão esperava com visível impaciência a saída da menina, que nessa manhã ainda havia sido vista transfigurada na luz do êxtase divino.

“Da sala onde se passava a cena que acabamos de narrar, ouviam-se confusamente as palavras, os gritos, as interpelações, os mil ruídos diversos, que constituem o tumulto das multidões.

“O rumor crescia, tornando-se ameaçador.

“Num momento dado, houve no meio dessa gente uma comoção particular, como se houvesse chegado alguém ansiosamente esperado.

“De chôfre, pancadas repetidas soaram à porta da repartição.

“O comissário aparentou indiferença.

“As pancadas tornaram-se mais fortes. Quem batia, ao mesmo tempo sacudia a porta, procurando abalá-la. Contrariado, o agente levantou-se, e foi êle proprio abri-la.

“— Não se entra! — disse colêricamente. — O que quereis?”

“— Quero minha filha!” respondeu o moleiro Soubirous, penetrando à fôrça e seguindo o comissário até a sala em que se achava Bernadete.

“À vista da fisionomia pacífica da filha, acalmou-se a ansiosa agitação do pai, que se tornou um pobre homem, um tanto trêmulo, na presença do personagem, que, apesar de sua modesta posição, era, por sua atividade e inteligência, o mais importante e temido do lugarejo.

“Francisco Soubirous tirara seu barrete bearnês e o torcia nas mãos. O comissário, a quem nada escapava, percebeu o mêdo do moleiro.

“Reassumindo seu ar de bondade e compaixão, tocou-lhe familiarmente o ombro.

“— Pai Soubirous! — disse-lhe. — Acautelai-vos, acautelai-vos, acautelai-vos! Vossa filha está arriscada a se envolver em mau negócio: toma o caminho da cadeia. Eu não a mandarei prender por esta vez, mas sob a condição de que lhe haveis de proibir que volte à gruta e onde está representando uma comédia. À primeira reincidência serei inflexível, e

bem sabeis que o senhor procurador imperial não facilita”.

“— Já que assim determinais, Senhor Domingos, — respondeu o pobre pai aterrado — eu a proibirei, e sua mãe também; e como ela nos obedece sempre, por certo não irá mais.

“— Em todo o caso, se ela fôr, se êsse escândalo continuar, não só ela, como vós, haveis de ver comigo, — disse o terrível comissário, tornando-se ameaçador, e despedindo-se com um gesto.

“Logo que Bernadete e seu pai saíram, a multidão prorrompeu em gestos de satisfação, e só se dispersou pela cidade, depois que a menina chegou a casa.

“O comissário e o Senhor Estrade persistiram sempre em sua incredulidade relativamente ao fato da aparição. Porém, um desacôrdo já separava suas duas negações, e êste desacôrdo era um abismo. Supunha um que Bernadete era habilíssima em seu embuste, o outro a considerava de boa-fé em sua ilusão.

“— É astuta, — dizia o primeiro.

“— É sincera, — dizia o segundo.

— — —

Mesmo proibida, Bernadete foi à gruta de Mas-sabielle, impelida por aquela estranha fôrça.

No dia 23 de fevereiro, deu-se a sétima aparição. E Nossa Senhora, aqui, revelou-lhe três segredos.

Quais eram êsses três segredos? Algo de muito importante, porém, sucedeu naquele dia: o Senhor

Estrade, assim como acontecera com o Dr. Douzous, converteu-se.

Era quarta-feira, 24 de fevereiro. Maria ia fazer sua oitava aparição.

— Penitência! Penitência! Penitência! disse ela.

Neste dia, com certeza, a Senhora de azul e branco dera a conhecer à menina confidente todo o horror do pecado e tôda a maldade do mundo.

No dia seguinte, após o aparecimento miraculoso, brotou água na rocha viva sob os pés de Maria.

— Vai beber na fonte, disse ela a Bernadete, e lava-te.

-----

Diz Mons. Ascânio:

“Sob pretexto de que as águas da fonte de Massabielle tinham propriedades terapêuticas e para desmoralizar as curas maravilhosas que a Santíssima Virgem fizera por elas, o prefeito mandou analisá-las.

“M. Filhol, célebre químico, membro da Faculdade de Ciências de Tolosa, que já havia estudado as águas dos Pireneus, fôra o encarregado pelo Conselho Municipal de Lourdes desta célebre análise. Depois de minucioso estudo, a conclusão foi a seguinte: *“A água de Lourdes tem uma composição que pode ser considerada como a da água potável, análoga à maioria das águas das montanhas de solo rico em calcáreos. Esta água não contém nenhuma substância ativa capaz de lhe dar propriedades tera-*

pêuticas notáveis. Pode ser bebida sem inconvenientes.

Tolosa, 7 de agosto de 1858.

(a.) *Filhol*".

"Foi uma decepção para os adversários. E as águas da gruta restituíam a vista aos cegos, curavam doenças graves, faziam prodígios!

"O prefeito e os racionalistas de Lourdes e da França estavam desorientados e desapontados!"

. — — — —

No dia 26 de fevereiro, uma sexta-feira, Nossa Senhora surgiu na concavidade da rocha pela décima vez. A fonte, antes correndo tímida, mas sem cessar, agora engrossava e deslizava as águas com grande abundância.

Depois de ter bebido, Bernadete lavou-se. Caiu, depois, em êxtase.

Disse-lhe Maria, aparecendo:

— Beija a terra pelos pobres pecadores.

No dia seguinte, 27, pediu-lhe:

— Vai dizer aos sacerdotes que façam erguer aqui uma capela.

A 2 de março, na sua décima-quarta aparição, avisou a menina:

— Eu quero que venham aqui em procissão.

No dia 25 do mesmo mês, Bernadete perguntou-lhe, por três vezes, quem era ela, aquela doce visão. Maria juntou as mãos, levantou-as à altura do peito, olhou para o céu. Depois, separando vaga-

rosamente as mãos, inclinou-se para a videntezinha, e esclareceu, infinitamente doce:

“— Eu sou a Imaculada Conceição!”

Disse e desapareceu.

Revelado o grande segredo, com as multidões a exultar, Bernadete ainda veria a Senhora Mãe de Jesus por mais duas vezes: a 7 de abril e a 16 de julho, festa de Nossa Senhora do Carmo.

A beleza do último sorriso da Virgem Imaculada ficaria gravado profundamente no íntimo de Bernadete.

— — — —

Depois das aparições de Lourdes, a pequena Soubirous passou por provas e provas, por humilhações sobre humilhações.

“Arbitrariamente, diz-nos Mons. Ascânio Brandão, o prefeito mandou cercar todos os caminhos da gruta e proibiu a entrada ali ao povo, sob ameaças e multas pesadas. Dezenas de soldados armados montaram guarda na estrada.

“O povo revoltou-se, indignado. Alguns devotos mais corajosos romperam as barreiras. Outros atravessaram o Gave a nado para rezar na gruta.

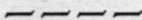
“Já não era suficiente a força armada para conter a multidão. O prefeito e as autoridades estavam em sérios apuros, mas se obstinavam em conservar as barreiras e exigir grandes multas.

“Um dia, Louis Veuillot, redator-chefe de *L'Univers*, rompeu as barreiras e desafiou a polícia.

“Depois, era o Almirante Bruat, da Casa Imperial. Senhoras da nobreza pagavam as multas e atravessavam a linha marcada pela Prefeitura. O Imperador Napoleão III veio a Biarritz fazer uma

estação de águas e ouviu sérias queixas das arbitrariedades do prefeito de Lourdes.

“Imediatamente, cheio de indignação, o imperador telegrafou em tѐrmos enérgicos ao prefeito, mandando suspender as barreiras e dando plena liberdade aos devotos. Bem humilhadas e com mil desculpas, as autoridades de Lourdes retiraram as cѐrcas e avisos de proibição e nunca mais tentaram pôr obstáculos à devoção popular”.



Bernadete, taxada de louca, foi submetida, um dia, a exame médico. E o laudo, lançado pela junta, composta de três facultativos, rezava:

“Nada demonstra que Bernadete tenha querido se impor ao público. Esta menina é duma natureza impressionável e poderia talvez ser vítima de uma alucinação. A doença que julgamos poder atribuir a Bernadete não pode fazê-la correr perigo de saúde”.

O prefeito, a todo o transe, queria enviá-la a uma casa de saúde, em Tarbes, para que se submetesse a tratamento, como se fôra doente mental.

O padre Peyremale, vigário de Lourdes, chocado, mandou dizer às autoridades: “Os médicos decidiram que Bernadete não é louca. Conheço muito bem meu dever de pastor, e me cabe a defesa do meu rebanho. Digam ao Senhor Prefeito que mande os seus soldados, e que venham. Eles passarão sôbre o meu corpo, se quiserem tocar num só fio de cabelo de Bernadete”.

No dia 17 de dezembro de 1858, a confidente de Nossa Senhora compareceu, pela primeira vez,

diante dum tribunal eclesiástico. A tudo narrou com justeza e imensa simplicidade.

Na gruta, dissertou sôbre tudo aquilo que lhe sucedera. E os membros do tribunal, de olhos rasos d'água, não continham a comoção.

Depois de quatro anos de estudos, a Igreja se manifestou. Era a 18 de janeiro de 1862. Laurence, bispo de Tarbes, baixou um decreto, que dizia: "Julgamcs que a Imaculada Maria Mãe de Deus realmente apareceu a Bernadete Soubirous aos 11 de fevereiro de 1858 e nos dias seguintes, em número de dezoito vêzes, na gruta de Lourdes. Esta aparição se reveste de todos os caracteres da verdade e os fiéis podem nela crer com certeza".

O mundo católico exultou!



Um dia, Fabish, o célebre escultor de Lião, foi incumbido de reproduzir a Senhora vista por Bernadete. Pediu-lhe, então, que lhe reproduzisse o gesto de Maria. Bernadete contentou-o.

Mais tarde, Fabish escreveria: "Oh, jamais vi gesto mais belo! Quando lhe perguntei como era a Santíssima Virgem, ao dizer — *Eu sou a Imaculada Conceição!* — Bernadete levantou-se com tôda a simplicidade, juntou as mãos e olhou para o céu. Oh! Nem Fra Angélico, nem Perugino, nem Rafael fizeram coisa mais bela, mais suave e ao mesmo tempo mais profunda que o olhar daquela menina, tão simples e tão ingênuo. Nunca me esquecerei, enquanto viver, daquela expressão de radiante beleza. Já vi na Itália obras-primas dos grandes mestres, que procuraram traduzir os grandes arroubos do êxtase, mas

em nenhuma delas encontrei tanta suavidade e encanto. Cada vez que eu pedia a Bernadete a reprodução daquele gesto, a expressão do seu rosto mudava, iluminava-se, e a menina se transfigurava. Era de fazer chorar de tanta emoção”.

Fabish trabalhou o mármore com afinco, lançando mão de toda a sua alma de artista. E concluiu o trabalho, todo êle suavidade e expressão.

Quando Bernadete o viu, ficou decepcionada. Delicadamente, porém, exclamou:

— Oh, é muito bonita, mas não é ela! A diferença é como da terra para o céu!

— — —

No dia 4 de julho de 1866, Bernadete, despedindo-se dos seus e da gruta maravilhosa, partiu para Nevers. E, no dia 7 daquele mesmo mês, chegava à Casa-Mãe das Irmãs de Caridade e Instrução de Nevers, fundada em fins do século XVII, com dupla finalidade: cuidar dos pobres e instruir crianças, antes estabelecidas em Saint-Saulge, Nivernais. Ali, como a vidente mesma o dissera, fôra para se esconder.

A 29 de julho, festa de Santa Marta, a jovem Soubirous privilegiada vestia o hábito das religiosas, e passava a professar sob o nome de Irmã Maria Bernarda.

A asma agravava-se dia a dia. A tosse torturava-a horripelmente e os vômitos de sangue deixavam-na derreada. A doce confidente da Senhora, porém, não se queixava. Paciente e resignada, achava que era preciso sofrer, sofrer muito. E, um dia, quando todos pensavam que se fôsse para sempre, chegando mesmo a lhe ser conferida a extrema-

unção, Bernadete deu de melhorar a olhos vistos. Num instante, achou-se com boa saúde. E era a festiva pastorinha dos tempos da infância alegre que dizia, quando lhe perguntavam se estava passando bem:

— Vou melhor! Deus não me quis! Cheguei à porta do céu e Êle me disse: Vai-te! É cedo ainda!

Doutra feita, quando a eterna asma retornou, e com mais violência, vendo a aflição das companheiras, Bernadete sorriu, um tanto frouxamente, é verdade, e disse:

— Ah! Não vos assusteis! Eu sou dura para a enfermidade! Tenho fôlego de gato e custarei muito para morrer!”

A suave Irmã Maria Bernarda vivia alegre. Recebia os padecimentos da doença atroz com o espírito em festa, a gracejar.

Grande, imensa era a humildade de Bernadete. Quando alguém a procurou, certa vez, para que dissesse algumas palavras de edificação às noviças, a jovem encolheu-se tôda. Afinal, sorrindo encantadora, graciosamente, respondeu:

— Ai! Nada sei. O que se pode arrancar duma pedra, minha irmã?

Era a Irmã Maria Bernarda, no entanto, bem espirituosa.

Um dia, falava-se da obediência à regra, quando uma das religiosas referiu o caso duma monja que recebera a visita do Jesus Menino. Aquela irmã era duma obediência a tôda a prova, tanto que, entretenendo-se maravilhadamente com o Menino, deixou-o, a correr, assim que ouviu o sino a chamar para as práticas de devoção.

Bernadete, que era a regra viva, imediatamente, retrucou:

— Eu não faria isso!

A surpreza foi enorme. E ela, sorrindo com muita graça, acrescentou, desanuviando as mentes:

— Não havia de me separar do Menino Jesus, porque o levaria comigo! Tão pequenino, não havia de ser nada pesado!

Às vêzes, porém, deixava entrever uma pontinha de gênio.

Certa ocasião, amolavam-na para que dissesse como era o vestido com o qual Nossa Senhora lhe aparecia. Uma das religiosas dizia que era desta fazenda, outra daquela.

Bernadete respondeu-lhes:

— Eu não disse que o vestido era disto ou daquilo. Era dum pano que nunca vi. Ademais, se quereis saber tanta coisa, fazei Nossa Senhora voltar outra vez e vêde bem. . .

Todavia, Bernadete desprezava-se a si mesma com grande espírito de humildade. Perguntou-lhe a superiora se não se sentia orgulhosa por ter sido escolhida por Maria para lhe ser a confidente. Respondeu:

— Que idéia a senhora faz de mim? A Santíssima Virgem escolheu-me, porque eu era a mais ignorante. Se ela achasse uma outra mais ignorante do que eu, tê-la-ia escolhido, certamente.

— — —

No dia 8 de dezembro de 1866, festa da Imaculada Conceição, Deus levou-lhe a mãe, a boa Luísa

Castérot. E Bernadete, depois de muito chorar, pronunciou o seu *fiat*. Disse, ainda a soluçar:

— Meu Deus! Vós assim o quisestes! Aceito o cálice que me apresentastes! Seja bendito o vosso santo nome!”

A 4 de março de 1871, aniversário da décima-quinta aparição da Imaculada, foi-se-lhe o pai. Bernadete, que jamais deixara de rezar pelos agonizantes, disse às irmãs em lágrimas: — Eu rezava pelos agonizantes e mal sabia que estava rezando por meu pai que naquela hora entrava na eternidade.

Francisco Soubirous teve boa morte. Findou os dias como um justo, a beijar o escapulário de Nossa Senhora do Carmo, a rezar até o último alento.

No mês de abril de 1879, Bernadete foi juntar-se aos dois, foi rever a Virgem adorada.

Ouçamos, uma vez mais, a Mons. Ascânio Brandão.

— — — —

“Uma superiora visitou-a no leito de dôres:

“— Que faz você, minha preguiçosa?” disse sorrindo, amável.

“— Minha Madre, eu estou no meu ofício”.

“— E que ofício é o seu, minha filha?”

“— Meu ofício é sofrer e estar doente”.

“Mandaram-lhe um crucifixo para a cabeceira da cama.

“— Sou mais feliz, — disse Bernadete, — com o meu Cristo no leito de dôres do que uma rainha no seu trono”.

“Às crises de asma, dolorosas e terríveis, juntaram-se os vômitos de sangue, a opressão do peito e dôres intoleráveis causadas por um abscesso que se

formou no joelho direito. Era em pleno inverno de 1877. Mais um tumor e uma anquilose. Os sofrimentos eram horríveis, e a vítima tinha já a face cadavérica. Não dormia um só instante. Às vezes, a natureza deixava escapar um grito de dor, mas Irmã Maria Bernarda se humilhava e sorria heróicamente, repetindo:

“— Perdão, meu Jesus! Meu Deus, eu vos ofereço o meu sofrimento! Meu Deus, eu vos amo!”

“O capelão do mosteiro disse-lhe que pensasse no céu e que iria contemplar a beleza da Imaculada.

“— Oh! respondeu ela, como êste pensamento me faz bem!”

“Às vezes, murmurava com uma nostalgia do céu:

“— Ó céu! Dizem que muitas almas não foram direitinho para o céu, porque não o desejaram bastante aqui no mundo. Isto não acontece comigo! Ah! Vamos para o céu, trabalhem, sofram pelo céu, o resto nada vale!”

“A moléstia agravava-se cada vez mais. Ela sempre resignada. Disse, então:

“— Abandono sem limites e fidelidade, até a morte, até a morte, meu Jesus! Ó cruz, vós sois o altar no qual eu quero me sacrificar com Jesus agonizante. O coração de Jesus é o meu tesouro. No coração de Jesus viverei e morrerei em paz no meio dos sofrimentos”.

“Despojou-se de tudo que possuía, isto é, algumas imagens e santinhos. Só conservou um crucifixo.

“— Só tenho necessidade dêle. Só êle me basta”.

“Depois da festa de São José, disse ela:

“ — Eu pedi a São José uma só graça — a graça de uma boa morte”.

No dia 28 de março, a superiora perguntou-lhe se desejava receber a extrema-unção. Aceitou-a com alegria! Às duas horas da tarde, o capelão administra-lhe o sacramento dos enfermos. Recebeu-o com edificante fervor em presença de uma boa parte da comunidade.

“ — Minhas irmãs, eu vos peço perdão de todos os aborrecimentos e trabalhos que vos dei e de minhas infidelidades na vida religiosa e do mau exemplo que dei às minhas companheiras, sobretudo pelo meu orgulho”.

“O olhar de Bernadete, em tôda a doença, conservou-se belo, vivo, impressionante. Era aquêlê olhar da visão de Massabielle.

“O demônio tentava-a, Nosso Senhor o permitia, a fim de purificar ainda mais aquela almazinha privilegiada. Ela ficava num estado de agonia dolorosa e horrível, com a face em expressão de espanto, e repetia:

“ — Vai-te, Satanás! Vai-te, Satanás!”

“O capelão disse-lhe:

“ — Ofereça a Jesus o sacrificio da vida, minha filha”.

“ — Que sacrificio, meu padre? Não é sacrificio deixar esta pobre terra, onde se encontra tanta dificuldade para servir a Deus!”

“Disseram-lhe:

“ — Sofre muito, minha irmã?”

“ — Sim, mas tudo é bom para o céu”, respondeu com doce resignação.

“ — Eu vou pedir à boa Mãe do céu que lhe dê alguma consolação, minha Irmã Maria Bernarda”.

“ — Não, não, — repetiu ela, — não peça consolações. Peça a Nossa Senhora força e paciência para mim. Só isto. . . ”

“Na quarta-feira de Páscoa, 16 de abril, a uma hora da tarde, o capelão foi chamado às pressas para a Irmã Maria Bernarda. Ela estava na poltrona, sentada, sem poder respirar, num martírio cruel.

Confessou-se pela última vez. Depois, julgando que, para ganhar a indulgência plenária que Pio IX lhe mandara para a hora da morte, era preciso ter a bênção nas mãos, pediu o rescrito do Santo Padre. Disseram-lhe que bastava a intenção e invocar o nome de Jesus! Ela o invocou logo:

“ — Jesus! Jesus! Jesus!”

“ — Minha filhinha, — disse-lhe a Madre superiora, — agora está na cruz, não é?”

“Bernadete abriu os braços em forma de cruz e murmurou:

“ — Meu Jesus! Meu Jesus! Oh! como vos amo!”

“Para não perder o crucifixo, pediu que lho pregassem ao peito. Recitaram as orações dos agonizantes. Repetia tôdas as jaculatórias que lhe diziam ao ouvido.

“Uma hora antes da morte, ficou tranqüila, fitou um ponto do alto.

“Depois exclamou, feliz:

“ — Oh! Oh! Oh!”

“E alguns segundos depois:

“ — Meu Deus, eu vos amo de todo o meu coração, de tôda a minha alma, com tôdas as minhas forças”.

“Tomou o crucifixo, beijou-o, pediu perdão a comunidade e disse:

“— Eu tenho sêde!”

“Deram-lhe água. Apenas molhou os lábios.

“Fêz o sinal da cruz, aquêlê admirável sinal da cruz que só ela sabia fazer.

“Murmurou alguns instantes depois:

“— Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por mim, pobre pecadora... pobre pecadora...”

“E expirou suavemente.

“Eram três horas e um quarto da tarde de quinta-feira de Páscoa, 16 de abril de 1879”.

— — —

A notícia da morte de Santa Bernadete Scubirous espalhou-se com incomum celeridade. E todos, em Nevers, queriam tocar-lhe o corpo, conseguir-lhe coisas.

A 19 de abril, sábado, tiveram lugar os funerais, presididos por Lelong, bispo de Nevers. Enterrado na capela dedicada a São José, ali ficou o corpo até o dia 22 de setembro do ano de 1909, quando foi exumado.

Retirado o caixão, abriram-no e depararam com o corpo perfeitamente conservado. Trinta anos se haviam passado e jazia incorrupto.

No dia 14 de julho de 1925, na Basílica de São Pedro, foi lido o decreto da beatificação.

Bem-aventurada Bernadete Soubirous! “Eu te prometo a felicidade, não neste mundo, mas no outro”. Realizara-se a promessa da Mãe de Deus.

A canonização teve lugar a 8 de dezembro de 1933. Pio XI, muito solenemente, lançava a última palavra:

“— Declaramos e definimos que a bem-aventurada Bernadete Soubirous é santa. Nós a inscreveremos no catálogo dos santos, determinando que a sua memória deverá ser piedosamente celebrada com o título de virgem, cada ano, no dia do seu nascimento para o céu, 16 de abril”.

\* \* \*

## OS DEZOITO MÁRTIRES DE SARAGOÇA (\*)

Em Saragoça, comemora-se, hoje, os dezoito mártires seguintes, mortos em 304: Lupércio, Sucesso, Marçal, Urbano, Júlio, Quintiliano, Públio, Frontão, Felix, Ceciliano, Evêncio, Primitivo, Apodêmio, Optato, e outros quatro chamados Saturnino.

Êstes santos mártires foram cruelmente torturados, simultâneamente, e mortos por Daciano, governador da Espanha. O poeta Prudêncio descreveu-lhes a gloriosa morte. Eis o que disse:

“Nosso povo conserva num mesmo sepulcro as cinzas de dezoito mártires, tesouro com que a cidade de Saragoça foi favorecida. O templo, onde ela conserva tal tesouro, nada terá a temer do dia em que êste mundo frágil se fôr, porque guarda em seu seio uma rica oferenda a fazer a Jesus Cristo. Quando êste grande Deus, usando da fôrça de seu braço, vier, assentado sôbre uma nuvem de fogo, pesar as nações na sua justa balança, cada cidade, erguendo a cabeça, apressar-se-á para lhe ir ao encontro, a fim de lhe fazer homenagem dos tesouros que possui. . .

“Mas tu, ó Saragoça, cidade devotada ao Cristo, asilo da paz simbolizada no bosque verdejante de oliveiras que sombreia teus limites, tu, tu ostentarás os sagrados despojos de dezoito heróis. Para cami-

nhar ao encontro do Senhor, eis que és tu quem se abalará com o maior cortejo de mártires. És tu, a primeira em piedade, serás a primeira a ser honrada mais largamente.

“Assim, pois, ó cidade ilustre por teus dezoito heróis, tu podes continuar a celebrar êste glorioso senado que é teu: Optato e Lupércio são tua riqueza; celebra com êles Sucesso e Marçal; canta o glorioso desaparecimento de Urbano e de Júlio, sem te esqueceres de Quintiliano. Que teus côros se lembrem de Públio, que repetia a vitória de Frontão, a coroa que o doce e virtuoso Felix leva, e a que ganhou o ardente Ceciliano: que repitam, ó Evêncio, ó Primitivo, o sangue generoso derramado no combate; que teus triunfos, Apodêmio, sejam o motivo dum canto que nunca, jamais pereça. Restam ainda quatro heróis, quatro Saturninos: ó grandes, magnânimos combatentes!

“Um anjo, então, em presença de Deus, do Pai e do Filho, celebrará dezoito santos mártires, que, pelo direito de sepultura, tem sob seu poder uma só e mesma cidade”.

\* \* \*

## SANTA ENGRÁCIA (\*)

### *Virgem e Mártir*

Diz ainda Prudêncio, sôbre esta santa mártir:  
"E tu, virgem Engrácia, não estás ainda entre nós? Todos os nossos mártires perderam a vida, mas tu, sobrevivendo, estás ainda sôbre esta terra, nossa pátria ainda te possui. Teu corpo, pelas cicatrizes, atesta a série de suplícios que suportaste, mostra a profundidade dos sulcos que as unhas de ferro te abriram. Teus flancos foram o teatro da crueldade do algoz, foram inundados de sangue, despedaçados por tanta barbárie; teu peito perdeu um dos seios, abatido pelo ferro que chegou até perto do coração. Os outros mártires foram até a morte, mas são possuidores de menos méritos, porque a morte põe um têrmo à dor das torturas, leva o repouso aos membros despedaçados, o doce sono aos mais vivos sofrimentos. Por quanto tempo tuas feridas ficaram abertas? Por quanto tempo a febre ardente circulou em tuas veias, enquanto tuas gloriosas chagas vertiam corrosivo humor? Se a espada do perseguidor te recusou a suprema glória da morte, teus sofrimentos fizeram com que merecesses a coroa devida aos que sucumbiram. Não vimos nós os farrapos de carne que as

unhas de ferro desprenderam de teu corpo? Tua vida ainda se sustém, mas a morte já não conquistou uma porção de ti mesma? Eis, pois, um como novo troféu, com o qual o Cristo presenteou a Saragoça, a nossa Saragoça. Por ti, quis Êle fazer de nossa cidade a moradia dum contínuo martírio”.

\* \* \*

## SÃO BENTO JOSÉ LABRE (\*)

### *Confessor*

Bento José Labre nasceu no dia 25 de maio de 1748, na paróquia de São Sulpício de Amettes, na diocese de Boulogne-sur-Mer, o primeiro dos quinze filhos dum casal virtuoso, honesto e trabalhador, que vivia do produto arrancado dum pequeno trato de terra e duma merceariazinha.

Bento José foi educado pelo padrinho de batismo, Francisco José, seu tio pelo lado paterno, e eclesiástico. Desde menino, o nosso santo deixou entrever características incomuns nas crianças: quando na casa dos pais, socorria os infelizes, festejava alegremente os hóspedes, praticava austeridades, observando as leis da abstinência. No inverno, para maior mortificação, afastava-se do calor do fogo, e, procurando os pobres, dava-lhes mais da metade daquilo que lhe cabia às refeições.

À noite, ao se recolher, para jamais pactuar com a preguiça, com as delícias duma boa cama, deu de usar, como travesseiro, uma grossa prancha de madeira.

O êrmo atraia-o, o século desgostava-o, as orações deliciavam-no. Assim, quando chegou aos dezesseis anos, o pendor para a solidão, o despreendimento das coisas do mundo e o gôsto pela oração empurravam-no fortemente para o estado religioso.

Aproximou-se, um dia, do tio, e inteirou-o da intenção que lhe latejava incessantemente no coração.

Francisco José, que era o cura de Erin, olhou o sobrinho e afilhado demoradamente, considerou-o mais atentamente, e acabou por lhe dizer que o físico que então trazia não era assaz suficiente para se dar a tal vida.

Bento José, com ardor, insistiu. E o cura disse:

— Deus me livre se me opuser a êste desígnio, se é Êle quem o inspira, mas tu deves, antes de mais nada, consultar teus pais, tua idade, principalmente.

Recebendo resposta negativa dos pais, Bento José viveu com o tio até 1766, ano em que Deus levou o bom cura. O jovem, então, tornou à casa paterna.

O desejo de se fazer trapista, consumia-o. Não querendo desobedecer os pais, determinou, no entanto, junto dêles levar, tanto quanto possível, a vida que aquêles religiosos levavam. E quando a mãe o repreendia, respondia-lhe com doçura:

— Não te zangues, pois é o céu que me chama para a vida austera dos trapistas. É bom que me habitue, que me prepare para servir a Deus.

Pouco depois, confiá-lo-iam a um dos tios maternos, o abade Vicente, que era vigário de Conteville, um santo homem cheio de zêlo e de imensa generosidade para com os pobres, todo voltado para as práticas da mortificação.

O abade Vicente, prontamente, reconheceu a vocação do sobrinho. Tendo-lhe conseguido a autorização dos pais, Bento José exultou — mas foi por pouco: a regra exigia dos postulantes a idade de vinte e quatro anos e o jovem contava, então, sòmente vinte.

Depois de muito penar, uma grande alegria esperava-o no mosteiro de Sept-Fonts: ali seria admitido e se revestiria com o hábito dos noviços, sob o nome de Irmão Urbano.

Pouco depois, todavia, novas decepções surgiram. Adoecendo gravemente, foi obrigado a guardar o leito. Uma febre ardente perseguiu-o com afinco e necessitou doutros cuidados que não os da enfermaria do convento: passou, então, para um hospital de fora.

Quando, livre já de perigo, convalescia, o abade procurou-o, cientificando-o de que não mais poderia continuar no noviciado.

Bento José suspirou fundamente, exclamou, resignado:

— Seja feita a vontade de Deus!

E deixou o convento.

Deus queria o servidor para outra vida que não a da solidão dos mosteiros — desejava vê-lo a praticar no mundo mesmo as virtudes dos solitários, renunciando a tudo. E Bento José fêz-se peregrino.

Em Roma, principiou a viver de esmolas. Em Tarase, depois de muito vagar, fatigado, pediu hospitalidade aos capuchinhos, que, julgando-o um espião lionês, recusaram-se a aceitá-lo. Sòmente em Dardilly pôde descansar um pouco: acolhera-o Vianey, o pai do futuro cura d'Ars.

No ano de 1770, estava Bento José em Chieri, no Piemonte. Naquela época, vestia uma túnica e um escapulário de noviço de Sept-Fonts. Às costas, dependurava-se-lhe uma sacola em que trazia tòda a riqueza que possuía: a Imitação de Cristo, o Novo Testamento e o breviário que recitava todos os dias. Ao peito trazia um crucifixo, nas mãos um rosário.

Do Piemonte, partiu para Loreto, depois demandou Assis, onde orou sôbre a tumba do Poverelo.

A 3 de dezembro de 1770, o pobrezinho de Jesus Cristo estava outra vez em Roma. Francês, suplicou asilo no hospital de São Luís, e ali descansou por três dias. Em seguida, misturando-se à multidão dos pobres, Bento José visitou as basílicas. Comia do que lhe davam, dormia ao relento, no vão de qualquer pórtico. Na cidade eterna passou a semana santa, e, depois das festas da Páscoa, planejou visitar o túmulo de São Romualdo.

Bento Jesé estêve quinze dias em Fabriano. E o povo, olhando-o ternamente, procurando chegar-se dêle, chamando-o santo, espantou-o da cidade, porque lhe alarmaram a humildade.

A vida errante continuava. Visitando santuários, ilustres, rezava diante da tumba dos santos, e, sempre a pé, incansável, o servidor de Nosso Senhor estêve na Itália, Suíça, Alemanha, França, Espanha.

Neste último país, visitou Saragoça, Burgos, São Tiago da Galícia, São Tiago de Compostela.

Um dia, em Bari, passando diante da prisão, compadeceu-se das lamúrias dos prisioneiros. Parou, ajoelhou-se, colocou o chapéu no chão, e, sôbre êle, o crucifixo. E pôs-se, diante de Jesus crucificado, a cantar as litanias da santíssima Virgem.

Os passantes, emocionados, estacavam, consultavam os bolsos, e lhe davam esmolas. Bento José, com unção, recolhia-as e, imediatamente, passava-as aos presos.

O santo estêve doze vêzes em Loreto, e sempre fêz a caminhada a pé, estafantíssima, através da cadeia dos Apeninos. Assim que chegava, não cuidava de outra coisa senão correr à igreja, ao santuário de

Maria, sem comer nada, sem repousar um minuto sequer. E ali, devotamente a rezar, passava o dia, só saindo para esmolar um pedaço de pão quando iam fechar o templo.

Foi em Loreto que se viu interrogado pelo Padre Temple, que desejava estudá-lo, descobrir-lhe o gênero de vida extraordinário, sem parada, porque o suspeitava hipócrita. E confessando-o, de uma feita, viu que aquêlê homem que se dizia um grande pecador, nem um pecado venial havia cometido. Que fazia êle então, a cruzar de Norte a Sul, de Leste a Oeste a Europa? Dava ao velho continente uma lição de oração e de penitência.

Bento José Labre, um dia, chegou, mais uma vez, em Roma: dâli não mais sairia. A 16 de abril de 1783, com trinta e cinco anos de idade, calmamente, a Deus entregava a alma, sem agonia, sem esforço.

E as crianças, pela cidade, gritavam, espalhando a notícia:

— O santo morreu, o santo morreu!

Bento José era familiaríssimo aos pequeninos, que amava ternamente.

O pobre peregrino foi enterrado na igreja de Nossa Senhora dos Montes, onde um sem-número de milagres, de curas reputadas impossíveis, teve ocasião.

A beatificação do santo começada sob Pio VI, terminou quando de Pio IX, em 1860. Leão XIII, a 8 de dezembro de 1883, canonizou-o solenemente.

São Bento José Labre é um dos santos mais populares de Roma.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADO JOAQUIM DE SENA (\*)

### *Confessor*

Joaquim nasceu na ilustre família dos Piccolomini, em Sena, no ano de 1258, e, desde a primeira meninice manifestou especial devoção à Santíssima Virgem.

Aos treze anos, Maria apareceu-lhe em sonhos, dizendo-lhe, amoravelmente, que o desejava a seu serviço.

No dia imediato, Joaquim, levantando-se, correu aos pais e lhes disse que queria entrar na ordem dos servitas.

Foi em vão que os pais e os parentes mais próximos procuraram demovê-lo. E, pouco mais tarde, o jovem apresentou-se no convento de Sena, sendo recebido pelo geral da ordem, então Filipe Beniti.

Noviço, o moço aplicou-se particularmente a praticar a humildade. E, sendo de nobre origem, desincumbiu-se, com grande alegria, dos mais obscuros misteres, manifestando terníssima compaixão pelos sofredores, pelos aflitos e pelos doentes, dos quais, com grande desvêlo, cuidou docemente.

Terminado que foi o noviciado, enviaram-no para Arezzo. Ali, Joaquim permaneceu por um ano.

Adoecendo, levou o mal com paciência e resignação. Um anjo, de uma feita, aparecendo-lhe ajudou-o nas tribulações, e consolou-o.

Afligido, pouco antes da morte, por feridas que se formaram pelo corpo, sofreu horrores. Os irmãos, então, lhe disseram:

— Por que não pedes a Deus que te cure?

Respondeu-lhes:

— Irmãos bem-amados, a cura não me seria vantajosa: a doença purificar-me-á das faltas, fortificar-me-á a alma.

Quando Nosso Senhor o advertiu da morte, dizendo-a próxima, o bem-aventurado suplicou-lhe a graça de morrer na sexta-feira santa. E assim foi: quinta-feira, reunindo os irmãos, disse-lhes:

— Há trinta e três anos que estou entre vós. Prestastes-me inestimáveis serviços e assististes-me em tôdas as necessidades. Não sei como vos agradecer. Amanhã, deixar-vos-ei. Rogai por mim ao Senhor, a fim de que se digne receber-me na eterna morada, apesar de meus pecados.

No dia seguinte, pediu os últimos sacramentos, e morreu, justamente quando, na igreja, principiavam a cantar as palavras da paixão: "Tendo inclinado a cabeça, Jesus rendeu o espírito".

Era no dia 16 de abril de 1303, e muitos milagres se produziram, atestando a santidade daquele fiel servidor de Jesus Cristo.

\* \* \*

## SÃO PATERNO DE AVRANCHES (\*)

### *Bispo e Confessor*

Paterno nasceu em Poitiers no ano de 480. O pai, que naquela cidade tinha um pôsto considerável, faleceu pouco depois do nascimento do filho.

A mãe, Julitte, foi, pois, quem se incumbiu da educação do menino. Piedosa e desveladamente, deu-se tôda ao filho, e teve êxito na missão que só a ela, na falta do espôso, coube levar avante.

Aos vinte anos, Paterno recebia o hábito monástico na abadia de Ansion (1), na diocese mesma de Poitiers.

Logo, investiram-no com o cargo de despenseiro, onde deixou ver as características que o acompanhariam, e mais tarde, em assuntos de maior importância, haviam de ajudá-lo a resolver satisfatoriamente grandes problemas.

Paterno, admirado por tôda a comunidade, amedrontou-se com os próprios sucessos. E, de comum acôrdo com o companheiro de cela, Scubilão, bem mais velho do que êle, fugiu da abadia, em busca de um lugar mais apartado, onde pudesse viver longe de todos.

---

(1) Mais tarde de Saint-Jouin de Marnes.

Na solidão, os dois se deram ardorosamente à oração. Levavam vida de grande austeridade, de imensa mortificação, tanto que, às vezes, todo o alimento que tomavam era uma fatia de pão, que lhes era o alimento do dia.

Certa vez, Paterno foi procurado por um pobre, que lhe pediu de comer. Era um dos dias em que somente iria passar com a fatiazinha de pão. Deu-a, então, ao pobre, satisfeito. Não estava êle dando-a ao Cristo?

Nosso Senhor, aquêle dia, incumbiu-se de alimentá-lo.

Doutra feita, a sede era enorme. Paterno, confiantemente, escavando o chão com o bordão, fêz brotar da terra sêca um fio d'água fresca e límpida, que lhes matou a sede devoradora, fio d'água que, engrossando num riachinho, até hoje corre, em Coutances.

Três anos depois, Generoso, o abade de Ansion, descobriu-lhes o paradeiro. E, depois de ter-se admirado da austeridade dos dois penitentes, procurou moderá-la. A Scubilão, levou-o ao mosteiro, mas, pouco depois, deixou-o retornar ao êrmo, para viver ao lado do companheiro.

Paterno recebeu do bispo de Coutances o diaconato, depois o sacerdócio. Revestido dêste caráter sagrado, trabalhou eficazmente na conversão das almas, pondo fim à idolatria que se alastrara na região de Scicy.

As virtudes de Paterno, bem como o rumor dos milagres que operou, acabaram chegando ao conhecimento de Childeberto, rei da França, que desejou conhecê-lo, fazendo com que o santo chegasse até Paris, onde então residia.



**ÉSUS**, o grande deus da natureza, entre os gauleses. Monumento celta conservado no museu de Cluny.

Na viagem, Paterno foi semeando maravilhas: curava paralíticos, restituía a vista aos cegos, a palavra aos mudos, a paz aos possessos. Quando passava por Mantelle, aldeiazinha que, crescendo sempre e sempre, transformou-se na cidade de Mantes, apresentaram-lhe um menino que estava entre a vida e a morte; fôra mordido por venenosíssima serpente e suplicaram-lhe que o curasse.

Paterno, apiedado, consentiu em orar por êle — restituindo-lhe a vida e tôda a saúde de que, fazia pouco, ainda gozava.

Chegando à corte, o santo homem foi recebido com a maior deferência. E Childeberto, encantado com tanta singeleza, ordenou ao seu intendente, então Crescêncio, que a Paterno desse grande soma, para que a distribuísse aos pobres.

Crescêncio, abismado com aquela liberalidade, foi contemporizando, contemporizando, e acabou por ficar cego. Então, suplicando a Paterno que dêle se apiedasse, confessando-lhe a culpa, foi curado.

Paterno, satisfeitos os desejos do rei Childeberto, retornou à solidão querida.

Deus quis, afinal, usar mais altamente daquela luz. E, quando Gilles, bispo de Avranches, faleceu, Paterno foi chamado para substituí-lo. Era em 550 e o santo homem contava já setenta anos, mas era cheio de vida, vigoroso mesmo, apesar das austeridades praticadas por tantos anos, sem interrupção.

Paterno apascentou o rebanho que Nosso Senhor lhe deu, com um zêlo fora do comum, por treze anos.

Em 555, assistiu ao concílio de Paris e, dez anos depois, adoecendo, falecia no mosteiro de Scicy, que fundara.

Na hora da morte, desejou ver o amigo Scubilão, mas êste, também muito doente, em Ansion, não pôde rever o companheiro de solidão. E os dois, que aqui não mais se encontraram, encontraram-se na outra vida, na mesma hora, pois que ambos faleceram no mesmo instante — a 16 de abril de 565.

Os dois haviam escolhido o lugar em que desejavam ser sepultados: a igreja do mosteiro de Scicy (2), onde, juntos, no êrmo, viveram por muito tempo. Ali foram, pois, enterrados São Paterno de Avranches, ou São Pair, e Santo Scubilão.

\* \* \*

---

(2) Hoje Saint-Pair-sur-Mer.

## SÃO DRUON OU DROGO (\*)

### *Recluso e Confessor*

Druon, conhecido também como Drogo, nasceu numa aldeia do Artois, a de Épinoy, hoje denominada Carvin-Épinoy, no ano de 1118. Filho de pais riquíssimos, não chegou a conhecê-los: o pai faleceu pouco depois do nascimento do pequeno, e a mãe do próprio parto.

Aos dez anos, Druon era um menino triste, arredio, que fugia das brincadeiras das crianças da mesma idade. Bondoso, sensível e contemplativo, procurava sempre a solidão e ali, por horas a fio, ficava, ora a rezar, ora a cismar.

Desejoso de aceitar o convite de Jesus, feito no Evangelho, renunciou a todos os bens, abandonou os parentes próximos, revestiu-se com um hábito paupérrimo, que lhe escondia o rude cilício, e principiou a percorrer diversas províncias.

Afinal, fixou-se na aldeia de Sebourg-en-Hainaut, a duas léguas de Valencianas, empregando-se como pastor dos rebanhos de uma piedosa senhora chamada Isabel Haire.

Naquela obscura condição, pôde Druon praticar a humildade, a obediência e a mortificação. Sôzinho na solidão dos campos sem fim, vivia na oração

e no recolhimento. E tudo aquilo que ganhava, dava-o o jovem aos pobres das redondezas.

Druon foi pastor por seis anos.

Um dia, fazendo-se peregrino, andejou por todo o país, procurando igrejas e santuários, passando por tôda a sorte de privações, curtindo a sêde, voluntariamente, e a fome.

Diz-se que estêve nove vêzes em Roma.

Um dia, romperam-se-lhe os intestinos, tantos os esforços feitos, e teve que repousar.

Compreendendo que Deus o chamava para passar o resto da vida numa cela de recluso, construiu uma, pequenina, perto da Igreja de Sebourg, e ali se encerrou para não mais sair. E todo o alimento que tomava consistia, unicamente, num pedaço de pão de cevada, que ensopava em água morna.

Aos que iam consultá-lo, Druon recebia com muita humildade, dirigia-lhes palavras de consolação, edificando-os com a imensa caridade que o caracterizava.

Um dia, incendiou-se a igreja, e o fogo não tardou, violento, a se comunicar à cela do santo. E o povo, a gritar, pedindo-lhe que deixasse a reclusão, caso contrário morreria queimado pelas chamas enlouquecidas, não o viu abandonar o retiro. E, quando tudo foi consumido, viram-no, de joelhos, são e salvo, de olhos postos no céu, a orar, imperturbável.

O primeiro pensamento de todos os moradores de Sebourg foi o de edificar, imediatamente, outra cela ao santo homem, e assim o fizeram.

Druon, novamente ao abrigo, ali terminou em paz a existência, falecendo no ano de 1189, com setenta e um anos de idade.

Quando os parentes souberam do seu desaparecimento, transportaram-se para Sebourg com o intento de levá-lo para Épinoy. Colocaram o caixão num carro e principiaram a volta para a terra natal. E o carro que o levava, quando chegou nos limites da cidade, parado por uma estranha fôrça, não foi avante.

Compreenderam todos, então, que ali em Sebourg mesmo devia ser enterrado aquêle corpo. Voltaram e sepultaram-no na cova que já se encontrava preparada.

São Druon é padroeiro dos pastôres.

-----

No mesmo dia, na Lombardia, São Contardo, dito o Peregrino, confessor. Da família dos marqueses de Ferrara, fêz-se peregrino por amor de Deus e de Nossa Senhora. Morreu na mais extrema miséria em 1249.

Em Mans, São Turíbio, bispo e confessor.

Em Saintes, São Vaise, mártir, nos tempos de Alarico, rei dos visigodos.

Em Tours, o bem-aventurado Hervê, confessor, nascido na Turena em 944. Filho de Sulpício de Busançais, senhor de Chatillon, de Verneuil e de Tour d'Amboise, foi tesoureiro da basílica de São Martinho. Faleceu em 1021.

Na Escócia, São Magno, mártir, morto em 1116.

Na Sicília, o bem-aventurado Guilherme Gnoffi, ermitão e confessor, falecido em 1318.

Em Corinto, Santa Irene, mártir, em 258.

Em Corinto ainda, Santo Adriano, mártir, em 258, companheiro de Irene no suplício.

Em Saragoça, os santos Caio e Cremêncio, que permaneceram firmes na fé que acabavam de confessar pela segunda vez e, por isso, mereceram participar do cálice de Jesus Cristo.

No mesmo lugar, São Lamberto, mártir.

Em Palência, São Turíbio, bispo de Astorga, o qual, ajudado pelo papa São Leão, baniu inteiramente da Espanha a heresia de Prisciliano. Célebre pelos milagres que operou, morreu na santa paz de Deus.

Em Corinto, morte dos santos mártires Calisto e Carísio, com sete outros, afogados no mar.

\* \* \*



# ÍNDICE

## ABRIL

### 1.º dia de abril

São Hugo, bispo de Grenoble .....	9
São Valerico, Abade e confessor .....	17
Bem-aventurados Tomé de Tolentino, Tiago de Pádua, Pedro de Sienne e Demétrio de Geórgia, mártires .....	22

### 2.º dia de abril

São Francisco de Paula .....	26
Santa Maria Egipcíaca, Penitente .....	37
Santa Ebba, abadessa, virgem e mártir .....	46
São Longis e Santa Inesfreda .....	48
Santa Musa, Virgem de Roma (Século VI) .....	50

### 3.º dia de abril

São Ricardo, bispo de Chichester, na Inglaterra .....	54
Santas Ágape, Clônia e Irene, mártires .....	59
Santa Burgondofara, abadessa e Virgem .....	67
São Nicetas, abade e confessor .....	70
Bem-aventurado Gandolfo de Binasco, confessor .....	72

### 4.º dia de abril

Santo Isidoro, Arcebispo de Sevilha .....	75
São Platão, monge grego do século oitavo .....	78

Santos Agátopo e Teodulo, mártires .....	82
São Teonas do Egito, confessor .....	84
São Zósimo, abade e confessor .....	86
São Benedito, confessor .....	90

## 5.º dia de abril

São Vicente Ferrer .....	119
São Geraldo, Abade e confessor .....	122
Santa Juliana do Monte Cornillon, Virgem .....	126
Bem-aventurada Eva, reclusa .....	130
Santa Catarina Tomás, Virgem .....	132

## 6.º dia de abril

São Celestino, Papa .....	135
Cento e vinte mártires em Adiabene, Pérsia de 345 .....	144
São Marcelino de Cartago, mártir .....	146
Bem-aventurada Catarina de Pallanza, virgem .....	149
Bem-aventurado Notker, o Gago, confessor .....	151
São Vinibaldo, confessor .....	153
São Guilherme de Eskill, confessor .....	155

## 7.º dia de abril

Santo Afraates, solitário .....	160
São Hegesipo, confessor .....	163
São Caliópio, mártir .....	165
Bem-aventurado Eberardo, confessor .....	169
Bem-aventurado Hermano José, Premonstratense, confessor .	17
Bem-aventurada Ursulina, Virgem .....	17
Santo Aiberto, confessor .....	1

## 8.º dia de abril

São Dionísio, Bispo de Corinto .....	
Santos Herodião, Asíncrito e Flegonte, referidos por São Paulo	
São Perpétuo, Bispo e Confessor .....	

São Redento, Bispo e Confessor .....	197
São Galtério de Pontoise, abade e confessor .....	199
Bem-aventurado Juliano de Santo Agostinho, confessor ....	204
Bem-aventurada Júlia Billiard, Virgem .....	209

## 9.º dia de abril

Santa Valtrudes .....	214
Santa Maria, de Cleofas .....	216
Santa Cacilda de Toledo, Virgem .....	218
Bem-aventurado Antônio Pavoni, Mártir .....	220
São Badêmio, mártir .....	222

## 10.º dia de abril

Santa Mechtilde, Virgem e abadessa .....	227
Santo Ezequiel, Profeta — Antigo Testamento .....	230
Santos Terêncio, Pompeu e outros, mártires .....	232
Bem-aventurado Antonio Neyrot, O. P., mártir .....	235
São Miguel dos Santos, confessor .....	238

## 11.º dia de abril

São Leão, papa .....	243
Santo Antipas, mártir .....	255.
Santa Gemma Galgani, Virgem .....	257
São Guthlac, Confessor .....	260
São Barsanufu, confessor .....	264
Santo Isaac de Espoleto, confessor .....	267

## 12.º dia de abril

São Júlio, papa .....	272
São Zeno de Verona, Bispo (mártir) .....	281
Bem-aventurado Anjo Carletti de Chivasso, confessor .....	283
São Sabas, o Gôdo, mártir .....	286

## 13.º dia de abril

São Justino, Padre da Igreja e mártir .....	293
Santos Carpo, Pápilo, Agatônica e Agatodoro, mártires ....	313
Santos Máximo, Quintiliano e Dadas, mártires .....	318
Santo Urso de Ravena, Bispo e Confessor .....	321
São Márcio, abade e confessor .....	322
Santo Hermenegildo, mártir .....	325
Bem-aventurada Ida de Bolonha, Viúva .....	328

## 14.º dia de abril

São Bento, pastor, e São Drogon, patrono dos pastores ....	331
Santa Tomaide, mártir .....	337
São Frontão, Abade e confessor .....	339
São Bernardo de Abbeville, abade e confessor .....	341
Santa Lidwina, Virgem .....	345

## 15.º dia de abril

São Pedro Gonzalez, vulgarmente Santo Elmo, patrono dos marinheiros da Espanha .....	360
São Paterno de Vannes, Bispo e confessor .....	363

## 16.º dia de abril

São Frutuoso, Bispo de Braga .....	366
Santa Bernadete Soubirous, Irmã Maria Bernarda, Virgem ..	368
Os dezoito mártires de Saragoça .....	400
Santa Engrácia, Virgem e mártir .....	400
São Bento José Labre, confessor .....	406
Bem-aventurado Joaquim de Sena, confessor .....	411
São Paterno de Avranches, Bispo e confessor .....	413
São Druon ou Drogo, recluso e confessor .....	418

---

---

Composto e impresso nas  
oficinas gráficas da  
**EDITORA DAS AMÉRICAS**  
São Paulo — 1959

---

---